Oitenta e Oito Anos de Compromissos
Sempre Renovados com a Educação.

REVISTA
PRIMEIROS PASSOS

Ano 10 – 2011 – Nº 17
Ribeirão Preto, 2011

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 1 10/25/2012 2:44:14 PM

CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA

REITOR
Dr. Oscar Luiz de Moura Lacerda

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ACADÊMICOS
Prof. Dr. Glauco Eduardo Pereira Cortez

PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS
Prof. Ms. Paulo Alencar Lapini

COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Prof. Dr. José Luis Garcia Hermosilla

COORDENADORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
Prof. Fernando Antônio de Mello

COORDENADORIA DE GRADUAÇÃO
Profa. Dra. Lidia Teresa de Abreu Pires

COORDENADORIA DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA
Prof. Ms. Adriano Litcanov

INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA MOURA LACERDA

DIRETOR SUPERINTENDENTE
Prof. Dr. Glauco Eduardo Pereira Cortez

DIRETOR ACADÊMICO
Dr. Oscar Luiz de Moura Lacerda

DIRETOR FINANCEIRO
Prof. Ms. José Jorge Abdulmassih Vessi

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Prof. Ms. Paulo Alencar Lapini

EDITORA
Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Fabiano Gonçalves dos Santos
Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta
Maria de Fátima S. C. G. de Mattos
Naiá Carla Marchi Lago

CONSELHO EDITORIAL

Anderson Salvador Romanello
Carolina Assed Ferreira
Chelsea Maria de Campos Martins
Darclet Terezinha Malerbo Souza
Edvaldo Aparecido Nunes Martins
Fernando Antonio de Mello
Irana Junqueira de Castro Ferracioli
Leda Maria Braga Jorge Ferraz
Lucas Rodrigo Miranda
Lúcia Ferreira da Rosa Sobreira
Paulo Alencar Lapini
Paulo César Cedran
Rodolfo Zamarioli

CONSELHO CONSULTIVO

Anel Pérez - Universidade Automa Del Mexico
Cristiano Ferronato- Universidade Estadual do Vale do Acaraú-UVA-UNAVIDA-PB
Eliane Terezinha Peres – UFPel – Universidade Federal de Pelotas – RS
Elizete da Silva – UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana- BA
Ernesto Candeias Martins – Universidade Castelo Branco – Portugal
Fernando Antonio Freitas Senna - Centro Universitário de Vila Velha – ES
Flávia Silveira - Faculdade SENAC - Brasília- DF
José Rubens Jardilino – Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP – MG
Marco Antonio Silveira – Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP-MG
Maria Elena Pinheiro Maia – Faculdade de Itápolis - FACITA - Itápolis – SP
Maria Helena Câmara Bastos - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul -PUC – RS
Maria Teresa Santos Cunha – Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC – SC
Rafael De Tilio – Universidade Paulista – UNIP – Ribeirão Preto – SP
Regina Helena Lima Caldana – Universidade de São Paulo - USP – SP
Renato Leite Marcondes – Universidade de São Paulo - USP – SP
Wenceslau Gonçalves Neto –Universidade Federal de Uberlândia - UFU – MG

Catalogação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Gina Botta Corrêa de Souza CRB 8/7006.

Primeiros Passos / Centro Universitário Moura Lacerda. v.10, n.17 (2011) - Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2011.

Anual
ISSN 1519-6763

1. Conhecimentos gerais – Periódicos. I. Centro Universitário Moura Lacerda.

CDD – 000

PUBLICAÇÃO ANUAL / ANNUAL PUBLICATION
Solicita-se Permuta / Exchange Desired

INDEXAÇÃO

Revista indexada em Base de Dados de abrangência Nacional e Internacional:

BBE – Bibliografia Brasileira de Educação (Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira INEP/ Ministério da Educação). Abrangência nacional, acesso: http://inep.gov.br/pesquisa,bbe;

GEODADOS. Abrangência nacional, acesso: http://geodados.pg.utfpr.edu.br.

LATINDEX – Sistema regional de información en línea para revistas científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal. Directorio, catálogo e índice. Acesso: www.latindex.unam.mx

Capa: Os Labirintos da leitura e suas encruzilhadas

Concepção: Danielli Tamires Baioco
Aluna do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Moura Lacerda

Direção de Arte: Hugo César Cardozo
Aluno do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário Moura Lacerda

Orientação: Fernando Antonio de Mello
Coordenador de Extensão e Assuntos Comunitários

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 4 10/25/2012 2:44:16 PM

REVISÃO DE INGLÊS

Natascha Vicente da Silveira Costa

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Ângela Aparecida Caçador Nocera Censi
Kelly Cristina Britto

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Amarílis Garbelini Vessi

ENDEREÇO/ADRESS

Rua Padre Euclides, 995 - Campos Elíseos
Ribeirão Preto - SP - Brasil - CEP 14.085-420
Tel.: (16) 2101-1010

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Tel.: (16) 2101-1086
E-mail: publicacao@mouralacerda.edu.br

REVISTA DISPONÍVEL NO FORMATO ELETRÔNICO

Home page: www.mouralacerda.edu.br
Link: Publicações

Os artigos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam a opinião da Instituição Moura Lacerda.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 5 10/25/2012 2:44:17 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 6 10/25/2012 2:44:17 PM

SUMÁRIO / CONTENTS

Editorial 03

ARTIGOS / ARTICLES

MODA E ARTES PLÁSTICAS

Eufrásia Teixeira Leite e o acervo vestimentar do Museu Casa da Hera em Vassouras - RJ
Tatiana Felício Telles da COSTA
Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de MATTOS 11

As Questões femininas aplicadas às artes plásticas em Ribeirão Preto: estudo da obra de Paola Junqueira, Sílvia Velludo e Sofia Borges
Ada Maria Cavalieri PRIETO
Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de MATTOS 25

OLHARES EDUCACIONAIS

O Enfrentamento da violência escolar pela disciplina de Educação Física
Polyana Cristina GARONI
José Eduardo Costa de OLIVEIRA 41

Sexo, gênero e suas diversas faces na educação
Iza Mara Pereira POTYE
Célia Regina Vieira de Souza LEITE 53

A Filosofia da história na concepção Benjaminiana
Jaelison Neris dos SANTOS
Amir ABDALA 69

Análise e investigação dos efeitos físicos e sociais do Street Dance junto à associação amor solidário do município de Jaboticabal/SP
Susimara de SOUZA
Chelsea Maria de Campos MARTINS 81

ESTUDOS ECONÔMICOS E POLÍTICA INTERNACIONAL

Como saber quando um investimento financeiro vale a pena?
Denis Alexandre ALVES

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 7 10/25/2012 2:44:17 PM

Mônica Regina GAIOTO 89

Fusões e aquisições bancárias no Brasil recente: características e perspectivas
Denise SIMIELE
Juliana Souza SCRIPTORE 99

MINUSTAH: a participação do Brasil
Vanessa Aparecida PIZZOL
Juliana de Paula BIGATÃO 127

ENGENHARIA CIVIL E AGRONÔMICA

Edifícios sustentáveis: análise do consumo de água em edificações com aproveitamento de águas pluviais e reuso de águas cinza.
Tracy Kelly Monteiro da SILVA
Osvaldo Rodrigues LOPES 149

Distribuição da broca-da-cana, diatraea saccharalis, e de seus danos no colmo da cana-de-açúcar visando à melhoria do método de amostragem
João Gabriel Moreno ANCHESCHI
Alexandre de Sene PINTO 167

ESTUDOS VETERINÁRIOS

Características Físico-Químicas e presença de adulterantes, inibidores e pus em leite Longa Vida
Bianca Inácio Marco ANTONIO
Naiá Carla Marchi de Rezende LAGO
Patrícia Gelli Feres de MARCHI
Viviane de SOUZA 187

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 8 10/25/2012 2:44:17 PM

MODA E ARTES PLÁSTICAS

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 9 10/25/2012 2:44:17 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 10 10/25/2012 2:44:17 PM

EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE E O ACERVO VESTIMENTAR DO MUSEU CASA DA HERA EM VASSOURAS-RJ[1]

Tatiana Felício Teles da COSTA*
Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de MATTOS**

Resumo

O artigo possui um aspecto documental e tem como escopo principal a divulgação dos trajes que pertenceram a Eufrásia Teixeira Leite e que são de autoria de Charles Frederick Worth. Essas peças compõem o acervo do Museu Casa da Hera, em Vassouras-RJ, e, sendo Worth o "Pai da Alta Costura", a consciência desse legado significativo é de grande importância, não só para o mundo da moda, mas para todos os brasileiros que poderão conhecer também um pouco mais sobre Eufrásia, uma mulher brasileira, nascida no século XIX, cujo gosto da época era o reflexo da cultura francesa no Brasil.

Palavras-chave: *Moda; Eufrásia Teixeira Leite; Século XIX.*

EUFRÁSIA TEIXEIRA LEITE AND THE CLOTHING COLLECTION OF THE MUSEUM CASA DA HERA IN VASSOURAS/RJ

Abstract

This paper, of documentary aspect, has as main purpose the dissemination of the costumes that belonged to Eufrásia Teixeira Leite and were designed by Charles Frederick Worth. These items make part of the collection of the museum Casa da Hera in the city of Vassouras-RJ and, considering Worth as the "Father of Haute Couture", the awareness of this significant legacy is of great importance not only for the fashion world, but for all Brazilians who may also be more familiar with Eufrásia, a Brazilian woman born in the nineteenth century, whose style reflected the French culture in Brazil.

Keywords: *Fashion; Eufrásia Teixeira Leite; Nineteenth century.*

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Bacharel em Moda pelo Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto (SP).

E-mail: tatianaftc@hotmail.com

** Doutora em História da Arte – Escola de Comunicação e Artes – ECA – Universidade de São Paulo – USP/SP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto – SP e orientadora da pesquisa. – E-mail: mfmattos@mouralacerda.edu.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 11 10/25/2012 2:44:17 PM

Introdução

A Casa da Hera, transformada em Museu no ano de 1952, é uma chácara situada no centro da cidade de Vassouras, no Rio de Janeiro. De grande importância histórica, guarda até hoje as lembranças de uma abastada família oitocentista. Por lá passaram personagens ilustres e importantes decisões tomadas fizeram parte do destino do Império.

Construída no século XIX, foi residência de Joaquim Teixeira Leite, de sua mulher Ana Esméria e de suas duas filhas, Francisca e Eufrásia Teixeira Leite.

Em 1873, após o falecimento de seus pais, Eufrásia e Francisca mudaram-se para Paris. Na viagem à Europa, Eufrásia iniciou um romance com Joaquim Nabuco. Não se casou e não teve filhos. Ela desafiou as convenções de sua época, numa sociedade onde a mulher era considerada propriedade do homem e onde sua educação se limitava basicamente aos trabalhos domésticos, como cozinhar, bordar e costurar. Conseguiu multiplicar a fortuna que herdou dos pais, com investimentos feitos em todo o mundo. Fez parte da sociedade aristocrática parisiense, tendo sido uma mulher muito à frente de seu tempo.

Morou durante cinquenta anos em Paris e, em 1922, voltou a Vassouras (RJ) e nunca mais retornou à Europa. Faleceu em 1930, aos oitenta anos de idade, fazendo de Vassouras sua grande benemérita. Em seu testamento uma das disposições era que mantivessem a Casa da Hera intacta.

No interior do Museu, é possível encontrar um acervo com quarenta trajes que pertenceram a Eufrásia, sendo nove deles de autoria de Charles Frederick Worth.

O Ciclo econômico da cidade de Vassouras/RJ no século XIX

Em 1808, a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil trouxe a família real e boa parte do aparato administrativo português, como personalidades, funcionários régios, militares, padres, advogados, médicos e suas respectivas famílias.

Nesse período, pelo menos quinze mil pessoas transferiram-se de Portugal para o Rio de Janeiro, além do grande fluxo migratório de estrangeiros provenientes de outros impérios. Segundo os dados dos censos realizados em 1799 e 1821, a população urbana livre, na cidade, passou de vinte mil para quarenta e seis mil indivíduos.

Em 1822, Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil e o Rio de Janeiro se manteve como sede da corte, tornando-se um grande centro cultural, político e econômico no território nacional, e a capital de um império que pretendia representar a continuidade das monarquias e daz cultura européia na América, dominada pelas repúblicas. A corte passou a se apresentar como um grande polo civilizador da nação brasileira.

Após a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1815, o Brasil foi elevado à categoria de reino e as capitanias passaram, em 1821, a se chamar províncias. Em outubro de 1820, já no final do reinado de Dom João VI no Brasil, foi criada a Vila de

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 12 10/25/2012 2:44:17 PM

Paty do Alferes, e, nesse momento, Vassouras não passava de um arraial sob a jurisdição da Câmara Patyense. Mas, com a prosperidade do povoado, em 1833 a vila foi transferida de Paty para Vassouras, sendo que, em 29 de setembro de 1857, alcançou o *status* de cidade.

O Vale do Paraíba teve enorme destaque na época do império, já que se desenvolveu pelo plantio do café, que representava a base econômica da nação. Vassouras foi, talvez, a primeira cidade brasileira não nascida ao acaso, como outras de então, mas de certo modo graças a um planejamento, sob o incentivo de seus grandes fazendeiros, que a tomaram nas mãos para fazê-la a sua imagem e semelhança, dotando-a de melhorias existentes na corte, tanto em seus casarões e palacetes quanto na própria vida social.

Vassouras, conhecida como a *Rainha dos Vales Temperados do Paraíba*, a *Terra dos Barões* ou a *Princesinha do Café*, satisfez sua ânsia de riqueza pelas terras ideais para o plantio do café, onde os Barões do Café construíram majestosas fazendas, além de palácios de veraneios que impressionavam os viajantes estrangeiros pela vida que neles se vivia. Em seu interior predominavam o luxo e a grandeza, pelo reflexo dos espelhos biseautés, dos cristais venezianos, das baixelas de prata e ouro, pelas finas tapeçarias orientais e francesas e pelos móveis de jacarandá que impressionavam os próprios europeus. Facilmente se vislumbrava o espírito da aristocracia rural na execução de uma pequena capital serrana, expositora da mais adiantada civilização urbana erguida por fazendeiros no Brasil imperial.

> *Local de memoráveis festas e reuniões, Vassouras era o centro de veraneio da aristocracia imperial. Por lá passaram as personalidades mais ilustres que vinham da Europa. Houve época em que Vassouras tinha mais importância mundana do que a própria corte. Vida noturna nas ruas, saraus contínuos nos palácios, diligências rodando com estrépito pelas calçadas, Barões, fidalgos janotas montados em corcéis fogosos que riscavam línguas de fogo nas pedras antigas. Oradores sacros, contratados no Rio, iam pregar na Semana Santa. Companhias teatrais européias marcavam noites gloriosas. E o prestígio da cidade era tal que concentrava em Vassouras as maiores operações financeiras num Banco de redescontos e reservas. Nessa época Vassouras exportava mais de um milhão e meio de arrobas de café. O negro cativo era o artífice desse esplendor, havendo em todo o município 24.000 escravos para uma população de 36.000 habitantes* (CATHARINO, 1987, p. 11).

Vassouras era o ambiente propício a todos os requintes do mundanismo elegante e exercia irresistível fascínio. Dali partiam grandes decisões que influenciavam o império e davam vozes ao modernismo, irradiando civilização. Nesse momento, as sinhazinhas já recebiam fina educação francesa, já que a cidade possuía ótimos professores vindos da Corte e até mesmo de Paris. O luxo era uma febre. Grandes damas se vestiam pelos figurinos de Paris, adquiridos muitas vezes por catálogos das grandes lojas do Rio de Janeiro e também da França, especialmente da Galeria Lafayette. Usavam seda de Lyon, rendas da Inglaterra, luvas de Juvin, leques e pentes de tartarugas e madrepérolas, com luxuosas e raras plumagens, adereços de brilhantes e pedras

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 13 10/25/2012 2:44:17 PM

preciosas. J*oaquim Calhois e José Calazão eram os joalheiros em voga. E a vida corria entre ostentações: saraus, festas religiosas, temporadas teatrais* (Idem, p.11).

> *Em 1865, Joaquim Teixeira Leite escrevia ao Conselheiro Belisário: Diga à Chiquinha que não é só no Botafogo que se diverte a gente; as moças se têm aqui regalado de saraus, semanas houve de dois e a cousa parece continuar". Jogos de cartas, dados, bilhar, etc. ocupavam as noites em Vassouras, a ponto de as memórias sobre a cidade indicarem ser a casa do barão de Vassouras um verdadeiro cassino* (ALENCASTRO; NOVAIS, 1997, p. 212).

Em viagem ao Vale do Paraíba, em fevereiro de 1848, Dom Pedro II saiu de Petrópolis, acompanhado de sua comitiva, rumo a Vila Paraíba, Valença, Vassouras e Vila Iguaçu, seguindo para a corte. Em cada lugar era recebido por um poderoso fazendeiro, com muitas honrarias e festas.

> *Depois da recepção na chegada, as visitas seguiam o mesmo ritual de beija-mão, conversas com os familiares do anfitrião, jantar, apresentação de piano ou baile, ceia, descanso. Nas diferentes localidades, o imperador liberou verbas para obras públicas e distribuiu esmolas. Anos depois, em 1874, seguindo o mesmo ritual de festejos, o conde d'Eu visitaria a região. No seu trajeto, o imperador e depois o conde, acompanhados de archotes e girândolas, estabelecem a contigüidade espacial da corte e da província* (Idem p. 211).

Nessa viagem de 1848, de Vassouras D. Pedro II escreveu à imperatriz:

> *Cara Tereza,*
> *Estimo que tenhas passado bem assim como as pequenas, que graças a deus, sei que gozam de saúde, e a quem darás dois beijinhos de minha parte.*
> *Ontem à noite houve aqui um grande baile, que durou até as duas horas da manhã reunindo-se quarenta senhoras bem trajadas e muitos homens – dancei dez contra-danças e seis valsas.*
> *Esta tarde vou passear pela vila, como ontem já o fiz, e ver o que houver digno de ser examinado, e amanhã às quatro horas depois de ouvir a missa, parto para a fazenda do Marquês de São João Marcos, onde me pretendo demorar até o dia 25, partindo para Iguaçu onde passarei este dia os de 26 e 27 e talvez 28.*
> *Adeus, um abraço bem apertado de seu afeiçoado esposo*
> *Pedro Respeito e consideração a todos* (Idem, p. 182).

Como os grandes fazendeiros não possuíam estirpe aristocrática, contribuíam financeiramente com o regime imperial e também praticavam filantropia, o que lhes dava direito à aquisição de títulos de nobreza pelo imperador. E era com base nessas visitas e, consequentemente, no fortalecimento dos laços entre o monarca e os cafeicultores, que os títulos eram distribuídos.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 14 10/25/2012 2:44:17 PM

A Situação econômica e social da mulher no século XIX

A mulher do Brasil oitocentista era subordinada e dependente do pai, primeiramente, e posteriormente do marido, sendo considerada propriedade do homem. Desde criança era ensinada a ser mãe e esposa. Sua educação limitava-se aos afazeres domésticos, como cozinhar, bordar e costurar.

As oportunidades educacionais, culturais e sociais para as mulheres eram precárias. O casamento era o objetivo de vida das mocinhas da época, mesmo as de famílias mais abastadas, uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, sendo seu único meio de adquirir status econômico e social. Aquela que não se casava era considerada fracassada, solteirona, e dedicava o resto de seus dias aos trabalhos domésticos ou aos cuidados com os sobrinhos, tendo seu prestígio na sociedade diminuído e, quando optava por um trabalho remunerado, automaticamente descia de classe social.

Uma vez casada, a mulher tinha que reverenciar seu marido e submeter-se a seu sucesso, enfatizando sua autoridade e relegando a si um papel secundário, tido como simples figura decorativa, apenas capaz de gerir funções domésticas. Em compensação, o homem era dependente da imagem que sua mulher pudesse traduzir para a sociedade, tanto que, para montagem de um guarda-roupa feminino, o desconforto das peças estava presente, pois, quanto mais um traje causasse incapacidade física à mulher, maior seria a impressão de que a mesma não trabalhava, não realizava nenhum tipo de esforço físico e, consequentemente, quanto mais improdutiva fosse a esposa, mais crédito e respeito teriam sua família e seu esposo.

Eufrásia Teixeira Leite

Em 1850, na época áurea do café, nasceu Eufrásia Teixeira Leite. A Casa da Hera, em Vassouras, residência dos pais de Eufrásia, tornou-se anfitriã de personagens ilustres, palco de decisões, onde se discutiam finanças, política, os caminhos do país e o jogo do poder. Nesse contexto, Eufrásia e sua única irmã, Francisca Teixeira Leite, foram criadas.

Em 1873, após o recente falecimento de seus pais (a mãe em 1871 e o pai em 1872), Eufrásia e sua irmã Chiquinha mudaram-se para Paris, com o intuito de lá poderem viver livremente, longe da autoridade da família materna, os Corrêa e Castro, que já apresentavam sinais de decadência, e dos olhares provincianos dos habitantes da então badalada Vassouras.

Foi a bordo do navio *Chimborazo,* rumo a Paris, que Eufrásia iniciou seu romance com uma das figuras históricas mais importantes de nosso país: Joaquim Nabuco, expoente máximo da causa abolicionista, político, diplomata, historiador, escritor, jornalista, progressista no trato com o mundo exterior, mas profundamente tradicionalista no que dizia respeito às relações pessoais e sentimentais. O romance tumultuado vivido por ela e Nabuco durou quinze anos, período em que trocaram inúmeras cartas, e algumas delas encontram-se arquivadas na Fundação Nabuco, em Recife. Numa delas, Eufrásia escreve:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 15 10/25/2012 2:44:17 PM

Paris, 22 de janeiro de 1886.
Só esta manhã recebi sua carta, não saí para responder-lhe logo. Como se engana pensando que enquanto sofre eu estou indiferente, que se eu o amo como posso deixá-lo em tão grande ansiedade, eu que daria tudo para vê-lo feliz, que estou mergulhada nos prazeres e na excitação de Paris e que gozando de tudo o que ela pode me dar, não tenho tempo de pensar em mais nada, que se eu estiver triste tenho a Opera, o Bois, o mundo para me consolar e distrair, mas não fui a nenhum desses lugares, não fiz uma visita, só saí para compras indispensáveis, tenho mil saudades e nem penso em outra coisa senão na Tijuca, no hotel dos estrangeiros e em tudo o que se passou.
Tem razão em dizer-me que se esta ansiedade o torna infeliz, eu que não pude tomar uma resolução que devia me fazer feliz, e que tenho de recomeçar uma vida que me aborrece, não o sou menos e, duplamente pois não só tenho de sofrer, mas sobretudo fazer sofrer a quem só desejaria todo o bem possível.
(...) Eu preferia mil vezes que estivesse aqui, se pudesse vir seria muito melhor, mas tem me dito sempre que não virá se eu não estiver resolutamente decidida a casar-me logo, isso infelizmente não lhe posso dizer apesar de saber, de sentir que esse adiamento não convém, mas de outro lado não me disse sempre que era o amor e não o casamento que importava (...).
Mil saudades. E. (CATHARINO, 1987, p.92 e 93).

Morou durante cinquenta anos em Paris, num palacete próprio, situado na Rua Bassano, 40, próximo ao *Champs Elisées*.

Eufrásia representou um marco de construção do perfil feminino, muito à frente de seu tempo, numa época em que as mulheres utilizavam a escrita basicamente para anotar receitas de bolo. Eufrásia era financista e construiu outro poder: o poder de multiplicar investimentos, de viver sozinha, de não se casar simplesmente por alianças familiares ou por imposição dos familiares.

Foi graças a seu pai, Joaquim Teixeira Leite, um homem visionário que liderou várias atividades sociais, tendo sido Presidente da Câmara Municipal de Vassouras, juiz, advogado, engenheiro, deputado e, principalmente, exímio negociante, que Eufrásia pôde, desde cedo, aprender sobre cultura geral, línguas, matemática, finanças e contratos.

Quando seu pai faleceu, ela estava absolutamente preparada para assumir seus negócios; então, expandiu-os, investindo em títulos do Governo, Companhias, Empresas e Bancos da França, Rússia, Bélgica, EUA, alto Egito, Chile, Argentina e Uruguai, tendo sido a primeira mulher a pisar na Bolsa de Valores de Paris. *Era de um temperamento ardente e vivo. Jogava na Bolsa de Valores como um homem, o que, ainda hoje, é algo de extraordinário para uma mulher* (Idem, p. 62). Tornou-se uma das investidoras mais respeitadas do mundo. Viajou muito e conheceu até a África. Não se casou e não teve filhos, foi uma mulher que desafiou as convenções de sua época, num Brasil que dizia claramente que, uma vez casada, todos os bens da mulher iam

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 16 10/25/2012 2:44:17 PM

para o marido. A fortuna que herdou, ela multiplicou. Já idosa, mas ainda lúcida, foi capaz de prever e escapar do *crash* da bolsa, de 1929.

Fez parte da sociedade aristocrática parisiense, tendo sido amiga íntima da Princesa Isabel e da família real, quando lá exilados, apoiando-os afetiva e também financeiramente após seu exílio na Europa. Era conhecida em Paris como a Dama dos Diamantes Negros, por causa do costume de costurar nos chapéus e nos vestidos as joias prediletas.

> *Dona Eufrásia herdou três mil contos da morte do pai. Quando a irmã morreu deixou-lhe igual soma. E, ao fim da vida, havia conseguido decuplicar sua fortuna. Era ela sempre quem livrava os amigos das aperturas financeiras e, nesse rol, se incluíam os príncipes imperiais brasileiros, no exílio. Ainda hoje, seu nome é pronunciado com respeito e veneração. Nas altas rodas parisienses, ela era conhecida como a Dama dos Diamantes Negros* (Idem, p. 62).

Foi a única brasileira conhecida a ser cliente de Charles Frederick Worth, numa época em que era mais fácil uma moça ser apresentada à Corte do que a ele. Charles era inglês radicado em Paris, tendo sido pioneiro em muitas coisas: o primeiro estilista do mundo; o primeiro a colocar uma etiqueta numa peça de vestuário; o primeiro a criar uma *Maison*, tudo isso numa sociedade onde até então só existiam artesãs e costureiras. Não atendia qualquer pessoa e chegou a ser a personalidade mais famosa do mundo. Hoje é conhecido como o Pai da Alta-Costura.

Eufrásia voltou a Vassouras no ano de 1922 e nunca mais retornou à Europa. Morreu em 1930, aos 80 anos de idade, e em seu atestado de óbito está escrito *profissão: milionária.*

Eufrásia foi, para Vassouras, grande benemérita, talvez a mais significativa. Sem herdeiros necessários, em disposição testamentária, deixou um legado beneficiando principalmente a sociedade vassourense, incluindo a construção de um hospital público, dois institutos profissionais, um feminino e outro masculino, ambos chamados Dr. Joaquim Teixeira Leite, designados inicialmente para acolher meninas e meninos pobres, recolhidos em cada Instituto até completarem a maioridade civil, sem distinção de cor e classe social. Instituiu como sua herdeira, para seus bens remanescentes, que não fizeram parte de seus legados, a Santa Casa de Misericórdia de Vassouras.

Fotografia 1 – Retrato de Eufrásia Teixeira Leite
Fonte: www.museucasadahera.wordpress.com

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 17 10/25/2012 2:44:17 PM

Leitura visual de um traje

Fotografia 4 – Pelerine de Eufrásia, de autoria de Worth

Fonte: Acervo Museu Casa da Hera. Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/ 2010.

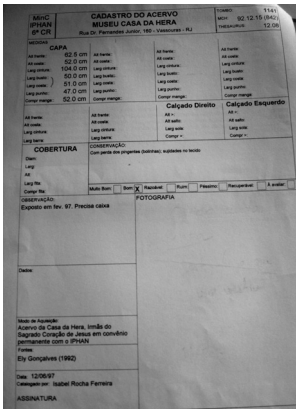
Fotografia 4 – Pelerine de Eufrásia, de autoria de Worth

Fonte: Acervo Museu Casa da Hera. Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/ 2010.

Fotografia 4 – Pelerine de Eufrásia, de autoria de Worth

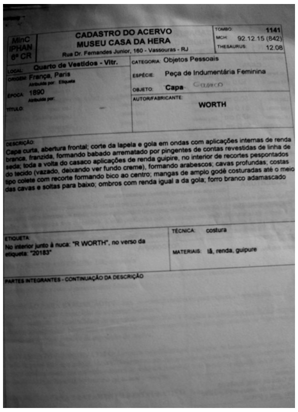
Fonte: Acervo Museu Casa da Hera. Foto do documento original pela autora em 19/11/2010.

Fotografia 5 – Ficha Técnica da Pelerine de Eufrásia



Fonte: Fonte: Acervo Museu Casa da Hera. Foto do documento original pela autora em 19/11/2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 18 10/25/2012 2:44:17 PM



MinC IPHAN 6ª CR

CADASTRO DO ACERVO
MUSEU CASA DA HERA
Rua Dr. Fernandes Junior, 160 - Vassouras - RJ

TOMBO: 1141
MCH: 92.12.15 (842)
THESAURUS: 12.08

LOCAL: Quarto de Vestidos - Vitr.
ORIGEM: França, Paris
Atribuída por: Etiqueta
ÉPOCA: 1890
Atribuída por:
TÍTULO:

CATEGORIA: Objetos Pessoais
ESPÉCIE: Peça de Indumentária Feminina
OBJETO: Capa
AUTOR/FABRICANTE: WORTH

DESCRIÇÃO:
Capa curta, abertura frontal; corte da lapela e gola em ondas com aplicações internas de renda branca, franzida, formando babado arrematado por pingentes de contas revestidas de linha de seda; toda a volta do casaco aplicações de renda guipire, no interior de recortes pespontados do tecido (vazado, deixando ver fundo creme), formando arabescos; cavas profundas; costas tipo colete com recorte formando bico ao centro; mangas de amplo godê costuradas até o meio das cavas e soltas para baixo; ombros com renda igual a da gola; forro branco adamascado

ETIQUETA:
No interior junto à nuca: "R WORTH", no verso da etiqueta: "20183"

TÉCNICA: costura
MATERIAIS: lã, renda, guipure

PARTES INTEGRANTES - CONTINUAÇÃO DA DESCRIÇÃO

Fotografia 6 – Ficha Técnica da pelerine de Eufrásia

Fonte – Acervo Museu Casa da Hera.
Foto do documento original pela autora em 19/11/ 2010.

A pelerine era uma elegante capa usada pelas mulheres em meados do século XIX, baseado numa velha capa de peregrino. A pelerine tinha extremidades compridas na frente e era mais curta atrás, indo geralmente até a cintura. Usada ao ar livre, era feita de lã e outros tecidos quentes (O'Hara, 2007, p. 244).

A peça carrega consigo o simbolismo de distinção e poder hierárquico, usada em ocasiões especiais, e a origem dessas vestes talares (do latim *talus* = calcanhar, daí a expressão talar = que vai até ao calcanhar) remonta aos trajes sacerdotais da antiga Roma, extensivo, posteriormente, no ambiente acadêmico, aos cerimoniais das Universidades europeias a partir do século XIII, com o aparecimento da figura do Reitor e Advogados (capa, beca).

A capa de Eufrásia, conforme descrição encontrada na Ficha Técnica, trata-se de uma peça de Worth, um modelo curto, de lã, com renda *guipure*. Possui manga godê, costurada até o meio da cava e solta para baixo. Na gola e nos ombros é possível ver a sobreposição de renda *guipure* arrematada com pingente de contas. A extremidade de toda a capa possui uma aplicação formando arabescos. Pela imagem, observa-se que era uma peça com acabamento interno (forrada), própria do refinamento da costura francesa. Esse tipo de peça, além de compor um traje, acima de tudo destaca a pessoa que usa e, fazendo Eufrásia parte integrante da elite aristocrática, era natural a utilização por ela, já que fazia jus a seus hábitos sociais.

Charles Frederick Worth: O Estilista

Conhecido como o Pai da Alta Costura, Charles teve uma vida de glória. Nascido em Bourne, na Inglaterra, trabalhou numa fábrica de drapeados e numa loja de sedas. Em 1845, aos 20 anos, mudou-se para Paris e conseguiu um emprego na Gagelin & Opigez, comércio especializado em roupas e artigos de luxo. Ali, Worth começou a criar vestidos diferentes para sua esposa, Marie Vernet, vendedora da loja, o que acabou atraindo os olhares das clientes, fato que permitiu a Charles Frederick abrir um espaço na própria loja para atendê-las.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 19 10/25/2012 2:44:23 PM

Charles solidificou sua reputação quando a imperatriz Eugénie, mulher de Napoleão III, tornou-se sua cliente fiel. Segundo Buest (2009), em 1858 inaugurou, com o sócio Otto Bobergh, a Maison Worth e Bobergh, na 7 Rue da La Paix, chegando a ter 1.200 funcionários. Em 1870 a Maison fechou as portas e foi reaberta por Worth, dessa vez sozinho, no ano seguinte.

Charles Frederick Worth passou a ser *costureiro* das mulheres da nobreza, aristocracia e alta burguesia.

Antes de Charles as roupas das damas eram feitas por costureiras ou artesãs, que iam até as clientes e que não criavam absolutamente nada de novo, apenas reproduziam vestidos, copiados de revistas ou de bonecas de moda. A cliente é que era responsável por *estar na moda.* Esse foi um dos aspectos revolucionados por Worth, e talvez tenha sido uma das maiores inovações dentro da moda do século XIX; primeiramente existir uma pessoa que cria um espaço próprio, ao qual as damas têm que se dirigir para serem atendidas, local este todo ambientado, com vitrines, decoração, atmosfera dos ambientes internos, chegando até a servir comidinhas, como patê de *foie grãs* (fígado de ganso), lagosta, pastéis e champanhe; a segunda e mais importante, a criação de novos modelos e estilos, chegando a apresentar suas coleções por estação: outono/inverno e primavera/verão.

> *(...) na França, a Imperatriz Eugênia era apaixonada por roupas e transformou sua Corte em um grande desfile de moda. Em 1860, nomeou Worth como seu costureiro oficial, o qual, pela primeira vez, passou a fazer para ela todos os seus trajes, uma série em janeiro, para a primavera-verão, e outra em julho, para o outono-inverno. Isso determinou o ciclo do ano na moda parisiense; como a imperatriz raramente, ou nunca, repetia roupa (e certamente nunca usou um vestido do ano anterior) e como todos os parisienses ricos a imitavam, Worth expandiu enormemente o volume do que denominou haute couture* (JOHNSON, 2006, p. 230).

Worth ficou conhecido também como o criador do desfile de moda. Em 1858 criou sua primeira coleção e reuniu suas clientes mais importantes da sociedade parisiense, que aceitaram desfilar para Charles, como símbolo de poder.

Não gostava da denominação de costureiro e sim *artista*. Foi o primeiro a atribuir para si o *status* de celebridade, passando a assinar seus vestidos como se fossem obras de arte. Esse fato fez com que ele fosse também o primeiro a colocar uma etiqueta numa roupa, como um certificado de autenticidade, identidade, qualidade e reputação.

Era especialista em vestidos luxuosos e exclusivos. Os moinhos Lyon lhe forneciam os tecidos mais sofisticados e lhe enviavam amostras dos últimos padrões para sua aprovação.

Possuía, em seu atelier, uma grande estrutura de linha de produção, com a utilização da máquina de costura e funcionários capacitados para todas as atividades, como a modelista, por exemplo, que criava apenas os moldes. Segundo Buest (2004), produzia cerca de seis mil a sete mil vestidos e quatro mil roupas, anualmente. Era

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 20 10/25/2012 2:44:26 PM

um volume de mercado que seus concorrentes, ainda estruturados sobre um sistema artesanal de confecção, não podiam alcançar.

> *Outra inovação técnica foi a introdução em seu atelier de uma linha de produção em série que criava partes padronizadas e intercambiáveis dos vestidos. Mangas diferentes podiam caber em inúmeros corpetes, que por sua vez, combinavam com várias formas de saias. Em 1860 adotou os moldes de papel e a figura da modelista, funcionária treinada exclusivamente para a criação e confecção dos moldes. Worth empregava a máquina de costura para tudo a não ser para os serviços mais delicados e era receptivo às invenções da maquinaria que podiam duplicar e em alguns casos ultrapassar em rapidez e qualidade os trabalhos de aplicação de enfeites e adornos, por tradição realizados manualmente. Esse processo de produção passou a considerar as peças de roupa de maneira fragmentada, o que permitiu ao atelier resultados mais rápidos, economia de tecido e qualidade no acabamento* (BUEST, 2004, p.8).

Investiu em marketing, publicando seus modelos em revistas da época, como *L'art et la Mode e Harper's Bazar*, aumentando, assim, sua notoriedade.

Em 1868, Worth e seus filhos fundaram, em Paris, o Syndicat de la Couture Parisiense (atualmente Chambre Syndicat de la Houte Couture), com a proposta inicial de impedir que os modelos da alta costura fossem copiados.

Com a morte do estilista, em 1895, seus dois filhos (Gaston e Jean-Philippe) assumiram a Maison. Gaston Worth ficou à frente como administrador, além da parte comercial, e Jean-Philippe, sem alterar o estilo estabelecido por seu pai, ficou responsável pelo processo criativo. A Maison Worth, após passar por quatro gerações, teve seu fim em 1954, quando foi encampada pela Maison Paquin.

Fotografia 7 – Casaco de Eufrásia, de autoria de Worth.

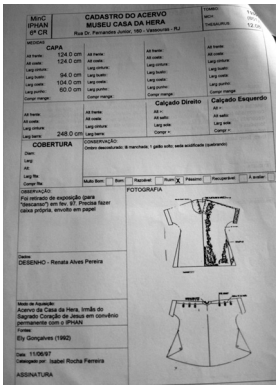
Fonte: Acervo Museu Casa da Hera.
Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/2010.

Fotografia 8 – Casaco de Eufrásia, de autoria de Worth.

Fonte: Acervo Museu Casa da Hera.
Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/2010.

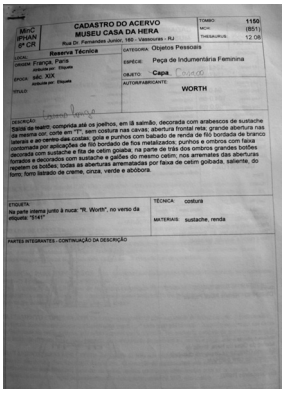
Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 21 10/25/2012 2:44:26 PM

Fotografia 9 – Ficha Técnica do casaco



Fonte: Acervo Museu Casa da Hera.
Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/2010.

Fotografia 10 – Ficha técnica do casaco de Eufrásia.



Fonte: Acervo Museu Casa da Hera.
Foto documental s/n. Fotografia da foto original pela autora em 19/11/2010.

O Museu Casa da Hera

A casa de Vassouras, onde Eufrásia nasceu e cresceu, uma construção da primeira metade do século XIX (1836), hoje o Museu Casa da Hera, tombada pelo IPHAN em 1952, preserva intactas as lembranças do cotidiano de uma rica família de século XIX.

A Casa, rodeada por altíssimas palmeiras trazidas de Portugal, com sua fachada coberta de *hera*, exibe 62 janelas. Em seu interior encontramos elementos neoclássicos influenciados pelos hábitos da Corte e também mobiliados no estilo neo-rococó, de origem francesa. Algumas paredes internas têm pintura decorativa e papéis importados da França, além de elementos decorativos em ouro.

Em seu acervo é possível encontrar quarenta trajes que pertenceram a Eufrásia, e outros vinte acessórios, como sapatos, sombrinhas, luvas e leques, com sua maioria do século XIX e de origem predominantemente francesa. Entre eles, nove trajes de Worth, que são uma verdadeira preciosidade. Além disso, encontramos mobiliários, louças, cristais, tapeçaria, lustres, quadros e uma biblioteca raríssima, entre outros.

> *(...) o visitante aprecia finíssimos cristais, louças monogramadas, pratarias, vitrines com elegante vestuário, mobiliário completo do século XIX, além de faianças, lustres e telas de grande valor, podendo ainda conhecer a Biblioteca de centenas de volumes, em cujas prateleiras sobressai, entre demais obras raras, a primeira edição de David Cooperfield, de Charles Dickens* (MACHADO, 2006, p. 41).

A residência é composta de três áreas: trabalho, íntima e social. A área de trabalho é composta pelo salão comercial, escritório e alcovas. O espaço íntimo é

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 22 10/25/2012 2:44:27 PM

integrado pelos quartos, biblioteca e sala de jantar, e o social pela sala de música e de recepções. Todos os espaços retratam integralmente o fausto da época do apogeu do café em Vassouras, estando expostos ao público numa tentativa de preservar o que foi Vassouras no século XIX.

Considerações Finais

Em meados de 1800, Vassouras vivia a fase áurea do café. Lá residiam muitos Barões do Café e a cidade se tornou o centro de veraneio da aristocracia imperial, tendo mais importância mundana do que a própria Corte. Por lá passeavam visitantes ilustres, inclusive europeus.

Observamos que Eufrásia Teixeira Leite, filha de intelectual, político e negociante, neta e sobrinha de Barões, foi criada em meio a encontros políticos e reuniões sociais que aconteciam na Casa da Hera, local onde residia, o que lhe rendeu uma distinta formação pessoal, muito diferente das moças de sua época, que tinham, como objetivo de vida, o casamento. Eufrásia não se casou, era uma mulher independente, bonita e milionária, era financista e viajava o mundo a negócios. Morou durante cinquenta anos na França e fez parte da sociedade parisiense.

Faleceu no Brasil, aos oitenta anos de idade, tendo deixado a maior parte de seus bens em benefício da sociedade vassourense. A casa onde nasceu é hoje o Museu Casa da Hera e guarda um acervo belíssimo, no qual se destacam nove trajes de Worth, que retratam muito bem um passado faustoso da personagem de Eufrásia Teixeira Leite.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz F. de e NOVAIS, Fernando (org.). **História da Vida Privada no Brasil**, v.2. São Paulo, SP: Ed. Companhia das Letras, 1997.

BUEST, Andreana. **Worth e o Surgimento do Desfile de Moda.** Revista Eletrônica do Curso de Letras – UTP (Universidade Tuiuti do Paraná), vol. 9, n° 9, dezembro de 2004. Disponível em http://www.utp.br/eletras. Acessado em 20/10/2010.

Catálogo Museu Casa da Hera. Vassouras. Rio de Janeiro, RJ. 2009.

CATHARINO, Ernesto J. C. R. Eufrásia Teixeira Leite – **Fragmentos de uma Existência.** Vassouras, RJ: Ed. Autor, 1987.

HAYE, Valerie M. A. de La. **A Moda do Século XX.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009 – (Coleção Mundo da Arte).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 23 10/25/2012 2:44:32 PM

JOHNSON, Paul. **Os Criadores.** Ed. Campus, 2006.

LAGE, Claudia. **Mundos de Eufrásia.** Record, 2009.

MACHADO, Lielza L. **Vassouras, recanto histórico do Brasil.** Vassouras, RJ: Gráfica Palmeiras, 2006.

MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX: O Caso Benatar.** Vassouras, RJ: Ed. Autor, 2007.

O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da Moda de 1840 à década de 90.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil.** vol. 3. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Gilda de M. e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Anais da Academia de Letras de Vassouras.** Vassouras, RJ: Gráfica Palmeiras, 2002.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 24 10/25/2012 2:44:32 PM

AS QUESTÕES FEMININAS APLICADAS ÀS ARTES PLÁSTICAS EM RIBEIRÃO PRETO: ESTUDO DA OBRA DE PAOLA JUNQUEIRA, SÍLVIA VELLUDO E SOFIA BORGES.[1]

Ada Maria Cavalieri PRIETO*
Maria de Fátima da S. Costa G. de MATTOS**

Resumo

A arte é um campo importante para apontarmos o papel feminino na sociedade contemporânea. As questões do feminismo, marcadamente pertinentes ao século XIX, consolidaram-se no século XX. As conquistas femininas no mercado de trabalho, no espaço público, na produção do conhecimento e da cultura foram muitas e decisivas. A visibilidade desse protagonismo nas lutas feministas nas mais diversas frentes, reivindicando e ocupando espaços que lhes renderam posição e destaque, valeu às mulheres um número bastante expressivo de vitórias e a discussão de seu papel na sociedade contemporânea. Essa visão se impõe na obra das três artistas pesquisadas, na leitura e releitura do mundo contemporâneo e da própria história da mulher.

Palavras-chave: *Feminismo; Identidade; Gênero; Artes Plásticas; Arte Contemporânea.*

WOMEN'S ISSUES APPLIED TO THE ARTS IN RIBEIRÃO PRETO: A STUDY OF THE WORK OF PAOLA JUNQUEIRA, SÍLVIA VELLUDO E SOFIA BORGES.

Abstract

Art is an important arena to point out the female role in contemporary society. The issues of feminism, remarkably relevant to the nineteenth century, were consolidated in the twentieth century. The achievement in female labor market, in public space and the production of knowledge and culture have been many and decisive. The visibility of this role in feminist struggles in several fronts, claiming and occupying spaces that earned them a prominent position, granted women an impressive number of victories as well as the discussion of their role in contemporary society. This situation is depicted on the works of the three artists studied, on their reading and rereading of the contemporary world and the very history of the women.

Keywords: *Feminism, Identity, Gender, Plastic Arts, Contemporary Art.*

---

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Aluna do Curso de Artes, pelo Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: addapietro@terra.com.br

** Doutora em História da Arte – Escola de Comunicação e Artes – ECA – Universidade de São Paulo – USP/SP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto – SP e orientadora da pesquisa. – E-mail: mfmattos@mouralacerda.edu.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 25 10/25/2012 2:44:32 PM

Como pólo cultural, Ribeirão Preto tem um destaque importante nas artes plásticas brasileiras. A pesquisa mapeou a inserção de mulheres artistas nesse contexto, analisando sua importância para a construção e transformação cultural da cidade.

A história das artes plásticas na cidade inicia-se com a vinda dos imigrantes italianos, marmoristas, no início do século XX, passando pelo estabelecimento do ensino formal universitário em Artes Plásticas, com a vinda de Leonello Berti, Pedro Manuel Gismondi e Bassano Vaccarini, além de Odila Mestriner e Fúlvia Gonçalves, dentre outros. No final dos anos 1960, a criação do salão de arte da cidade traz novo impulso, destacando Dante Velloni, Mauri Lima, Tadeu Chiarelli, Cleido Vasconcelos, Eurico Resende e Paló, como representantes efetivos dessa geração. Nos anos 1990 e início do século XXI, a evidência recai sobre as artistas Paola Junqueira, Sílvia Velludo e Sofia Borges. A proximidade temporal permite uma abordagem viva de um discurso fortemente embasado na pessoalidade do artista e da obra, interpretando e analisando suas formas de expressão.

A arte contemporânea apresenta-se, ainda, no viés da conjunção de temas, estilos artísticos e imaginários de outras épocas. A mulher vista como objeto de consumo, em todos os níveis, é um dos temas na arte da atualidade, que visa recolocar a imagem feminina fora do contexto compassivo da representação e reconstrução da identidade feminina a partir das diferenças.

Delimitamos alguns parâmetros históricos e estéticos para esta pesquisa, cujos pontos aqui destacamos: a forma amalgamada e fragmentária como se dá a construção da identidade na sociedade contemporânea; a relevante mudança do papel feminino dentro dessa sociedade; a questão da obra de arte, seus discursos, estratégias e procedimentos, e os espaços destinados a sua exibição, da arte moderna à contemporaneidade.

A Questão da identidade, da Arte do papel feminino na sociedade contemporânea

As identidades modernas, segundo Stuart Hall (2001), estão sendo *descentradas*, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Com a modificação das sociedades modernas, no final do século XX, as identidades estão se transformando através de uma mudança estrutural. As divisões de classes, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos localizavam solidamente como indivíduos sociais se fragmentou, mudando, inclusive, as identidades pessoais, questionando as noções de sujeito que temos de nós mesmos.

Isso constitui uma crise de identidade – o deslocamento – a *descentralização* do indivíduo de seu lugar social, bem como de sua cultura. Observamos, então, que a ideia de identidade nasce da crise do pertencimento e por essa razão tornou-se questão crucial, porque aquilo que se supunha fixo, coerente e estável, foi deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza, e o indivíduo, por sua vez, também o foi.

Podemos destacar três concepções de identidade: o *sujeito do iluminismo,* que

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 26 10/25/2012 2:44:32 PM

identifica a pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo *centro* consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, embora permanecendo essencialmente o mesmo, ao longo de sua existência. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. O *sujeito sociológico*, que decorre da complexidade do mundo moderno, e a consciência de que o centro (núcleo interior) não era autômato e auto-suficiente, mas formado na relação com o outro, que mediava os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos no qual ele habitava. A identidade é, então, formada na interação entre o *eu* e a sociedade. O núcleo interior é o *eu real*, formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade preencheria, assim, o espaço entre o *interior* e o *exterior* – o pessoal e o público.

O *sujeito pós-moderno* vive a fragmentação da identidade unificada e estável do sujeito em várias identidades, contraditórias ou não. Esse colapso é resultado de mudanças estruturais e institucionais, tornando o processo de identificação mais provisório, variável e problemático. Não possui mais uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais. A identidade é histórica e não biológica. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, ao contrário do *eu coerente.* A identificação é continuamente deslocada. A multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural evolui na velocidade dos acontecimentos e confrontam com uma seleção desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais nos identificamos temporariamente.

Quanto ao caráter da mudança na *modernidade tardia,* a principal distinção entre as sociedades ditas tradicionais e as modernas é a mudança constante, rápida e permanente. A globalização coloca diferentes áreas interconectadas, transformando o tempo e o espaço e desalojando o sistema social. A sociedade moderna não tem um centro, mas uma pluralidade de centros de poder.

O indivíduo soberano, apartado da igreja secular no Renascimento, coloca o homem no centro do universo. O Iluminismo, centrado na imagem do homem racional e científico (Descartes), situado no centro do conhecimento, produz o sujeito cartesiano ou indivíduo soberano. Na medida em que as sociedades modernas se tornaram mais complexas, adquiriram uma forma mais coletiva e social. O indivíduo foi substituído pelo grupo, subjugado pelas normas coletivas.

O descentramento é característico do sujeito tardo moderno. O primeiro descentramento vem do marxismo (relações sociais como centro). O segundo vem de Freud (descoberta do inconsciente). O terceiro, da semiótica de Saussure (a identidade, como o inconsciente, está estruturada como a língua). O quarto vem de Foucault, em que o processo disciplinar visa à regulação pela vigilância. O quinto é o feminismo (novos movimentos sociais – politização da subjetividade), que resulta na política de identidade - uma identidade para cada movimento.

O declínio das identidades nacionais aponta para o surgimento de novas

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 27 10/25/2012 2:44:32 PM

identidades híbridas. A percepção do encurtamento das distâncias dá a ideia de diminuição do tamanho do mundo. A moldagem e (re) moldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas. O lugar é específico, concreto, familiar, delimitado: o ponto das práticas sociais específicas que nos moldaram e nas quais fomos formados são aqueles com os quais nossas identidades estão estreitamente ligadas. Os lugares permanecem fixos, pois neles é que se encontram nossas raízes.

Ainda refletindo sobre a questão da identidade, Bauman (2000) identifica que a era midiática é a era da ilusão e da insegurança, e o modo como o indivíduo está inserido nessa sociedade globalizada, inconstante, faz com que ele atue de forma aparente e superficial, sem responsabilidade e envolvimento político, social ou cultural, sofrendo um processo de transformação contínua e angustiante, uma vez que, na contemporaneidade, o estar em constante movimento é indispensável.

Relacionamos também a questão da identidade ao colapso do Estado, das ideologias e do bem-estar social, do crescente sentimento de insegurança e esvaziamento das instituições democráticas, somados à privatização da esfera pública e à crescente injustiça e falta de liberdade do mundo atual.

Na *modernidade líquida* (Bauman, 2000) as identidades são construídas, mantidas, buscadas em movimento, vinculadas aos outros grupos igualmente móveis e velozes. É o desejo de segurança que surge, produzindo o anseio por uma identidade, pois, apesar de apresentar-se como um paradoxo, o *estar fixo* ou estabelecido em algo fica cada vez mais malvisto, enquanto que, ao mesmo tempo em que flutuar é estimulante, isso traz a longo prazo a ansiedade, companheira constante da pós-modernidade.

O consumismo requer a satisfação instantânea, e do mesmo modo são sua durabilidade e o seu descarte. Até a ideia do amor romântico modificou-se no decorrer da libertação individual, para ser cantado enquanto permaneça a satisfação dos parceiros.

A preocupação com o agora não deixa espaço para o eterno, nem tempo para refletir sobre ele. A ideia de duração, eternidade ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem mais fundamento na experiência humana. A velocidade da mudança tornou-se mortal para a durabilidade dessa nova sociedade. O consumo pós-moderno impõe a urgência da precisão do produto final imediato, e, com os meios necessários, não é mais um problema conseguir uma identidade alternativa. Qual delas escolher, e por quanto tempo se apegar a ela, não serve mais como preocupação.

A globalização e a revolução midiática ofereceram a matéria bruta para enfrentar a ambivalência da posição social. A diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo (Bauman, 2000).

A questão da obra de Arte

Considerando a questão da identidade do indivíduo dentro da sociedade contemporânea, é importante situar, neste universo, a questão da obra de arte.

Walter Benjamin (1980), em seu tradicional estudo, *A obra de arte na época da*

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 28 10/25/2012 2:44:32 PM

reprodutibilidade técnica, afirma que a reprodutibilidade sempre foi uma das suscetibilidades da obra de arte, embora as técnicas de reprodução fossem um fenômeno novo.

Porém, à mais perfeita reprodução falta o *hic et nunc*, sua autenticidade, comenta Benjamin. Essa noção de autenticidade não tem sentido para uma reprodução, seja técnica ou não. Diante de uma falsificação o original mantém sua plena autoridade, o que não acontece com a reprodução técnica, mais independente do original e próxima do espectador. Mesmo com as novas condições criadas pelas técnicas de reprodução o conteúdo da obra de arte poderia ficar intacto, mas desvalorizada *sua aura*, seu *hic et nunc*. A autenticidade é aquilo que a contém e é originalmente transmissível, de sua duração ao seu testemunho histórico. Com a reprodutibilidade a *aura* é atingida. A multiplicação transforma o objeto único num fenômeno de massa, conferindo a ele uma permanente atualidade.

A sensibilidade humana, além de natural, é também histórico-cultural; portanto, é necessário explorar seus modos de produção e de percepção próprios da época à qual se relaciona. Impõe-se gradativamente a necessidade de assumir o domínio mais próximo possível do objeto, por meio de sua imagem e, mais ainda, em sua cópia ou reprodução. A reprodução do objeto pelo jornal ou pela revista é, incontestavelmente, bem diversa de uma imagem, que associa estreitamente a unicidade e a duração.

A unicidade da obra de arte faz parte do conjunto de afinidades que se denomina tradição, ou seja, que significa uma realidade viva e mutável (Benjamin, 1980).

A aura se configurou através da utilidade que a obra tinha como objeto ritualístico, primeiramente mágico e depois religioso. A importância da perda da aura da obra se relaciona com a (des) ritualização funcional. A fotografia, contemporânea do socialismo, primeira técnica de reprodução realmente revolucionária, despertou a crise que culminou com a teologia da arte (a arte pela arte), que concebia uma arte pura, recusando-se a desempenhar qualquer papel, até a submissão imposta pela matéria objetiva.

Além do valor da obra como objeto de culto, consideramos também seu valor como realidade exibível; depois de sua emancipação, torna-se uma consequência sua maior possibilidade de exibição. Essa exibição vai lhe conferir novos valores e funções. E é com a fotografia que o valor da exibição coloca, em segundo plano, o valor do culto. Na fotografia como culto de recordação, o valor de culto da imagem encontra seu último refúgio. As fotos antigas substituem a aura.

Em 1859, o poeta e crítico da modernidade, Charles Baudelaire, manifestou-se a respeito da fotografia, dizendo: *essa indústria, ao invadir os territórios da arte, tornou-se sua inimiga mortal.* Ele não estava totalmente errado, mas tinha razão no sentido de que as velhas formas artísticas estavam condenadas.

Entretanto, é preciso estar alerta contra o equívoco de se pensar que a fotografia forçou a pintura a tornar-se abstrata, ao tomar para si a função representativa. Esse argumento simplifica demais a questão, pois, embora a fotografia haja efetivamente liberado a pintura de muitas de suas atribuições, ela se constituiu como um meio de expressão que, tal como a pintura, pode ser figurativa ou abstrata, geométrica, informal,

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 29 10/25/2012 2:44:32 PM

narrativa ou não. Portanto, a fotografia não é apenas um aparato de ciência aproveitado pelos artistas, mas um meio legitimamente enraizado na tradição pictórica, oriunda do Renascimento.

Descolada de sua base ritualística pela reprodutibilidade, a arte passa por uma alteração funcional que transformaria seu caráter geral. A mediação da *performance* de um ator sofre a interferência do meio e, portanto, não é respeitada integralmente, não podendo ser comparada à reação do espectador durante a representação teatral. A aura depende do *hic et nunc* e não sofre nenhuma reprodução. No teatro, a aura do personagem é inseparável da aura do ator que desempenha o papel, tal como sente o público vivo. No cinema, a tomada de cena em estúdio substitui o público pelo aparelho. A aura dos intérpretes desaparece e, necessariamente com ela, a das personagens que eles representam.

A reprodução modifica a atitude da massa com relação à arte. O quadro sempre foi destinado à contemplação individual, ou por um pequeno grupo. A pintura convida à associação de ideias; no cinema, com a sucessão temporal da imagem, o olhar não se fixa.

A massa comanda a arte, transformando-a; a quantidade domina a qualidade. A percepção do indivíduo ou da sociedade, como um todo, foi modificada pelo cinema. As massas querem diversão, enquanto a arte exige concentração. Na diversão, a obra de arte penetra a massa. Na arte, a concentração mergulha o espectador dentro dela.

Cauquelin (2005) afirma que, na questão entre moderno e contemporâneo, não é somente o conteúdo da obra que os distingue. Apesar de vivermos na mais numerosa produção e comercialização artística, a arte nunca esteve tão longe do público. Isso se deve à falta de informação, de referencial cultural ou imagético, e mesmo de critérios. A arte é um sistema onde se inserem a noção de modernidade, o mercado de arte e a recepção da obra.

A arte moderna conquista seu lugar por volta de 1860, época em que se preparava a pintura francesa para a exposição do triunfo do Realismo, de Courbet, e vai até onde intervém a arte contemporânea, na sociedade de consumo. No sistema industrial entra gradualmente no mercado, transforma-se em produto e confere ao objeto industrializado um valor estético. O consumo rege a arte contemporânea desde o crescimento da pequena e média burguesia. O trinômio produção-distribuição-consumo comanda os bens materiais e simbólicos, tornando o consumidor tão importante quanto o produtor, unidos pela máquina e inserindo o intermediário, predominante na ligação entre produção e consumo, responsável por sua adequação.

É nesse contexto que se situa a Arte Moderna. Inicia-se com o recuo da academia e reivindicação de liberdade e direito de exposição. A afluência de compradores vindos da burguesia é o grande motivador dessa posição e a consequente abertura de um mercado independente: marchand-crítico. O crítico tinha a função de informar, construir uma imagem da arte, do artista, e formar a opinião junto à burguesia; em substituição ao estado, substituiu o júri do salão oficial, além de sua função comercial.

Na arte contemporânea o produtor se distancia do consumidor. O papel pre-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 30 10/25/2012 2:44:32 PM

ponderante passa a ser o dos responsáveis pelas mídias. Na sociedade contemporânea passamos do consumo à comunicação; de seus processos aos sistemas tecnológicos de transmissão da informação. A comunicação, como necessidade social, tem a tecnologia como suporte, distribuindo a informação em tempo real. A comunicação se efetua através da rede, do bloqueio, da redundância e da saturação, da nominação (identidade) e construção da realidade (linguagem). (Cauquelin, 2005).

Essas transformações também atingem a arte, tanto em sua veiculação (mercado/crítica) quanto no conteúdo das obras. Os produtores são aqueles que utilizam a informação pela rede (como no processo da fábrica), dentro do binômio quantidade e velocidade. O valor é o resultado da rapidez de transmissão de um lado para o outro do mundo.

Anne Cauquelin (2005) afirma que é a exposição que carrega a significação: *isto é arte*, e não as obras. É a rede de comunicação que expõe sua própria mensagem: eis o mundo da arte contemporânea. As obras não são mais divididas entre a Vanguarda e o Academismo. Elas estão ou não incluídas no circuito.

Marcel Duchamp cada vez mais influencia a arte contemporânea por seus postulados e atitude global: distinção entre estética e arte; indistinção dos papéis; o sistema da arte organizado em rede; a arte e a linguagem (conceito) e ele mesmo, com a sua *anti-arte*.

Andy Warhol torna sua obra completamente pública; para isso se utiliza dos meios da publicidade mercantil. A arte regida pelas leis de mercado como um produto comum traz Warhol como porta-voz dessa sociedade de consumo. Ao mesmo tempo em que elogia faz sua crítica voraz. Mais do que artista, Warhol foi uma *celebridade*. Como Duchamp, abandona a estética e mostra o que já existe, mas acrescenta ao *ready-made*, o *remade*: a repetição em série, a saturação, o paradoxo da despersonalização hiperpersonalizada. Compreendendo o mercado publicitário, transforma-se em produto e o vende. Ligando seu nome ao objeto em série (repetição), ele se torna tão conhecido quanto a imagem que assina. Satura todas as redes e usa todos os suportes possíveis.

Além da identificação entre o artista e o produto, Warhol também se identifica com a rede que faz circular seus produtos. Pertence à rede antes de pertencer a si mesmo, e se multiplica identicamente. Um dos paradoxos é que o objeto apresentado – lata, garrafa ou astro – traz sua marca, este é Warhol. Nome, assinatura e obra se confundem. Por outro lado, é a impessoalidade da reprodução, sem qualquer personalização, hipervalorizando o nome-assinatura. Warhol se torna um *business-artist,* seu ateliê uma empresa *(Factory)*: a arte torna-se um negócio.

Vale mencionar o marchand Leo Castelli, líder de algumas galerias, que construiu e lançou artistas de várias tendências. A informação foi a pedra angular de seu sucesso, tanto na descoberta de artistas como na documentação dos compradores e da imprensa com catálogos luxuosos. Utilizando-se das relações mundanas e midiáticas, conseguiu validar obras e movimentos. O sucesso de seus artistas é a garantia de seu nome. Ele não é a sopa *Campbell's*, mas é aquele que a vendeu para o mundo inteiro.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 31 10/25/2012 2:44:32 PM

A atualidade é uma mistura de vários elementos da Arte Moderna e Contemporânea, intercambiáveis entre si e em constante transformação. As proposições são utilizadas por meio de fragmentos. Os artistas recuperam os temas, mas estão longe de ter o mesmo distanciamento irônico diante dos valores. O pós-moderno é a mistura da tradição com a novidade, a arte conceitual, o trabalho sobre a linguagem, o trabalho nos locais, o *minimalismo*, a *land art,* segue as proposições *duchampianas*, em oposição à neo-arte: figuração livre, pintura de ação, *bad painting, body art*, *grafitti*, retornando à ideia tradicional do artista como autor, conivente aos modos midiáticos da informação, a individualização (estilo próprio), a indistinção entre os gêneros tradicionalmente separados.

Tendo que o indivíduo, enquanto artista ou espectador tem sua identidade fragmentada e pulverizada numa sociedade horizontal, sem referenciais duradouras, a arte atual, mais do que reflexo, é o símbolo dessa sociedade. Constituída de discursos pessoais, a obra é sempre referente a uma outra. O artista perde toda sua vinculação a escolas, estilos e movimentos, tendências ou gêneros, explorando novos mecanismos, estratégias, linguagens, meios e veículos e tornando-se seu próprio tema.

Com a modificação da arte, na questão de pertinência, durabilidade e veiculação, há que ser pensar tanto nos espaços expositivos como na função dos museus. A rede permite uma nova e ampla visibilidade. A tecnologia permite visitas a museus em todos os continentes. Numa sociedade midiática e imagética, o signo suplanta a obra, tornando-a simulacro de si mesmo. O que é o original? A obra matéria ou a obra real. Tudo é reproduzível ou copiado.

A relação do indivíduo com a produção de arte, que já foi próxima na arte moderna e completamente intermediada na arte contemporânea, é inexistente. A massa, a quem deve ser endereçada a produção, responde com completa apatia, senão desconhecimento, e prefere o conforto das obras acadêmicas.

A arte está em constante transformação, sujeita aos mesmos questionamentos pertinentes ao processo identitário. Na turbulência do binômio comunicação/informação, como os artistas se situam e se articulam? Quais suas filiações, repertório, discurso ou mensagem? Que arte produzem? Que arte é esta? Difere de que forma? Como se apresenta? Para quem é produzida? Como é percebida, decodificada e articulada? Como se dá a relação mercadológica?

Num diálogo significativo e estimulante, os valores estéticos e o juízo crítico dilatam as abrangências socioconceituais e as perspectivas do olhar. As tecnologias estabelecem a arte como campo de conhecimento e ciência. O fortalecimento e ampliação do papel da arte contemporânea induzem o artista como um provocador que funda a arte, a estética e a construção dos sentidos em cada situação expositiva.

O artigo se encaminha neste ponto, para o universo das artistas Paola Junqueira, Sílvia Velludo e Sofia Borges, seus temas, questões e formas de relacionamento com os meios expositivos e a ruptura com os códigos socioculturais na cidade.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 32 10/25/2012 2:44:32 PM

O papel feminino na sociedade contemporânea

Nossa análise começa pela obra *24 horas de buraco*, da artista Paola Junqueira, na qual ela se utiliza de algumas linguagens artísticas, apropriando-se do corpo como suporte para construção da obra, por meio de um *working in progress*, para alcançar uma *land art*.

A artista, durante seis dias, por quatro horas a cada dia, cava um buraco, com instrumentos rudes (pá, picareta e enxadão), de onde a terra retirada é transportada por ela mesma, por meio de uma carriola, para outro local. No caso da realização da *land art* em Ribeirão Preto, o buraco foi aberto no jardim em frente ao MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto, e a terra retirada foi carregada e depositada na sala de exposição dentro do referido museu, trazendo o evento para o centro urbano.

Figura 1: Paola Junqueira - 24 horas de buraco - Foto cedida por Nilton Campos

Questões intrigantes nessa obra: 1) a questão corporal: a artista é de compleição delicada e feminina, executa um extenuante serviço braçal, por longo período, tipicamente masculino, superando as limitações físicas e as questões de gênero, e transformando o gestual no primeiro rompimento dos padrões estabelecidos. 2) a questão temporal: ao cavar, remexe-se o fixo, o acumulado e o passado, como que numa descompactação, resgatando o tempo, a história e a tradição. Nesse revolver da terra alguns objetos são encontrados, despertando o imaginário: como foram parar ali, a quem pertenceram e que memória carregam; 3) questão física: ao retirar-se a terra, desocupa-se uma área; portanto, é um ato quantitativo e mensurável. Em seu lugar, o que deve ser ou não colocado? Ele deve ser preenchido? Por quanto tempo deve ficar vazio? Se preenchido pela própria terra, quem o faz? Sobra terra? Falta terra? 4) questão simbólica:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 33 10/25/2012 2:44:32 PM

Figura 2: Paola Junqueira - 24 horas de buraco - Foto cedida por Nilton Campos

O cavar é uma atitude arqueológica de buscar nas entranhas uma significação, uma necessidade emocional de resgatar-se, procurar-se, reviver-se ou ao mesmo tempo de despir-se, despojar-se, de trazer à tona o visceral, o profundo, o recôndito, o esquecido. Também é um expurgar, uma antena parabólica invertida, trazendo o centro ou dentro para expandir-se na superfície-via. Por outro lado, podemos ler o buraco como uma casamata, um lugar seguro, um refúgio, um esconderijo. Um imenso e abrangente útero fendido na terra. Um lugar de afetividade e interação. O útero é nossa primeira experiência de interatividade; 5) questão da localização: o fato de estar num museu o faz um buraco reflexivo e crítico, onde há um questionamento a respeito da arte, da história da arte, do fazer artístico, dos meios, modos e conceitos? O lugar onde se planeja e projeta a execução da obra interfere em seu sentido ou conceito?

A *série Gozo*, de **Silvia Velludo**, objetos construídos a partir de linhas desfiadas de vários carretéis, por ela compactados e/ou (re) enrolados, e depois cortados ao meio, expondo seu interior. Com várias possibilidades de montagem, são intercambiáveis e podem se adaptar ao espaço em que forem colocados. É uma obra aberta, que possibilita várias montagens.

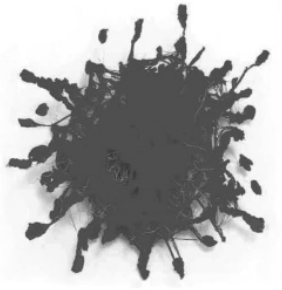


Figura 3: Silvia Velludo - Série Gozo - Fotografias cedidas pela artista

Essa obra nos remete à questão feminina do coser, do costurar, da sensação da casa da avó, que fica sentada numa cadeira de balanço, tricotando, ou à máquina de costura, num movimento rítmico e compassado, sensação confirmada durante a entrevista com a artista. Silvia narrou um fato de sua infância, dentro da sala de jan-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 34 10/25/2012 2:44:33 PM

tar na fazenda da avó, local em que ela costurava, em máquinas imensas e em escala frenética, as roupas para os colonos da fazenda. A série, segundo Silvia, surge com *um cubo socado de linha preta, aproximadamente com 20 X 20 cm, colocado no centro de uma mesa e unido com um elástico a um ponto no teto.*

Figura 4: Silvia Veludo - Série Gozo - Fotografias cedidas pela artista

As obras, ora explodindo, ora unidas, compactadas em caixas ou transbordando delas, fendidas ou *engruvinhadas*, trazem à tona as vísceras, as entranhas, o âmago, expondo a completude ou o vazio.

Seu ofício é um tecer, uma bordadura. Utilizando campos de cor, linhas, planos, volumes, a artista desconstrói o exato, o métrico, o contido, através da ludicidade, da mesma forma que Arthur Bispo do Rosário desconstruía a insanidade.

Figura 5: Sofia Borges - Retratos e Autorretratos - Fotografia Sofia Borges

A *série Retratos e Auto-retratos*, fotografias digitais de 2007, de Sofia Borges, (re) fabrica o real. Sua técnica consiste em fotografar cada elemento, individualmente, com uma exposição nunca menor que 15 segundos, e, através da manipulação digital, desarticulá-los dentro do plano, numa referência a Cézanne.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 35 10/25/2012 2:44:34 PM

Figura 6: Sofia Borges - Restratos e Autorretratos - Fotografia Sofia Borges

Segundo o crítico de arte Tadeu Chiarelli[1], as fotografias de Sofia *são pequenos romances, narrativas*. Criando um ambiente de fantasia e estranhamento pela desconstrução e reconstrução da cena, através do tempo expositivo e coloração, ela monta uma realidade pessoal, *fake*[2] , característica da pós-modernidade; caráter solitário, intimista, asséptico, depressivo e de uma sexualidade contida, lembrando um editorial de moda.

Em entrevista aos jornalistas Mário Gioia e Silas Martí[3] , Sofia relata que constrói seu discurso através de *imagens escorregadias, afrouxadas, no sentido de destituir a minha foto de uma relação imediata e colada com o real [...] há uma falta de precisão nessas imagens, estão à beira do precipício. São quase espetaculares demais, fantasiosas demais, absurdas demais*. Confessa que fica na antessala do absurdo para causar um estranhamento limítrofe, um ponto morto entre a abstração total e o retrato banal do cotidiano. A iluminação perfeita é o principal fator discursivo. O segundo é a imobilidade, artificialidade, inexpressividade e rigidez dos personagens em cena e da cena, é a captura do instante que se perpetua no passado, posado e pausado, característico do período inicial da fotografia, trazendo-a como seu simulacro.

Segundo Carolina Soares (2008), *no século XIX, um dos desafios para o meio estava em se conseguir fixar as imagens de um mundo não estático, era necessária a imobilidade máxima do objeto ou do sujeito fotografado para, assim, serem submetidos a um tempo de exposição longo e capaz de captar luz suficiente para a sensibilização química do aparelho. Disto dependeria o sucesso da imagem. Pose e pausa constituíam-se, então, em elementos fundamentais para a encenação fotográfica. No século XXI, os avanços tecnológicos já permitem a captação, mesmo digital, dos movimentos. Ainda assim, a artista opta pela estratégia de remontar uma espécie de tableau vivant, no qual os retratados são mantidos parados para serem submetidos a um tempo de exposição nunca menor que quinze segundos.*

---

[1]Entrevista no caderno Folha On-line/ Ilustrada. Disponível em www1.folha.uol.com.br/folha. Acessado em 18.6.2009, às 08h07 minutos.

[2]Fake = fantasia

[3]Entrevista no caderno Folha On-line/Ilustrada. Disponível em www1.folha.uol.com.br/folha. Acessado em 18.6.2009, às 08h07 minutos.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 36 10/25/2012 2:44:34 PM

Considerações Finais

As três artistas, por meio de linguagens, discursos e percursos diferentes, abordam a questão do pertencimento. Na busca de Paola por s*eu lugar, como estrangeira, num local distante e estranho*; de Silvia, em seu *religare* familiar, e Sofia, na clausura protetora da casa, expõem visceralmente as entranhas, demonstrando a pessoalidade na obra de arte. Desvinculadas de quaisquer tendências, transitam atemporalmente pelas linguagens e meios. A obra de Paola, apoiando-nos em Benjamim (1980), no capítulo *O Narrador,* tem como característica a questão espacial, o deslocamento, a busca, a conquista e incorporação de novas narrativas pelo contato com o *exterior*, ao contrário do discurso de Silvia e Sofia, que se prendem ao tempo, à experiência memorialística de quem fica, e absorvendo, incorporando e transmitindo as marcas sentimentais e sedimentais das pessoas e do lugar de origem. Ou, segundo Ezra Pound, *a grande poesia deve ser feita, não importa quem a faça,* nem em qual lugar seja feita.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000

BAUMAN, Zygmunt. I**dentidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ZygmuntBauman;** tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2005

BENJAMIN, Walter. **A Obra de arte na época de suas técnicas de reprodução.** Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Coleção Os Pensadores).

BENJAMIN, Walter et al. **Série Os Pensadores.** São Paulo, SP. Abril Cultural, 1980.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005

COSTA, Cacilda T. **Arte no Brasil 1950-2000. Movimentos e Meios**. 2 ª ed. São Paulo, SP: Alameda, 2006.

COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico.** 2ª Ed. São Paulo, SP: Editora Moderna, 2004.

GOMBRICH, Ernest. H. **Arte e Ilusão.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1986

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro, RJ: DP&A Editora, 2001.

SENNA, Nadia C. Corporalidade e sensualidade feminina pelas artistas plásticas do século XX, in **Donas da Beleza.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo - Escola de Comunicação e Arte, São Paulo, 2008

SOARES, Carolina. **ArteRef – Referência e Notícia em Arte.** http://arteref.wordpress.com – publicado em 19/06/2008. Última visita: 30.11.2010, às 0 h.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 37 10/25/2012 2:44:34 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 38 10/25/2012 2:44:34 PM

OLHARES EDUCACIONAIS

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 39 10/25/2012 2:44:34 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 40 10/25/2012 2:44:34 PM

O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR PELA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA[1]

Polyana Cristina GARONI*
José Eduardo Costa de OLIVEIRA**

Resumo

O texto discute o tema violência como um fenômeno social e objeto de estudos e de ações em todas as sociedades, no decurso do tempo. Aponta para busca incessante por mecanismos e formas de preveni-la e/ou coibi-la, particularmente no ambiente escolar. Com essa concepção, objetiva identificar e analisar os modos como a escola, por meio de ações pedagógicas, específicas da disciplina de Educação Física, estabelece ações de enfrentamento da violência no ambiente escolar. A metodologia utilizada baseou-se na abordagem qualitativa para o delineamento do estudo, entendendo que o fenômeno da violência escolar não se limita aos dados estatísticos e quantitativos. Constata, no ambiente escolar, a presença de várias violências e, entre elas, três que emergiram como as mais típicas no ambiente investigado. Destaca que na área da Educação Física foi evidenciado que a maioria dos docentes entrevistados não possuíam quaisquer estratégias de enfrentamento para essas questões, e, quando se deparavam com essas vicissitudes, agiam sem os instrumentos adequados, e, sim baseados em intuições e/ou experiências profissionais, obtendo pouco êxito.

Palavras-chave: *Violência; Escola; Educação Física; Enfrentamento; Disciplina.*

COPING WITH SCHOOL VIOLENCE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Abstract

This paper discusses the subject of violence as a social phenomenon and as an object of study and action in all societies over time. It also points to the ceaseless search for mechanisms and ways to prevent and/or restrain it, particularly in the school environment. Based on such ideas, this study aims to identify and analyze the ways the school copes with violence by using pedagogical activities related to physical education classes. The methodology was centered on a qualitative approach to the delimitation of this study considering that the phenomenon of school violence is not limited to statis-

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Aluna do Curso de Licenciatura e Bacharelado de Educação Física do Centro Universitário Moura Lacerda – Jaboticabal/SP. E-mail: garonip@hotmail.com

** Mestre em Educação - Centro Universitário Moura Lacerda. Doutorado em Saúde Pública – USP/RP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda – Jaboticabal e orientador da pesquisa. E-mail: prof.zedu@usp.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 41 10/25/2012 2:44:34 PM

tical and quantitative data. This paper notes the presence of several types of violence in the school environment and three of them emerge as the most typical. This research highlights that most of the Physical Education interviewed teachers did not follow any particular coping strategies and, when faced with this kind of issue, acted destitute of proper tools, based on intuition and/or professional experience with little success.

Keywords: *Violence; School; Physical Education; Coping; Discipline.*

Introdução

A violência é um fenômeno social que foi e continua sendo motivo de preocupação em todas as sociedades, no mundo todo e em todos os tempos. A busca incessante por mecanismos e formas de preveni-la e/ou coibi-la, particularmente no ambiente escolar, tem sido uma preocupação constante; daí emergiu uma figura importante dentro deste contexto: a escola (EYNG et al., 2005). A violência escolar, a partir do final do século XX e início do século XXI, ganhou irrefutável relevância na mídia mundial, principalmente em função da abundância de estudos acerca do tema em países da Europa, mais especificamente a França, entre os anos de 1992 a 1996.

Enquanto instituição, a escola é uma entidade social que deve educar, assim como tem ou deveria ter em suas bases valores éticos e morais suficientes para nortear os comportamentos dos indivíduos dentro de uma sociedade, principalmente aqueles tidos como inadequados. Mas, em contrapartida, atualmente o que se observa é o fato de os noticiários e as pesquisas evidenciarem que a escola deixou, há muito tempo, de ser uma ilha de paz e segurança para os filhos da sociedade, conforme as expectativas inerentes de todos acerca dessa instituição (idem).

A escola contemporânea é vista como uma instituição envolvida pela violência, pela indisciplina, refletindo tensões e conflitos de grupos do seu entorno, conhecendo a dilaceração de seus processos sociais e tornando-se objeto da mídia, principalmente quando relacionada a crimes, contravenções e delinquência juvenil.

Ainda no cenário escolar, visualiza-se uma grande quantidade de atos de violência, quer sejam eles simbólicos ou físicos, e que perpassam pela intimidação de professores, desrespeito à diversidade e o preconceito. Debarbieux evidencia, em seus estudos, uma intensificação de crimes e delitos que, em sua maioria, são oriundos do ambiente escolar, o que chama a atenção da mídia para este fenômeno (DEBARBIEUX et al., 2002).

Considerada uma das instituições responsáveis pela formação de cidadãos, conscientes de seus direitos e deveres em sociedade, capazes de respeitar e conviver com a pluralidade cultural, as escolas são, atualmente, verdadeiros palcos para o caos e a intolerância, onde a violência física e psicológica permeia todos os agentes envolvidos no processo ensino-aprendizagem no Brasil e no mundo (CASTILHO, 2004).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 42 10/25/2012 2:44:34 PM

Formas de violência

Eyng observa que existe uma violência que se faz presente na vida cotidiana e que ameaça, diariamente, a integridade física, psicológica e, principalmente, a dignidade humana. Para que se possa compreender este fenômeno, é preciso situá-lo num contexto social mais amplo, levando em consideração os condicionantes de grande parte da população brasileira, como a exclusão, por exemplo. É possível que a análise de tal aspecto possa levar ao entendimento da violência como uma manifestação dessa mesma civilização, que se rebela contra esse contexto da desigualdade social.

Dessa forma, o desrespeito à diversidade, em pleno século XXI, gera as guerras, os genocídios, as agressões a imigrantes e homossexuais, a intolerância racial e religiosa, a discriminação a portadores de patologias infectocontagiosas, como a AIDS, perpassando pela discriminação aos não inseridos nos padrões de estética e de beleza impostos pela mídia e pela cultura corporal. A intolerância estende-se aos deficientes físicos e mentais, que têm dificuldade de acesso com a mesma equidade a serviços sociais. Como resultado de todo esse processo, a violência mundial reflete-se na escola (DAÓLIO, 1995).

O sentimento de intolerância se faz presente no cotidiano escolar, sendo observado no dia a dia pelos professores e por alunos, nos mais diversos níveis de ensino, do público ao privado, do ensino fundamental ao universitário, atingindo, também, a pós-graduação (CASTILHO, 2004).

A violência escolar constitui –se,também, num fator que, contemporaneamente, perpassa pelos espaços institucionais e que acomete, sobretudo, aos professores, levando-os ao abandono da carreira docente, além de distúrbios psicossomáticos e familiares. É sabido que, muitas vezes, a violência extrapola a sala de aula, envolvendo outros ambientes escolares, como, por exemplo: a cozinha, os banheiros e vestiários, a biblioteca, o estacionamento dos veículos de professores e funcionários, entre outros (REGO, 1998).

Nesse contexto, evidencia-se que a violência escolar deixou de ser um evento ocasional e particular no dia a dia de educadores e educandos do ensino público e privado brasileiros, pois se revela também nos comentários homofóbicos, no trote universitário, na chacota (vítimas do bullying), nas humilhações, na intolerância, especialmente a religiosa, nas agressões físicas e psicológicas e na indiscriminação (FERRIANI, 1997).

Segundo Rego , na escola pública, a depredação dos bens patrimoniais revela-se como uma das primeiras formas de manifestação da violência, pois os alunos, quando se rebelam, enxergam os automóveis de professores e funcionários como parte integrante do patrimônio público, sendo a primeira forma de agredir e demonstrar os descontentamentos.

Entende, ainda, que a violência dentro da sala de aula é a principal responsável por inviabilizar o processo ensino-aprendizagem e que torna impotentes os educadores, orientadores, diretores e agentes de saúde diantes dessa problemática.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 43 10/25/2012 2:44:34 PM

Dessa forma, há uma concordância entre os pesquisadores, quando apontam que o fenômeno da violência constitui, na atualidade, um dos maiores obstáculos pedagógicos que ocorrem nos diferentes níveis de ensino, por interferir diretamente no processo ensino-aprendizagem. Evidenciam que as dificuldades do professor para ensinar, quanto as dificuldades dos alunos para aprender são fatores decalcados do processo de exclusão social que a criança brasileira conhece. Segundo Castilho, a escola atual é uma das instituições que mais perpetuam a discriminação e a intolerância.

Os especialistas apontam, ainda, as dificuldades para esclarecer os professores e os demais agentes escolares sobre os comportamentos inadequados, pois essa problemática esbarra em outros problemas didático-pedagógicos da educação, como a formação de professores e demais agentes escolares.

Contextualizando a violência escolar

Contextualizando a questão da violência escolar no cenário específico do município de Ribeirão Preto/SP, Matiuzo (2007) apresenta dados coletados junto à Polícia Militar local, que demostram que o índice de adolescentes menores de 18 anos de idade, envolvidos em ocorrências policiais, aumentou entre os anos de 2006 e 2007 no município.

No ano de 2006, especificamente, o nível de envolvimento dos adolescentes em crimes era de 30% do total das ocorrências, e, após o final do ano de 2007, verificou-se que esses números subiram para 50% do total das ocorrências policiais.

A Polícia Militar afirmou não possuir dados sobre as principais causas que incidiram no aumento do percentual de jovens envolvidos com a criminalidade.

Acredita-se, no entanto, que haja uma percepção por parte dos criminosos maiores de idade, que visualizam no envolvimento dos menores nos crimes uma perspectiva maior de impunidade, sendo-lhes mais conveniente responsabilizá-los, caso sejam pegos e/ou denunciados, o que incentiva a entrada, cada vez mais precoce, naquilo que se considera hoje a universidade do crime (MATIUZO, 2007).

Corroborando com as afirmações acima, e também respondendo a algumas das questões que emergiram com os dados da investigação, Tavares (2008) revela que, quer sejam brancos, pardos, negros, bem vestidos ou não, muitos dos matriculados em escolas no município de Ribeirão Preto, SP (onde, entre 2007 e 2008, cresceu de 91 para 238 o número de casos de menores encaminhados pela justiça à Fundação CASA em função do comércio de drogas), parecem vislumbrar, segundo o autor, nesse tipo de delito – o tráfico – uma forma de ascensão social.

Ratificando esses achados, e segundo dados de um estudo realizado pelo Observatório de Violência e Práticas Exemplares da USP/Ribeirão Preto, que se baseou em estatísticas oferecidas pelo NAI - Núcleo de Atendimento Integrado, do total de 426 jovens acolhidos pela instituição em 2007, 218 eram brancos e 208 eram negros (KODATO, 2008).

Nesse mesmo cenário, Castro (2008) afirma que cerca de 20% das escolas pú-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 44 10/25/2012 2:44:34 PM

blicas do mesmo município encontram-se atualmente em condições de vulnerabilidade em relação a dois fatores importantes:

Primeiro, o tráfico de drogas e a violência escolar, pois, ainda baseando-se em dados do mesmo Observatório de Violência anteriormente citado, particularmente a questão das drogas no ambiente escolar acomete os usuários e demais envolvidos à margem do processo ensino-aprendizagem.

E, segundo, culminando na emersão dos chamados analfabetos funcionais nas salas de aula, pois o tráfico de drogas no ambiente escolar configura-se como o início dos comportamentos violentos entre os alunos, levando-os a atitudes inadequadas, como danos ao patrimônio público e privado, desrespeito às autoridades escolares e pequenos furtos, finalizando na evasão escolar.

Corroborando com essas afirmações e com a contextualização da violência escolar em Ribeirão Preto/SP, uma professora de língua portuguesa, de 37 anos de idade, relatou a um jornal municipal que foi agredida na data de 20 de fevereiro de 2008, no mesmo município, com socos e pontapés, por um aluno de 14 anos de idade, pertencente à sétima série do ensino fundamental de uma escola estadual.

De acordo com o relato da professora à polícia, o aluno a ofendeu verbalmente após ter sido repreendido por atrapalhar o bom andamento da aula e por ter sido solicitada sua retirada da sala, escoltado por um inspetor de alunos. O aluno, na saída, desprendeu-se da escolta e desferiu dois socos no rosto da referida professora que, na tentativa de fugir da agressão, tentou correr, mas foi derrubada, e o aluno ainda desferiu-lhe chutes na altura do estômago (JORNAL DOS PROFESSORES, 2008).

Concomitantemente, outros documentos também revelam dados que ratificam os resultados anteriormente descritos, pois, segundo relatos oficiais são inúmeras as ocorrências acerca da violência, principalmente quando verificadas nos sindicatos de professores municipais e estaduais da referida região, que demonstram que os docentes, assim como os demais pares envolvidos no ambiente escolar, parecem evidenciar uma possível internalização e uma consequente aceitação desses comportamentos indesejados, tomando-os como inerentes ao cotidiano escolar.

Segundo a APEOESP, a violência parece realmente fazer parte do cotidiano das escolas, especialmente aquelas que atendem a uma clientela de maior carência estrutural e familiar. Matiuzo (2006) relata que, ao ouvir os docentes envolvidos nestes acontecimentos, informa que eles reclamam, principalmente, da falta de funcionários nas escolas, especialmente inspetores de alunos, como um dos maiores empecilhos na coibição das ações de violência em horários como o do recreio, nas trocas de salas de aulas e nas entradas e saídas dos alunos das instituições escolares.

Aponta, ainda, que outros fatores foram relatados pelos docentes como potencializadores da violência escolar. São: salas de aulas superlotadas, sucateamento dos prédios públicos, baixa autoestima de professores e alunos, falta de acompanhamento especializado aos alunos que apresentam comportamento violento. Faltam assistentes sociais, psicólogos e demais agentes de saúde, tanto no que diz respeito ao apoio direto ao aluno como a seus familiares, conforme assevera.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 45 10/25/2012 2:44:34 PM

Considerando o que foi exposto, a violência escolar contextualizada no município de Ribeirão Preto/SP mostra-se em manifestações tão plurais como aquelas que encontramos no cenário nacional, como, por exemplo, os casos de roubos, furtos, tráfico de drogas no interior das escolas, o bullying, as agressões físicas e verbais entre os alunos e, também, entre os discentes e docentes. Manifestações estas que parecem alicerçadas na falta de formação adequada de professores para lidar com essa problemática e na falta de políticas educacionais que visem à amenização desses aspectos.

Encontram-se salas de aula superlotadas e o sucateamento de recursos diversos nas escolas públicas, como materiais didáticos e prédios, a falta de acompanhamento especializado para questões psicológicas e de apoio aos familiares, docentes e discentes, envolvidos nos casos graves de violência escolar. Falta, principalmente, uma rede de apoio ao trabalho escolar nos processos de enfretamento da violência, como a ação do conselho tutelar, da ronda escolar e da própria família.

Outra face da violência escolar, ou, pelo menos, uma de suas molas propulsoras, é o tráfico de drogas no interior das unidades de ensino de Ribeirão Preto/SP. No segundo semestre letivo de 2008, o CONSEG, entidade que promove ações de prevenção ao uso de drogas e bebidas alcoólicas entre estudantes na região central do referido município, decidiu solicitar ao Estado a instalação de câmeras de monitoramento no interior de algumas escolas , sob a alegação de que alguns alunos vendiam drogas e praticavam pequenos furtos na região central da cidade.

Nessa mesma região, estudavam 2.769 alunos, e como já existiam outras câmeras em funcionamento, já foram flagrados estudantes comprando e consumindo drogas de um guardador de carros que escondia os entorpecentes no interior de uma lixeira, além de gravações que revelaram o uso de cocaína por alunos das escolas centrais em plena luz do dia (YAMADA, 2008).

A mesma autora ainda informa que a polícia militar registrou, no segundo semestre de 2008, 11 ocorrências de tráfico de drogas nas escolas do centro de Ribeirão Preto. Um dos casos mais graves foi com um aluno da quinta série do ensino fundamental, de 11 anos, que era um dos principais comercializadores de drogas na referida região.

Seria necessária, então, uma intervenção urgente das autoridades competentes, com ações que pudessem minimizar essa problemática, e, sendo assim, o presente trabalho espera poder contribuir como ferramenta de orientação aos professores, pais, alunos, especialistas em comportamento humano e demais cidadãos, acerca dos problemas relacionados à violência que acomete o ambiente escolar e todo o seu entorno.

Pelo exposto até aqui, justifica-se a necessidade da presente investigação direcionar seu olhar à problemática da violência escolar, definida aqui, portanto, como a temática que norteou o presente estudo, assim como de uma maior e mais profunda reflexão acerca desse fenômeno mediante o processo de integração das ações dos gestores e das unidades de ensino, lógica de funcionamento para com as manifestações de violência e seu enfrentamento no ambiente pesquisado.

Para tanto, também foi necessária a procura pela fundamentação teórica, es-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 46 10/25/2012 2:44:34 PM

pecífica e suficiente, e que fornecesse os subsídios mínimos e necessários acerca do referido objeto de estudo. Visando potencializar as ações aqui propostas, inicialmente definiu-se o polo epistemológico acerca da definição de violência, no qual o autor fundamentou-se, assim como os sujeitos e os espaços sociais envolvidos na investigação.

Mapeando os caminhos da violência

O contexto analisado, evidenciou a necessidade de uma investigação, assim como uma melhor compreensão de alguns aspectos no momento de conhecer e analisar os determinantes da violência escolar, bem como os processos de enfrentamento pedagógico dessa problemática. A ideia era conhecer como a escola, por meio de ações pedagógicas específicas da disciplina de Educação Física, estabelece ações de enfrentamento da violência que acomete o ambiente escolar. Partindo desse rastreamento, entendeu-se que seria possível compreender melhor o fenômeno comportamental da violência escolar e, fruto disso, propor ações que possam contribuir com a minimização desses aspectos.

Processos metodológicos

Recorremos à abordagem qualitativa para o delineamento do estudo, baseando-se, principalmente, no interesse em analisar e compreender o fenômeno da violência escolar, não vinculado apenas a dados estatísticos e quantitativos acerca deste fenômeno social (ANDRÉ, 1995).

Essa abordagem, segundo Minayo; Deslandes e Gomes (2007), visa dar uma maior proximidade ao pesquisador com a realidade que se quer conhecer, investigar e analisar, sendo ela capaz de aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos, processos específicos de grupos, mais ou menos delimitados em extensão, e capazes de serem atingidos de forma mais intensa, sendo aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intenção, como inerentes aos atos, relações e às estruturas sociais, visando à transformação e à construção humana significativas.

É na abordagem qualitativa que se tem a possibilidade de responder a questões muito particulares, sendo que, nas ciências sociais e na saúde, elas ocupam-se com um nível determinado da realidade, que não pode e não deve ser quantificado, trabalhando em sua essência com o universo dos significados, assim como dos motivos, das necessidades, dos valores, das atitudes e crenças, como sendo um conjunto de fenômenos humanos e que são entendidos como parte de uma realidade social, devendo, em princípio, dar conta tanto das relações que constituem a base estrutural do estudo como das representações sociais que, por características inerentes, represam a vivência dessas mesmas relações experimentadas – principalmente pelos atores -, assim como as significações que se atribuem a suas próprias ações (MINAYO, 1996).

O estudo foi configurado, também, como pesquisa estratégica, possibilitando

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 47 10/25/2012 2:44:34 PM

entender a realidade e adequá-la aos objetivos propostos, pois essa modalidade baseia-se em teorias oriundas das ciências sociais, tendo como finalidade principal lançar luz sobre determinados aspectos de uma realidade, utilizando-se de instrumentos básicos de qualquer pesquisa, tanto no que diz respeito aos aspectos teóricos, como os metodológicos, porém, almejando a ação como finalidade primária, portanto adequada, segundo ponto de vista dos autores da investigação. (ANDRÉ e LÜDKE, 1995).

Visando potencializar os resultados esperados, alguns procedimentos foram utilizados, como a documentação indireta (pesquisa bibliográfica) e a documentação direta (entrevista formal), pois o estudo qualitativo prevê maior flexibilização, capacidade de reflexão e de interação do pesquisador com os sujeitos e, portanto, direcionado ao processo de comunicação entre os sujeitos, estabelecendo estratégias e procedimentos que permitem considerar as experiências do ponto de vista do informador (ANDRÉ, 1995).

A pesquisa bibliográfica foi realizada sobre temas da violência escolar, gestão escolar e formação de professores, em livros, textos, periódicos especializados em educação e saúde pública, artigos científicos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, anais de congressos, simpósios, conferências e de materiais (eletrônicos) coletados pela Internet, de onde foram extraídos os conteúdos, sintetizados, prevalecendo as opiniões dos autores.

Segundo Minayo (2006), é esse tipo de abordagem, desenvolvida com base em material já elaborado, que permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia se pesquisar diretamente, particularmente quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Nas entrevistas, as questões foram elaboradas de forma semiestruturada e previamente agendadas com os atores sociais; posteriormente, foram gravadas e transcritas, compostas por um conjunto de perguntas destinadas a conhecer e analisar como a escola, por meio de ações pedagógicas, específicas da disciplina de Educação Física, estabelece ações de enfrentamento da violência que acomete o ambiente escolar.

Para Minayo; Deslandes e Gomes (2007), a entrevista perfaz uma das estratégias mais utilizadas dentro dos processos de pesquisa de campo, sendo ela, sobretudo, uma conversa a dois, e/ou entre vários interlocutores, sempre realizada por iniciativa do próprio pesquisador que, por sua vez, deve ter por finalidade levantar informações pertinentes para um determinado objeto de pesquisa.

No caso específico da modalidade conhecida como semiestruturada, utilizada na investigação, os mesmos autores asseveram ser esta modalidade aquela que combina, concomitantemente, perguntas fechadas e perguntas abertas, sendo que o entrevistado, por sua vez, tem a possibilidade de discorrer e argumentar sobre o próprio tema, sem que necessariamente tenha que se prender apenas às questões, previamente formuladas.

Bardin (1977); Minayo; Deslandes e Gomes (2007) entendem que a definição amostral em uma pesquisa qualitativa não se encontra vinculada à representatividade numérica, ou seja, nesse tipo de abordagem metodológica preconiza-se a amostra capaz de indicar as irregularidades presentes nos enunciados, quer fossem eles escritos,

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 48 10/25/2012 2:44:34 PM

falados ou observados, assim como pudesse apontar suas peculiaridades, direcionando a atenção diretamente para o aprofundamento da compreensão do problema de pesquisa, e não com a generalização.

Considera-se o fato de o cenário das Unidades Educacionais pesquisadas ser composto por uma complexa pluralidade de atores sociais, tanto no que diz respeito a seus perfis como em suas funções, inerentes ou não no processo de auxílio à própria escola na minimização da violência.

Desse modo, o recorte será composto pelo total de dez professores de Educação Física, representantes também das nove escolas pesquisadas. O fato de acreditar que a disciplina mencionada funciona, ou deveria funcionar, como uma importante ferramenta pedagógica nos processos de enfrentamento do fenômeno da violência escolar, diante de maior aceitação de seus conteúdos, bem como pela diversidade de intervenções e espaços de aprendizagem.

A análise de dados encontrados utilizou a técnica de Análise de Conteúdo, modalidade de Análise Temática que, de acordo com Bardin (1977) e Minayo (1996), é fundamentada no tema, o qual pode ser representado graficamente por meio da palavra, frase e resumo, além do fato de se definir tema como a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado, segundo certos critérios relativos à teoria, e que serviu de guia à leitura.

A Análise Temática de um determinado texto resume-se em descobrir os núcleos de sentidos que fazem parte da comunicação, estudam a tendência, valores, opiniões e atitudes cuja presença tem alguma representação para o objeto definido (MINAYO, 1996).

Para Minayo, Deslandes e Gomes (2007), a análise de conteúdo também é aquela que perfaz um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que objetiva, por meio de procedimentos sistemáticos, descrever o conteúdo das mensagens, dos indicadores, quer sejam eles qualitativos e/ou quantitativos, permitindo a inferência de conhecimentos que sejam relativos às condições de produção e recepção dessas mesmas mensagens, sendo que os mesmos autores asseveram que essa modalidade de análise pode ser subdividida em:

Primeiro, a análise de avaliação ou representacional, que se presta a medir as atitudes do próprio locutor quanto aos objetos de que fala, considerando-se que linguagem representa e reflete quem a utiliza; segundo, a análise de expressão, que trabalha com indicadores que visem à inferência formal; e numa terceira, a análise de anunciação, que por sua vez costuma ser utilizada para analisar entrevistas com características abertas, trabalhando com as condições de produção da palavra, como a análise das estruturas gramaticais, a lógica da organização dos discursos, além da análise das figuras de retórica; e, por fim, a análise temática, que consiste no conceito central do tema, objetivando descobrir os núcleos do sentido que compõe a comunicação e cuja presença, assim como a frequência de aparição, pode significar algo para o objetivo analítico eleito pelo pesquisador (idem).

No que tange aos procedimentos éticos para a realização, a análise foi norteada pelos procedimentos estabelecidos pelas recomendações da Resolução nº.196/96,

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 49 10/25/2012 2:44:34 PM

do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa também foi previamente cadastrada no SISNEP – Sistema Nacional de Ética em Pesquisa – nº. 421198; área de conhecimento 4.00 – ciências da saúde – Educação Física – Nível: diagnóstico; grupo III

Em relação aos sujeitos de pesquisa, foi utilizado um TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide apêndice 2), alertando-os sobre todas as bases que norteavam a investigação, assim como sobre a importância e os riscos da participação de cada um; uma via ficou em posse do pesquisador e outra em poder dos sujeitos do estudo.

As Multiplas violências

Em reposta aos objetivos pospostos, constatou-se a coexistência do ambiente de aprendizagem da escola com "várias violências", entre elas, três que emergiram como as mais típicas no ambiente pesquisado. Já em relação à proposta de conhecer e analisar como a escola, por meio de ações específicas do componente curricular de Educação Física, depreendeu-se das análises que a maioria dos docentes entrevistados não possuiam qualquer estratégias de enfrentamento dessas questões, e, quando vislumbavam esse enfrentamento, o faziam sem qualquer orientação e/ou preparação, agindo com base em suas intuições e/ou experiências profissionais, por meio de ações que nem sempre surtiam o efeito desejado.

Considerações Finais

Assim, conclui-se que propostas de enfrentamento da violência, elaboradas pelas escolas, não foram observadas com o final das análises, quer fossem elas de cunho pedagógico, administrativo, político ou social.

Pode-se afirmar que tais dificuldades relacionaram-se, de forma direta, com as bases de suas formações, pois os resultados evidenciaram que os professores pesquisados eram docentes com pouca ou quase nenhuma experiência com situações de enfrentamento da violência escolar, incapacitados, portanto, de mediar com eficácia as relações conflituosas que se dão no ambiente escolar.

Sendo assim, outras atitudes educacionais que vão de encontro aos objetivos de uma comunidade escolar, a exemplo de professores ausentes, horários de aulas impóprios, salas superlotadas e falta de prática de atividade física, esta última, especificamente, influenciam diretamente no extravasamento da energia do jovem que, se não for liberada, acaba por canalizar-se para caminhos inadequados, como no caso das manifestações de violência e indisciplina escolares .

Mediante o que foi exposto, verifica-se que existem saídas para as problemáticas aqui levantadas, por meio de investigações científicas, como no caso da presente pesquisa, ou promoção de congressos, encontros e formação de grupos de estudos da violência, que envolvam especialistas em educação e saúde, mas também de toda a sociedade, buscando nas bases teóricas e práticas respostas para a minimização e o enfrentamento direto das manifestações de violência.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 50 10/25/2012 2:44:34 PM

Outra proposta que se faz consiste na abertura de um canal de comunicação entre as entidades interessadas nesse fenômeno social, pois se observa como são poucas as atitudes que em prol desses aspectos são tomadas, assim como se encontram isoladas de políticas públicas e da iniciativa privada.

REFERÊNCIAS

CASTRO, D. Educação Sob Risco. **Gazeta de Ribeirão.** Ribeirão Preto: 07 de setembro de 2008. Ano IV. Número 474. Disponível em: <http://www.cosmo.com.br>. Acesso em 07/09/20078.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**, Campinas, São Paulo, SP: Papirus, 1995.

DEBARBIEUX, Érec. **La violence en milieu scolaire**. État des lieux. Paris: ESF Éditeur, 1996.

EYNG; SERMANN; GISI; GOMES; ENS; CERCAL; FILIPAK. Políticas e gestão educacional: escolarização e violência. In: II° Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas, 2005, Pará. **Anais... Observatório de violência nas escolas da Universidade da Amazônia**. Belém do Pará, PA: UNAMA, 26 a 28 de outubro de 2005.

FERRIANI, Maria. G. C. **Saúde e escola: contradição e desafios**. Goiânia, GO: AB, 1997.

JORNAL DOS PROFESSORES. Violência nas escolas – aluno espanca professora em sala de aula. **Jornal do Centro do Professorado Paulista - CPP**: Ed. 395, p. 04, de 11/03/2008.

KODATO, Sérgio. **Observatório de violência e práticas exemplares: vínculos e estratégias.** Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2008. Projeto temático/FAPESP.

MATIUZO, Adriana. Jovens no Crime. **Gazeta de Ribeirão**. Ribeirão Preto, 18 de fevereiro de 2007. Ano III. Número 257. Disponível em: <http://www.gazetaderibeirao.com.br>. Acesso em 18/02/2007.

_____. Racismo na escola. **Gazeta de Ribeirão**. Ribeirão Preto, 16 de abril de 2006. Ano III. Número 365. Disponível em: <http://www.gazetaderibeirao.com.br>. Acesso em 16/04/2006.

_____. Violência nas Escolas. **Gazeta de Ribeirão**. Ribeirão Preto, 23 de março de 2006. Ano III. Número 316. Disponível em: <http://www.gazetaderibeirao.com.br>. Acesso em 23/03/2006.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 51 10/25/2012 2:44:34 PM

MINAYO, Maria. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. Ed. São Paulo, HUCITEC ABRASCO, 1996.

_____. **O desafio do conhecimento.** 9 Ed. Ampliada e aprimorada, São Paulo, SP: HUCITEC, 2006.

_____. DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 25ª ed. revista e atualizada. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. SOUZA, Edinelsa. R. Violência para todos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 1, p. 65-78. 1993.

OLIVEIRA, José.E. C. (2004) **O papel da disciplina de Educação Física na minimização da indisciplina escolar**. Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda (Dissertação de Mestrado).

REGO, Teresa. C. R. (1998) **A origem da singularidade humana**. Análises de hipóteses de educadores à luz da perspectiva de Vygotsky. São Paulo, SP: Faculdade de Educação/ USP (Dissertação de Mestrado).

YAMADA. Gabriela. Escolas Monitoradas. **Gazeta de Ribeirão Preto**: 28 de setembro de 2008. Ano IV. Número 483. p. 12. Disponível em: <http://www.cosmo.com.br>. Acesso em 28/09/2008.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 52 10/25/2012 2:44:34 PM

SEXO, GÊNERO E SUAS DIVERSAS FACES NA EDUCAÇÃO[1]

Iza Mara Pereira POTYE*
Célia Regina Vieira de Souza LEITE**

Resumo

O artigo é resultante de um trabalho de Iniciação Científica intitulado "Gênero e sexualidade: As reflexões existentes em Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação", que teve como objetivo a realização de uma pesquisa bibliográfica que investigou e analisou como são tratados os conceitos e as questões de gênero e identidade sexual, assim como as diferenças e diversidades sexuais, e verificou as bases teóricas em que os autores se apoiam para discutir suas reflexões apresentadas no livro "Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação", à luz da teoria de Joan Scott, em "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica". Durante a pesquisa foram utilizadas as reflexões empreendidas pela historiadora e socióloga feminista Joan Scott pelas relações de gênero.

Palavras-chave: *Gênero; Sexualidade; Educação; Corpo; Cultura.*

SEX, GENDER AND THEIR DIFFERENT FACES IN EDUCATION

Abstract

This article was written as a result of an Undergraduate Research report entitled "Gender and Sexuality: The existing reflections on 'Body, gender and sexuality – a contemporary debate on education'", which aimed at conducting a literature research that investigates and analyzes the treatment of concepts and issues concerning gender and sexual identity, as well as sex differences and diversity, and that verifies the theoretical bases that support the authors to discuss the ideas presented in the book "Body, gender and sexuality – a contemporary debate on education" according to Joan Scott's theory, in "Gender: a useful category for historical analysis". The research also comprises the reflections implemented by the historian and feminist sociologist Joan Scott about gender relations.

Keywords: *Gender; sexuality; Education; Body; Culture.*

---

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Graduanda do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: izapotye@hotmail.com

** Mestrado e Doutorado em Psicologia pela USP – Ribeirão Preto – SP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda e orientadora da pesquisa. E-mail: celiapsico@ymail.com

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 53 10/25/2012 2:44:34 PM

Introdução

Por se tratar de um assunto contemporâneo e presente no cotidiano das crianças e adolescentes, a sexualidade e a identidade sexual e de gênero precisam ser constantemente discutidas, de forma a promover o respeito à diversidade sexual na sociedade. Sabemos que educação não se faz somente na sala de aula, mas, também e principalmente, por intermédio de aparatos tecnológicos e culturais muito diversificados, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, as revistas e, inclusive, os livros e os currículos das escolas e universidades. O assunto passou a integrar, inclusive, os conteúdos do item **Orientação Sexual**, tema transversal, contemplado pelos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais. Assim, é de suma importância que observemos como são tratados esses assuntos pelos teóricos que encontramos nos livros (didáticos ou não), para refletirmos e discutirmos sobre os modelos-padrões existentes atualmente acerca das questões de gênero que permeiam o universo educativo.

Dessa forma, analisaremos as bases teóricas em que os autores se apoiam para discutir suas reflexões apresentadas no livro **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**, à luz da teoria da historiadora e socióloga feminista Joan Scott, em seu texto *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*[2].

Sexo, gênero e suas diversas facetas

Ao decidirmos discutir as questões de gênero, temos consciência que todo fato histórico tem um pouco da tradução que o historiador lhe agrega; assim, nem sempre reproduz uma cópia fiel da realidade vivida. Segundo Scott (1994, apud SIQUEIRA, 2008, p. 111), *História é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido.* O que temos documentado pode não ser a verdade absoluta sobre a vivência de homens e mulheres, mas nos dá uma noção sobre como se construiu o gênero ao longo dos tempos e nos ajuda na reflexão desses conceitos e na articulação de novas maneiras de pensar.

Para iniciar uma discussão a respeito de gênero, é necessário que busquemos alguns significados de palavras diretamente relacionadas ao assunto. É bem claro que esses significados não são muito fáceis, visto que todas as palavras, assim como as ideias e coisas, possuem uma influência histórica e contextual, porém o mesmo se faz necessário. Para tanto, utilizaremos várias definições, dadas por diversas fontes de consulta e diversos autores.

Inicialmente, podemos utilizar o texto Gênero: o que é isso?, que traz alguns significados de gênero (masculino e feminino) com base nas definições encontradas no dicionário da Língua Portuguesa. O autor menciona que existem diversas definições, em diferentes aspectos; contudo, ele traz somente aquelas que lhe interessam e que serão as mesmas utilizadas no presente trabalho.

[2] Disponível em < http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> não paginado.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 54 10/25/2012 2:44:35 PM

> *[...] Se olharmos de novo no dicionário e tentarmos encontrar o significado de mulher, deparar-nos-emos com a seguinte afirmação: "O ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos e que se distingue do homem por essas características". Encontramos ainda as designações "Mulher à toa", "Mulher de comédia", "Mulher de rótula", "Mulher de rua", "Mulher da vida", "Mulher de amor", "Mulher de má nota", "Mulher de ponta de rua", "Mulher de fado", "Mulher de fandango", "Mulher de mundo", "Mulher do pala aberto", "Mulher errada", "Mulher fatal", "Mulher perdida" e "Mulher vadia". De todas as dominações de mulheres que o linguista assinala, somente duas não têm o significado assinalado como Meretriz! (grifo meu): "Mulher de César" e "Mulher de piolho".* (FERREIRA, 1986, p. 1168)[3].

Ainda utilizando-se do que foi exposto no mesmo texto:

> *Já para o significado do Homem, o dicionário aponta 'qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva, o ser humano' dotado 'das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual etc., Macho – homem que é homem não leva desaforo para casa'* (FERREIRA, 1986, p. 903). *Entre os sentidos, tipos de dominação de homem, não existe nenhuma designação que tenha o sentido pejorativo ou signifique o gigolô. Pelo contrário, todos os sentidos do termo seguem no rumo da definição geral, de 'alguém que apresenta um maior grau de complexidade na escala evolutiva'* (FERREIRA, 1986, p. 903). *Então, aqui percebemos que temos mais do que uma dualidade de sentidos: nós temos, na verdade, um diferencial de pesos/poderes para os termos de Mulher e Homem.*

É estranho, porém não acredito que seja coincidência, que o dicionário mais utilizado no Brasil nos apresente tanta discrepância nos significados de homem/mulher, e que traga tamanha diferença de posição e de poder a esses dois termos, tão distantes também na sociedade brasileira. A mulher, apresentada como, no máximo, um ser reprodutor (única característica positiva), e o homem, exaltado, enaltecido em suas funções e significados sociais. O dicionário ainda traz definições bem discrepantes e masculinizadas dos termos masculino/feminino, como aponta o texto **Gênero: que é isso?**

> *[…] Só assim entende-se, prosseguindo na busca do significado e adentrando ainda mais na gramática na busca do sentido de masculino e feminino, o que seriam os dois sexos em que a sociedade normalmente divide os seres humanos. Mas, examinando o que determina o dicionário, encontramos o significado de Masculino: "diz das palavras ou nomes que pela terminação e concordân-*

[3] Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_queisso.html> não paginado.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 55 10/25/2012 2:44:35 PM

> *cia designam seres masculinos ou como tal considerados*" (FERREIRA, 1986, p. 1099) *Já para o Feminino, nos revela a bondosa gramática: "diz-se do gênero de palavras ou nomes que, pela terminação e concordância designam seres femininos ou como tal considerados (p. 768)."*

Podemos notar, então, que os significados são representações de culturas dominantes, de interesses sociais, e servem como meios de se instituir numa sociedade a naturalização das diferenças e dos domínios existentes. O próprio dicionário já vincula os termos à simples terminologia das palavras.

Assim, podemos perceber que as definições apresentadas também estão baseadas na construção social que se faz a respeito de gênero, construção esta estabelecida pela cultura predominante. Temos, inclusive, nosso dicionário apontando uma visão excludente e preconceituosa do que trataremos neste trabalho, ou seja, daquilo que se pretende apresentar e explicitar por gênero.

Para melhor entender a história que permeia este assunto, temos que recorrer à década de 1970 e mencionar a revolução feminina, que pretendia atacar o significado biológico atribuído ao termo gênero, *na tentativa de dar estatuto de saber à vivência e estudos sobre a mulher* (GÊNERO, 2010, não paginado), em *viabilizar o feminino enquanto elemento qualitativo e constitutivo da população e das instituições brasileiras* (GÊNERO, 2010, não paginado). As pesquisadoras feministas alegavam a importância dessas pesquisas sobre as mulheres ao fato de que poderiam trazer uma transformação aos trabalhos científicos existentes, com novos paradigmas e premissas críticas. A mulher já havia adentrado a classe trabalhadora; porém, a preocupação nesse momento era incluir a mulher em movimentos e atividades públicas e políticas, em temáticas que levassem em conta sua experiência pessoal e subjetiva, sua participação ativa, principalmente com suas ideias. *"Era necessário mais do que visibilizar a Mulher. Precisava-se entender o Sujeito Mulher, a Identidade Feminina, desvendando as relações do cotidiano"* (GÊNERO, 2010, não paginado). Acontece que, mesmo nessa tentativa, as mulheres ainda se colocavam em segundo plano, *A história era (ou ainda é) construída sem levar em conta a participação da mulher, suas conquistas e anseios, sua forma de ver o mundo e interagir com ele.* (CASAGRANDE; CORRÊA, 2010, não paginado).

Foi a partir dessa posição que, a partir de 1989, a discussão feminista inicia uma tentativa de encontrar aliadas, resgatando essas mulheres que já haviam saído da invisibilidade social e que ainda continuavam acuadas, falando para elas mesmas. Porém, o que vemos é que a história não saía da fala, dos estudos. Na prática, as mulheres continuavam não participando das práticas e relações sociais. Assim, procura-se *compreender a noção de Gênero enquanto possibilidade de instaurar a dialogicidade no seio dos movimentos e da ciência* (GÊNERO, 2010, não paginado), e uma tentativa de dissociar o termo gênero como sinônimo de mulher, tentando atribuir-lhe um significado verdadeiro e eliminando as diversas significações a ele atribuídas, cada uma com enfoque naquilo que lhe importava.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 56 10/25/2012 2:44:35 PM

> *[…] antropólogos, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos foram dando cores diferentes ao conceito, conforme a bagagem conceitual específica que suas disciplinas traziam.* (SIMIÃO, 2000, apud CASAGRANDE; CORRÊA, 2010, não paginado).

E, assim, o termo *gênero* assumiu diferentes significações, em diferentes sentidos. Em alguns casos, era considerado somente para diferenciar o sexo, sem considerar o contexto sócio-histórico-cultural, em outros somente a forma como se relacionavam, em outros como homens e mulheres viviam em mundos separados; porém, em todas as definições acima, podemos observar que os autores baseiam-se na mulher como referencial, eles usam a *história das mulheres*, que passou a ter ênfase após os movimentos feministas de 1970, para falar de gênero. Uma consequência dessa atitude é continuar dando à mulher um lugar diferenciado do lugar dos homens, muitas vezes diminuindo seus valores em detrimento dos temas masculinos dominantes. Nesse sentido, encontramos nos textos de Joan Scott uma preocupação em tratar as relações homem/mulher de forma que não sejam vistos em separado, em compreender porque e como as mulheres, no decorrer da *história*, passaram a pertencer a essa história e deixaram de ser invisível aos olhos dos historiadores, o porquê dessa invisibilidade da mulher no processo de produção do conhecimento histórico para, dessa forma, conceituar gênero como categoria útil de análise.

De acordo com Siqueira (2008, p. 114), encontramos a análise da teoria de Scott, na qual, na tentativa de conceituar gênero, Scott afirma que *gênero tanto é construído através do parentesco, como também na economia, na organização política, enfim em outros lugares igualmente fundantes* (SCOTT, 1990, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 114). Portanto, Scott considera que as relações entre os sexos são construídas socialmente; porém, isto não basta para ela, visto que não é suficiente para explicar a desigualdade existente, que privilegia o sujeito masculino, nem é suficiente para mudar os paradigmas históricos existentes. Assim, Scott utiliza-se da presença do poder na construção do conceito gênero, dizendo que *o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder* (SCOTT, 1994, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 115).

Siqueira (2008, p.115) continua, analisando o que diz Scott, e afirma que, segundo ela, gênero é um saber relativo, *cujos usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e subordinação - são construídas*, e fala, ainda, sobre a existência do que conhecemos e nos embasamos no que se refere às diferenças sexuais, afirmando que estão diretamente ligadas a uma *compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas e ainda um modo de ordenar o mundo e como tal não antecede a organização social, mas é inseparável dela.* Assim, Scott atribui uma responsabilidade maior aos historiadores, no sentido de examinar definições, a política na qual aquele fato está envolvido, percebendo de quem é o interesse em controlar ou contestar significados e qual a natureza desse interesse. Aos historiadores feministas cabe:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 57 10/25/2012 2:44:35 PM

> *Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto-evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos* (SCOTT, 1994, apud SIQUEIRA, 2008, p. 116).

Esse conhecimento histórico é essencial para a formação do conceito de gênero, pois, tem a responsabilidade de mostrar mais profundamente tudo que está intrínseco àquilo que temos na história da mulher, buscar respostas para sua invisibilidade, segundo Scott (1994, *apud* SIQUEIRA, 2008, 116) é:

> *Historicizar gênero, enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias "mulheres" e "homens", e os modos pelos quais essas categorias se articulam em temos da outra, embora de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento.*

Algumas análises

Gênero e educação: teoria e política

O texto *Gênero e educação: teoria e política*, de Dagmar Estermann Meyer, título do primeiro capítulo do livro **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação** traz, por meio de uma manchete de artigo de jornal, a defesa de uma teoria de que o conceito de gênero é um instrumento teórico, político e pedagógico para o questionamento das desigualdades sociais e da naturalização das verdades. Ela defende também que este conceito pode servir de recurso para nós, educadores, pois o mesmo, desde que seja bem trabalhado, pode dar condições para que os professores se utilizem dele para estimular uma consciência crítica e promover uma reforma, uma desnaturalização daquilo que temos hoje como verdades sociais. Por meio da manchete **Mudanças sociais alimentam a obesidade**, Meyer, assim como Scott, vem mostrar que *os estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes* (SCOTT, 2010, não paginado), que os estudos, ainda hoje, não são, do ponto de vista feminista, irrelevantes e inofensivos para a formação de opiniões extremamente voltadas aos interesses da classe dominante, que o conceito

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 58 10/25/2012 2:44:35 PM

de gênero está sendo utilizado na formação de uma linguagem que diz aquilo que se pode entender de corpos masculinos e femininos.

> *E é nesse contexto que as feministas se viram frente ao desafio de demonstrar que não são características anatômicas e fisiológicas, em sentido estrito, ou tampouco desvantagens socioeconômicas tomadas de forma isolada, que definem diferenças apresentadas como justificativa para desigualdades de gênero. O que algumas delas passariam a argumentar, a partir daqui, é que são os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se re-conhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico* (MEYER, 2007, p. 14).

Nessa perspectiva, Meyer vem nos mostrar que o gênero não é determinado biologicamente, mas que é o resultado de uma construção social e cultural, produto das relações de poder. Que o estudo do gênero é ferramenta para a desnaturalização daquilo que nos é transmitido via meios de comunicação ou outros, a respeito de nos reconhecermos como homens ou mulheres, da forma que masculinidades e feminilidades são vivenciadas e que se articulam a muitas marcas sociais, como classe, etnia e religião. A autora exercita esse olhar tecendo a importância dessas questões na educação, no sentido de nos possibilitar reconhecer as intenções de muitas questões trazidas, como a notícia por ela mencionada, que deixa claro a forte relação de poder das classes dominantes:

> *[...] deixa-se de enfocar, de forma isolada, aquilo que mulheres ou homens fazem ou podem fazer ou os processos educativos pelos quais seres humanos se constituem ou são transformados em mulheres ou homens, mas considera-se a necessidade de examinar os diferentes modos pelos quais o gênero opera estruturando o próprio social que torna estes papéis, funções e processos possíveis e necessários.* (MEYER, 2007, p. 18).

Deixando claro como se consegue mascarar e reproduzir questões de gênero, ao invés de proporcionar reflexões sobre elas, Meyer traz a importância de se discutir entre educadores e planejadores de políticas públicas a questão da avaliação no cotidiano escolar com *olhos* de gênero, a fim de eliminar (ou iniciar um processo) distinções preconceituosas.

> *O feminismo e os movimentos sociais de grupos minoritários, que vieram junto com ele ou depois dele, e os que se agregaram a eles, ajudaram então a redefinir e a ampliar não só os sentidos de educativo, mas também os de político, de um modo tal que temas como corpo, sexualidade, maternidade, relações afetivas e muitos*

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 59 10/25/2012 2:44:35 PM

> *outros mais pudessem ser problematizados a partir deles. Também por isso, sigo apostando que promover pesquisa na perspectiva de gênero possibilita não só discutir e repensar nossa inserção social como mulheres e homens e como profissionais da educação, mas pode contribuir, efetivamente, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, não só no que se refere ao gênero, mas em todos os seus níveis e relações.* (MEYER, 2007, p. 26).

Enfatiza a importância de reconhecer, dentre os diversos meios de educação e comunicação, a forma como pretendem nos educar como sujeitos de gênero, a importância de *refletir sobre esses processos e nossa participação neles, no âmbito da escola ou em qualquer outro espaço, é fazer uma discussão política* (MEYER, 2007, p.25).

Assim como Meyer defende em seu texto a discussão sobre gênero com a finalidade de desnaturalizar verdades que hoje encontramos em nossa sociedade, mas que são constituídas historicamente através do olhar excludente dessa mesma sociedade e da forma como essa história foi transmitida ao longo de tantos anos, a autora Joan Scott discute em seu texto essa problemática. Segundo Scott:

> *História é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido*" (SCOTT, 1994, apud SIQUEIRA, 2010, p.111).

Dessa forma, Scott também defende que os educadores e pesquisadores devam discutir mais sobre o assunto, para que possam contribuir com a desmarginalização da mulher, com o olhar excludente da sociedade e, assim, deixar de simplesmente reproduzir o que se tem a respeito da representação de gênero para tratá-lo com a devida reflexão, num contexto político-crítico. Scott afirma que:

> *[...] a história das mulheres tem uma força política potencialmente crítica, uma força que desafia e desestabiliza as premissas disciplinares estabelecidas, principalmente, porque este tipo de história questiona a prioridade relativa dada à 'história do homem', em oposição à 'história da mulher'[...]* (SCOTT, 1994, apud SIQUEIRA, 2010, p. 113).

A Produção cultural do corpo

No texto *A produção cultural* do corpo, de Silvana Vilodre Goellner, título do segundo capítulo do livro *Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação*, a autora utiliza como referência os Estudos Culturais e a História do Corpo para desenvolver sua teoria, e defende que não somente a cultura e a história constroem o corpo, mas também a linguagem, ou seja, os adereços que o corpo utiliza, conferindo-lhe marcas, classificando-o e definindo-o como feio ou belo, normal ou anormal. Atribui a classificação do corpo à origem política, pois assim o corpo é aceito ou excluído de uma sociedade.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 60 10/25/2012 2:44:35 PM

> *[...] Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.* (GOELLNER, 2007, p. 29).

> *[...] o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidade e anormalidades, [...] Representações estas que não são universais nem mesmo fixas.* (GOELLNER, 2007, p. 29).

O cuidado com o corpo, a partir do século XVIII, passou a ser igual ao cuidado que a sociedade capitalista tinha com máquinas, a fim de torná-las potencialmente produtivas, de forma que não desperdiçassem energia e atuassem em seu total rendimento e utilidade. As pedagogias educativas condicionavam gestos, davam ao corpo sua forma, sentimento e caráter. A cor da pele, o sexo, tamanho do crânio e outras características físicas determinavam a posição hierárquica que esse sujeito ocuparia na sociedade.

> *[...] Por vezes, os negros e/ou as mulheres foram considerados inferiores exclusivamente porque seus corpos apresentavam algumas características biológicas nomeadas por essa mesma ciência como inferiores, incompletas ou díspares.* (GOELLNER, 2007, p. 34).

> *[...] Frequentemente, a atenção dedicada ao gênero não é explícita mas constitui, no entanto, uma dimensão decisiva da organização da igualdade e desigualdade.* (SCOTT, 2010, não paginado).

> *[...] A legitimação da guerra – sacrificar vidas de jovens para proteger o Estado – tomou formas diversificadas, desde o apelo explícito à virilidade (a necessidade de defender as mulheres e as crianças, que de outra forma seriam vulneráveis) até a crença no dever que teriam os filhos de servir aos seus dirigentes ou a seu (pai o) rei, e até associações entre masculinidade e potência nacional.* (SCOTT, 2010, não paginado).

Goellner aponta a posição central que o corpo ocupa atualmente na definição do sujeito, trazendo incorporados valores antigos e, também, definindo sua identidade através de um biotipo previamente determinado, onde aquele que não está preocupado em possuir essa marca é considerado *desleixado*. Sinaliza para as tecnologias que temos no campo da estética, com próteses, implantes e vitaminas que prometem jovialidade ou vida longa, pois as mesmas também estão relacionadas ao controle e disciplina dos indivíduos na produção de um corpo previamente estabelecido. Entretanto, Goellner (2007, p. 39) afirma que *...nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam* e, portanto, temos a capacidade de reagir, resistir, negociar e refletir sobre sua construção e sua verdadeira importância.

> *[...] Corpos que, simultaneamente, mantêm vínculos com o passado e carregam em si potencialidades do futuro visto que a ciência,*

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 61 10/25/2012 2:44:35 PM

> *ao ampliar seus recursos técnicos, permite ações antes impensadas, como por exemplo, a mudança de sexo, a leitura dos genes e a clonagem animal e humana.* (GOELLNER, 2007, p. 38).

Ao mesmo tempo em que temos esse corpo único, característico do nosso **eu**, de nossa subjetividade, temos o mesmo corpo construído coletivamente, semelhante e similar a diversos outros produzidos no mesmo tempo e cultura.

Assim como Goellner, Scott também destaca em seu texto o uso do *corpo sexuado* para justificar algumas definições impostas socialmente.

> *[...] O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as "construções sociais": a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.* (SCOTT, 2010, não paginado).

Ambas assumem as influências histórica, social e cultural sofridas pelo corpo, e concordam com a *política sexual* dominante no seio das sociedades, assumindo a importância de sua existência para o capitalismo, assim como vem acontecendo com todas as classes dominantes de nossa história: *[...] parece importante ressaltar que a mudança nas relações de gênero pode acontecer a partir de considerações sobre as necessidades do Estado.* (SCOTT, 2010, não paginado).

Erotização dos corpos infantis

No texto *Erotização dos corpos infantis*, título do quarto capítulo do livro **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**, a autora Jane Felipe, baseada em estudos culturais e feministas e em pensadores, vem nos apresentar o valor que atribuímos ao corpo e a atenção que vem sendo dada a este ao longo da história. Um corpo responsável por estilizar, estatizar, selecionar, incluir e excluir.

A autora pretende nos mostrar que o foco no corpo não está mais centrado apenas entre os adultos, mas as crianças também já são induzidas e condicionadas a exaltar a beleza e a vaidade, principalmente as meninas, pois se deparam com a mídia impondo formatações de uma beleza dada como inerente ao feminino, com muitos produtos e brinquedos que estimulam esse culto. As crianças são vistas como *pequenos consumidores* e reprodutores do modelo cultuado pela sociedade.

Essa mesma mídia vem nos apresentando uma erotização infantil, o que tem causado *efeitos significativos na construção das identidades de gênero e identidades sexuais das crianças, especialmente em relação às meninas* (FELIPE, 2007, p.56). Assim, vemos hoje uma contradição, em que temos, de um lado, a condenação às práticas sexuais com crianças (pedofilia) e, do outro, o estímulo à erotização e à sedução infantil.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 62 10/25/2012 2:44:35 PM

Para melhor entendimento desse assunto a autora historiciza a pedofilia, mostrando que as práticas sexuais com crianças estiveram presentes em diferentes tempos e culturas, e afirma que esses conceitos são construídos historicamente por um determinado grupo/sociedade; assim, deve sempre nos levar a um questionamento, a uma reflexão a respeito da identidade, do corpo e da sexualidade que nos é apresentada, e nos entorna, pois é esse entorno que nos direciona e estimula nossas escolhas (e aqui me refiro à escolha do objeto sexual).

> *Não se trata, portanto, de afirmar a existência de uma "natureza" ou "essência" que conduza a este tipo de comportamento (ou preferência) pela juventude, mas ressaltar o quanto há de investimento, nas mais diversas sociedades e épocas, para que tal comportamento se efetive como uma prática comum. As representações sobre sexualidade, corpo e gênero veiculadas em especial pela mídia têm subjetivado não só adultos, homens e mulheres, mas também têm trabalhado minuciosamente para a formação das identidades infantis e juvenis nos nossos dias.* (FELIPE, 2007, p. 63-64).

Scott (2010) nos chama atenção para esse problema de formação de identidade infantil. Para ela, a criança, por meio das relações sociais e de suas experiências, cria sua identidade e atribui significação ao mundo que a rodeia, sendo que essas relações e experiências são muito influenciadas pela sociedade em que vive, por aquilo que essa sociedade dita e representa as coisas, por meio das quais a criança se apropria e atribui simbologias em sua vida.

> *Eu acho que não podemos fazer isso sem dar uma certa atenção aos sistemas de significação, isto é, às maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido as experiência.* (SCOTT, 2010, não paginado).

Educação sexual: possibilidades didáticas

O texto **Educação sexual: possibilidades didáticas**, de Jimena Furlani, título do quinto capítulo do livro *Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação*, traz à discussão a educação sexual para crianças do Ensino Fundamental. Uma educação que busque desfazer os modelos de sexualidade, as verdades absolutas *mostrando o jogo de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção* (FURLANI, 2007, p. 69) cuja temática, segundo a autora, deve ser abordada continuamente com as crianças e não somente em atividades pontuais e esporádicas.

> *O importante é tornar a discussão da sexualidade algo tranqüilo, comum. Para isso é necessário criar o hábito de discutir a temática.* (FURLANI, 2007, p. 77)

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 63 10/25/2012 2:44:35 PM

O ponto de partida, segundo a autora, deve ser a linguagem que os educadores utilizam para tratar do assunto, devendo estar sempre atentos para não afirmar ou reproduzir associações e analogias pré-determinadas pelo normalismo.

Da mesma maneira, Scott fala do uso da linguagem no processo de transmissão do conhecimento à criança, A linguagem *[...] é a chave do acesso da criança à ordem simbólica. Através da linguagem a identidade de gênero é construída.* (SCOTT, 2010, não paginado).

Para isso Furlani cita o erro que cometemos ao usarmos o termo *homem* para nos referirmos ao ser humano, ou mesmo quando generalizamos tudo no masculino, reforçando a intencionalidade política. Ela nos mostra que o uso desse termo foi instituído em um momento histórico anterior aos movimentos feministas e acredita que, se o mesmo fosse criado posteriormente, *em vez de usar como referência a palavra 'homem' para designar a espécie, talvez a referência fosse a palavra 'pessoa', que em latim é persona* (FURLANI, 2007, p. 71).

Scott (2010, não paginado) também acredita que os movimentos feministas poderiam ter causado uma transformação na concepção que se atribui ao termo homem, pois,

> *As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico.*

A autora ainda faz menção ao cuidado que se deve ter ao tratar sobre as diferenças anatômicas entre meninos e meninas, para que se faça a comparação correta entre os órgãos que se deseja comparar, como pênis e vulva e não pênis e vagina, e também sugere que se apresente o conhecido *aparelho reprodutor* como *aparelho sexual* pois esta é sua função, em que a reprodução *deve ser uma consequência e um direito de escolha* (FURLANI, 2007, p.74).

Como a pós-modernidade nos trouxe outros modelos de família, Furlani sugere que isto seja trabalhado com as crianças, de forma espontânea, mostrando por meio de exemplos que outras formas de família, além daquela determinada como *normal*, também são possíveis. Com isso ela pretende possibilitar que as crianças discutam os modelos pré-determinados em nossa sociedade e saibam que a exclusão, a discriminação e o preconceito são mecanismos criados para atender àqueles que querem e detêm o poder.

Scott (2010, não paginado) dizia que:

> *O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava inicialmente o compromisso do(a) pesquisador(a) com uma história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão; assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em relação o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos.*

Esses movimentos não conseguiram atingir completamente seu objetivo, pois

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 64 10/25/2012 2:44:35 PM

o que vemos, nos dias de hoje, é que a exclusão de classes, etnias e sexo ainda é predominante.

> *Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi reconhecê-la, colocá-la em um domínio separado ou descartá-la [...]* (SCOTT, 2010, não paginado).

Fica comigo *gay* - O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil?

O texto *Fica Comigo Gay – O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil?*, da autora Rosangela Soares, é o título do décimo capítulo do livro **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**, e vem discutir, a partir do programa Fica Comigo da MTV, a presença e a importância da mídia nas questões relacionadas à sexualidade da juventude na contemporaneidade, lembrando sempre que os processos pedagógicos estão presentes nas diversas instâncias dos meios de comunicação. Soares discute como esse programa atua no comportamento social da juventude.

Soares (2007) afirma que há uma *construção da normalização* que institui regras à sociedade, determinando o *normal* e o *anormal*, através dos quais as relações de poder são construídas e exercidas. Ela traz alguns detalhes desse programa, como o cuidado na escolha do candidato, da platéia e do contexto todo, a fim de tornar a *situação o mais normal possível*, apresentando dessa forma uma norma social e um padrão de comportamento para ser gay, típica da sociedade ocidental. Para que *um gay possa participar do programa* [...] fica estabelecido o que não pode aparecer, ou seja, outros tipos de gay que são considerados indignos, desprezíveis e chocantes. (SOARES, 2007, p. 143).

Soares utiliza-se da teoria de Guacira Louro para concluir seu texto. Destacando o impacto positivo que o programa teve na crítica, sendo considerado inovador, oportuno e importante para o rompimento dos preconceitos, a autora nos alerta para a inversão de lugares que o programa promoveu, *houve uma transferência da posição marginalizada para a posição central* (SOARES, 2007, p. 145), de forma que não deixou de considerar a situação como excepcional e baseada no *normal e num modelo heterossexual. A preocupação da direção do programa da MTV vem nos provar que [...] a sexualidade está relacionada ao poder e ao político e que a sexualidade não é apenas uma questão de caráter íntimo e individual.* (SOARES, 2007, p. 146-147). Ela é construída socialmente e pela sociedade regulada.

Dessa mesma maneira Joan Scott (2010) conceitua gênero, afirmando que os

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 65 10/25/2012 2:44:35 PM

historiadores ainda estão preocupados em estudar o *diferente* em função do *geral*, ou seja, estudar a *história das mulheres* baseando-se na *história da sociedade*, como se os dois acontecessem separadamente.

> *O "gênero" é um novo tema, novo campo de pesquisas históricas, mas ele não tem força de análise suficiente para interrogar (e mudar) os paradigmas históricos existentes* (SCOTT, 2010, não paginado).

Scott defende gênero como algo historicamente construído e diretamente relacionado ao poder e ao político, em que *... a mudança nas relações de gênero pode acontecer a partir de considerações sobre as necessidades do Estado*. (SCOTT, 2010, não paginado). Assim, observamos a abordagem dada pelo programa da MTV como um assunto presente na contemporaneidade e que necessariamente deve ser tratado com *normalidade*, mas que teve todos os cuidados necessários para não *chocar* a sociedade, tendo sido apresentado dentro de *padrões* socialmente constituídos.

Considerações Finais

Após fazermos o estudo comparativo entre a obra de Louro, Felipe e Goellner (2007) e o texto de Scott (2010), pudemos perceber que a proposta do livro é mostrar e instigar um olhar mais apurado sobre os processos educativos – formais e informais – com relação aos papéis sociais.

Vimos que as propostas finais de textos didáticos, programas de TV e revistas voltadas para o público *teen* mostram a preocupação na vigilância e controle dos corpos de crianças, jovens e adultos, deixando claro o exercício do poder na manutenção da reprodução social.

Afirmamos que Scott (2010), ao apresentar seu texto *Gênero uma categoria útil para a análise histórica*, mostrou-se pertinente e, porque não dizer, *útil* para conhecer melhor a natureza, suas funções e relações das questões de gênero presentes nos textos que compõem o livro **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Reafirmamos a importância e a necessidade da produção, cada vez maior, de trabalhos que possam questionar, refletir e até denunciar posturas reprodutoras de papéis que mantenham os cidadãos e as cidadãs alienadas de sua participação social.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, Lindamir S.; CORREA, Ronaldo O. **Definindo Gênero**. Disponível em <http://www.ppgte.cefetpr.br/grupos/genero/trabalhos/genero.pdf>. Não paginado. Acesso em 12 novembro 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 66 10/25/2012 2:44:35 PM

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade –** um debate contemporâneo na educação. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 53-65.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade –** um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 66-81.

GÊNERO: O que é isso? Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_queisso.html> não paginado. Acessado em 23 setembro 2010.

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade –** um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 28-40.

LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado –** pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira L. Gênero: questões para educação**.** In. BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. (orgs.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo, SP: Fundação Carlos Chagas; Editora 34, 2002a. p. 225-242.

LOURO, Guacira L. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In. **Labrys, estudos feministas.** número 1-2, julho/ dezembro 2002b. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/guacira1.html> Acesso em: 01 março 2010.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação –** uma perspectiva pós-estruturalista**.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade –** um debate contemporâneo na educação**.** 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEYER, Dagmar E. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 9-27.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> Acesso em: 27 julho 2010.

SIQUEIRA, Tatiana L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**, v. 8, jun 2008, p. 110-117. Disponível em <http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo_09.pdf> Acesso em 27 julho 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 67 10/25/2012 2:44:35 PM

SOARES, Rosangela. Fica comigo gay – O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil? In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade –** um debate contemporâneo na educação. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 136-148.

TUBERT, Silvia (ed.). **Del sexo al género –** los equívocos de un concepto. Madrid: Cátedra, 2003.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p1.indd 68 10/25/2012 2:44:35 PM

A FILOSOFIA DA HISTÓRIA NA CONCEPÇÃO BENJAMINIANA[1]

Jaelison Neris dos SANTOS*
Amir ABDALA**

Resumo

O artigo discute a concepção de história desenvolvida pelo filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). Pertencente à chamada Escola de Frankfurt, grupo de estudiosos que se articulou em torno da preocupação de compreender os rumos da civilização ocidental no século XX, Benjamin desenvolveu notável reflexão sobre a modernidade. Sob essa perspectiva, a história assume importância considerável em seu pensamento, especialmente com a condenação de suas versões tradicionais, a história dos vencedores ou historicismo, e com sua proposta de reformulação da investigação histórica, sendo esta inspirada diretamente no materialismo dialético. Destaca as relações entre a filosofia da história de Benjamim e a perspectiva histórica do materialismo dialético.

Palavras-chave: *Filosofia da História; Materialismo Dialético; Historicismo; Escola de Frankfurt; Modernidade.*

THE PHILOSOPHY OF HISTORY IN A BENJAMINIAN CONCEPTION

Abstract

This article examines the conception of history developed by the German philosopher Walter Benjamin. Belonging to the Frankfurt School, a group of scholars who articulated the concern to understand the trajectory of Western civilization in the twentieth century, Benjamin developed remarkable reflections on modernity. From this perspective, history presents considerable importance in his thinking, especially with the disapproval of traditional versions, the history of the vanquisher or historicism, with its proposal to recast historical research, which is directly inspired by dialectical materialism. Our study aims to examine the relations between Benjamin's philosophy of history and the historical perspective of dialectical materialism.

Keywords: *Philosophy of History; Dialectical Materialism; Historicism; Frankfurt School; Modernity.*

---

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: jardson_rp@hotmail.com

** Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda e orientador da pesquisa. E-mail: amirr@ig.com.br.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 69 10/25/2012 2:44:50 PM

Introdução

Walter Benjamin nasceu em Berlim, em *15 de julho* de 1892, e morreu em Portbou, no dia 27 de setembro de 1940. Em sua adolescência, participou do Movimento da Juventude Livre Alemã, compartilhando suas ideias socialistas. Foi um filósofo que experimentou grandes trocas de ideias entre amigos, como se observa, por exemplo, em sua amizade com Gerschom Scholem ou Asja Lacis. Sua participação no Instituto para Pesquisas Sociais ou, como é popularmente conhecido, Escola de Frankfurt, foi decisiva para sua formação e sua trajetória intelectual.

A Escola de Frankfurt

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924, na Alemanha. Seu principal diretor foi Max Horkheimer e seus principais colaboradores foram Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm e o próprio Walter Benjamin. Com a ascensão do nazismo na Alemanha, grande parte dos participantes teve que se exilar nos EUA. Com o fim do Nazismo, a Escola volta a seu país sede, precisamente em 1948 (WIGGERSHAUS, 1986).

Inicialmente, os frankfurtianos tinham como projeto o estudo sobre a obra de Marx; porém, com o passar do tempo, foram elaborando respostas mais adequadas aos problemas do século XX, muitos dos quais, na concepção desses intelectuais, já não poderiam ser compreendidos nos limites do marxismo ortodoxo. Incorporando as mais diferentes tradições filosóficas, bem como as influências da psicanálise e da sociologia, os estudiosos de Frankfurt desenvolvem a chamada teoria crítica, que substituiria a teoria tradicional. A teoria crítica surge como uma resposta ao modelo de cientificismo da teoria tradicional, que, com base nas ciências naturais, tentava desenvolver uma resposta positivista para as questões sociais. O movimento frankfurtiano possuía a pretensão de estudar as relações sociais com rigor científico, partindo, porém, da seguinte indagação geral: por que não se relizou a promessa iluminista de uma civilização em que a humanidade se emancipasse racionalmente? Nesse sentido, o projeto frankfurtiano é de investigação dos caminhos para a emancipação social, elucidando as questões da sociedade capitalista a partir de sua historicidade e preservando a capacidade de relacionar a teoria e a prática, com o propósito de modificar o futuro (MATOS, 2001).

Nesse contexto, situa-se a obra de Walter Benjamin, sendo que a crise da modernidade capitalista, o fascismo e as críticas à arte moderna são alguns dos temas centrais de suas investigações filosóficas. Partindo dessas críticas, identificamos sua denúncia a um presente que exalta as concepções de fé incondicional no progresso e a falsa esperança no tecnicismo como meio para elevar o homem à felicidade. Diante dessas perspectivas, a história assume importância considerável em seu pensamento, especialmente com a condenação de suas versões tradicionais, a *história dos vencedores*, e com sua proposta de reformulação da concepção histórica, sendo esta inspirada diretamente no materialismo dialético de Karl Marx (1818-1883).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 70 10/25/2012 2:44:52 PM

O objetivo do artigo é examinar as relações entre a concepção histórica desenvolvida por Walter Benjamin e os conceitos fundamentais do materialismo dialético, verificando em que medida as teses de Benjamin se aproximam e se afastam dos pressupostos do marxismo. Em outras palavras, a idéia é a de investigar o seu conceito de história, particularmente em suas relações com o materialismo dialético. Assim, antes de iniciarmos tal exame, que terá como referência fundamental seu texto *Teses sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 1985), é necessário apresentar os pontos centrais da teoria histórica de Karl Marx (1818-1883).

O Materialismo dialético

A concepção de materialismo dialético, de Karl Marx, recebeu grande influência do filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831), sobretudo no tocante a seu conceito de dialética e em sua aspiração à compreensão da totalidade do real. Porém, difrentemente de Hegel, Marx não concebe a realidade como produto da Ideia, que busca sua totalização no absoluto. Para Marx, a realidade consiste na dialética das relações entre o homem e os meios de produção de sua subsistência, que constituem a base material da sociedade.

Para Marx, o homem começa a se diferenciar dos outros animais na capacidade de produzir exteriormente seu sustento, fabricando ferramentas para modificar a natureza. O trabalho é visto como algo central na construção da natureza do homem, ou seja, torna-se uma categoria ontológica da humanidade, por ser o princípio organizador das relações sociais. O trabalho regula a relação do homem com a natureza, constituindo-se na atividade pela qual o homem humaniza a natureza e se humaniza, pois a consciência do homem (percepção de si mesmo) como espécie desenvolve-se mediante o trabalho. A identidade do homem com seu semelhante é vinculada ao enfrentamento da natureza através das ferramentas exteriores a seu corpo (MARX, 2004).

Podemos entender como modo de produção a maneira como se articulam, em uma determinada epóca e sociedade, as relações sociais de trabalho com as forças produtivas, constituindo a base econômica ou infraestrutura da sociedade, a partir da qual se eleva a superestrutura composta pelos aspectos culturais, jurídicos e politicos da sociedade. Em outros termos, o conceito de infraestrutura refere-se à base material da sociedade, enquanto a superestrutura, determinada pelo nível infraestrutural da sociedade, envolve as crenças, o direito, a política, a moral, as ideias, a religião e a arte (MARX; ENGELS, 2008).

A sociedade sempre representa a si mesma a partir de sua base material, ou seja, predominam as ideias do grupo socialmente dominante na explicação da realidade. Aqueles que controlam os meios de produção controlam também os meios de circulação das ideias, fazem valer sua visão de mundo – *ideologia* –, ou seja, não é a consciência que determina a vida, mas é a vida material dos homens que determina a consciência. A *ideologia* tende a se universalizar, ao ponto de as pessoas das classes

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 71 10/25/2012 2:44:52 PM

dominadas verem o mundo pelas lentes culturais da classe dominante. A ideologia confere uma unidade à sociedade dividida em classes (MARX; ENGELS, 2008).

Inicialmente, o homem vivia sob o modo de produção denominado de comunismo primitivo, diferenciando-se dos outros animais em sua habilidade de confeccionar ferramentas para sua subsistência. O homem dispunha de ferramentas rudes para poder sustentar-se no enfrentamento com as forças da natureza (MARX, 2004).

Nesse tipo de sociedade, a humanidade trabalhava para sua sobrevivência em conjunto, sendo que as ferramentas e a produção eram compartilhadas. Havia, assim, uma relação de identidade entre o homem e a base material, sendo que a essência do homem era socialmente definida no trabalho. Porém, com o surgimento da propriedade privada e a evolução das forças produtivas (ferramentas de metal, roda, etc.), houve uma alienação do indivíduo em relação ao trabalho, e o homem não se reconhecia mais naquilo fazia. Então, o princípio de indentidade mantido entre o indivíduo e o trabalho se perdeu, levando o homem a um estado que Marx concebe como alienado, ou seja , o homem coloca-se fora de si, tem negada sua própria humanidade. Tal processo atinge seu ápice no modo de produção capitalista, conforme observamos nas palavras de Marx e Engels:

> *O trabalhador tornou-se um simples apêndice da máquina, e só se requer dele a operação mais simples, mais monótona e mais fácil de aprender. Desse modo, o custo de produção de um operário se reduz quase completamente aos meios de subsistência de que ele necessita para viver e para perpetuar a espécie. [...] Mais ainda, à medida que se desenvolve o maquinismo e a divisão do trabalho, cresce a quantidade de trabalho, seja pelo prolongamento das horas de trabalho, seja pelo incremento do trabalho exigido em um certo tempo, seja pela aceleração da velocidade das máquinas, etc. (1987 p.109-110).*

Marx afirma que a história caminha com os sucessivos conflitos entre classes sociais, movendo-se, sob antagonismo dialético, de um modo de produção a outro. Assim, a dialética será o movimento da humanidade, historicamente dividida em classes oprimidas e classes opressoras. O que provoca a mudança dialética, a mudança de um modo de produção a outro, são precisamente os conflitos entre as classes sociais, que ocorrem na base material da sociedade e que se expressam também no plano da superestrutura. A síntese dessas lutas é sempre um novo modo de produção. Marx acreditava que o estágio último do antagonismo de classes seria efetivamente o capitalismo. O capitalismo é visto como estágio máximo das contradições, tornando-se evidente a diferença entre os poucos burgueses, proprietários dos meios de produção, e os muitos proletários, em péssimas condições de sobrevivência.

No aprofundamento das contradições sociais, de acordo com Marx e Engels, desenvolvem-se as condições de superação do modo de produção capitalista:

> *Os vários interesses e condições de existência dos proletários se igualam cada vez mais, à medida que a máquina aniquila*

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 72 10/25/2012 2:44:52 PM

> *todas as distinções de trabalho e reduz, quase por toda parte, os salários a um mesmo nível baixo. A crescente concorrência entre os burgueses e as crises comerciais que disso resultam tornam os salários ainda mais instáveis; o aperfeiçoamento constante e cada vez mais rápido das máquinas torna a condição de vida do operário cada vez mais precária; os choques individuais entre o operário e o burguês assumem cada vez mais o caráter de choque entre duas classes.* (1987, p. 112).

Tal situação levaria a um conflito final que resultaria na revolução proletária, com a qual se daria a superação do capitalismo e o início da emancipação da humanidade, que superaria sua condição alienada. A partir de então, seria instaurada a ditadura do proletariado, ou seja, o modo de produção socialista, no qual seriam extintas todas as heranças do capitalismo. O socialismo é concebido, por Marx, como uma etapa passageira para o comunismo, sociedade em que não haveria divisão de classes e o Estado seria substituído por uma gestão realmente pública do poder político.

Os princípios teóricos do materialismo dialético são a fonte de várias vertentes filosóficas, sociológicas e políticas que se desenvolveram no século XX. Nesse contexto, situa-se a incontestável ascendência teórica do materialismo dialético sobre várias tendências historiográficas e políticas contemporâneas, sendo que Benjamin, por sua vez, posicionando-se entre os mais originais pensadores da modernidade, mantém rico diálogo com o marxismo.

A Filosofia da história de Benjamin

A filosofia de Benjamin não consiste propriamente em um universo totalmente coerente e sistemático, sendo que sua concepção histórica pronuncia-se, explícita ou implicitamente, em muitos de seus escritos. Seu texto mais conciso e direto acerca dessa temática intitula-se *Teses sobre o conceito de história* (BENJAMIN, 1985), um ensaio denso que recebe interpretações diversas .

Entretanto, essa constatação não invalida a procura de uma unidade em seu pensamento histórico. É essencial, para maior entendimento de suas ideias, no tocante à questão da história, não fazer aquilo que Michael Löwy (2005) chama de corte epistemológico, ou seja, colocar em esferas diferentes o período idealista da juventude e o período do materialismo dialético, sendo que o mesmo acredita existir continuidade entre os dois períodos.

O pensamento benjaminiano tem como partida o presente, marcado por acontecimentos históricos fundamentais, como a ascensão do nazifascismo, as guerras mundiais, as crises econômicas, a evolução científico-tecnológica e seus desdobramentos ambíguos, ou seja, em termos mais amplos, a crise da modernidade é o contexto em que este filósofo produz sua obra. Os fatos históricos do século XX desafiam o otimismo racional da época das luzes, com a moderna noção de sujeito

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 73 10/25/2012 2:44:52 PM

sendo ameaçada pela realidade de um indivíduo isolado e alienado. Benjamin lança um olhar pessimista sobre a realidade, pressentindo a catástrofe se aproximando. Esse pessimismo se evidencia na tese XI:

> *Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.* (BENJAMIN,1985, p.226).

A imagem transmitida do anjo que sente receio de seu voo ilustra o caminhar da história para seu destino final, a catástrofe. Existe uma identificação da catástrofe com o progresso, pois o progresso levará à catástrofe. Benjamin percebera a ameaça das consequências da evolução científica, tanto nas artes, que se reproduziam tecnicamente, quanto no terror das armas mortíferas, que seriam desenvolvidas na guerra.

A crítica ao fascismo tem um lugar de destaque nas Teses, pois, para Benjamin, o fascismo não é um *estado de exceção*, uma contingência desviante da civilização do século XX. Ao contrário, o fascismo é a expressão exacerbada da fé no progresso e da regressão social. O fascismo é o paroxismo de tendências inerentes à moderna civilização ocidental, como o primado inquestionável da técnica, a desumanização da razão, o empobrecimento da experiência humana e a perda da subjetividade.

A história da humanidade tem sido uma catástrofe, pois o que chamamos progresso se assemelha ao girar de um caleidoscópio no qual, a cada giro, toda a ordenação sucumbe ante uma nova ordem. Benjamin identifica esse caleidoscópio ao historicismo, termo que, em seu vocabulário filosófico, possui sentido muito específico. Sob a ótica benjaminiana, o historicismo é, em uma expressão, a concepção de história fixada pelos vencedores, isto é, pela classe dominante. Baseia-se na crença que cada momento da história tem seu valor em si e que, sendo assim, deve-se partir dos pressupostos válidos em cada época para poder ter-se a noção de compreensão do real. Entretanto, para além desse aspecto periodizado, essa concepção historiográfica almeja uma pesquisa minuciosa e científica que pretende encontrar a verdade última em cada ponto do *continuum* histórico, até encontrar a verdade universal (BENJAMIN, 1985).

A Crítica do Historicismo

Benjamin critica o historicismo, compreendido por ele como a historiografia oficial de seu tempo, que encobre as atrocidades cometidas ao longo da história, pois o

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 74 10/25/2012 2:44:52 PM

historicista não vê adequadamente a relação entre os períodos históricos. Ao contrário, justifica tudo na marcha incessante dos vitoriosos sobre as cabeças dos derrotados.

No trecho abaixo, podemos observar os contrastes que Benjamin identifica entre historicismo e a história sob o prisma do materialismo dialético:

> *O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente que de qualquer outra. A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. Ao contrário, a historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo. Pensar não inclui apenas o movimento das idéias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas.* (BENJAMIN, 1985, p. 210).

Para Benjamin, o historicista burguês não questiona nem sua posição nem a maneira como a história foi contada, transmitida, ou como ela se realizou. O historicista se contenta em achar a verdade última de cada período da história para se formar uma ideia universal ao qual pertence o *continuum histórico*, quer dizer, a pesquisa científica se curva às leis do acúmulo do capitalismo. Novamente, registra-se a identificação desse tipo de visão histórica com a classe dominante. Benjamin afirma que esse espetáculo da história universal não a questiona e está longe de poder discernir por detrás da história dos vencedores as tentativas de outra história que fracassou.

Segundo esse filósofo, a verdade concebida pela historiografia vigente opera sobre uma falsa memória relatada nos livros de história. Diante disso, como diz o próprio Benjamin, o historiador deve procurar as verdades que foram ocultadas pela versão oficial do historiador, quer dizer, é preciso deslocar o núcleo do passado de um invólucro de imagens pré-fabricadas que nos impede de percebê-lo em sua verdade. Em outros termos, é preciso encontrar nos fios de histórias rompidas pela história

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 75 10/25/2012 2:44:52 PM

oficial uma forma de resgatar imagens que foram sufocadas antes de se concretizarem. Trata-se, assim, de resgatar histórias que poderiam dar certo, caminhos que poderiam desdobrar-se em um presente diferente, resgatar outra verdade que não se encontre nos livros oficiais de história. Não longe disto, trata-se de buscar uma nova interpretação do passado no âmbito da memória como fonte de experiência com passado.

O que deve ser sublinhado, no momento, é que Benjamin acredita ser necessária uma nova forma de escrever e de pensar a história. É preciso escrever uma história que tente resgatar os cacos de possíveis histórias não efetivadas para poder concluir um presente diferente. Escrever a história dos vencidos exige a aquisição de uma memória que não consta nos livros oficiais e, nesse sentido, Benjamin projeta suas expectativas sobre o resgate de uma memória comum e de uma experiência coletiva. O historiador materialista tem por obrigação fazer emergir as esperanças não realizadas para fazer uma ligação do passado com o presente, isto é, tem por obrigação conferir um novo sentido à palavra tempo. A experiência coletiva (Erfahrung) é antagônica à experiência individual (Erlebenis) proporcionada pelo capitalismo. A experiência proporcionada pelo século XX carrega sentidos desagradáveis, como um soldado preso à lembrança de um campo de guerra. Neste momento, portanto, é imprescindível examinar os conceitos de experiência e de vivência, conforme formulados por Benjamin em suas explanações sobre a modernidade (BENJAMIN, 1994).

A Modernidade

O diagnóstico da modernidade postulado por Benjamin se constitui, em certo sentido, no antagonismo entre experiência e vivência. A modernidade é marcada pela falta de uma memória coletiva na qual o sujeito constitui uma experiência que o guie para uma forma de vida mais feliz. Tal experiência existia nas sociedades pré-capitalistas. Segundo Benjamin, a experiência acontece quando há uma junção de lembranças individuais e coletivas, incluindo aquelas que são herdadas por uma tradição narrativa viva no inconsciente do indivíduo. Essa memória narrativa é passada de geração a geração por longas narrações de feitos heróicos. O narrador possui o poder de contar e lembrar infinitas vezes as experiências vividas que possibilitam encarar a vida de uma forma mais saudável. Ao mesmo tempo, o ouvinte é habilitado a compartilhar tais experiências mesmo sem as ter presenciado. Exemplar nesse sentido é a clássica narrativa grega *Odisseia*. Nela, o ouvinte é convocado a lembrar e relembrar infinitas vezes. A capacidade de ouvir, lembrar e aprender é requisito para a construção individual e coletiva da identidade (BENJAMIN, 1994).

Na modernidade, por sua vez, o que há é somente a vivência, um tipo de experiência individual marcada pelas várias faces do tecnicismo capitalista. O indivíduo se aliena em sua constante busca por sobrevivência, nas formas maçantes de trabalho desfavorável, sendo atingido por uma falta de memória. A dinâmica e a natureza do cotidiano moderno nos levam a esquecer as coisas cada vez mais rapidamente. É evidente que a concepção de trabalho é ligada à percepção do tempo de uma sociedade

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 76 10/25/2012 2:44:52 PM

que caminha ao ritmo acelerado das máquinas de produção. A arte, sem sua totalidade manifestada na aura, torna-se um espelho de um tempo em que o artista e sua obra se tornam mercadorias de consumo. A arte outrora possuía um valor que lhe conferia unicidade e autenticidade, constituindo-se também como fator importante para o desenvolvimento da imagem que os indivíduos possuíam de si mesmos, do próximo e da natureza. Na modernidade, a arte se caracteriza pelas diversas cópias feitas por máquinas na finalidade de um consumo incessante de uma multidão composta por falsas individualidades. A arte moderna não possui aura, um elemento que outrora designava o objeto artístico como único e que permitia que seu observador mantivesse uma identidade coletiva à qual se sentia pertencente (BENJAMIN, 1994).

As considerações de Benjamin acerca da experiência, da vivência e da técnica indicam uma postura crítica em relação à modernidade que, em certo sentido, vai além do marxismo. Segundo Benjamin, tanto a historiografia marxista quanto a historiografia burguesa, malgrado suas notórias diferenças, sustentam-se em uma base comum para se escrever a história, a fé demasiada no progresso científico e o determinismo teleológico da história. Tal fato não é difícil de notar quando se observa que Marx recebeu grande influência de Hegel, isto é, há uma estrutura epistemológica comum a essas duas historiografias, que se identifica com o ideário progressista. A base comum nessas formas de se pensar a História é uma fé demasiada no progresso que a tradição iluminista consagrou na Europa moderna. Afinal, tanto a historiografia de esquerda quanto a historiografia burguesa se apóiam em uma tradição que incorporou as ideias de Descartes, Hegel e Kant, pensadores que acreditavam que a razão conduziria o homem da ignorância para a emancipação racional (BENJAMIN, 1985).

Benjamin, então, possui uma forma particular de aderir ao materialismo dialético, rejeitando o sentido necessário ou determinista na história. Não há um ser prévio que, desde a era primitiva, caminhara para sua plenitude no desfecho final da história, tese esta que é clara em Marx, com sua previsão histórica da tomada do poder pela classe operária em direção ao comunismo. Acredita, isto sim, que a qualquer momento deve buscar-se a revolução, em cada momento em que é dada a possibilidade de uma mudança, sendo necessário interromper o fluxo da história, que está sempre caminhando para a derrota dos oprimidos. Nesse sentido, há uma dosagem de messianismo na filosofia benjaminiana, pois a cada momento, na história, é gerada uma força messiânica que possibilita a revolução. Isto posto, seu materialismo é carregado de tons messiânicos, que se mostram como ecos de vozes sufocadas pelo oponente invencível no percurso histórico. Cabe ao materialista não deixar passar em vão esse massacre; cabe a ele resgatar resquícios de histórias que foram esfaceladas antes de se efetivarem.

É necessário analisar aquilo que constitui tanto a base da historiografia burguesa, o historicismo, quanto a historiografia marxista. A ideia de que o tempo é homogêneo e vazio. Tal concepção se constitui em uma fé demasiada no progresso científico e na evolução tecnicista. Tanto os marxistas quanto os historicistas, ainda que de maneiras muito distintas, veem o desenvolvimento técnico e científico como um

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 77 10/25/2012 2:44:52 PM

possível tipo de elevação na qualidade de vida. Essa concepção de progresso, segundo Benjamin, é algo que possibilitou e favoreceu as guerras mundiais e o nazifascismo.

Considerações Finais

Este artigo teve como meta a análise do filósofo alemão Walter Benjamin, examinando seus conceitos centrais de Filosofia da História, desenvolvidos pelo autor em sua busca do entendimento da crise que abalou a Europa do século XX, marcado pelo fascismo, pelas guerras mundiais e por formas de deterioração da qualidade de vida.

Benjamin conclui que os eventos que levaram a história culminar com tal desastre não foram fenômenos acidentais, erros de percurso, mas, sim, o paroxismo de tendências inerentes à moderna civilização ocidental, como o primado inquestionável da técnica, a desumanização da razão, o empobrecimento da experiência humana e a perda da subjetividade. Nesse sentido, existe uma base comum cultural, uma forma de pensar que percorre a história da civilização ocidental, ou seja, a modernidade é marcada por um entusiasmo voltado à ciência e um destaque conferido à técnica, vistos por diversos estudiosos e pensadores como um progresso natural da razão, que culminaria em uma sociedade justa e democrática.

Tais pressupostos recebem a crítica benjaminiana e, particularmente no tocante às concepções históricas, expressam-se, segundo esse filósofo, em dois tipos de historiografias modernas e significativamente divergentes: a historiografia marxista e o historicismo burguês. A versão oficial da história, o historicismo, assume a face dos interesses de uma classe, tornando a história uma sucessão de vitórias esmagadoras sobre os dominados. A crítica ao marxismo ortodoxo ganha forças quando enxergamos que essa historiografia possui um conceito similar à do historicismo, ao conceber a história como um percurso teleológico, ou seja, um movimento para determinado fim, no caso a revolução proletária. Benjamin afirma que a história não caminha necessariamente para determinado alvo, não é movida pelo progresso.

Porém, a dialética marxista é absorvida como um diferencial pelo filósofo, especialmente a partir de sua perspectiva de que o tempo não é linear nem contínuo, não havendo uma *mumificação* do passado, ou melhor, o passado não é algo fixo, podendo ser reinterpretado. Benjamin insere-se na concepção do materialismo dialético em sua proposta de resgatar a história dos vencidos, recriando-se o passado. Afinal, no momento em que repensamos o passado, podemos moldar um presente menos opressor e, talvez, produzir um futuro mais humano.

Em nosso percurso discursivo, ficou claro que o filósofo em questão era provido de uma carga romântica acentuada, tanto referente às diferentes formas de contar a história por meio das narrações antigas, como as artes barrocas, que possuíam elementos únicos e que, em determinadas comunidades, serviram como objetos que representavam valores comuns à identidade de um povo com qualidade de vida elevada.

Concluímos que o projeto iluminista da modernidade, como elevação do homem por meio do progresso, desdobrou-se em catástrofes, e que a resposta talvez es-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 78 10/25/2012 2:44:52 PM

teja no passado, e não no futuro, pois toda vez que tentamos metodicamente decifrar o futuro, o presente se deteriora. Por revolução entendemos um breve momento na história que emana possibilidades das quais devemos ver algo que vá além de mudanças estruturais, econômicas e culturais defendidas por uma classe oprimida: é algo que está presente nos gritos e lamentos que a história oficial sufocou, e algo que não consta nos livros de história que nossas crianças lêem. Devemos encontrar algo que passou em branco e não notamos, devemos trazer o passado para um acerto de contas com o presente, devemos encontrar nos escombros do passado fios de possíveis histórias que poderiam se desdobrar em diferentes presentes e em futuros diferentes daquele presente do qual o próprio Benjamin foi vítima.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia, técnica, arte e política.** São Paulo, SP**:** Brasiliense, 1985. 256 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. 278 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994. 272 p.

GAGNEBIN, Jeanne M **Os cacos da história**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. 175 p.

GARDINER, Patrick. **Teorias da história.** São Paulo, SP: Fundação Calouste Gulbenkian, 1959. 678 p.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo, SP: Boitempo, 2005. 160 p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo, SP: Boitempo, 2004. 175 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cartas filosóficas e manifesto comunista de 1848**. São Paulo, SP: Ed. Moraes, 1987. 151 p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008. 174 p.

MATOS, Olgária. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo, SP: Moderna, 2001. 127 p.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 79 10/25/2012 2:44:52 PM

OLIVEIRA, Luis S. e D'ÂNGELO, Martha. (Orgs.) **Walter Benjamin: arte e experiência.** Rio de Janeiro, RJ: Nau, 2010. 326 p.

PERCORARO, Rossano (Org.). **Os filósofos: clássicos da filosofia**. São Paulo, SP: Editora PUC. 2009. v.3. 400p

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt. Rio de Janeiro**, RJ: Difel, 2010. 741 p.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 80 10/25/2012 2:44:52 PM

ANÁLISE E INVESTIGAÇÃO DOS EFEITOS FÍSICOS E SOCIAIS DO STREET DANCE JUNTO À ASSOCIAÇÃO AMOR SOLIDÁRIO DO MUNICÍPIO DE JABOTICABAL/SP[1]

Susimara de SOUZA*
Chelsea Maria de Campos MARTINS**

Resumo

O texto analisa os benefícios físicos, sociais e psicológicos da promoção de cultura por meio do estilo de dança Street Dance dirigido para jovens e adolescentes, desenvolvido na Associação de Integração à Criança, aos Adolescentes e aos Jovens – Amor Solidário de Jaboticabal (Asincajo), na cidade de Jaboticabal/SP. Aponta que essa atividade ao preencher o tempo ocioso dos jovens, contribui positivamente para uma diminuição do envolvimento com crimes e drogas, já que a região onde está instalada a associação é considerada a mais afetada do município, por esses problemas públicos. Observa que as aulas de Street Dance melhoram o desempenho físico, motor, social, pessoal e psicológico dos jovens envolvidos, afastando-os de envolvimentos com situações prejudiciais. Conclui que a Oficina de Street Dance propicia além do desenvolvimento psicossocial, a formação do autoconceito e da autovalorização desses adolescentes, beneficiando as áreas afetiva e social da personalidade.

Palavras-chave: *Street Dance; Educação Física; Projeto Social.*

ANALYSIS AND INVESTIGATION OF PHYSICAL AND SOCIAL EFFECTS OF STREET DANCE IN THE ASSOCIAÇÃO AMOR SOLIDÁRIO IN THE CITY OF JABOTICABAL / SP

Abstract

The aim of this research is to analyze the physical, social and psychological benefits of promoting culture through street dance style for young people and teenagers in the city of Jaboticabal / SP in the Associação de Integração à Criança, aos Adolescentes e aos Jovens – Amor Solidário de Jaboticabal (Asincajo), by reducing their idle time and preventing their involvement with crime and drugs, considering

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Aluna do Curso de Educação Física do Centro Universitário Moura Lacerda – Jaboticabal/SP – E-mail: suzy_psl@hotmail.com

** Mestre em Educação Escolar (UNESP/Araraquara/SP). Docente do Centro Universitário Moura Lacerda – Jaboticabal/SP e orientadora da pesquisa. E-mail: chelsea.maria@terra.com.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 81 10/25/2012 2:44:52 PM

that the region they live in is the most affected by these city administration problems. This paper assesses whether Street Dance classes improve physical, motor, social, personal and psychological of the youths involved by moving them away from everyday possibilities of involvement with drugs and crime. The methodological procedures comprise at first a literature review related to the benefits of dance and Street Dance; the second part consists of a field research with the participants in this dance style in the Asincajo Project. It can be concluded that the Street Dance Workshop contributes to the psychosocial development, facilitating the formation of self-concept and self--worth of these adolescents, helping also the affective and social areas of personality.

Keywords: *Street Dance, Physical Education, Social Project.*

O Projeto Amor Solidário

Atualmente, as escolas vêm ganhando espaço nos noticiários de televisão e nas páginas dos jornais, por terem se transformado em um cenário de ocorrências violentas, brigas e depredações, envolvendo, sobretudo, jovens. Esse fato nos chama atenção por ter se manifestado, de modo cada vez mais intenso, inclusive em espaços considerados protegidos, como a escola.

De um lado, a violência provoca um sentimento de insegurança; de outro, motiva o questionamento e ação da sociedade em geral, o que resulta numa mobilização de pessoas e esforços para se contrapor à violência e buscar alternativas para a construção e difusão de uma cultura de paz, bem como estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente, que visa a ações para o bem-estar e integração desses indivíduos em nossa sociedade.

No município de Jaboticabal/SP, existe um projeto social desenvolvido pela Associação de Integração à Criança, ao Adolescente e ao Jovem (ASINCAJO), intitulado Projeto Amor Solidário, que visa a resultados dessa mobilização, por meio de Educação Física, música, recreação e o lazer mais luminoso para a construção da cidadania, representando que a educação e a cultura são deveres de todos e não somente das instituições de ensino.

Pode-se considerar que a permeabilidade do jovem ao projeto pode não ser razão suficiente para resolver os muitos problemas que afetam a juventude desse município, mas é uma oportunidade de contribuir na formação dos jovens, fazendo do projeto um espaço de expressão, de participação e de socialização dos jovens. Enfoca no jovem, oferecendo um conjunto de ações educativas e culturais que estão favorecendo e contribuindo para a estruturação de projetos para eles, na sociedade contemporânea.

As atividades são desenvolvidas diariamente, com sessões de atividades físicas, como danças, futebol, recreação, karatê e capoeira, e atividades culturais, como aulas de música, cursos de diferentes idiomas e reforço escolar, monitorados por professores, voluntários, universitários e parcerias.

Foi investigada a promoção da cultura, por meio do estilo de dança Street Dance, por considerar a dança uma das atividades físicas que mais acentuadamente

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 82 10/25/2012 2:44:52 PM

concorrem para o aperfeiçoamento total do ser humano.

O Street Dance foi objeto desta pesquisa por ser a atividade mais procurada pelos jovens do projeto, pois o ritmo desse estilo permite que os jovens expressem seus sentimentos dançando, já que se trata de um estilo que não seleciona um estereótipo, mas abrange muitos outros conjuntos e modalidades, dando liberdade de criação aos jovens.

O Street Dance

Inicialmente, a oficina de Street Dance foi divulgada pela Associação Amor Solidário, do município de Jaboticabal/SP, às crianças e adolescentes das escolas e espaços culturais do bairro Parque Primeiro de Maio, onde a criminalidade e a violência são mais acentuadas nas determinadas faixas etárias.

Após a divulgação foram recrutadas, voluntariamente, quinze crianças e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de doze a dezessete anos. As oficinas de Street Dance foram aplicadas num período de dez meses, duas aulas por semana, com duração de sessenta minutos cada uma.

As crianças e adolescentes participaram normalmente das oficinas de dança, durante esses meses, e previamente responderam um questionário que visava colher informações sobre atividades rotineiras dos envolvidos. Os pais responderam um questionário no fim do ciclo das oficinas, para comprovar ou não a parte social inclusiva das mesmas, nas atividades tanto culturais como desportivas, bem como se houve evolução educacional na escola.

Em relação aos benefícios da dança como uma das atividades físicas que mais acentuadamente concorrem para o aperfeiçoamento do ser humano, podem ser destacados os valores de Alves (2004), que são: o valor físico, o moral e o mental.

Alves (2004) afirma que, por dar liberdade ao dançarino, o Street Dance provoca a sensação de autonomia de criação coreográfica ao praticante. O Street Dance pode mesclar muitos estilos de dança e, por essa razão, não há um estereótipo específico para praticá-lo e obter sucesso. Sua junção de ritmos, melodia, variedade e intensidade de movimentos atrai jovens que se sentem excluídos do estereótipo do bailarino de balé clássico, por exemplo. Permite-se, com isso, a criação de novos movimentos, o que denuncia outra propriedade da dança, a inovação e a liberdade de criação.

Procedimentos Metodológicos

A cada oficina de Street Dance havia sempre um conceito importante sobre qualidade de vida, bem-estar físico e social e a importância da prática esportiva. No aspecto social, os jovens eram estimulados, encorajados e instruídos a ter bom relacionamento com os colegas, adequar seu linguajar ao local, adquirir boas maneiras e postura, usufruir do espaço da Associação onde as oficinas foram realizadas.

No aspecto físico, foram instruídos a ter boa alimentação, praticar atividades

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 83 10/25/2012 2:44:52 PM

físicas, ter atitudes saudáveis, como diminuir ou excluir os hábitos de fumar e ingerir bebidas alcoólicas, preencher grande parte de seu tempo ocioso com atividades construtivas, diminuindo a concentração de horas livres nas ruas, sem qualquer tipo de atividade. As aulas mesclavam os estilos citados, mas dava ênfase ao Freestyle, que proporcionará aos jovens maior liberdade de criar e movimentar-se sem receio.

Discussão e análise dos dados

Ao efetivar a análise dos resultados, destacam-se os seguintes dados:

Dos quinze jovens:

- No início do projeto, apenas 20% dos jovens praticavam esportes regularmente; 80% dos jovens não praticavam esportes.

- No término desse ciclo, a porcentagem inicial de jovens que praticavam esportes regularmente subiu para 60%.

A porcentagem de jovens que não praticavam esportes caiu para 40%, ou seja, a maioria deles iniciou a prática de algum esporte em contra turno ao período escolar.

No início da pesquisa, a maioria dos jovens considerava regular seu próprio desempenho escolar, 13% considerava ruim seu desempenho, e este mesmo número de jovens considerava bom seu desempenho escolar.

Quando aplicado o questionário final, foi constatado que nenhum jovem ainda apontava seu rendimento como ruim. Houve um declínio entre os jovens que consideravam regular o seu desempenho; dos 74% que se intitulavam regular, apenas 47%, ou seja, a minoria ainda se intitulou desta forma, e houve um aumento significativo entre os que consideravam seu rendimento escolar bom, e o índice inicial subiu de 13% para 53%, a maioria.

Dos entrevistados, 80% têm algum caso de uso de drogas na família, e os participantes consideram comum e corriqueiro que filhos, sobrinhos e primos de usuários de drogas estejam predispostos a serem futuros usuários.

Nesse sentido, a prevenção é a arma mais poderosa para combater a predisposição desses jovens a se envolverem com o uso de drogas, por meio de projetos e programas realmente interessantes, que atraiam a atenção desses jovens e que estimulem sua formação de caráter. Além disso, o tempo ocioso bem aproveitado nesses projetos tira o foco do jovem das ruas e esquinas, onde a oferta de violência, tráfico e embriaguez são gritantes (OMS, 2000).

Analisada esta questão, foi observado que toda atividade física pode atuar de forma multidisciplinar na vida de um indivíduo, contribuindo como um todo na formação de seu caráter socioeducacional.

Ainda, por meio da questão analisada, e na medida em que o jovem no Projeto obteve informações sobre melhores opções de aproveitamento do tempo, adquiriu hábitos saudáveis e excluiu do cotidiano o risco de uma vida sedentária, ou uma mente vazia para ocupação de atividades prejudiciais à saúde e autodestrutivas. De acordo com os questionários inicial e final foi possível constatar que todos os jovens participaram do projeto por própria vontade, o que contribuiu para que a pesquisa

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 84 10/25/2012 2:44:52 PM

ocorresse da melhor maneira possível.

Inicialmente, 21% dos jovens participavam da oficina apenas para afastar-se do ambiente doméstico, e apenas 4% deles permaneceram por esse motivo, de acordo com o questionário final. 13% queriam aproveitar seu tempo livre, e esse índice aumentou para 27% no questionário final.

62% dos jovens iniciaram o projeto com o desejo de fazer novas amizades, 4% permaneceram com o desejo de melhorar sua resistência física e muscular, e 57% terminaram o projeto com esse objetivo. O índice de 0% dos jovens que queriam melhorar sua coordenação motora subiu para 8%.

Foi possível perceber que, aproveitar o tempo livre de forma mais saudável, foi um princípio absorvido perfeitamente pelos jovens, e conhecer novas pessoas foi a razão que mais influenciou na decisão dos jovens de participar do projeto, o que é compreensível, pois a idade dos participantes e a fase em que se encontram favorecem essa decisão.

No início do trabalho, foi encontrado um grupo difícil. Alguns deles tinham problemas com brigas entre si e o convívio social deles era precário; usavam gírias pesadas e *palavrões,* normalmente, e o relacionamento com a pesquisadora era restrito somente à aprendizagem. Eles se sentiam cansados facilmente, tinham pouca coordenação motora e flexibilidade. Este quadro teve uma grande mudança, no fim da pesquisa a aula ocorria normalmente, sem pausas; eles já não se sentiam tão cansados, pois a maioria associou a dança a outras atividades, melhorando também a própria coordenação motora, flexibilidade e, principalmente, a resistência.

Alguns resultados são imensuráveis, mas bem visíveis à emoção. No decorrer da pesquisa foi visível a melhora que eles tiveram; o grupo encontrou em mim uma amiga, e sempre dispunham de 10 a 15 minutos no término da aula para conversar sobre a oficina e sobre assuntos pessoais. Os adolescentes que brigavam aos poucos têm se tornado flexíveis, e a convivência do grupo é muito mais divertida e prazerosa. O vocabulário dos mesmos também sofreu alterações, assim como o respeito mútuo.

As oficinas de Street Dance possibilitaram bens maiores em suas vidas, e possibilitaram aos jovens um exercício diário de sociedade e cidadania. Eles estão mais bem dispostos e criaram alternativas de ocupação do tempo ocioso mais saudável, aumentando seu ciclo de amizades, sua capacidade física e, principalmente, sua capacidade de relacionar-se.

Considerações Finais

O estudo sobre a Oficina de Sreet Dance na Associação Amor Solidário, demonstrou a importância desse Projeto Social na vida dos adolescentes entrevistados.

Observamos que a Oficina de Street Dance contribuiu no desenvolvimento psicossocial, facilitando a formação do autoconceito e da autovalorização desses adolescentes, beneficiando também as áreas afetiva e social da personalidade.

As oficinas permitiram que os adolescentes desenvolvessem a formação do caráter e conceitos próprios abrangentes sobre a sociedade em que estão inseridos.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 85 10/25/2012 2:44:52 PM

Foi verificada a enorme importância que têm a motivação e o estímulo para o sucesso do projeto. A partir desses componentes foi constatado no decorrer do projeto a mudança de hábitos e de escolhas. Os adolescentes alteraram seu linguajar, que antes era composto por gírias e palavrões. Alguns possuíam problemas entre si e ao longo do projeto tornaram-se mais flexíveis e passaram a relacionar-se amigavelmente. Inicialmente era preciso pausar as aulas para que eles descansassem, e com o passar do tempo foi possível observar, que as aulas puderam se desenvolver sem pausas, pois já não se sentiam tão fadigados. Associaram a prática das oficinas a outras atividades físicas e esportes, melhorando sua resistência.

Verificamos que os adolescentes estão mais dispostos e criando alternativas de ocupação do tempo ocioso de forma mais saudável, aumentando seu ciclo de amizades, sua capacidade física e os relacionamentos sociais.

Ao mesmo tempo foi constatado entre as respostas dos administradores, é que de modo geral os jovens obtiveram uma evidente melhora quanto à relação afetiva, no comportamento em casa/sala de aula, inclusive uma melhora nos hábitos alimentares.

A proposta teve, portanto resultados relevantes, que beneficiaram os adolescentes tanto na esfera escolar quanto em nível pessoal e social.

REFERÊNCIAS

EJARA, Frank. **A História da Dança de Rua Clássica**. 3º Encontro de Hip Hop do Colégio Fênix, 2004.

GONZAGA, E**. Hip Hop nova era, Fitness**. Brasil,2000. (mimeo)

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirela; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop: a periferia grita.** São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2001. 155p

SANTOS, José. L. **O que é cultura**. 2 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

SHUTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo, SP: Editora 34, 1998.

TRIUNFO, Nelson. Ver. **Hip Hop – Cultura de rua**. V.1. Rio de Janeiro, RJ, 2000.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 86 10/25/2012 2:44:52 PM

ESTUDOS ECONÔMICOS E POLÍTICA INTERNACIONAL

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 87 10/25/2012 2:44:52 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 88 10/25/2012 2:44:52 PM

COMO SABER QUANDO UM INVESTIMENTO FINANCEIRO VALE A PENA?[1]

Denis Alexandre ALVES*
Mônica Regina GAIOTTO**

Resumo

O artigo aponta como avaliar um investimento em sua viabilidade ou não. A análise é feita mediante apresentação e resolução de problemas. A proposta deste trabalho contempla alguns conceitos da matemática financeira por meio de recursos tradicionais usualmente aceitos pela comunidade científica. A aplicação desses conceitos possibilita a análise e compreensão de investimentos e, ainda, direcionar melhor a tomada de decisões.

Palavras-chave: *Matemática Financeira; Análise de Investimento Financeiro; Taxa Interna de Retorno; Valor Presente Líquido; Calculadora HP-12C.*

HOW TO KNOW WHEN AN INVESTMENT IS WORTH IT.

Abstract

This paper describes how to evaluate the viability of an investment. The analysis consists of presenting and resolving problems. The proposal of this paper includes some concepts of financial mathematics by means of traditional resources usually accepted by the scientific community. The application of these concepts enables the analysis and understanding of investments, leading to a better decision making.

Keywords: *Financial Mathematics; Analysis of Financial Investment; Internal Rate of Return; Net Present Value; Calculator HP-12C.*

Introdução

Este artigo tem o propósito de ajudar pessoas que já estão interessadas em investir ou pelo menos pensam em fazer um investimento financeiro algum dia. Espera-se

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Licenciado em Matemática pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Email: denisaves@hotmail.com

**Mestrado em Matemática Pura pela USP/São Carlos/SP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda e orientadora da pesquisa. E-mail: magaiotto@hotmail.com.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 89 10/25/2012 2:44:52 PM

também contribuir para que haja anseio em se aprofundar cada vez mais nessa área que está presente em nosso cotidiano e muitas vezes nos confunde com seus termos. Usaremos o método do Valor Presente Líquido (NPV) e da Taxa Interna de Retorno (IRR) para analisar alguns investimentos e, assim, termos a possibilidade de investir com mais confiança.

O que é investimento financeiro?

É a aplicação de algum tipo de recurso (dinheiro ou título) com a expectativa de receber algum retorno futuro superior ao aplicado, durante o período de aplicação (juros ou lucros, geralmente em longo prazo). Em geral, é toda aplicação de dinheiro com expectativa de lucro.

Qual a importância de saber o melhor investimento financeiro?

Quando se quer fazer um projeto de investimento, o investidor é bombardeado com possibilidades a ponto de ficar indeciso com as opções que tem. A importância de se aplicar métodos de análise de investimentos reduz consideravelmente o grau de incerteza na hora de decidir qual investimento deve ser aceito e qual deve ser rejeitado.

Assim, para aqueles que gostam de prevenir ao invés de remediar, um pequeno cálculo antes de investir pode contribuir com um ganho maior no final do período considerado.

Os métodos de análise de investimentos

A compreensão e aplicação de métodos de análise de investimentos são imprescindíveis para a obtenção de bons resultados. Mesmo havendo muitos critérios para análise de investimentos, focaremos em nosso trabalho em dois: o do Valor Presente Líquido (NPV) e o da Taxa Interna de Retorno (IRR). Eles levam em conta o fluxo de caixa descontado e baseiam-se nos princípios de equivalência de capitais.

Valor presente líquido

O método do *valor presente líquido* representado pelas iniciais *VPL* ou, ainda, *NPV* (do inglês, *Net Present Value*), consiste na diferença entre o valor presente dos benefícios previstos de caixa e o valor presente do fluxo de caixa inicial. O investimento é considerado atrativo se o valor presente líquido for maior que zero, pois isto indica que os fluxos futuros trazidos e somados na data zero superam o investimento inicial (fluxo de caixa inicial).

A identidade de cálculo da NPV pode ser representada da seguinte forma:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 90 10/25/2012 2:44:52 PM

$$NPV = \left[\frac{E_1}{(1+i)^1} + \frac{E_2}{(1+i)^2} + \ldots + \frac{E_n}{(1+i)^n} \right] - E_0$$

Onde:
FC_j = representa o valor de entrada de caixa previsto para o período *j*;
FC_0 = fluxo de caixa verificado no momento zero (momento inicial).

Taxa interna de retorno

O método da *taxa interna de retorno,* representado pelas iniciais *TIR,* ou, ainda, *IRR* (do inglês, *Internal Rate of Return*), corresponde ao valor da taxa que anula o valor presente líquido do fluxo de caixa do investimento analisado. Corresponde, portanto, a uma taxa que remunera o valor investido. O projeto deve ser aceito se a *taxa interna de retorno* calculada for maior que a taxa de mercado. Em caso de igualdade entre essas duas taxas, o projeto não oferece ganho e nem prejuízo.

Algebricamente, a taxa interna de retorno pode ser calculada pela equação:

$$E_0 = \frac{E_1}{(1+i)^1} + \frac{E_2}{(1+i)^2} + \ldots + \frac{E_n}{(1+i)^n}$$

Onde:
FC_0 = valor do fluxo de caixa no momento zero (investimento);
FCj = fluxo de entrada de caixa previsto para o período *j*;
i = taxa de desconto que iguala, em determinada data, as entradas com as saídas previstas de caixa. Em outras palavras, *i* representa a taxa interna de retorno.

Cálculo do VPL e da TIR usando a Calculadora HP-12C

Ela possui teclas próprias para calcular o valor presente líquido e a taxa interna de retorno. São elas:

"CF_0", "CF_j" e "N_j" (azuis) e "NPV" e "IRR" (laranjadas)

Para acionar as funções laranjadas, pressione a tecla "f",e para ativar as funções azuis, pressione a tecla "g" .

Devem ser introduzidos o fluxo de caixa do investimento que se quer analisar e a taxa de mercado utilizada pelo investidor; após isso, as teclas "NPV" e "IRR" fornecem, respectivamente, o valor presente líquido e a taxa interna de retorno do investimento.

A introdução do fluxo de caixa se faz da seguinte forma:

- A taxa de mercado é introduzida pela tecla "i";

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 91 10/25/2012 2:44:52 PM

- O valor que está no foco zero é introduzido pela tecla "CF_0" e os demais valores do fluxo de caixa são introduzidos, pela ordem, por meio da tecla "CF_j" . Quando "*n*" valores sucessivos são iguais, basta introduzir o primeiro deles na tecla "CF_j" e, em seguida, digitar "*n*" e pressionar a tecla "N_j" .

A taxa de mercado só precisa ser introduzida quando se quer calcular "NPV" , não sendo necessária sua introdução para o cálculo do "IRR".

Pode-se introduzir até 20 valores diferentes e até 99 valores iguais.

Cálculo do VPL e da TIR usando o MS-Excel

A planilha do Excel permite fazer o cálculo de várias operações financeiras; entre elas, podemos calcular o valor do *VPL* e da *TIR*.

Para utilizar algum tipo de função do Excel, basta clicar na célula onde se deseja inserir a função e, através do menu, Inserir Função, selecionar na caixa de diálogo a categoria e o nome da função desejada.

Aplicações

Tendo visto o conhecimento teórico, podemos notar que, fazer os cálculos utilizando a equação que define cada um dos métodos citados, pode tornar-se um processo bastante trabalhoso. Infelizmente, para quem não possui uma calculadora financeira esse é o caminho. Inicialmente, resolveremos as operações por meio das fórmulas e, em seguida, devido a uma dinâmica de investimentos exigida no dia a dia, consideraremos que o investidor tenha acesso a uma calculadora financeira ou a um computador para agilizar os cálculos.

Primeiro investimento

Suponhamos que um investidor tem a oportunidade de investir o valor de R$ 5.750,00 em uma aplicação que proporcione saques trimestrais no valor de R$ 1.500,00 durante um ano. Analise se esta aplicação é viável ou não, considerando que a *taxa de mercado* seja de 1,5 % a.t.

O fluxo de caixa desta situação pode ser representado pelo diagrama a seguir:

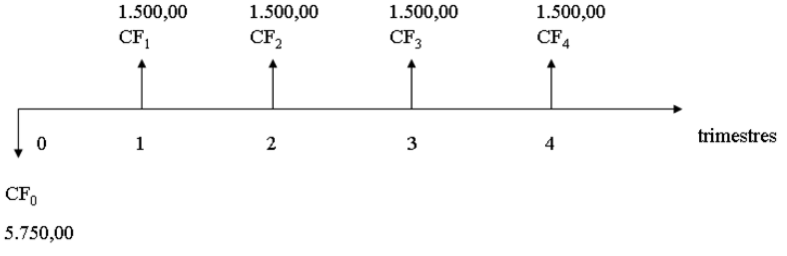


Figura 1: Acervo Pessoal

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 92 10/25/2012 2:44:52 PM

As setas para baixo indicam as saídas de fluxos de caixa previstas e as setas para cima representam os ganhos.

Algebricamente, através da identidade para o cálculo da IRR, obtemos:

$$5750 = \frac{1500}{(1+i)^1} + \frac{1500}{(1+i)^2} + \frac{1500}{(1+i)^3} + \frac{1500}{(1+i)^4} \Rightarrow$$

$$\Rightarrow i = 0{,}0172 = 1{,}72\% \text{ a.t.}$$

Com isso, concluímos que a taxa interna de retorno é de 1,72% ao trimestre.

Analisando as taxas, podemos notar que a *taxa interna de retorno* obtida, igual a 1,72% a.t., é maior que a *taxa de mercado,* igual a 1,5 % a.t, o que torna esta aplicação viável. Se ocorresse o caso contrário, definitivamente a aplicação não deveria ser realizada.

Agora resolveremos a situação proposta acima por meio de uma calculadora financeira HP-12C e, depois, por meio do software Excel.

Antes de iniciar, pressione "f" "REG" para limpar todos os registros que possam estar armazenados na calculadora HP-12C.

Em seguida, introduza os dados na calculadora HP-12C, utilizando as teclas solicitadas pelo método da *taxa interna de retorno (IRR)*, conforme mostram os passos a seguir:

5.750,00 "CHS" "g" "CF_0"
1.500,00 "g" "CF_J"
4 "g" "NJ"
f "IRR"

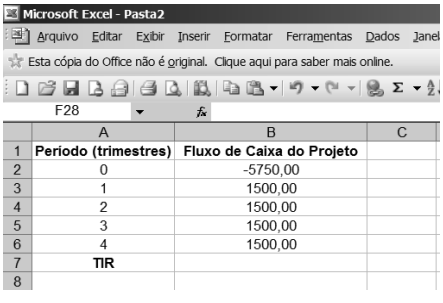
O visor mostrará o valor 1,72.

Pode aparecer ainda uma aproximação com um número diferente de casas decimais. Para alterar o resultado, deixando-o com **duas** casas decimais, conforme o valor mencionado acima, basta pressionar f 2 .

Note que a tecla para trocar o sinal representada por CHS (do inglês, Change Sign) foi utilizada para representar uma saída de fluxo de caixa prevista pelo investimento inicial.

E, para finalizar esta primeira situação-problema, vamos detalhar a seguir os passos a serem seguidos, por meio da planilha MS-Excel para encontrar a TIR:

- Inicialmente, digite na planilha do Excel as informações do fluxo de caixa.



	A	B	C
1	**Periodo (trimestres)**	**Fluxo de Caixa do Projeto**	
2	0	-5750,00	
3	1	1500,00	
4	2	1500,00	
5	3	1500,00	
6	4	1500,00	
7	**TIR**		
8			

Figura 2: Acervo Pessoal

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 93 10/25/2012 2:44:52 PM

Em seguida, com o cursor ativo na célula em que você deseja que apareça o resultado, selecione no menu Inserir Função. O Excel vai iniciar uma sequência de caixas de diálogo para você especificar os detalhes sobre o tipo de função que você quer.

- No campo **categoria,** selecione *Financeira* e, no campo **função,** escolha *TIR*, como mostra a figura 3. Pressione ok.

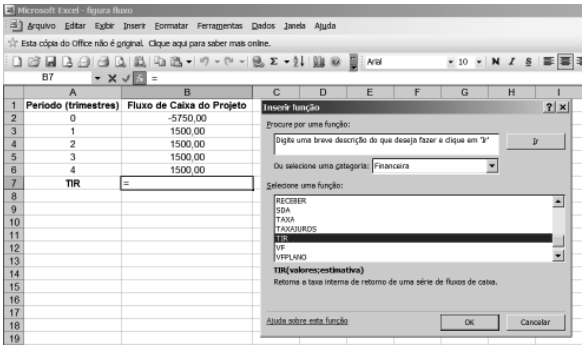


Figura 3: Acervo Pessoal

- No campo **Valores**, selecione todos os fluxos de caixa digitados na planilha do Excel ou digite o endereço das células em que eles estão localizados, em nosso caso B2:B6, conforme figura 4. Pressione ok.

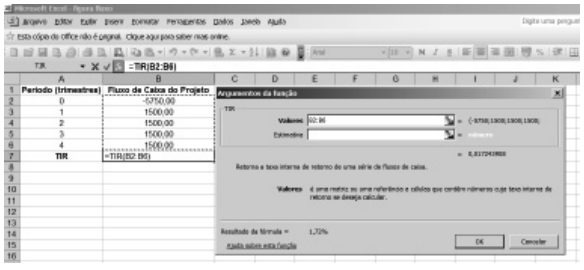


Figura 3: Acervo Pessoal

O resultado da taxa interna de retorno (TIR) aparecerá na célula que você havia deixado ativa no início das etapas, como mostra a figura 5:

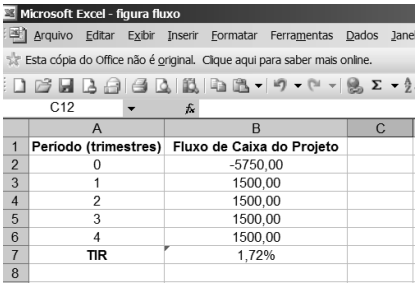


Figura 3: Acervo Pessoal

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 94 10/25/2012 2:44:53 PM

Utilizando o método do *valor presente líquido (NPV),* temos, por meio da identidade:

$$NPV = \left[\frac{1500}{(1+i)^1} + \frac{1500}{(1+i)^2} + \frac{1500}{(1+i)^3} + \frac{1500}{(1+i)^4} \right] - 5750 \Rightarrow$$

$$\Rightarrow NPV = 31,58$$

Com isso, concluímos que o *NPV* é de R$31,58.

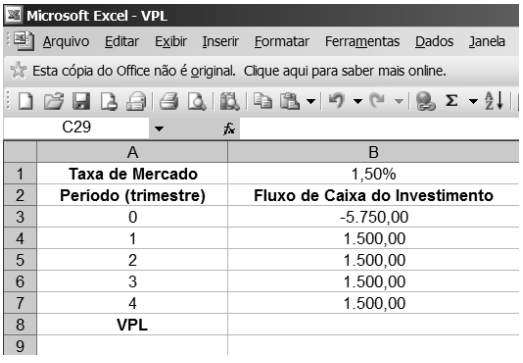
Este resultado é o *valor presente líquido*, representando uma diferença positiva entre o valor presente do investimento previsto de caixa e o valor presente do investimento inicial. Pelo resultado positivo podemos concluir que esta aplicação é viável. Se ocorresse o caso deste resultado ser negativo, definitivamente a aplicação não seria viável.

Agora, introduzindo os dados na calculadora HP-12C, temos:

5.750,00 "CHS" "g" "CF_0"
1.500,00 "g" "CF_J"
4 "g" "N_J"
1,5 "i"
"f"NPV"
Visor = 31,58

As etapas para encontrar o VPL por meio da planilha do MS-Excel são análogas ao que foi feito para o cálculo da TIR.

- Inicialmente, digite na planilha do Excel as informações do fluxo de caixa e a taxa de mercado de 1,5% ao trimestre.



	A	B
1	**Taxa de Mercado**	1,50%
2	**Período (trimestre)**	**Fluxo de Caixa do Investimento**
3	0	-5.750,00
4	1	1.500,00
5	2	1.500,00
6	3	1.500,00
7	4	1.500,00
8	**VPL**	
9		

Figura 2: Acervo Pessoal

- Em seguida, com o cursor ativo na célula em que você deseja que apareça o resultado do VPL, digite o sinal de igualdade e o endereço em que está localizado o fluxo de caixa inicial, em nosso exemplo é B3. Pressione o sinal de adição e, em seguida, selecione no menu: Inserir Função. No campo **categoria,** selecione *Financeira* e, no campo **função,** escolha *VPL*, como mostra a figura 7. Pressione ok.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 95 10/25/2012 2:44:53 PM

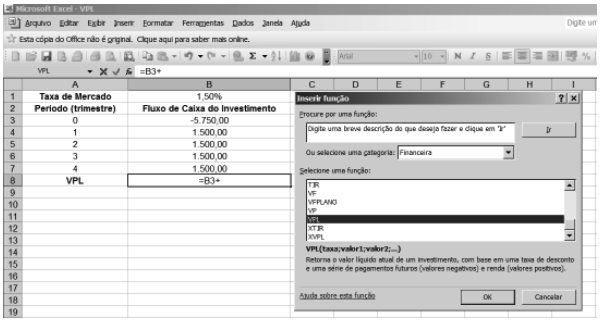


Figura 7: Acervo Pessoal

- No campo **Taxa**, selecione a taxa de mercado digitada na planilha do Excel ou digite o endereço da célula em que ela está localizada, em nosso exemplo é B1. Em seguida, no campo **Valores**, selecione todos os fluxos de caixa digitados na planilha do Excel, exceto o fluxo do investimento inicial, ou digite o endereço das células em que eles estão localizados, em nosso caso B4:B7, conforme figura 8. Pressione ok.

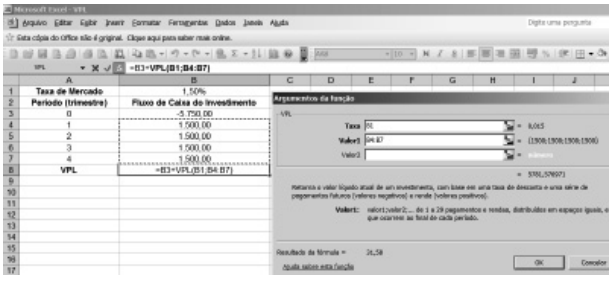
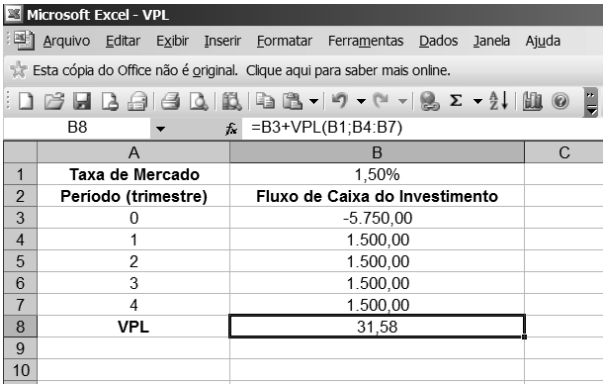


Figura 7: Acervo Pessoal

O resultado do valor presente líquido (VPL) aparecerá na célula que você havia deixado ativa no início das etapas, como mostra a figura 9:



	A	B	C
1	**Taxa de Mercado**	1,50%	
2	**Período (trimestre)**	**Fluxo de Caixa do Investimento**	
3	0	-5.750,00	
4	1	1.500,00	
5	2	1.500,00	
6	3	1.500,00	
7	4	1.500,00	
8	**VPL**	31,58	
9			
10			

Figura 9: Acervo Pessoal

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 96 10/25/2012 2:44:53 PM

Segundo investimento

Suponhamos que o mesmo investidor queira outra opção para investir seus R$ 5.750,00 em uma aplicação que proporcione saques trimestrais de R$ 1.000,00; R$ 1.400,00; R$ 1.700,00 e R$ 2.000,00 respectivamente. Analise se esta aplicação é viável ou não, considerando a mesma *taxa de mercado*, isto é, de 1,5 % a.t.

Utilizando o método da *taxa interna de retorno (IRR)* e introduzindo os dados na calculadora HP-12C:

5.750,00 "CHS" "g" "CF_0"
700,00 "g" "CF_J"
900,00 "g" "CF_J"
1. 900,00 "g" "CF_J"
2.550,00 "g" "CF_J"
"f" "IRR"
Visor = 1,69

Esta é nossa *taxa interna de retorno*, representando uma taxa de 1,69% a.t. Analisando as taxas, podemos notar, também, nesta opção de investimento, que a *taxa interna de retorno* é maior que a *taxa de mercado*, o que torna esta aplicação viável.

Agora, utilizando o método do *valor presente líquido (NPV),* e introduzindo os dados na calculadora HP-12C, temos:

5.750,00 "CHS" "g" "CF_0"
700,00 "g" "CF_J"
900,00 "g" "CF_J"
1. 900,00 "g" "CF_J"
2.550,00 "g" "CF_J"
1,5 i
"f" "NPV"
Visor = 35,82

Este resultado é o *valor presente líquido*, representando também uma diferença positiva entre o valor presente do investimento previsto de caixa e o valor presente do investimento inicial. Pelo resultado positivo, podemos concluir que esta aplicação é viável.

Analogamente ao que foi descrito no primeiro investimento, pode ser feito trocando-se os valores dos fluxos de caixa para calcular o VPL e o TIR por meio da calculadora HP-12C e também por meio da planilha do MS-Excel.

Por qual optar?

Neste ponto o investidor pode notar que tanto o primeiro quanto o segundo investimento são viáveis, mas surge aí uma dúvida: Qual dos dois é a melhor opção?

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 97 10/25/2012 2:44:53 PM

Para responder a esta questão vamos analisar os resultados que obtemos tanto no primeiro quanto no segundo investimento.

Investimento	**Valor investido**	**IRR**	**NPV**
1º	R$ 5.750,00	1,72 % a.t.	R$ 31,58
2º	R$ 5.750,00	1,69 % a.t.	R$ 35,82

Podemos notar que, ao analisarmos o método da *taxa interna de retorno (IRR),* o primeiro investimento é mais atrativo, pois possui uma taxa percentual maior; e, pelo método do *valor presente líquido (NPV),* o segundo investimento se mostra mais atrativo, pois possui maior riqueza absoluta. Portanto, uma forma simples de escolha é optar pela riqueza absoluta maior.

Considerações finais

A necessidade de analisar investimentos foi uma motivação para o desenvolvimento deste artigo. Com o auxílio de métodos de análise, como o do Valor Presente Líquido e o da Taxa Interna de Retorno, podemos verificar se um determinado investimento é ou não viável. Estes dois métodos levam ao mesmo resultado, ou seja, se por um lado o investimento se mostra atrativo, pelo outro ocorre o mesmo.

Além dos casos aqui apresentados, existem inúmeros outros; contudo, é esperado que estes possam desmistificar a idéia de que trabalhar com matemática é só para matemáticos. Com prática e busca constante por informações, será possível responder à questão: "Como saber quando um investimento financeiro vale a pena?", com mais precisão e agilidade.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Matemática Financeira e suas aplicações.** 9ª edição. São Paulo, SP: Editora Atlas S.A., 2006.

AYRES Jr., Frank. **Matemática Financeira.** São Paulo, SP: Makron Books, 1981.

Branco, Anísio C. C. **Matemática Financeira Aplicada: método algébrico, HP-12C, Microsoft Excel.** São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.

Bruni, A. L.; Fama, R. **Matemática Financeira com HP 12 C e Excel.** São Paulo, SP: Editora Atlas, 2003.

CRESPO, Antonio A. **Matemática Comercial e Financeira.** São Paulo, SP: Saraiva, 2001.

VERAS, Lilia L. **Matemática Financeira.** 4ª edição. São Paulo, SP: Editora Atlas S.A., 2001.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 98 10/25/2012 2:44:53 PM

FUSÕES E AQUISIÇÕES BANCÁRIAS NO BRASIL RECENTE: CARACTERÍSTICAS E PERSPECTIVAS[1]

Denise SIMIELE*
Juliana Souza SCRIPTORE**

Resumo

O artigo ressalta que Brasil vem alcançando uma posição de destaque na economia mundial devido, principalmente, à sua estabilidade. Destaca que essa característica possibilita o surgimento de grandes investimentos e que as Fusões e Aquisições estão incluídas nesses investimentos, com um número maior a cada ano. Enfatiza que com o objetivo de ganhar sinergias e vantagem competitiva, as empresas encontram nas F&A a sua principal estratégia. Aponta que o setor bancário ganhou relevância no caso brasileiro; não apenas pelo grande número de operações, mas também pelo ótimo resultado que estas estão alcançando. Observa que essa mudança leva a uma concentração bancária, reduzindo o número de instituições e aumentando o valor agregado de cada uma delas. A expectativa dos autores é que as Fusões e Aquisições bancárias aumentem no Brasil, com maior observação de detalhes durante a operação.

Palavras-Chave: *Setor Financeiro; Vantagem Competitiva; Economia; F&A (Fusões e Aquisições); Objetivo.*

BANK MERGERS AND ACQUISITIONS IN RECENT BRAZIL: CHARACTERISTICS AND PROSPECTS

Abstract

Brazil is an emerging country that has been occupying a prominent position in the world economy mainly because of its stability. This aspect enables the emergence of big investments. The Mergers and Acquisitions are included in these investments, with an increasing number each year. In order to achieve synergy and competitive advantage, the companies consider M&A as the main strategy. The banking sector has gained relevance in the Brazilian scene; not only for the high number of operations, but for the great result that they have been achieving. This change leads to a bank concentration, reducing the number of institutions and increasing the Economic Value Added of each one. The expectation is that bank Mergers and Acquisitions will increase in Brazil with more observation on details during the operation.

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Aluna do Curso de Ciências Econômicas do Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: denisesimiele@yahoo.com.br

** Mestrado em Economia Aplicada – FEA – USP/RP. Docente do Centro Universitário Moura Lacerda e orientadora da Pesquisa. E-mail: jusscriptore@yahoo.com.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 99 10/25/2012 2:44:53 PM

Keywords:: *Financial Sector; Competitive Advantage; Economy; M&A (Mergers and Acquisitions); Objective.*

Introdução

O tema Fusões e Aquisições (F&A) vêm mostrando-se cada vez mais relevante como alvo de estudos em todo o mundo, por ser imprescindível ao entendimento da situação atual da economia global. Muitas grandes e médias empresas de quase todos os países buscam esse tipo de operação como forma de investimento em seu crescimento no mercado mundial. Assim, há uma grande tendência de elevação no número de operações de F&A em todos os setores da economia, o que levará à concentração e centralização do capital.

Nos últimos anos, segundo fontes do BNDES, o setor financeiro é o líder em número de transações (F&A), representando 11% das operações, seguido do setor de alimentos (10%) e do setor de bebidas e fumo (9%). O setor financeiro é composto por bancos, seguradoras, corretoras, holdings de investimentos e outras instituições financeiras ou com operações associadas ao setor financeiro.

Fachada do BNDES. Fonte: Google - Acesso 04/12/2011

O Brasil vem assistindo a um movimento muito grande desse tipo de operação em seu setor financeiro, principalmente entre bancos. Na grande maioria desses casos, as transações têm obtido um resultado positivo. Toda essa movimentação no setor bancário tende a continuar, por isso, criam-se perspectivas em relação a essa mudança importante na economia.

Fusões e Aquisições

Fusão: operação pela qual se unem duas ou mais organizações para formar uma única sociedade nova. Essas organizações deixam de existir legalmente para formar

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 100 10/25/2012 2:44:53 PM

uma terceira, com nova identidade e, teoricamente, sem predominância de nenhuma das empresas anteriores.

Aquisição: operação pela qual uma ou mais empresas são compradas por um agente econômico, que continuará com sua personalidade jurídica, o que determina o desaparecimento legal da(s) empresa(s) adquirida(s). A empresa adquirente pode comprar as ações e, portanto, o controle da empresa (direitos e obrigações são repassados para a adquirente) ou comprar os ativos. Uma das mais relevantes formas de crescimento de uma empresa acontece por meio da operação de aquisição.

No cenário brasileiro, a grande maioria das transações consiste em aquisições, prevalecendo o tipo acionária. As fusões são menos comuns pelo fato de haver a necessidade de criação de uma nova pessoa jurídica.

As Fusões e Aquisições dividem-se, basicamente, em três tipos:

- Horizontal: ocorre entre empresas que possuem produtos similares e encontram-se num mesmo ramo industrial. Mediante esse tipo de operação são criadas economias de escala (redução do custo médio ou custo por unidade de produção).
- Vertical: abrange empresas que atuam em diferentes estágios de uma mesma cadeia produtiva e, por isso, são comuns operações desse tipo, pelo fato de buscar-se aumentar as vantagens competitivas (compra de um distribuidor ou cliente) ou reduzir o custo das matérias-primas (compra de um fornecedor).
- Conglomerado: operação que envolve empresas de diferentes segmentos, com o objetivo de diversificarem-se e aproveitarem novas oportunidades. Com essa operação é possível alcançar uma economia de escopo (grande variedade de bens produzidos).

Dentre os principais motivos que levam à realização de uma operação de F&A destacam-se:

- Ganhos de *market share*: maior participação no mercado, ocorrendo, principalmente, com a aquisição de uma empresa concorrente, obtendo, assim, um maior espaço naquele segmento em detrimento do espaço que pertencia à concorrente;
- Economias de escala: ganhos por sinergia (melhor uso de recursos complementares) ou redução de operações que antes eram feitas pelas duas empresas e depois da transação passaram a ser efetuadas apenas uma vez, levando a uma redução dos custos e consequente aumento da lucratividade;
- Vantagem competitiva: com esse tipo de operação muitas empresas conseguem alcançar a vantagem competitiva, que implica maior capacidade de melhor desempenho da firma do que suas concorrentes na oferta, e uma mercadoria valorizada pelo mercado como um todo;

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 101 10/25/2012 2:44:53 PM

- Diversificação da linha de produtos: maior disponibilidade de recursos para diversificar a produção, aumentando e variando os tipos de produtos, o que também leva a um aumento da lucratividade;
- Entrada em novos mercados: com a efetivação de uma Fusão ou Aquisição é possível aumentar a amplitude geográfica de atuação, atingindo novos mercados consumidores e fornecedores de matéria-prima, aumentando os lucros;
- Desenvolvimento tecnológico: é provável que ocorra um aumento do nível tecnológico da(s) empresa(s) envolvida(s), pelo ganho de recursos e pelo crescimento que as operações de fusões e aquisições trazem.

A maioria dessas transações têm se consolidado com resultados satisfatórios; porém, isso não ocorre em todos os casos. Em muitos casos, o motivo para o insucesso encontra-se em dificuldades presentes na realização da transação. Uma das grandes dificuldades é o choque cultural, que consiste no encontro entre duas culturas empresariais distintas que, ao não serem bem absorvidas, acarretam em sérios problemas para ambas as empresas. Há dificuldades em consolidar a transação quando o interesse de uma ou mais empresa(s) envolvida(s) é apenas a lucratividade, sem preocupar-se com tantos outros aspectos importantes, como a assimilação do processo pela equipe trabalhadora. Outra dificuldade relevante e fatal é a falta de planejamento, que pode não trazer consequências imediatamente, mas em médio e longo prazo terá efeitos devastadores sobre as empresas.

Trajetória histórica das fusões e aquisições

Foi no século XIX que surgiram as primeiras operações de Fusões e Aquisições, com o marco inicial presente na economia norte-americana. Esse processo iniciou-se transformando muitas pequenas e médias empresas em um número pequeno de grandes empresas líderes. O primeiro movimento iniciou-se por volta de 1890, e teve seu pico entre 1898 e 1902. Esse ciclo teve como objetivo a redução de níveis de competição e a consolidação do processo de produção industrial.

Na década de 1960, com as leis antitrustes, foram dificultadas as operações de expansões horizontais nos EUA; assim, as transações concentraram-se na criação de grandes conglomerados que levaram a uma combinação de empresas de diferentes setores, enquanto na Inglaterra as integrações horizontais dominavam o mercado. Nessa mesma década, países como Alemanha, França e Canadá também experimentaram uma onda de processos de fusões e aquisições. No ano de 1968, 26 grandes empresas americanas desapareceram em operações de F&A, muitas delas adquiridas por empresas de menor porte.

Grandes mudanças na economia mundial: surgimento de novas tecnologias de comunicação e informação, altos preços do petróleo, elevadas taxas de juros reais, liberalização dos fluxos internacionais de capitais, surgimento de novos instrumentos de mercados financeiros e desregulamentação dos serviços financeiros. Com isso, a

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 102 10/25/2012 2:44:53 PM

partir de 1980, ocorreu um grande número de privatizações, marcando a dinâmica das fusões e aquisições.

Os setores de telecomunicações, entretenimento e serviços financeiros dominaram as operações de F&A na década de 1990, deslocando-se, ao final desta, para setores de alta tecnologia e da Internet. Em 1998 foi anunciado um dos maiores acordos na história corporativa: a fusão em escala global entre Chrysler e Daimler-Benz.

Com um volume recorde de US$ 3,4 trilhões, o ano de 2000 alavancou um crescimento de 50% nos processos de F&A em relação ao ano anterior, segundo a Thomsom Financial Securities Database. Em 2008, a crise financeira global, com o desaparecimento de importantes instituições financeiras e consequente escassez de crédito, e o fraco desempenho do mercado acionário afetaram a capacidade de financiamento das empresas, provocando a retração observada das operações de aquisições. Porém, a partir do segundo semestre de 2009, as operações de F&A continuaram a crescer cada vez mais e, atualmente, permanecem na mesma tendência.

No Brasil, o histórico de operações de fusões e aquisições pode ser considerado recente. Só na década de 1990, que representou o início de uma nova era econômica, em que o país deixou de ser uma economia fechada e sem competitividade para se tornar uma economia globalizada, as operações de F&A passaram a ter mais representatividade no cenário econômico, a partir da maior abertura do país para o mercado global. Anteriormente a esse período, tais transações ocorriam em menor escala, e concentravam-se em alguns setores, como, por exemplo, o bancário.

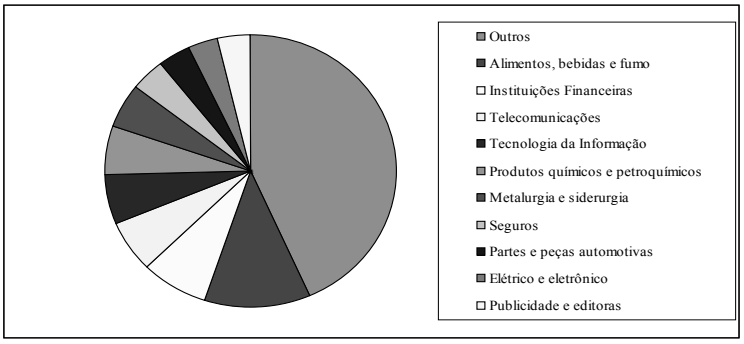
Como em muitas outras economias emergentes, no caso brasileiro, o crescimento do número de fusões e aquisições acompanhou o processo de liberalização econômica. Esse fator favoreceu os processos de F&A de três diferentes modos: primeiro, a desregulamentação dos mercados locais, associada às tendências internacionais em direção à globalização, permitiu que as empresas estrangeiras adquirissem empresas brasileiras; segundo, programas de privatização criaram oportunidades para que muitas empresas estrangeiras e brasileiras adquirissem grandes operações nos setores de energia, de telecomunicações e bancário; e terceiro, a elevada competição internacional, associada à acelerada mudança tecnológica, obrigou empresas domésticas a se fundirem ou a adquirirem umas às outras.

O primeiro período da década de 1990, que vai até 1993, foi marcado pela abertura da economia. Privatização, concentração e verticalização do mercado caracterizaram esses anos. Registraram-se grandes fusões e aquisições em setores considerados básicos, como produtos químicos e petroquímicos. A segunda fase, que vai de 1994 até 1997, teve como marcos o Plano Real e a presença expressiva de negócios nos segmentos financeiro, eletrônico e de autopeças. O ano de 1997 foi marcado pelo *boom* das fusões e aquisições no Brasil, com o recorde de 372 negócios realizados, segundo a KPMG. O ano 2000 foi recorde de operações se comparado aos anos anteriores, com forte influência de negócios relacionados à Internet, com destaque para os investidores estrangeiros. Em 2008, ano da crise financeira internacional, foi atingido novo recorde de transações, de US$ 95 bilhões, segundo dados da KPMG, com destaque para grandes transações entre empresas brasileiras, como Itaú e Unibanco, e a fusão das Bolsas de Mercadoria e Futuros – BMF e da Bolsa de Valores de São Paulo – BOVESPA.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 103 10/25/2012 2:44:53 PM

Entre 2007 e 2010, o Brasil galgou oito posições no ranking mundial de fusões e aquisições, saindo da décima quarta (14ª) posição para, atualmente, encontrar-se na sexta (6ª) posição do ranking. O avanço do Brasil no ranking só não foi maior do que o da China, que deixou o décimo segundo (12º) lugar em 2007 para o terceiro (3º) lugar em 2010, segundo informações da Ernst & Young.

Gráfico 2: Principais setores de investimento no total das transações de Fusões e Aquisições (1992 - 2000).



Fonte: http://www.kpmg.com.br/publicacoes/corporate_finance/structuredfinance/fa_90s.pdf

Setor	**Transações**
Alimentos, bebidas e fumo	269
Instituições financeiras	176
Telecomunicações	144
Tecnologia da informação (TI)	134
Produtos químicos e petroquímicos	132
Metalurgia e siderurgia	122
Seguros	89
Partes e peças automotivas	83
Elétrico e eletrônico	81
Publicidade e editoras	80
Outros	998
Total	2.308

Os especialistas acreditam que o surgimento no cenário brasileiro, de F&A, atualmente, não é reflexo do excesso de liquidez mundial ou de uma onda especulativa, mas sim do potencial de expansão da economia brasileira. Soma-se a isso o fato de as oportunidades de investimento nas economias mais desenvolvidas, como Europa e Estados Unidos, oferecerem um menor grau de atratividade, já que o retorno esperado nessas economias tende a ser menor que nos chamados países emergentes.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 104 10/25/2012 2:44:53 PM

Fusões e aquisições bancárias

O setor financeiro é composto por bancos, seguradoras, corretoras, holdings de investimentos e outras instituições financeiras ou com operações associadas ao setor financeiro. Esse setor, cada vez mais, projeta para o futuro um uso maior de operações de F&A, principalmente entre os bancos, devido à alta percentagem de sucesso nesse ramo, dentre as transações já executadas. Esse alto número de transações ocorre, principalmente, pela busca das instituições por economias de escala.

O setor bancário mundial tem passado por uma grande transformação, principalmente nos últimos anos, por motivos relacionados ao desenvolvimento tecnológico e às alterações no ambiente regulatório, que aumentaram a concorrência no setor e resultaram num grande aumento do número de fusões e aquisições nesse setor. O processo de reestruturação bancária acelerou-se sobremaneira nos países desenvolvidos, nas últimas décadas, alterando profundamente a natureza e a operação da indústria bancária. A maior evidência empírica desse processo é o acentuado crescimento das F&As nos anos 1990, nos países desenvolvidos e em alguns países emergentes, em termos de número, tamanho e valor de negócios. A desregulamentação dos serviços financeiros em nível nacional, a maior abertura do setor bancário à competição internacional, os desenvolvimentos tecnológicos em telecomunicações e informática e as mudanças na estratégia gerencial das instituições financeiras com maior retorno aos acionistas, todos esses fatores juntos têm impulsionado as instituições financeiras para um acelerado processo de consolidação. Como resultado do processo de consolidação bancária nos países desenvolvidos, observa-se uma diminuição na quantidade de instituições bancárias, uma diminuição no número de trabalhadores no setor financeiro (devido aos avanços tecnológicos e às F&As) e um declínio nas margens líquidas de juros dos bancos, devido ao aumento na competição no mercado bancário. Com esse novo contexto, os bancos buscam diversificar seus negócios e aumentar a escala de operações. Assim, são incentivados a realizar fusões e aquisições com outras instituições, bancárias e não-bancárias, para possível aproveitamento de economias de escala e para diversificação de riscos.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 105 10/25/2012 2:44:53 PM

Rua em Nova Iorque. Coração financeiro dos Estados Unidos. Fonte: Google – Acesso 04/02/2012.

O setor bancário brasileiro passou por um processo de mudanças profundas, o que provocou uma onda de fusões e aquisições (F&As) bancárias, além da entrada de novas instituições estrangeiras no mercado bancário varejista do país. Bradesco, Itaú, Unibanco, Santander, ABN Amro e HSBC se tornaram os maiores bancos varejistas privados. No ano de 1995, está a fase em que ocorreu a recente onda de F&As bancárias no Brasil. A primeira grande aquisição bancária relevante na década de 1990 foi a compra do Nacional pelo Unibanco, em novembro de 1995.

Uma das especificidades do caso brasileiro foi a vigorosa reação dos bancos privados nacionais à entrada dos bancos estrangeiros, participando inicialmente de forma ativa da onda de F&As, realizando importantes incorporações, e, posteriormente a partir de certa retração dos bancos estrangeiros, passando os mesmos a comandar esse processo. No Brasil, tal como em outros países da América Latina, há fortes indícios de que o processo de consolidação esteja em curso, conforme evidenciado pela redução no total de instituições financeiras bancárias, pela queda no número de empregos no setor e, por fim, no aumento do grau de concentração bancária.

Nos últimos anos, com a grande onda de fusões e aquisições no setor bancário brasileiro, o número de transações foi muito significante. Seguem, abaixo, as transações mais importantes desse período:

- **Unibanco compra o Nacional – 1995:** O Banco Nacional, na época um dos maiores do país, foi uma das mais célebres "vítimas" do Plano Real. Incapaz de gerir seus recursos após o fim da inflação, o banco "quebrou" em 1994 e foi um dos que receberam ajuda do governo federal, por meio do PROER (Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional). Em novembro do ano seguinte, o Unibanco comprou

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 106 10/25/2012 2:44:53 PM

a carteira de clientes do Nacional e o Banco Central absorveu a parte em grande dificuldade;

- **HSBC compra o Bamerindus – 1997**: O HSBC marcou sua entrada no varejo financeiro brasileiro com a compra do Bamerindus. O banco paranaense estava com as contas esburacadas, sob intervenção do Banco Central, que procurava uma maneira de evitar que 2,6 milhões de correntistas perdessem seus depósitos. O banco inglês apareceu, desembolsou R$ 930 milhões, em março de 1997, pelas contas, agências, prédios e a marca comercial do Bamerindus, e evitou-se assim um naufrágio danoso para o sistema financeiro;
- **Bradesco compra o BCN – 1997**: Em outubro de 1997, o Bradesco fez sua primeira grande aquisição na década, ao incorporar o BCN (Banco de Crédito Nacional). A compra custou cerca de US$ 1 bilhão. Porém, os dois bancos só foram totalmente fundidos em março de 2004;
- **Itaú compra o BANERJ – 1997**: O primeiro dos bancos estaduais a ser privatizado foi o BANERJ, que pertencia ao governo fluminense. No leilão de privatização, o Itaú não teve concorrentes e arrebatou a compra pelo preço mínimo, de R$ 311 milhões. A incorporação definitiva do banco fluminense pelo Itaú ocorreu em 2004. O Itaú seria um dos principais "beneficiados" com a onda de privatizações. Nos anos seguintes também adquiriu da mesma maneira o Banestado (Paraná), o Bemge (Minas Gerais) e o BEG (Goiás);

Fachada Banerj
Fonte: Google - Acesso 20/01/2012

BANERJ - Rua Catete/RJ
Fonte: Google - Acesso 20/01/2012

- **BBVA compra o Excel Econômico – 1998**: Em um dos negócios mais turbulentos do setor, os espanhóis do BBVA "estrearam" no mercado brasileiro ao adquirir o banco Excel Econômico por US$ 800 milhões. O banco, inaugurado em 1990, estava em dificuldades financeiras desde que comprou a parte "limpa" do quebrado Banco Econômico, em 1995. Cinco anos depois, os espanhóis desistiriam do setor bancário varejista no país e venderiam sua parte brasileira para o Bradesco;

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 107 10/25/2012 2:44:53 PM

- **ABN Amro compra o Banco Real – 1998**: Os holandeses do ABN Amro compraram o banco Real por cerca de R$ 2 bilhões, em julho de 1998. A compra foi concluída em novembro, quando o ABN compra também o Bandepe. A integração do Real com o ABN ocorre apenas em 2000;
- **Unibanco compra o Banco Bandeirantes – 2000**: O Unibanco adquiriu em 2000 o Banco Bandeirantes por R$ 1,044 bilhão, pagos em ações para o banco português Caixa Geral de Depósitos. Os portugueses, por sua vez, já tinham adquirido o banco em meados dos anos 1990. Com o acordo, o Caixa Geral de Depósitos passou a deter 12,4% do capital do Unibanco;
- **Bradesco compra o Banco Mercantil – 2002**: No início do ano o Bradesco incorporou a financeira Finasa, uma das maiores do país, ao comprar o Banco Mercantil de São Paulo por R$ 1,372 bilhão;
- **Bradesco compra o Banco Zogbi – 2003**: O Bradesco confirma a compra do Banco Zogbi, em acordo de R$ 650 milhões, entidade que atuava há mais de 40 anos na atividade de financiamento;
- **HSBC compra filial do Lloyds – 2003**: O banco britânico HSBC comprou a filial brasileira do Lloyds TSB por US$ 815 milhões, com o objetivo de expandir sua participação na América do Sul. Na época, o ativo mais valioso do Lloys no Brasil era a financeira Losango;
- **Bradesco compra o BBVA – 2003**: Em janeiro de 2003, o banco espanhol BBVA (Banco Bilbao Vizcaya Argentaria) vendeu sua filial no Brasil ao Bradesco. O negócio foi concretizado em junho. Os espanhóis receberam US$ 632 milhões e 4,4% do capital do banco brasileiro, uma participação que ampliaram posteriormente para 5,01%. Em março de 2008, os controladores do Bradesco compraram de volta essa participação por US$ 1,47 bilhão. O próprio BBVA --na época se chamava apenas BBV-- apareceu no Brasil através de aquisições. A mais importante feita por ela foi a do Excel Econômico, em 1998;
- **ABN Amro compra o Sudameris – 2003**: Em outubro de 2003, o ABN Amro Real anunciou a compra do banco Sudameris Brasil. O ABN pagou R$ 2,190 bilhões ao grupo italiano Intesa, que controlava o banco, sendo R$ 527 milhões em dinheiro mais participação de 11,58% da Intesa em seu capital. Porém, a integração total entre os bancos ocorreu apenas em 2007;
- **Itaú compra o BankBoston – 2006**: Em maio de 2006, o Itaú anunciou a compra do BankBoston --braço do americano Bank of America- no Brasil, em um negócio que foi pago em ações. Pela venda, o Bank of America recebeu cerca de US$ 2,2 bilhões em ações do Itaú. Três meses depois, a mesma operação foi usada para adquirir os negócios do BankBoston no Uruguai e no Chile, por R$ 1,37 bilhão. O negócio fez com que o Itaú encostasse de vez no então líder privado do setor, o Bradesco, além de dar maior fôlego ao Personallité, o serviço para clientes de alta renda do banco. Também deu ao Itaú a possibilidade de iniciar suas atividades como banco de varejo fora do Brasil;

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 108 10/25/2012 2:44:53 PM

- **Santander compra o ABN Amro Real – 2007**: Em outubro de 2007, o banco holandês ABN Amro foi vendido a um consórcio formado pelo espanhol Santander, pelo escocês RBS (Royal Bank of Scotland) e pelo belgo-holandês Fortis, pelo valor de 71 bilhões de euros (aproximadamente R$ 181 bilhões), o maior negócio da história da indústria bancária no mundo. Por conta desse negócio, o Santander passou a controlar o ABN Amro Real. No ranking do Banco Central, o Real ocupa a quinta colocação entre os maiores bancos do país, enquanto o Santander é o sétimo. Os dois bancos estão em processo de fusão. Quando isso ocorrer, o banco passará a Caixa Econômica Federal no posto de quarto maior banco do país.

Processo, consolidação e resultados dos principais casos de fusões e aquisições bancárias no Brasil recente

Santander – Banespa

Fundado em 1909, o Banespa – Banco do Estado de São Paulo caracterizava-se por ser uma instituição financeira estatal. Com controle inicial advindo de capital francês e denominação de Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo, objetivava o incentivo à atividade agrícola paulista. Seu controle foi nacionalizado em 1919, tornando-se seu acionista majoritário o Tesouro do Estado de São Paulo. Assim, em 1926, teve sua razão social alterada para Banco do Estado de São Paulo S.A. As características principais eram o incentivo e o financiamento da lavoura cafeeira paulista.

Em 1947, foi fundado o Edifício Sede do Banespa, conhecido hoje como Edifício Altino Arantes (primeiro presidente brasileiro do banco). Atualmente, esse grande Edifício (36 andares) preserva a memória cultural da história do Banespa.

Em 1969, internacionalizou-se com abertura da dependência de Nova York, a primeira de um banco oficial brasileiro em território norte-americano; em 1973, consolidou-se como conglomerado financeiro, com a incorporação do Banco de São Paulo S.A., que propiciou a absorção de uma empresa de crédito, financiamento e investimento e uma distribuidora de títulos e valores mobiliários, além da ampliação da rede de dependências. Passou a deter o controle acionário do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo S.A. – BADESP –, em 1984, e cinco anos depois aconteceria a transformação em Banco Múltiplo – banco que atua com as seguintes carteiras: comercial, de investimento e/ou de desenvolvimento, de crédito imobiliário, de arrendamento mercantil e de crédito, financiamento e investimento -, proporcionando uma economia de escala. Em 1992 houve a criação do Banque Banespa International S.A., subsidiária com controle acionário total do Banespa, instalada em Luxemburgo, constituindo-se em um banco europeu, tendo como principais objetivos assegurar a expansão da rede internacional e estimular as operações de comércio exterior das empresas nacionais.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 109 10/25/2012 2:44:53 PM

O Banespa era o principal motor dos governadores. Quando a situação apertava, o Palácio dos Bandeirantes obrigava o banco a comprar títulos emitidos pelo Estado. Assim, deu-se um endividamento do banco, entre o final da década de 80 e início da década de 90. Na contabilidade do Banespa, os auditores do Banco Central encontraram uma dívida de R$ 20 bilhões em papéis que o Estado não resgatou, segundo matéria publicada no jornal Folha de São Paulo. Em 1994, o Banco Central interveio no Banespa, decretando em Regime de Administração Especial Temporária – RAET. Em 1997, através de um acordo, ocorreu a cessão dos créditos do banco do Setor Público Estadual à União. O Banespa foi incluído no Programa Nacional de Desestatização em 1998, tendo sido, posteriormente, saneado com recursos do Tesouro Nacional.

Fonte: Google - Acesso em 14/01/2012 Torre do Banespa: do alto é possível ver quase toda a cidade de São Paulo

O banco espanhol Santander foi fundado em 1857, já com o caráter de banco aberto ao exterior, em uma província com o mesmo nome (hoje Cantabria), estendendo-se posteriormente por toda a Espanha, com a compra de diversos bancos. Inicialmente era ligado ao comércio realizado no porto da província espanhola. Duplicou seu balanço entre 1900 e 1919, segundo informações publicadas na própria página da internet do grupo, obtendo uma ótima rentabilidade e aumento de capital.

Em 1946, o Santander adquiriu seu velho rival em Santander, o Banco Mercantil. Durante a década seguinte, é adquirido o Banco del Hogar Argentino, primeira filial do Santander na América Latina. Através da expansão internacional do banco Santander, iniciada em 1950, atingiu a América Latina e a Europa, com instalações em países como Argentina, Cuba, Inglaterra, México, França, Estados Unidos, Chile e Uruguai.

Em 1982, o banco chegou ao Brasil com um escritório de representação, com início das operações do *Santander Investment* apenas em 1991. Após seis anos, o

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 110 10/25/2012 2:44:53 PM

Santander adquiriu o Banco Geral do Comércio S.A., ganhando posição entre os maiores grupos financeiros do setor no Brasil. No ano seguinte comprou o Banco Noroeste S.A.

Nos Estados Unidos, a entrada efetiva do Banco Santander ocorreu em 1991, quando adquiriu uma participação de 13,3% no Banco *First Fidelity*. A posterior fusão com o *First*

Union e a elevação da participação do Santander na sociedade, tornando-se o maior acionista do novo banco, permitiu não somente a valorização das ações do banco espanhol, mas possibilitou sua expansão e o fez consolidar sua presença nos Estados Unidos, com milhares de agências da Flórida a Nova Iorque. A estratégia de crescimento além-mar empreendida pelo Santander surpreendia pelo enorme sucesso.

Em 1999, o Banco Santander e o BCH – Banco Central Hispano - protagonizam a primeira grande fusão bancária na Europa do euro, tornando-se assim a maior entidade financeira de Espanha, e líder na Ibero-América. A grande instituição financeirou passou a se chamar Grupo Santander.

Após ser saneado com recursos do Tesouro Nacional, o Banespa foi federalizado no ano de 2000, sob protestos do governador da época – Mário Covas. Assim, o então presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu privatizá-lo por meio de um leilão.

O Santander tinha a estratégia de se fazer presente em toda a América Latina, de maneira ampla e intensa e nos mais diversos segmentos da atividade bancária. O Brasil seria fundamental para essa expansão da instituição financeira hispana, principalmente por ser uma economia em crescimento e fazer parte do bloco econômico Mercosul. Assim, ele havia se consolidado no país com a compra do Banco Geral do Comércio, em 1997, a compra do Banco do Noroeste , em 1998, e a compra do Banco Meridional, em 2000.

No leilão da privatização do Banespa, realizado na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, em vinte de novembro de 2000, o preço mínimo para a aquisição foi fixado pelo Banco Central do Brasil em R$1,85 bilhão. Já havia informações de que o banco espanhol viria com um ágio muito grande para o leilão, que não daria para ser acompanhado pelos bancos nacionais, fazendo com que muitos destes desistissem de dar algum outro ágio. Com ousadia, o maior conglomerado financeiro espanhol estava decidido a ganhar no leilão. O primeiro sinal foi a presença do presidente da instituição, Gabriel Jaramillo, na Bolsa, o único executivo de alto escalão dos bancos concorrentes que foi até o Rio de Janeiro. O banco também foi o primeiro a entregar o envelope com a proposta de compra - fato pouco comum, já que nos leilões os corretores deixam para fazer a entrega nos segundos finais, depois de terem a certeza de quem são os demais participantes. Os bancos Itaú e Safra não participaram do leilão. O segundo banco a entregar a proposta, que foi apenas simbólica, foi o Bradesco, com o valor de R$1,86 bilhão. O Unibanco foi o terceiro e ofereceu R$2,1 bilhões pelo Banespa. Porém, o Santander surpreendeu a todos com um lance espetacular de 281% sobre o preço mínimo, vencendo o leilão, que teve duração de apenas 13 minutos, e obtendo a aquisição do Banco do Estado de São Paulo por R$7,05 bilhões.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 111 10/25/2012 2:44:53 PM

Logo após o encerramento do leilão do Banespa, o Comando dos Funcionários (formado por sindicatos e entidades representativas de banespianos de todo o país) propôs em assembleia, no sindicato dos bancários, um calendário de protestos e um programa de reivindicações a ser apresentado ao novo controlador do Banespa, além do desejo inicial de tentar anular a operação realizada no leilão. As principais reivindicações do Comando eram a garantia de emprego; a manutenção da rede de agências, do fundo de previdência privada, da caixa de beneficência dos empregados e do grupo de aposentados "pré-75" (empregados aposentados contratados antes de 1975, que contam com garantia de emprego assegurada pela constituição do estado de São Paulo). Por fatores óbvios, a tentativa de anulação não progrediu e tão pouco obteve sucesso. Já as garantias foram todas praticamente concedidas, principalmente a continuação dos funcionários vigentes. Porém, no ano seguinte, o Santander lançou um programa de demissão voluntária, por haver a necessidade de adequação da estrutura de custos e enfoque na nova estratégia de atuação, que teve adesão de muitos funcionários.

O governo ficou satisfeito com o valor da venda do Banespa. Os recursos do leilão de privatização foram integralmente utilizados para abater a dívida pública, segundo o então secretário do Tesouro Nacional, Fábio Barbosa. Para o Brasil, a ação do grupo espanhol foi um exemplo de confiança no país, mostrando a boa perspectiva dos investidores estrangeiros. Para o então presidente do Banco Central, Armínio Fraga, o alto ágio pago pelo Santander significou que a instituição sabia que, com tal aquisição, conseguiria uma grande posição de destaque no mercado bancário brasileiro.

Representantes do Santander durante o leilão na Bolsa do Rio
Fonte: Folha On Line - Acesso em 10/01/2012

A partir da compra o banco passou a se denominar Banco Santander Banespa; porém, atualmente, a marca Banespa foi extinta, passando-se a grafar apenas Banco Santander. Com a aquisição, o Santander passou de quinto a terceiro maior banco privado do país e o quinto no ranking dos bancos nacionais, com R$ 56,2 bilhões em ativos, tomando o lugar do Unibanco, obtendo uma rede de 1970 pontos de venda, com 900 agências nos estados Sul e Sudeste.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 112 10/25/2012 2:44:53 PM

Em 2008, o Grupo Santander comprou a operação do holandês ABN Amro Bank na América Latina, controlador do Banco Real, tornando-se, no Brasil, o terceiro maior banco em ativos, reforçando ainda mais sua presença no cenário econômico brasileiro após a aquisição do Banespa.

Itaú – Unibanco

O Banco Central de Crédito, de posse da família Setúbal, foi fundado em 1943, tendo sua primeira agência na cidade de São Paulo, em janeiro de 1945. Ao final do primeiro ano de atuação o banco já tinha, além da sede, duas outras agências --em Campinas e em São João da Boa Vista. Nesse mesmo ano, na cidade de Itaú de Minas, foi aberta a primeira agência do Banco Itaú América, de posse da família Vilela. Esses dois bancos não tinham ligação alguma. Em 1952, a razão social do primeiro passa a ser Banco Federal de Crédito, por recomendação do governo federal, a fim de reservar o termo "Central" para a instituição que passaria a ser o Banco Central do Brasil.

Fachada Banco Central do Brasil. Fonte: Google - Acesso 20/01/2012

A história do tradicional grupo financeiro Itaú foi marcada por muitas operações de fusão e aquisição. Desde sua origem, na década de 40, cada degrau conquistado no ranking dos bancos nacionais foi alcançado com a compra de uma nova instituição.

A partir dos anos 60, o Banco Federal de Crédito viveria uma forte expansão, principalmente por meio de associações e aquisições de outros bancos, que proporcionaram um rápido crescimento para a instituição, sendo a primeira delas a aquisição do Banco Paulista de Comércio, em 1961.

A história do Banco Federal de Crédito e do Banco Itaú da América se tornou a mesma a partir de 1964, quando houve uma fusão entre eles, tornando-se a 16ª instituição financeira do país. Dessa fusão surge o Banco Federal Itaú, que começou a

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 113 10/25/2012 2:44:53 PM

funcionar com uma rede de 112 agências em seis Estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Mato Grosso, Minas Gerais e Paraná).

Com a Lei da Reforma Bancária, o Federal Itaú passou a fazer aquisições e passou a buscar expansão para outros pontos do país; em 1969, o Federal Itaú adquiriu o Banco da América e se tornou o Banco Itaú América. Em 1973, a razão social foi alterada para Banco Itaú S.A. Em *1974*, foi criada a *Itaúsa* - Investimentos Itaú, *holding* que detém *controle acionário* do banco e de outras empresas. Em 1980, o Itaú inaugurou a primeira agência fora do Brasil: em Nova York. A partir de meados dos *anos 1990*, iniciou-se o processo de privatização de bancos estatais; juntamente com outras aquisições de empresas privadas do setor bancário e correlatas (como de *seguros*), alavancaram enormemente a expansão do Itaú. Em 1995, o Itaú assumiu o controle acionário do Banco Francês e Brasileiro, e com isso surgiu o Itaú Personnalité (oferece serviços especializados para satisfazer as demandas de clientes de alta renda). Em 2002, teve início uma reforma societária, que passaria o *controle acionário* para o *Banco Itaú Holding Financeira*. Assim, o Banco Itaú passou a ser uma *subsidiária* do Itaú Holding, que controla também o Itaú BBA e Itaucred. O Itaú é um dos poucos grupos financeiros brasileiros que têm participação relevante em outros setores. Em 2004, foi criada a Taií - Financeira Itaú (Trishop Promoções e Serviços), voltada para o segmento de empréstimos pessoais. Em 2006, o Itaú adquiriu o Bank Boston no Brasil.

As aquisições agregaram valor expressivo ao banco brasileiro. Até 2007, o valor de mercado do Itaú estava em US$ 52,66 bilhões. Em 2000, valia US$ 10,89 bilhões e, em 1995, US$ 3,21 bilhões.

Em Poços de Caldas – MG, no ano de 1924, o governo federal do Brasil autorizou o funcionamento da seção bancária da Casa Moreira Salles, uma das mais importantes lojas de comércio, fundada por João Moreira Salles, em 1918. Na década seguinte, a seção bancária se tornou uma instituição independente, com o nome de Casa Bancária Moreira Salles. Logo, seu filho mais velho, Walther Moreira Salles, assumiu o comando da instituição.

Em 1940, a instituição passou a chamar-se Banco Moreira Salles, como resultado da fusão entre a Casa Bancária Moreira Salles, o Banco Machadense e a Casa Bancária de Botelhos, com uma rede de 34 unidades, segundo fontes do Banco Central do Brasil. Cinco anos depois, já seriam 63 unidades, distribuídas por São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em seguida, diversas cidades do Paraná entrariam na lista. Em quatro anos, de 1948 a 1952, foram inauguradas 20 agências. A uma etapa de investimento na ampliação do número de novas agências seguiu-se, a partir da segunda metade dos anos 60, um período de crescimento por incorporação ou fusão com outras instituições.

Em maio de 1967, o Banco se fundiu com o Agrimer, Banco Agrícola Mercantil, e surgiu a sua nova denominação: União de Bancos Brasileiros S.A. (UBB). Com 333 agências, a UBB possuía a maior rede do Brasil naquela época, tanto que, após dois anos, estava em segundo lugar no ranking dos bancos privados do país. Em 1970, ocorreu a absorção do Banco Predial do Estado do Rio de Janeiro. Com ela, um

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 114 10/25/2012 2:44:53 PM

novo perfil institucional foi instaurado: a popularização como banco de varejo.

Em 1975, todas as empresas do conglomerado receberam o nome *Unibanco* e, em 1983, o banco mudou sua matriz operacional para o Edifício Unibanco, na cidade de São Paulo, mesmo ano em que surgiu uma inovação no setor de seguros brasileiro: a Unibanco Seguradora, que se juntou à Sul América, líder do setor, surgindo a Sul América Unibanco Seguradora, contando com toda a rede do Unibanco para consolidar sua liderança.

Em 1995, o Unibanco adquiriu a complexa estrutura do Banco Nacional S.A., que estava sob intervenção federal, levando a instituição a subir de patamar, com uma rede de 1446 dependências no Brasil, segundo o Banco Central. Nos anos seguintes, o Unibanco incorporou várias instituições, em diferentes segmentos do mercado financeiro, como a financeira Fininvest, líder em crédito direto ao consumidor (metade do capital adquirido em 1996 e aquisição completada em 2000), e o Banco Dibens, forte no financiamento de veículos. No ano de 2000, o crescimento do lucro líquido do banco foi de 25%, com um aumento da base de clientes de 50%. Isso deve-se, em boa parte, à aquisição do controle integral da Fininvest, do Credibanco e do Banco Bandeirantes. Este último, uma instituição de porte, com posição destacada no Nordeste, foi alvo de acirrada disputa entre as maiores instituições do mercado, e sua incorporação resultou na admissão do importante banco português Caixa Geral de Depósitos, que controlava o Bandeirantes, entre os sócios da instituição brasileira. Em 2004, o Unibanco comprou o HiperCard, cartão de crédito aceito em mais de 70.000 estabelecimentos comerciais do Nordeste.

No dia 3 de novembro de 2008, a Itaúsa, controladora do banco Itaú, e a Unibanco Holdings, controladora do Unibanco, anunciaram que iriam fundir suas operações financeiras.

As negociações começaram 15 meses antes do anúncio, mas foram aceleradas pelos desdobramentos da crise financeira internacional. Os dois bancos começaram a se aproximar após a compra do banco Real, do grupo ABN Amro, pelo banco Santander, que se fortaleceu com tal operação, consolidando-se entre os principais bancos brasileiros e ameaçando a posição do Itaú, de terceiro lugar no ranking nacional. Segundo os presidentes das instituições, a fusão também ocorreu devido a uma forte identidade de valores e visões convergentes do futuro em momento de grandes mudanças e oportunidades no mundo, particularmente no setor financeiro. O novo banco consolidou-se em um cenário que encontrou o Brasil e seu sistema financeiro em situação privilegiada, com enormes possibilidades de melhorar sua posição relativa no cenário global.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 115 10/25/2012 2:44:53 PM

Edifício Sede do Banco Central do Brasil em Brasília.
Fonte: http://www.bc.gov.br/Pre/ImagensBC/Instalacoes/galeriaImagensInstituicoesasp?idiomaPage=1
Acesso em 11/01/2012

A operação precisou ser aprovada pelo Banco Central do Brasil e órgãos reguladores, como o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) e a CVM (Comissão de Valores Mobiliários), em assembleias extraordinárias de acionistas que avaliaram os riscos concorrenciais da fusão, o respeito aos direitos dos acionistas minoritários e a eventual possibilidade de prejuízos por parte dos clientes, pelos possíveis elevações de preços devido à concentração bancária.

Um dos maiores objetivos da fusão foi formar o maior banco do país, na época, e o maior grupo financeiro do Hemisfério Sul. Segundo informação das instituições e de acordo com dados do Banco Central, de junho de 2008, o total de ativos combinados após a operação foi mais de R$ 575 bilhões, contra R$ 403,5 bilhões do Banco do Brasil e R$ 348,4 bilhões do Bradesco. Segundo as mesmas fontes, o novo grupo financeiro contou com, aproximadamente, 4,8 mil agências – 18% da rede bancária e 14,5 milhões de clientes de conta corrente – 19% do total de clientes do mercado. Em volume de crédito, passou a representar 19% do sistema brasileiro; e em total de depósitos, fundos e carteiras administradas, 21%. Em valor de mercado, o novo banco tornou-se o sexto maior das Américas: 41 bilhões de dólares.

A Itaú Unibanco Holding Financeira – sociedade criada para administrar a nova instituição – teve um modelo de governança compartilhada. O presidente do conselho do Itaú Unibanco Holding é Pedro Moreira Salles, que atuava no Unibanco, e o presidente executivo é Roberto Egydio Setúbal, do Itaú. No total, o Conselho Administrativo será composto por 14 membros – seis dos quais indicados pelo Itaú e pela família Moreira Salles e o restante independentes.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 116 10/25/2012 2:44:53 PM

Conforme as duas instituições, as operações de cartões de crédito passam a contemplar as empresas Itaucard, Unicard, Hipercard e Redecard. Nada mudou operacionalmente para os clientes do Itaú e do Unibanco. Todos continuaram a utilizar normalmente os diferentes canais de atendimento, cheques, cartões e demais produtos e serviços. Somente após a consolidação da operação de fusão todas as agências foram reformuladas para a marca Itaú.

Os acionistas do Unibanco tiveram suas ações ordinárias substituídas por ações da Itaú Unibanco Holding Financeira. Cada 1,797 de ação dos dois bancos tornou-se equivalente a uma ação da Itaú Unibanco Holding Financeira.

O então ministro da Fazenda, Guido Mantega, avaliou que a fusão favoreceu o *desempoçamento* de liquidez no mercado financeiro e fortaleceu as duas instituições, que terão um poderio financeiro maior, além de se tornar um dos maiores bancos do mundo. *A fusão é um fato importante porque solidifica os dois bancos*, acrescentou.

Com um poder de mercado maior, a fusão proporcionou aumento do suporte a empresas em operações nacionais e internacionais, crescimento nas operações de crédito, maior competição no mercado internacional e ganhos de escala em todos os segmentos. Houve um grande aumento da rentabilidade das ações. Para aqueles que não detinham ações dos bancos, porém dependiam de seus produtos, beneficiaram-se do crédito, da solidez da empresa, das contínuas inovações, etc.

Para o economista Clodoir Vieira, a associação com o Unibanco passou a ser uma preparação do Itaú para uma expansão além das fronteiras do país. "O banco [Itaú] sempre teve uma operação na Argentina, que nunca foi realmente muito significativa. Com esse ganho de escala, ele esteve se preparando para se tornar um banco realmente multinacional; principalmente porque, na época da fusão entre os bancos, o mundo passava por uma crise financeira, os bancos americanos passavam por dificuldades e o Itaú surgiu como banco comprador.

Banco do Brasil – Nossa Caixa

A história da fundação da Nossa Caixa está associada à economia cafeeira. Em 1916, a Europa começou a cortar as exportações de café vindas do Brasil devido a uma recessão política e econômica causada pela Primeira Guerra Mundial. Devido a essa instabilidade econômica, a população brasileira deixou de gastar. Assim, o governo do Estado de São Paulo viu um ótimo momento para a criação de um banco paulista para receber os pequenos depósitos da população e fomentar a formação de pecúlios populares. Em 1917, foi regulamentada a lei que criou a Caixa Econômica do Estado, inicialmente localizada na capital, em Santos, Campinas e Ribeirão Preto.

A Nossa Caixa – único banco público do Estado - sempre foi uma sociedade de economia mista, sendo o Estado de São Paulo detentor de 71,25% de suas ações. Até 1951, as Caixas Econômicas (uma em cada cidade do Estado) funcionavam como estabelecimentos autônomos, subordinadas à Secretaria da Fazenda. Em agosto de 1951, uma lei reuniu todas elas, recebendo o nome de Caixa Econômica do Estado de

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 117 10/25/2012 2:44:53 PM

São Paulo, totalizando mais de 5 mil agências e 50 mil terminais de autoatendimento espalhados pelo país, segundo informações do histórico publicado no site. Em 1971, a instituição passou a operar como sociedade anônima e quase duas décadas depois recebeu uma nova reorganização estatutária, passando a banco múltiplo em 1990, com objetivo de lucros maiores e aumento do poder de competição, com a denominação de Nossa Caixa – Nosso Banco S.A. Com isso, o banco passou a ter uma ampliação da oferta de produtos e serviços aos clientes, com uma grande variedade de opções: caderneta de poupança, depósitos a prazo, open e over, créditos pessoal, rural e habitacional, descontos de duplicatas, serviço de cobrança, seguros e loteria instantânea, entre outros.

Em 2001, o banco passou a se chamar Nossa Caixa S. A., com uma iniciativa de reestruturação organizacional e busca de novos mercados, quando foi promulgada a lei pelo então governador, Geraldo Alckmin, que autorizava o Estado de São Paulo a vender até 49% das ações do banco, fazendo com que este deixasse de ser empresa pública. Nesse mesmo ano, a Nossa Caixa inaugurou sua primeira unidade fora do Estado, em Uberlândia – MG. Posteriormente, foram inauguradas agências em outros Estados e inclusive na capital do país, Brasília.

A Nossa Caixa sempre teve uma grande importância no âmbito social, uma vez que obtinha serviços que promoviam o desenvolvimento econômico e social, com linhas importantes como Programas Especiais de Financiamento, Programa Mãos à Obra, Microbanco Rural, Finame Agrícola e Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas, entre outros.

Antes da aquisição, a Nossa Caixa estava presente em, aproximadamente, 645 municípios paulistas, com 552 agências.

Em 1808, quando o Brasil passou a ser sede da Coroa Portuguesa, o príncipe-regente D. João criou o Banco do Brasil, por meio de um alvará em meio a um conjunto de ações que visavam à criação de indústrias manufatureiras no país. O capital de mil e duzentas ações com valor de um conto de réis cada uma foi aberto ao público, com o objetivo de subscrever essas ações às pessoas mais ricas da época. Somente em 1809, quando foi incentivada a busca por acionistas, o banco abriu sua primeira agência no Rio de Janeiro. Oito anos depois, encerrou-se a oferta pública de ações. Em 1819, o Banco do Brasil financiou integralmente a construção da Bolsa do Rio de Janeiro – a primeira bolsa de valores brasileira.

Devido à vinculação com interesses da Coroa, em 1821 o banco já se encontrava em crise, principalmente quando D. João voltou a Portugal levando grande quantidade de recursos depositados no banco, o que resultou em seu fechamento, em 1829, com liquidação em 1833.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 118 10/25/2012 2:44:53 PM

Secretaria Municipal de Finanças (Antigo Banco do Brasil - 1926) - Localização: Praça Coronel Pedro Osório, 67 – Pelotas - RS - Fonte: http://bancodamarina.blogspot.com.br/2010/11/historia.html. Acesso: 01/02/2012

O Banco do Brasil esteve presente na história do país; na independência, ajudou a custear escolas e hospitais e a equipar navios que assegurassem a defesa brasileira. Na Guerra do Paraguai, foi um dos elementos de destaque, atuando como financiador brasileiro. Com o desenvolvimento da atividade cafeeira durante os anos de 1880, o Banco do Brasil tornou-se uma instituição de fomento da economia, abrindo linhas de crédito para a agricultura, para o financiamento da migração de mão de obra européia, e viabilizou aumento da circulação monetária resultante da libertação dos escravos. O banco também foi presença na Segunda Guerra Mundial, quando acompanhou os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira. Atuou no desenvolvimento industrial, com destaque na implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, um dos marcos mais significativos da industrialização brasileira.

Este era o antigo Banco do Brasil, que foi demolido para dar lugar ao Edifício Cidade de Campos/RJ) – Praça São Salvador – Centro – Fonte: http://campos-fotos.blogspot.com.br/2010/09/campos-antiga-fotos-enviadas-por-luiz.html Acesso: 12/02/2012

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 119 10/25/2012 2:44:53 PM

Com um forte ressurgimento, em 1851, o conhecido Barão de Mauá criou uma nova instituição chamada de Banco do Brasil. Também nascida de um lançamento público, dessa vez a instituição contou com um valor bem mais elevado e com ligações permanentes com o mercado de capitais. Em 1853, a instituição protagonizou uma fusão com o Banco Comercial do Rio de Janeiro, o que aumentou consideravelmente seu capital. No ano seguinte, foi realizado o primeiro concurso público para o cargo de escriturário, mesmo com o fato de o banco ter iniciado suas operações como entidade privada, ou seja, sem intervenção do governo. Em 1863, o Banco do Brasil era o único órgão emissor de moeda do país, fato cessado três anos depois, quando se transformou num instituto de depósitos, descontos e empréstimos sobre hipotecas. Em 1893, passou a ser chamado de Banco da República do Brasil, após fusão com outro banco estatal, voltando a ser chamado pelo nome original em 1906, quando suas ações ordinárias passaram a ser transacionadas publicamente nas bolsas de valores.

Irineu Evangelista de Sousa, Barão e Visconde de Mauá Comerciante, industrial e banqueiro no período do Império no Brasil (1822-1889) Barão (1854) e Visconde de Mauá (1874). Deputado provincial do Rio Grande do Sul (1856-1873). Nascimento 28 de dezembro de 1813 - Arroio Grande, RS. - Falecimento 21 de outubro de 1889 (75 anos) Petrópolis, RJ.

Durante os anos 1930, o Banco do Brasil criou importantes instrumentos para o apoio da recuperação econômica em meio à crise mundial, como foi o caso da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial. Captando recursos nos recém-criados institutos de aposentadorias e pensões, o Banco financiava a aquisição de equipamentos, máquinas, sementes e adubos para a agricultura e a indústria, e o financiamento da comercialização das safras.

Em 1960, a sede do Banco do Brasil foi transferida para Brasília, no mesmo dia da inauguração da atual capital brasileira. Após sete anos, o banco passou a atuar no exterior, com agências na América Latina, e, em 1969, com a primeira filial em

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 120 10/25/2012 2:44:53 PM

Nova Iorque. Em 1971, o Banco já contava com 975 agências no país, e 14 agências no exterior. Em 1985, foi criada a Fundação Banco do Brasil, instituição sem fins lucrativos que apóia e patrocina ações em diversos campos, como o cultural, social e esportivo, entre outros. No ano seguinte, o banco constitui a BB Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. Inicia-se, assim, a transformação do Banco em conglomerado financeiro. No ano de implantação do Plano Real – 1994 –, o Banco do Brasil foi responsável pela substituição da antiga moeda pela nova, em pouco tempo e no país todo. Nesse mesmo ano, assim como outras instituições financeiras, deixou de receber os ganhos obtidos com o imposto inflacionário, acusando grandes déficits. Com isso, o banco implementou várias medidas para reverter a situação e, com o desligamento de milhares de funcionários, voltou a obter lucros no ano de 1997. Em 2001, o Banco do Brasil adotou a configuração de Banco Múltiplo, trazendo vantagens como redução dos custos, racionalização de processos e otimização da gestão financeira e fisco-tributária. Também foi adotada nova configuração para o Conglomerado, visando a agilidade, autonomia e segurança nos processos decisórios. Após dois anos, o banco apresentou lucros muito elevados, consolidando-se cada vez mais como a maior instituição financeira do país, sendo um banco comercial, de investimentos e desenvolvimento, além de agente financeiro do governo, com 357.750 milhões de reais em ativos no ano anterior à aquisição da Nossa Caixa – 2007, segundo fontes do website do próprio banco.

Em novembro de 2008, o Banco do Brasil comprou o banco paulista Nossa Caixa por 5,386 bilhões de reais. A maior compra já feita pelo banco estatal constituiu-se em 18 parcelas, envolvendo um total de 71,25% da Nossa Caixa, o que dá o controle desta à instituição compradora.

Havia sugestões para que a venda da Nossa Caixa fosse à leilão; no entanto, com a definição do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), sobre a obrigatoriedade de manutenção dos Depósitos Judiciais em Bancos Públicos, o Banco do Brasil tornou-se o único capaz de pagar a máxima quantia possível pela Nossa Caixa, pois os demais concorrentes privados teriam de subavaliá-la, visto que perderiam os depósitos judiciais, da ordem de 15 bilhões. Além disso, a sociedade paulista e a brasileira enxergaram com receio a venda da Nossa Caixa aos bancos privados, pois seria caracterizada a privatização. Assim, a compra da Nossa Caixa pelo BB frustrou os planos do Bradesco, que também se moveu em direção ao banco estadual, compra vista como uma das poucas possibilidades de ampliar sua presença no mercado. Com a fusão entre Itaú e Unibanco, o Bradesco deixou de ser a maior instituição financeira privada do país.

O objetivo do Banco do Brasil, ao efetuar a aquisição, foi de tentar retomar a primeira posição no setor bancário nacional, pois, no mesmo mês, ocorreu a fusão entre o Itaú e o Unibanco, formando o maior conglomerado financeiro do hemisfério sul, deixando o banco estatal para trás no ranking brasileiro. Mesmo com a compra, o Banco do Brasil não conseguiu, imediatamente, voltar à primeira colocação. Os bancos Itaú e Unibanco, após a fusão, tinham um total de ativos combinado de mais de R$ 575 bilhões, contra R$ 403,5 bilhões do Banco do Brasil e R$ 348,4 bilhões do Bradesco,

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 121 10/25/2012 2:44:53 PM

de acordo com dados do Banco Central. Porém, pouco tempo depois, conseguiu a primeira punição, devido à compra de outros bancos, como o do Estado do Piauí e parte do Votorantim. Outro objetivo foi alcançado: a incorporação levou o Banco do Brasil a liderar o mercado no estado de São Paulo, onde, anteriormente, ocupava a quarta colocação, com um número de agências igual a 1.340, sendo 566 incorporadas da Nossa Caixa. O banco também liderou o nível nacional em número de agências, com 3.155 unidades em todo o país, segundo dados de seu próprio website.

A aquisição do controle acionário da Nossa Caixa foi acertada por meio de um memorando de entendimento, com efeito vinculante, entre o BB e o estado de São Paulo. Essa operação teve que ser aprovada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e foi acompanhada de uma condição que teria que ser implantada pela instituição financeira compradora: a de explicitar aos clientes a possibilidade de portabilidade de conta, crédito e cadastro para os clientes da Nossa Caixa por quatro anos.

O BB ofereceu um preço por ação de R$ 70,63, enquanto o valor de fechamento do papel na quarta-feira foi de R$ 51,30. Em meio à crise financeira internacional de 2008, a aquisição da Nossa Caixa provocou o que a economia brasileira precisava: maior liquidez ao mercado. Comentando a aquisição, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmou: *Nós vimos como é importante em um momento de crise financeira como essa termos bancos públicos fortes porque eles não sofrem nenhuma restrição de crédito; pelo contrário, podem até acrescentar mais crédito e ajudam a manter o mercado mais sólido*.

A incorporação da Nossa Caixa permitiu que o BB aumentasse sua presença no estado de São Paulo, ampliando sua base de clientes e depósitos (especialmente aqueles de baixo custo, como judiciais) e sinergias de custos e de receitas.

Perspectivas de fusões e aquisições no setor bancário brasileiro

Após a ótima superação da crise de 2008, o Brasil é um país emergente que vem ganhando importância no mundo pelos progressos significativos e pela elevada estabilidade econômica. Com essas características e o alto grau de diversificação do parque produtivo, foi possível conquistar a confiança interna e externa e, assim, obter grandes estratégias de investimento de longo prazo. Dentre essas estratégias, há um grande destaque para as Fusões e Aquisições, que vêm crescendo a cada ano e obtendo uma perspectiva de crescimento ainda maior para os próximos anos.

O Brasil, além de firmar sua atratividade como destino de investimentos, as empresas brasileiras têm apresentado ativa participação como compradoras no mercado internacional. No mundo todo verificamos a recuperação das atividades de fusões e aquisições, mas o Brasil apresenta uma curva mais acelerada. As perspectivas, portanto, tendem a ser de crescimento e otimismo para os investidores.

Outra característica relevante existente no Brasil e que impulsiona as operações de F&A é a facilidade na obtenção de crédito para esse tipo de transação, o que

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 122 10/25/2012 2:44:54 PM

faz com que novas consolidações de mercado sejam inevitáveis, com compras, aquisições, fusões, *joint ventures* e parcerias em setores como agronegócios, financeiro, infraestrutura e educação, entre outros. Mas o setor financeiro ainda permanecerá no topo dessas transações.

Um estudo da KPMG revela que, crescer a partir de F&A, é considerado novo padrão de normalidade. Com base nos dados do estudo, 67% dos entrevistados da área de serviços financeiros concordam enfaticamente ou tendem a concordar que as operações de F&A devem iniciar sua retomada em alguns países do mundo. Segundo Ricardo Anhesini, sócio da KPMG no Brasil, é interessante perceber que o Brasil vive um panorama diverso dos demais países, especialmente porque suas instituições financeiras não sofreram tanto quanto suas similares estrangeiras diante da crise de 2008/2009. Vivemos um crescimento na demanda por serviços desse segmento, especialmente pela ampliação do mercado consumidor, com a ascensão e a inclusão social de milhões de brasileiros. Também, por aqui, o quadro é de estabilidade, com consolidação da área financeira. Além disso, fusões e aquisições têm acontecido com força ao longo de 2011.

Porém, pelo fato de que nem todas tentativas de F&A obtiveram bons resultados, o estudo da KPMG sugere aspectos importantes que devem prevalecer na integração pós-fusão/aquisição na área bancária para garantir a conclusão bem sucedida da transação: estruturas adequadas postas em prática desde o início da operação, atenção plena com os ganhos por sinergia, comunicação com confiança, acompanhar e medir progressos e esforço para uma ótima integração entre as culturas. Assim, há tendência de que as próximas operações nesse setor tentem seguir, de maneira mais profunda que as últimas operações, essas estratégias, a fim de obter um crescimento em seu valor como um todo, acompanhado de um lucro expressivo.

Considerações Finais

Com a finalização da pesquisa sobre fusões e aquisições bancárias no Brasil recente: características e perspectivas, foi possível chegar à conclusão de que essas operações vêm obtendo um grande crescimento e destaque, principalmente no setor financeiro.

Foi observado que as Fusões e Aquisições são um tipo de processo recente, principalmente no caso brasileiro; assim, concluiu-se que esse tipo de transação mudou o cenário econômico do país, formando grandes e poderosos aglomerados comerciais. O destaque desse tipo de operação é dado ao setor bancário, pelo grande número de transações e pela alta qualidade, e também porque essa mudança no setor influencia a economia como um todo.

As F&A bancárias proporcionaram um aumento na eficiência de intermediação dos bancos compradores, possivelmente decorrentes de aprimoramentos no gerenciamento operacional e de cortes nos custos administrativos e de pessoal. Essa melhoria na eficiência foi acentuada tanto nos casos dos bancos privados quanto nos casos dos bancos públicos. As receitas bancárias, geralmente, tornam-se significati-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 123 10/25/2012 2:44:54 PM

vamente maiores, em função do aumento no volume de venda de produtos que as F&A proporcionam, devido ao aumento da clientela. Entretanto, isso não significa que todos os bancos foram capazes de obter economias de escala, ou seja, um maior rendimento, o que, na maior parte dos casos, acontece por falta de planejamento ou falta de integração entre as culturas.

Dentre os três principais casos de Fusões e Aquisições citados nesta pesquisa, todos obtiveram sucesso, com ganhos muito significativos para os bancos Santander, Itaú-Unibanco e Banco do Brasil. As três operações foram exemplos de como esse tipo de operação se destaca como a melhor maneira de ganhar participação no mercado. O Santander obteve grande êxito, principalmente no que diz respeito à sua atuação no cenário brasileiro, com a aquisição do banco estatal Banespa, alcançando uma posição de destaque no cenário nacional, com uma grande clientela e um número vasto de agências. Já os bancos Itaú e Unibanco mostraram que a ousadia da fusão pode ser o melhor caminho, obtendo grandes alavancagens financeiras. O Banco do Brasil atingiu o objetivo de se estabelecer no pódio dos bancos brasileiros, com maior ativo financeiro após a bem-sucedida compra da Nossa Caixa. Todos esses casos provam que as F&A no setor bancário brasileiro envolvem toda a economia nacional e todos seus agentes como um todo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Betania T. de. **Fusões e Aquisições no Brasil: entendo as razões dos sucessos e fracassos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 240 p.

BARROS, Betania T. de. **Os Dois Lados da Moeda em Fusões e Aquisições: o caso da F&A dos bancos ABN Amro, Real, Sudameris e Santander**. 3. ed. São Paulo: Campos/Elsevier, 2011. 224.

GUARITA, Sérgio**. Fusões e Aquisições no Brasil: evolução do processo**. 5. ed. São Paulo: Revista FAE BUSINESS, 2002. 62 p.

MUNIZ, Ian e BRANCO, Adriano C. **Fusões e Aquisições – Aspectos Fiscais e Societários**. 1. ed. São Paulo: Quartier Latin, 2007. 287 p.

NEVES, João Carvalho das. **ABC das Fusões e Aquisições**. 2. ed. Lisboa: IAPMEI, 1999. 128 p.

TANURE, Betania. **Fusões e Aquisições no Brasil: Entendo as razões dos sucessos e fracassos**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 233 p.
http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ >Acesso em 08 jul. 2011

http://www.bb.com.br/ >Acesso em 04 abr. 2011

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 124 10/25/2012 2:44:54 PM

http://www.bcb.gov.br/ >Acesso em 21 jun. 2011

http://www.estadao.com.br/ >Acesso em 25 mar. 2011.

http://g1.globo.com/ >Acesso em 05 abr. 2011

http://www.ipea.gov.br/ >Acesso em 14 maio 2011

http://www.itauunibanco.com.br/ >Acesso em 28 set. 2011

http://www.santander.com/ >Acesso em 03 set. 2011

http://www.terra.com.br/economia/ >Acesso em 11 mar. 2011

http://veja.abril.com.br/ >Acesso em 15 ago. 2011

http://www.wikipedia.org/ >Acesso em 22 mar. 2011

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 125 10/25/2012 2:44:54 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 126 10/25/2012 2:44:54 PM

MINUSTAH: A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL[1]

Vanessa Aparecida PIZZOL*
Juliana de Paula BIGATÃO**

Resumo

O texto trata da atuação do Brasil na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti - MINUSTAH. Discorre, inicialmente, sobre as origens coloniais francesas do Haiti e de sua, então, prosperidade decorrente da produção de açúcar, assentada na mão de obra escrava. Enfatiza que a antiga colônia se destacava e se sobrepunha, economicamente, às demais colônias americanas. Aponta para a instabilidade política que se instaurou após a independência da França, atribuindo às profundas fissuras políticas, econômicas e sociais os embates entre as elites mulatas e a população negra. Destaca que as disputas internas travaram o crescimento e desenvolvimento do país, transformando o Haiti no país mais pobre das Américas. Nesse cenário se fez necessária a ingerência internacional para garantir os direitos humanos da população local. Ressalta a criação da MINUSTAH, visando à estabilização haitiana. Analisa, no contexto da Missão, o papel do Brasil nos desafios enfrentados pela ONU no Haiti, bem como as atividades desenvolvidas pelo Brasil naquele país. Conclui que a participação brasileira na MINUSTAH foi importante para a consolidação do Brasil no cenário internacional e para a política externa brasileira.

Palavras-chave: *Operações de Paz; MINUSTAH; Brasil.*

UNSTAMIH: BRAZILIAN PARTICIPATION

Abstract

This paper discusses the role of Brazil in the United Nations Stabilisation Mission in Haiti – UNSTAMIH. It initially considers the origins of the French colonial Haiti and its then prosperity resulting from the production of sugar based on slave labor. This research emphasizes that the former colony stood out and rose economically above other American colonies and points to the political instability that took place after its independence from France, attributing the conflicts between the mulatto elites and the black population to the deep political, economic and social

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

* Graduanda em Relações Internacionais pela Instituição Universitária Moura Lacerda. E-mail vanessapizzol@hotmail.com

** Mestre e Doutoranda em Relações Internacionais no Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (Unesp/Unicamp/Puc-SP). Docente do Centro Universitário Moura Lacerda. E mail: ju.unesp@gmail.com

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 127 10/25/2012 2:44:54 PM

rifts. This paper points that infightings restrained the growth and development of the country, making Haiti the poorest country in most of the Americas. In these circumstances the interference was necessary to ensure the human rights to the population. This paper analyses, concerning the UNSTAMIH, the role of Brazil in the challenges faced by the UN in Haiti as well as the activities carried out by Brazil in that country. It concludes that Brazil's participation in MINUSTAH was important for the consolidation of Brazil on the international scene and for Brazilian foreign policy.

Keywords: *Peacekeeping operations; UNSTAMIH; Brazil.*

História do Haiti: da colônia mais rica das Américas à involução econômica

O Haiti foi descoberto pelos espanhóis em 1492; porém, alguns anos depois a França tomou o território, quando se tornaria a colônia mais próspera da época, devido ao plantio de açúcar com mão de obra escrava. Em 1793 os escravos, inspirados nos ideais da revolução francesa, rebelaram-se e declararam a abolição da escravatura e, em 1804, os mesmos levaram a colônia à independência, em um ato inédito no continente.

Cena das lutas pela Independência. Fonte: Google. Acesso em 03/03/2011.

A partir dessa data, tem início a instabilidade política no país, por meio da disputa ferrenha pelo poder entre a elite mulata e a população negra, em que estas boicotavam o governo de seus opositores, ocasionando um histórico presidencial desastroso. Até 2005, apenas um presidente conseguiu terminar o mandato, porém apenas com o auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU).

A instabilidade política é um fator crucial para compreender a pobreza

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 128 10/25/2012 2:44:54 PM

existente no país estudado, pois a ingerência e a instabilidade política travaram o crescimento do país, não sendo possível a criação de infraestrutura e demais serviços importantes para o desenvolvimento de uma nação, transformando o Haiti no país mais pobre das Américas. Ademais, a população se tornou refém da violência gerada pela disputa de poder.

Nesse cenário, foi necessária a influência internacional para assegurar os direitos humanos da população local, partindo do princípio de que cada um dos habitantes dispõe de um pedaço de sua liberdade e a delega para que o Estado seja o único com uso legítimo da força e use esse artifício para manter a ordem e a justiça na sociedade.

Segundo Leão (2002), *Missão de Paz é o nome genérico dado a um tipo de operação desenvolvida e coordenada pelas Nações Unidas com o objetivo de solucionar um conflito armado localizado que possa representar uma ameaça para a paz mundial e reestabelecer a ordem local. O conflito pode variar desde uma guerra entre países até uma guerra civil.*

Nos últimos dezoito anos algumas operações foram enviadas ao território haitiano, a fim de solucionar os problemas locais; porém, nenhuma conseguiu completar seus objetivos com êxito, e, em meio à crise de 2004, culminada pela saída de Jean-Bertrand Aristide da presidência, a MINUSTAH foi criada para estabilizar o país.

O presidente renunciou depois de violentos protestos que se iniciaram com as comemorações de 200 anos da independência do país, impulsionados por sua eleição duvidosa. A oposição desconfiava que Aristide havia forjado as eleições de 2004, para manter-se por mais tempo no poder.

Apesar de ter proporcionado ao país relativa estabilidade política, algo que dificilmente se verificou na história do Haiti desde a independência, Aristide deixou a desejar no desenvolvimento econômico e social. A economia não ia bem, o território era utilizado para o tráfico de drogas e a epidemia de AIDS assolava a população.

Sendo assim, podemos observar que a instabilidade política foi grande responsável pela desestabilização financeira e desenvolvimentista haitiana. Por todos esses anos todas as forças estavam voltadas para a oposição criar e executar um golpe político, e a situação para manter-se no poder. As muitas dificuldades que o país passou nunca foram levadas em conta por seus governantes e a população tornou-se refém desse ciclo vicioso que corrói as esperanças de um país melhor.

Na condição de presidente interino, o então presidente da Suprema Corte, Boniface Alexandre, requisitou o auxílio da ONU tão logo Aristide abandonou o país. O Conselho de Segurança (CS) decidiu instaurar a Força

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 129 10/25/2012 2:44:54 PM

Multinacional Provisória (MFP, na sigla em inglês) para cuidar da segurança do Haiti no período transitório; e em 30 de abril de 2004, por meio da Resolução 1542, respaldada pelo Capítulo VII da Carta de São Francisco, estabeleceu o mandato da MINUSTAH.

Nos objetivos do mandato da MINUSTAH constam: auxiliar o governo transitório a estabelecer um ambiente estável e seguro, no qual se desenvolvesse um processo político e constitucional no Haiti; supervisionar, reestruturar e reformar a Polícia Nacional Haitiana; desarmar, desmobilizar e reinserir na sociedade todos os grupos armados ilegais; prestar assistência no restabelecimento e manutenção do Estado de direito, segurança e ordem públicas; fortalecimento institucional e restabelecimento do sistema penitenciário; apoiar o processo constitucional e político, fomentando os princípios democráticos e o desenvolvimento institucional; ajudar o governo interino na tarefa de conduzir eleições municipais, parlamentares e presidenciais, de forma transparente e rápida; promover e proteger os direitos humanos. (LAMAS, 2005).

Fonte: Google. Acesso em 05/03/2012

Por ter sido autorizada sob a égide do Capítulo VII, a missão já contava com a prerrogativa de que a força poderia ser utilizada para finalidades mais invasivas, além da autodefesa do efetivo. A partir da imagem a seguir, podemos observar os vários níveis de intensidade e variedade de ações das missões de paz da ONU.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 130 10/25/2012 2:44:54 PM

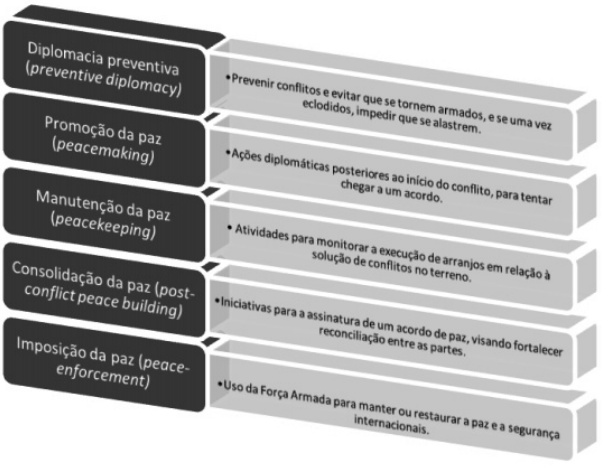


Figura 1.0: Fases da missão de paz.
Fonte: BORGES, Elaine. Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB): doutrinação e padronização para as missões de paz empreendidas pela ONU. Brasília, 2009.

O Brasil foi escolhido para o comando militar devido a seu importante histórico de participações em missões de paz da ONU, além de ser um ator regional com capacidade para desempenhar tal função. O Brasil, por ser um país historicamente neutro em suas relações internacionais, poderia acrescentar características não imperialistas ao contexto, o que poderia trazer benefícios para o Haiti.

Fonte: Google. Acesso em 07/01/2011

O Papel do Brasil e os desafios da MINUSTAH

O Brasil tem um longo histórico em participações de missões de paz da ONU, conforme tabela abaixo:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 131 10/25/2012 2:44:54 PM

A Participação do Brasil nas missões de paz da ONU anteriores à MINUSTAH

Missão	Países de destino	Objetivo
UNSCOB	Grécia, Albânia, Iugoslávia e Bulgária	Monitoramento de fronteiras e auxílio a refugiados.
UNEF I	Egito e Israel	Observar o cessar fogo no Canal de Suez.
ONUC	Congo	Observar a retirada de tropas belgas, auxiliar na manutenção da ordem, garantir a integridade territorial e independência política.
UNSF	Nova Guiné Ocidental	Monitorar o cessar-fogo e assegurar a ordem no acordo entre a Holanda e Indonésia.
UNIPOM I	Índia e Paquistão	Observar o cessar-fogo na Caxemira.
UNAVEM I, II e III	Angola	Observar a retirada de tropas cubanas do território de Angola; zelar pelo cumprimento do acordo entre o governo de angola e a União Nacional para Libertação da Angola e auxiliar a implementação do Protocolo de Lusaka.
ONUCA	América Central	Observar o acordo fechado entre El Salvador, Honduras, Costa Rica, Guatemala e Nicarágua.
UNSCOM	Iraque	Eliminar todas as armas químicas e biológicas por meio de inspeção, remoção e destruição dessas armas e de laboratórios de pesquisas e de fabricação desses itens.
ONUSAL	El Salvador	Acompanhar o processo de acordo entre o governo de El Salvador com a guerrilha da Frente Farabundo Marti para a libertação Nacional.
UNPROFOR e desdobramentos	Iugoslávia	Auxiliar no estabelecimento da paz e da segurança na Iugoslávia, que estava se desintegrando.
ONUMOZ	Moçambique	Implementar o Acordo Geral de Paz de Roma.
ONUMUR	Uganda e Ruanda	Monitorar o transporte de armamento e munição.
UNTAC	Camboja	Assegurar os direitos humanos, administração civil, volta e acomodação de refugiados, manutenção da ordem e da lei e reconstruir a infraestrutura do país.
UNOMSA	África do Sul	Auxiliar as eleições de 1994 na África do Sul.
UNOMIL	Libéria	Monitorar e executar as tarefas previstas no acordo de Paz de Cotonou.
MINUGUA	Guatemala	Supervisionar a dissolução da guerrilha e auxiliar na identificação de áreas minadas.
MOPEP	Equador e Peru	Monitorar uma área desmilitarizada entre os dois países que se encontravam em conflitos fronteiriços.
UNAMET e desdobramentos	Timor Leste	Auxiliar no processo transitório para a independência que o país enfrentaria e assegurar que este processo fosse seguro.

Fonte: AGUILAR, 2005. Elaboração da autora.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 132 10/25/2012 2:44:54 PM

O país já esteve presente em 26 das 54 missões empreendidas pela ONU (AGUILAR, 2005). O Brasil também é conhecido pelo bom desenvolvimento dos trabalhos para os quais é designado e pelo alto grau de instrução dos militares. Esse bom histórico projeta positivamente a imagem do país no exterior, mostrando aos demais países que o Brasil preza a solução pacífica dos conflitos e desarmamento, além de mostrar a eficácia dos militares brasileiros.

O Brasil tem grande histórico em ajuda humanitária, o que diferencia positivamente as missões das quais o país participa, criando laços de amizade que poderão render frutos, projetando o interesse nacional.

Desde o início do planejamento da MINUSTAH, o Brasil assumiu a liderança do contingente militar da operação, que inicialmente ficou sob responsabilidade do general-de-divisão Augusto Heleno Ribeiro Pereira.

A análise do histórico brasileiro em operações de paz mostra que o país não possui tradição de participar de missões respaldadas pelo Capítulo VII da Carta da ONU, as quais são de característica impositiva. No entanto, o governo brasileiro, com a chancela do Congresso Nacional, visualizou que a MINUSTAH poderia trazer benefícios para o país, tanto na projeção da imagem da nação quanto na oportunidade para enviar as tropas para atuar em situações reais. Adicionalmente, creditaria mais influência ao Ministério da Defesa e manteria as verbas para a Defesa nacional.

No início, a ONU planejava que a missão durasse seis meses; porém, enquanto as eleições presidenciais se aproximavam, a situação piorava, com a impossibilidade de vislumbrar um grupo confiável para assumir o poder político no Haiti. O general Heleno chegou a criticar o CS, declarando que a missão carecia de diretrizes claras, e seu planejamento não levava em conta as necessidades mais profundas do país. (PEREIRA, 2007)

Em fevereiro de 2006, com o apoio das tropas brasileiras, as eleições puderam acontecer. As tropas tiveram que lidar com problemas práticos, legais e de logística, trabalharam para manter a ordem e a segurança nos locais de votação e até auxiliaram na contabilização dos votos. O Brasil teve papel importante no acordo com o governo interino para declarar que René Preval vencera as eleições. (PEREIRA, 2007).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 133 10/25/2012 2:44:54 PM

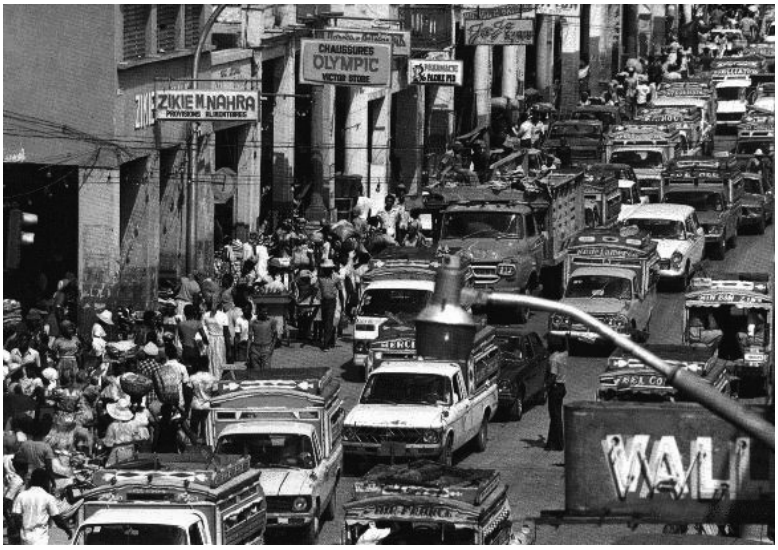
O MINUSTAH durante uma missão nas eleições de 2006. Fonte: Google. Acesso em 03/02/2012

Após as eleições, especulava-se que o CS encerraria o mandato da MINUSTAH; porém, o recém-eleito presidente solicitou à ONU e à Organização dos Estados Americanos (OEA) que a missão permanecesse por mais tempo, para que ele não corresse o risco de sofrer um golpe de Estado.

Sendo assim, a MINUSTAH teve seu mandato renovado e a ONU buscou direcionar o perfil da missão para a *construção da paz* (*peace-building*), com o intuito de melhorar as condições de vida da população, conjuntamente com uma reforma constitucional e a reconciliação entre os grupos nacionais, importantes para a estabilização política do país, pois a rivalidade entre os grupos políticos é o fator determinante para o caos político no país.

O Haiti conta com grandes problemas estruturais, como construções inacabadas, falta de logística, trato inadequado do lixo, falta de saneamento básico e, segundo dados da Ibero – América, a população haitiana na atualidade, de 10 milhões de habitantes, é composta majoritariamente por jovens, sendo que 73% não passaram dos 35 anos e apenas 4 milhões são economicamente ativos. A maior parte da população, 54,7%, vive na zona rural, mantendo a atividade mais importante da economia, a agricultura, que não é suficiente para sanar as necessidades do país.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 134 10/25/2012 2:44:54 PM



O dia a dia de Port-au-Prince antes do Terremoto. Fonte: Google. Acesso em 05/02/2012.

Falta de Saneamento Básico no Haiti. Foto: Emilio Morenatti/AP. Fonte: Google. Acesso em 03/01/2012.

Essa falta de estrutura faz com que o país seja extremamente dependente da ajuda e de empréstimos internacionais. O desemprego também é variável preocupante no país, alargado ainda mais pela informalidade. Estima-se que 72% da população vive com menos de dois dólares ao dia e que 80% da população ativa está sem emprego formal; 70% da população faz uma refeição por dia; em termos de desenvolvimento, sabe-se que 90% da população não tem acesso à alfabetização digital. (PEREIRA, 2007).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 135 10/25/2012 2:44:54 PM

Desemprego no Haiti. Fonte: Google. Acesso em 03/01/2012.

O general Heleno apontou que um dos problemas da MINUSTAH referia-se à duplicidade de comando em uma mesma área. Muitas vezes a Polícia Civil Internacional e o Comando da Força Militar atuavam em um mesmo território, cada um com sua tática. Outra dificuldade apontada pelo general brasileiro é a burocratização gerada pela centralização de poder, majoritariamente no responsável civil da missão, pois todo e qualquer projeto precisaria de seu aval para ser concretizado. (PEREIRA, 2007).

O general ainda criticou o papel da mídia local e internacional por enfatizarem demasiadamente a violência no Haiti, e deixarem de noticiar a evolução do trabalho da MINUSTAH no país. A missão tentou montar uma rádio onde os projetos poderiam ser apresentados à população, mas apesar do sistema de transmissão de rádio do país ser satisfatório, apenas Porto Príncipe contava com mais de 30 rádios, e isso dificultou que a população fosse incentivada a ouvir. (PEREIRA, 2007).

O maior problema a ser solucionado pelas tropas da MINUSTAH era o da segurança. A princípio, os países participantes demoraram a se adaptar à forma de atuação das missões respaldadas pelo Capítulo VII, levando as tropas a se intimidarem com o uso da força para além da autodefesa. Para reforçar a segurança do país, a estratégia usada foi ocupar todo o território nacional, com ajuda de operacionalização da Polícia Civil Internacional e da Polícia Nacional Haitiana (PNH), única força legal do país, embora corrupta e violenta. Essa também seria uma oportunidade para que os contingentes da ONU treinassem o efetivo da PNH para garantir que esta alterasse seu perfil, respeitasse os direitos humanos e fosse capaz de manter a ordem após a retirada da MINUSTAH.

A polícia haitiana conta com vários problemas, como falta de estrutura e de viaturas e falta de reconhecimento pelos nacionais, que reflete na carência de efeti-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 136 10/25/2012 2:44:54 PM

vos, contando com apenas cinco mil policiais para dez milhões de haitianos, número insuficiente para garantir a ordem no local. Consta no mandato da MINUSTAH treinar a PNH para agir com ética, ter autoridade e agir com eficiência para cuidar da segurança da população.

As atividades do contingente militar da MINUSTAH foram divididas pelos países que contribuíram com as tropas. Na área mais populosa, referente à capital, Porto Príncipe, alocaram-se os batalhões brasileiro, jordaniano e cingalês, além de uma companhia peruana. A Argentina ficou responsável por Gonaïves; o Chile por Cap-Haitien; o Uruguai responsabilizou-se pela Grande Península, localizada na parte Sudoeste do país; e o Sri Lanka enviou uma companhia para Jacmel. A parte central do Haiti foi delegada ao contingente do Nepal. (PEREIRA, 2007).

Capitão Marco Antonio, da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Sul (Brigada Militar), em monitoramento e orientação de policiais haitianos em operações policiais conjuntas em Porto Príncipe – Haiti (MINUSTAH). 2008. Fonte: Google. Acesso em 03/01/2012

A falta de militares suficientes para cumprir todas as tarefas estipuladas pelo mandato da missão dificultou os trabalhos da MINUSTAH. Em 2005, a operação contava com 6.250 soldados, mas 1.800 homens trabalhavam na logística, cozinhando, cuidando da comunicação, dos equipamentos, etc., e, além disso, a ONU determina que, de tempos em tempos, os soldados sejam licenciados, sobrando assim apenas 3.250 capacetes azuis para as ações em campo. (PEREIRA, 2007).

Dado que o contingente era incompatível com as necessidades do país, a Resolução nº. 1608 do CS da ONU, de 22 de junho de 2005, determinou o aumento do efetivo da MINUSTAH para que esta aumentasse seu escopo. Nessa Resolução também ficou decidido que a PNH se tornaria subordinada à Polícia Internacional, devido a seu histórico de corrupção; porém, isso foi recebido pelos haitianos como um desrespeito à soberania local.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 137 10/25/2012 2:44:54 PM

Apesar do aumento satisfatório do efetivo militar, a missão ainda contava com problemas de logística, o que diminuía a eficiência das tropas. A ineficiência do sistema de comunicação dificultava a operacionalização da missão. O idioma também era um problema, pois a maioria dos capacetes azuis era sul-americana e eles tinham dificuldades para compreender o francês e o créole dos habitantes locais.

Outra carência verificada na MINUSTAH refere-se à falta de um serviço de inteligência do Estado, o que ocasiona vulnerabilidades devido à ausência de fontes de informação confiáveis para que as estratégias fossem montadas com eficiência e até mesmo para que as tropas não caíssem em emboscadas. Um bom planejamento é baseado em dados confiáveis, e sem isso as operações tornam-se debilitadas.

Dois importantes desafios enfrentados pelo Brasil na MINUSTAH foram o controle e a estabilização das áreas mais violentas da capital do Haiti: as comunidades carentes de Cité Soleil e Bel Air, onde grupos ilegais resistiam à presença das tropas da ONU. O local era ocupado principalmente por apoiadores do partido Lavalas, que eram favoráveis a Aristide, e gangues que eram contrárias à missão e à saída do ex-presidente do país. (PEREIRA, 2007).

Para lidar com essas áreas, o contingente brasileiro optou por patrulhas constantes, a fim de marcar a presença das tropas no local, e a instalação de guaritas que controlavam a movimentação das pessoas, captura de armas, drogas e fugitivos. Os capacetes azuis ocuparam a maior parte do território dessas comunidades, possibilitando a passagem da assistência humanitária e de autoridades. Após forte trabalho das tropas nas áreas de maior insegurança, os locais foram total ou parcialmente estabilizados, e a segurança geral da capital apresentou significativa melhora.

As diretrizes da liderança brasileira na Força Militar da MINUSTAH

Quando o general Heleno assumiu o comando da Força Militar da MINUSTAH, estabeleceu os parâmetros de trabalho das tropas:

- Prover a segurança das principais cidades e de suas cercanias;
- Proteger instalações vitais;
- Prover segurança das principais rodovias;
- Dissuadir e impedir o engajamento de grupos armados em atos violentos e/ou criminosos;
- Proteger acesso à infraestrutura humanitária;
- Desenvolver projetos de desarmamento, em conjunto com a UNPOL e a PNH;
- Apoiar a PNH e a CIVPOL na proteção de manifestações pacíficas e no controle de distúrbios civis;
- Monitorar os principais pontos de passagem nas fronteiras;

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 138 10/25/2012 2:44:54 PM

- Proteger as instalações humanitárias do governo e da ONU;
- Garantir a segurança e a liberdade de movimento do pessoal da ONU e seus afiliados;
- Proteger, na máxima extensão possível, civis sob iminente ameaça de violência;
- Monitorar o ambiente de segurança, atuando preventivamente para impedir a escalada de ameaças. (PEREIRA, 2005)

O Brasil investiu suntuosamente na MINUSTAH, nos aspectos militar e financeiro. Estima-se que o país tenha gasto cerca de um bilhão de reais, entre 2004 e 2011, com a missão. Os investimentos financeiros são aplicados, sobretudo, em pagamento de pessoal, custeio e investimentos. Os gastos justificam-se pelo fato de que o Brasil possui o contingente mais numeroso da missão, totalizando cerca de 15 mil homens ao longo dos anos de trabalhos, que historicamente é o seu maior contingente enviado ao exterior desde a Segunda Guerra Mundial. (O GLOBO, 2011).

Para garantir o cumprimento das tarefas estabelecidas, a Força Militar tomou um aspecto de amplitude e envolveu-se em atos militares e de ajuda humanitária, e este foi um diferencial do trabalho brasileiro no Haiti. O Brasil se esforçou para garantir que a ajuda humanitária chegasse aos que mais necessitavam, inclusive realizando escoltas para afugentar os grupos armados. O batalhão brasileiro atuou até mesmo no socorro em emergências, pois a defesa civil haitiana não conseguiria dar conta do trabalho sozinha.

A MINUSTAH busca a estabilização política e social haitiana por meio do desenvolvimento da débil e quase inexistente infraestrutura do país, além de fomentar que as estruturas políticas se solidifiquem e se democratizem.

A multidimensionalidade da missão se caracteriza pelo investimento em ações extramilitares, que visam preparar o Haiti para se autossustentar quando a missão deixar o território. Ao longo do tempo, várias ações já se realizaram com apoio de instituições brasileiras, organizações da ONU, Organizações Internacionais, todas em conjunto com as instituições haitianas. Estima-se que os investimentos já finalizados tenham custado aproximadamente US$ 7.013.119,00 (CORREA, 2009).

Abaixo, encontram-se resumidamente os projetos já terminados pela missão no território haitiano (CORREA, 2009, p. 100):

1. Transferência de tecnologia em sistemas de produção e processamento de caju para o Haiti;
2. Coleta de dejetos sólidos com vistas à consolidação do processo de redução da violência armada em Carrefour Feullis- fase II;
3. Erradicação e prevenção das piores formas de trabalho infantil;
4. Aprimoramento do Programa Haitiano de Imunizações;
5. Manejo e Reconstituição da Cobertura Vegetal da Bacia do Mapou;

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 139 10/25/2012 2:44:54 PM

6. Combate à violência contra as mulheres;
7. Promoção da sustentabilidade da produção de hortaliças na região de Kenscoff;
8. Apoio à Organização das Eleições Locais e Legislativas no Haiti;
9. Desenvolvimento da Cultura da Mandioca no Haiti (Fase I);
10. Haiti Building Institutional Capacity and Strengthening Provision of School Feeding Program (Merenda Escolar) - FASE I e II;
11. Construção de Cisternas Familiares e Validação Social de Cultivares de Hortaliças no Haiti;
12. Estratégia de Gestão de Resíduos Sólidos no Haiti;
13. Capacitação Técnica em Defesa Civil
14. Missão de prospecção e capacitação de técnicos haitianos à Reunião da Comunidade Sul-Americana de Nações sobre Biocombustíveis na Perspectiva Socioambiental no setor;
15. Capacitação de Técnicos haitianos em construção de cisternas na Embrapa Semi-Árido;
16. Capacitação em Software Livre e Instalação de Telecentro Comunitário;
17. Reciclagem Operacional para Bombeiros em Contra-Incêndio e Salvamento em Aeródromos;
18. Missão de prospecção ao Haiti na Área de Infraestrutura Aeroportuária.

De acordo com Marco Aurélio Garcia, assessor de assuntos internacionais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), a MINUSTAH se diferenciou das demais missões, já implantadas no Haiti, principalmente pelo respeito aos direitos humanos. Apesar disso, as tropas necessitaram usar de força para tomar as comunidades de Cité Soleil e Bel Air, as duas áreas mais violentas da capital Porto Príncipe. (Cono Sur, 2005)

Correa (2009) aponta que as tropas da MINUSTAH, inclusive o contingente brasileiro, chegou a desrespeitar os direitos humanos e até a apoiar a PNH, organização criada na intervenção de 1995 pelos EUA e que tem histórico de corrupção e de uso indiscriminado da força. De acordo com o autor, essa parceria entre as tropas da MINUSTAH e a PNH é o maior erro praticado na missão.

Porém, as práticas foram mais positivas do que negativas, pois tal missão é fomentadora do diálogo e do respeito aos cidadãos, conseguindo a confiança e a colaboração dos mesmos. Ademais, a MINUSTAH conseguiu captar a real necessidade local, que não é simplesmente a imposição da paz, mas sim uma reestruturação política, social e econômica. Os soldados eram instruídos a tratar os cidadãos com mais humanidade, tentando entender e auxiliar suas necessidades.

A MINUSTAH, composta majoritariamente por países de tamanho médio, é

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 140 10/25/2012 2:44:54 PM

uma missão que não busca perpetuar a lógica de exploração imperialista sobre um território. Neste caso, o conceito de "diplomacia solidária" invocado pelo governo Lula para descrever o empenho brasileiro na MINUSTAH pode ser útil para compreender que é possível que as ações sejam motivadas pelo desejo de auxiliar a nação mais pobre do hemisfério a se desenvolver.

A proteção do Palácio presidencial e de autoridades como o Primeiro Ministro ficaram a cargo da missão, impedindo que golpes de poder fossem aplicados, apagando da memória haitiana a facilidade e a repetição de golpes por descontentamento da oposição. Adicionalmente, os capacetes azuis atuaram na segurança de pontos estratégicos, como o Conselho Eleitoral Provisório e o porto, além de eventos importantes, como o jogo Brasil x Haiti[4].

Palácio Presidencial, 2009. Fonte: Google. Acesso em 04/02/2012.

O desarmamento da população, que estava previsto no mandato da MINUSTAH, teve que afrontar um dispositivo jurídico que permitia aos cidadãos haitianos o poder de armas de fogo. Ao contrário dos conflitos que a ONU estava acostumada a encarar, no Haiti não existem grupos armados bem delimitados, o que torna inviável a realização de um acordo de desarmamento entre as facções.

As tropas da MINUSTAH auxiliaram na neutralização de várias facções criminosas, buscando criar um ambiente onde as demais necessidades do Estado e da sociedade pudessem desenvolver-se normalmente. Embora essa estabilização fosse necessária no cenário interno que o Haiti vivenciava, o país ainda possui sérios problemas a enfrentar, como a falta de infraestrutura, o desemprego e a reforma estatal. No entanto, não são tarefas do contingente militar da MINUSTAH, pois exigem capital e esforços políticos para além dos serviços que as Forças Armadas podem prestar.

[4] Jogo realizado em 18/08/2004, e contou com grandes nomes do futebol brasileiro. O povo haitiano é fanático por futebol, em especial o brasileiro, e o Brasil tentou usar esse artifício para que uma maior vinculação afetiva fosse criada com o país e com as tropas militares.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 141 10/25/2012 2:44:54 PM

As tropas da MINUSTAH deverão começar a ser retiradas, de maneira gradual, a partir de março de 2012, segundo declaração do Ministro da Defesa, Celso Amorim. O terremoto que assolou o país em 2010 impactou na regressão das conquistas realizadas pelos capacetes azuis até então, motivo pelo qual o contingente havia sido aumentado. A reconstrução do Haiti é uma tarefa desafiadora para a ONU, pois compreende todos os aspectos direcionados a criar um ambiente seguro e estável para que o país se desenvolva e consiga manter-se estável após a total retirada das forças de paz.

O Brasil recebeu inúmeras críticas, devido ao modo incisivo de imposição da paz nas comunidades haitianas, sob a acusação de passar a imagem de uma missão sem violência e não colocar isso totalmente em prática. Consideramos que a dominação de tais locais seria de fundamental importância para o bom desempenho dos trabalhos e que as gangues que dominavam o local não deixariam o comando das comunidades para serem presos apenas pelo bom-senso, sendo natural a necessidade do uso mais enérgico da força. Ademais, observamos que a diferença está no tratamento da população civil, demonstrando respeito e pensando em construir um país com bases sólidas para que a democracia voltasse ao local.

As características que consideramos cruciais na diferenciação desta missão em relação às demais estão na maior interação das tropas com a população civil, tentando reconhecer as reais necessidades locais e sanando-as com seus projetos, diferentemente das demais, que contavam com observadores que relatavam o que acontecia.

Objetivos e perspectivas da política externa brasileira

O empenho do Brasil na MINUSTAH está diretamente relacionado ao desejo do país de ocupar maior espaço no sistema internacional, assumindo posição de ator relevante. As missões de paz abrem espaço para o Brasil alcançar esse objetivo, na medida em que aumentam a visibilidade dos países envolvidos, principalmente se um país estiver em posição de liderança, além de se mostrar como um possível membro do CS, com investimentos diplomáticos, financeiros e militares na ONU. Receber das Nações Unidas o comando militar de uma operação de paz significa que o país tem suficientes aspectos bons para executar ações em prol da paz, segurança, democracia e respeito aos direitos humanos.

A presença brasileira no Haiti é importante, pois o país localiza-se em um ponto estratégico das Américas, próximo aos Estados Unidos, e de fácil acesso à América Central. Ademais, para o Brasil, é importante manter a paz e a ordem nas redondezas.

As diretrizes da política externa brasileira que justificam a participação ativa do país nas missões de paz da ONU são observadas desde o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e intensificadas pelo presidente Lula. Tal posicionamento é baseado no conceito de *autonomia pela diversificação*, como sugerem Vigevani e Cepaluni (2007), resultando na mudança de ênfases e diversificação no eixo de interesse e parcerias do Brasil.

O processo de consolidação do Brasil no sistema internacional se deu em

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 142 10/25/2012 2:44:54 PM

meados da década de 1990, com a afirmação da identidade e soberania nacional, sem levar em consideração a influência direta da grande potência da época, os EUA, e de demais países preponderantes nessa decisão, assim como acontecia anteriormente.

A identidade brasileira afirmou-se no conceito de grande nação do Terceiro Mundo, que age de maneira responsável e projeta-se para o mundo desenvolvido, empenhada no desenvolvimento crítico e assertivo de uma democratização do sistema internacional, que se constrói com o fim da Guerra Fria. A política externa do governo do presidente Lula baseia-se de maneira simplificada na tentativa de parelhar o Norte e o Sul, por meio da retomada da tradição de uma agenda multilateral e global.

Internamente, o país tem se empenhado na reaparelhagem das Forças Armadas com projetos de grande porte, como a construção de um submarino atômico e a aquisição de caças, construção de tecnologia compartilhada em blindados e tanques, etc. O presidente Lula também usou da diplomacia presidencial para projetar positivamente o Brasil no mundo.

Em relação à agenda internacional do Brasil, a prioridade dada ao multilateralismo prevaleceu, principalmente no âmbito Sul-Sul; o eixo Norte não foi deixado de lado, mas utilizado como complemento dos interesses do país no sistema internacional. A mudança de prioridade com relação ao eixo de interesse imediato obteve resultados na medida em que o Brasil participava de fóruns de países desenvolvidos e em desenvolvimento, e representava os países em desenvolvimento nos fóruns dos países desenvolvidos, sendo porta-voz dos interesses, aumentando sua influência em ambos os lados, dando confiança à diplomacia brasileira, com base na assertividade.

A importância de se juntar aos países em desenvolvimento deve-se, além dos benefícios comerciais, políticos, sociais e estratégicos, à demanda conjunta que esses países reivindicam desde o final da Guerra Fria, especialmente na pressão para que as instituições multilaterais, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e o CS sejam reformadas, aferindo postos de relevância aos países em desenvolvimento.

Uma ferramenta utilizada para ampliar a influência do Brasil nos países do eixo Sul foi a disseminação de embaixadas por tais países, promovendo a chamada diplomacia entre capitais, que funciona como aproximação entre os países, garantindo uma maior chance de apoio em possíveis resoluções da ONU.

A vontade brasileira de se tornar um *global player* da política internacional remete à época de sua independência. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, Organizações Internacionais foram criadas pelas potências vencedoras para funcionar como mecanismos internacionais de manutenção do *status quo,* em especial o CS da ONU. O Brasil se candidatara a ocupar um assento permanente, conjuntamente com o restrito grupo, organizado nos primórdios do Conselho, mas, apesar do apoio dos EUA, os demais países não concordaram.

Com o passar do tempo, o cenário internacional sofreu alterações e o Brasil, em sintonia com os países emergentes, em especial os do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), começaram a desempenhar um papel de maior influência

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 143 10/25/2012 2:44:54 PM

na interdependência global, podendo reivindicar um lugar junto aos outros *global players*. Com a mudança do cenário, advinda com o fim da Guerra Fria, o debate sobre a reforma do Conselho veio à tona e, na década de 1980, o Brasil já cogitava sua candidatura, que seria oficializada apenas em 1994. (SILVA, 1998)

A entrada brasileira no CS deve ser vislumbrada com cautela, pois, juntamente com os benefícios de maior influência no cenário internacional, o país deverá mudar sua conduta, na medida em que será necessário posicionar-se nas agendas mais polêmicas, ultrapassando seu caráter de neutralidade adquirido ao longo de sua história e, consequentemente, atrairá aliados e inimigos de mesma magnitude. A utilização de tropas no exterior será mais necessária, além de suas contribuições financeiras, que deverão ser mais generosas.

Tais circunstâncias poderão gerar um desconforto interno, pois o Brasil necessita internamente de patrulhamento de suas riquezas e fronteiras, além de ainda não ter extinto a pobreza da vida de seus cidadãos; sendo assim, parte da população poderia compreender que os recursos utilizados no exterior seriam ser mais bem aproveitados dentro de suas fronteiras.

Cabe ao governo compreender suas necessidades nacionais e projetar sua política exterior com planejamento, de modo que a última venha a complementar os interesses nacionais e não gerar um conflito entre as políticas.

Considerações finais

Utilizar a MINUSTAH como ferramenta para alcançar os objetivos da política externa brasileira é uma medida válida, pois está auxiliando o Haiti a recuperar-se de tantos anos de tragédias e instabilidade, além de colocá-lo novamente na agenda latino-americana, a partir da grande participação regional no país.

Porém, ainda existem muitos problemas a serem enfrentados, especialmente os criados após o terremoto de 2010, que destruiu parte dos investimentos realizados pela MINUSTAH, além de destruir muito da precária infraestrutura haitiana. Os altos investimentos prometidos pelas nações ricas não chegaram ou não foram investidos em sua totalidade, prejudicando a reconstrução do país.

Essa omissão vem provocando o êxodo dos haitianos para países latino-americanos em busca de trabalho, de novas oportunidades e, consequentemente, de assistência social. Entre os países receptores está o Brasil que, além do vínculo criado com a população, é visto como uma fonte de oportunidades devido a sua economia crescente e seu baixo índice de desemprego. Sendo assim, o Brasil precisa encarar o desafio de acolher e estabelecer condições dignas de vida a esses estrangeiros à procura de uma nova vida, ou fechar as fronteiras, optando por repetir as políticas migratórias que tanto criticara.

Quanto aos resultados da missão, consideramos que o êxito não foi alcançado em sua totalidade; contudo, consideramos que, de modo geral, a MINUSTAH foi perpassada pelo êxito, visto que os benefícios trazidos ao país superaram as dificuldades

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 144 10/25/2012 2:44:54 PM

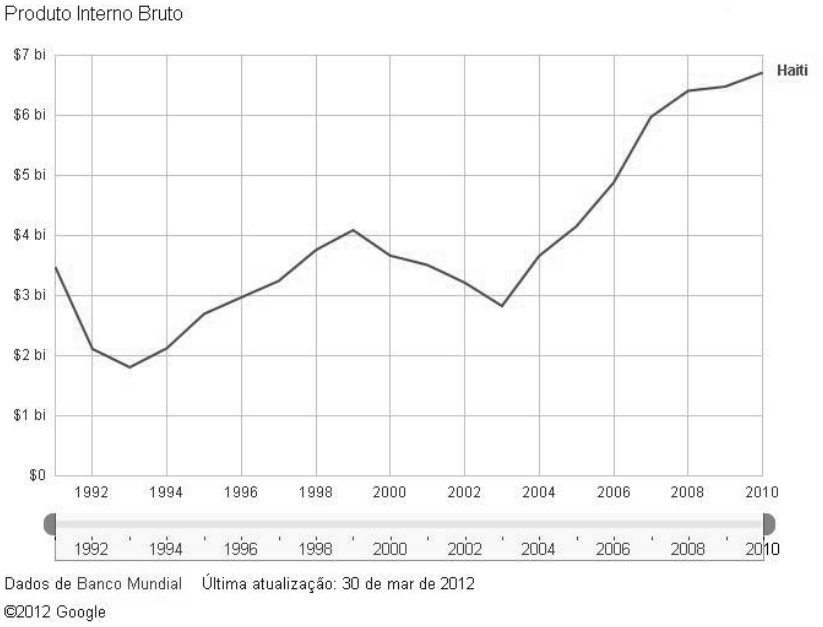
a serem enfrentadas pelos capacetes azuis. O Brasil enviou seu maior contingente desde a Segunda Guerra Mundial, transformando a MINUSTAH na mais importante participação do país em missões de paz, atuando com preparo e profissionalismo. Houve duas eleições seguidas e as facções criminosas foram desmontadas, devolvendo a estabilidade ao país. Além disso, tal missão é um marco divisor na história das Missões de Paz, trazendo novos princípios a serem trabalhados nas missões vindouras.

> *A operação de paz liderada pelo Brasil trata-se de um exemplo de não indiferença e diplomacia solidária, e evidencia um embrião de mudanças que, se encaradas com seriedade e adaptadas a outras realidades de conflito, poderão resultar em outras missões de paz e ações de cooperação bem-sucedidas. Fortalece-se, diante disso, a crença no multilateralismo, não como um fim em si mesmo, mas como meio para a construção de um sistema internacional mais homogêneo e democrático, constituído por países mais justos e desenvolvidos.* (VERENHITACH, 2008).

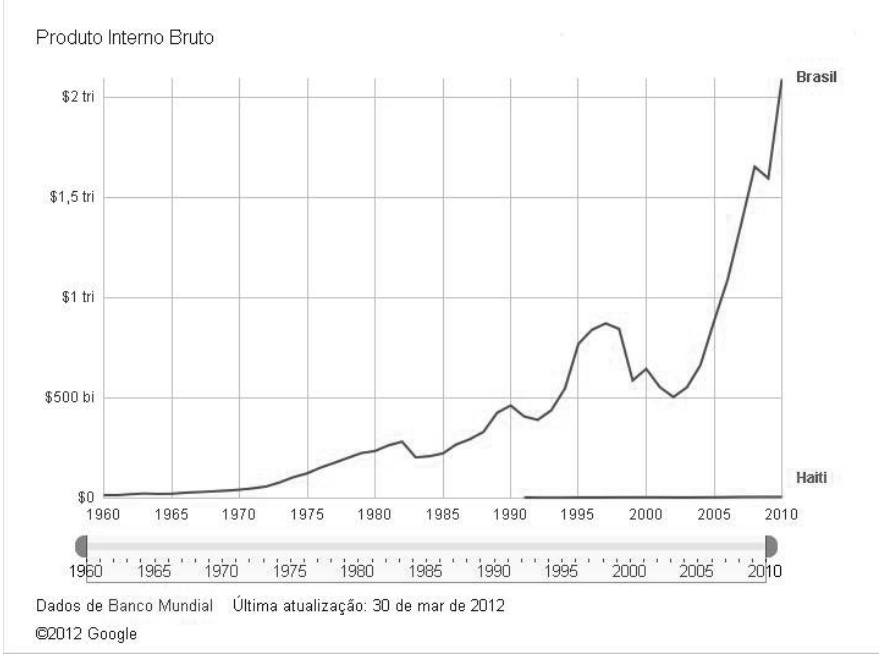
Em relação a sua política externa, o Brasil investiu na afirmação da identidade nacional em busca de um lugar mais decisivo no sistema internacional, baseado em uma interação multilateral, focada principalmente no âmbito sul-sul, conseguindo aliados que o apoiem em suas ambições. O Conselho de Segurança é encarado pelo país como passaporte para o primeiro mundo, visão controvérsia, visto que o candidato deve melhorar as condições internas de sua população e estar pronto para se posicionar internacionalmente em questões difíceis. Consideramos a reforma do CS algo difícil de ser imaginado para os próximos anos, visto que os membros não têm interesse em dividir o poder com outros países.

Mesmo que o CS seja uma meta difícil de ser alcançada, nos últimos anos a política externa brasileira tem evoluído e amadurecido, levando o país a patamares mais elevados no sistema internacional, incluindo-o em discussões e sendo levado em consideração na decisão de outros países. Entendemos que a participação brasileira na MINUSTAH é um importante passo na consolidação Brasil no cenário internacional e, mesmo que a vaga permanente no CS seja uma meta difícil de ser alcançada, é inevitável que o país alcançou nos últimos anos um patamar diferenciado no relacionamento com os demais países do sistema internacional.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 145 10/25/2012 2:44:55 PM



PIB HAITI – Fonte: Google. Acesso em 03/04/2012.



PIB Haiti em comparação ao do Brasil – Fonte: Google. Acesso 03/04/2012.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 146 10/25/2012 2:44:55 PM

REFERÊNCIAS

AGUILAR. Sérgio L C. **Brasil em Missões de Paz.** São Paulo, SP: Usina do Livro, 2005.

BIGATÃO. Juliana de P. **Manutenção da paz e resolução de conflitos: respostas das nações Unidas aos conflitos intraestatais na década de 1990**. Programa de pós-graduação em relações internacionais "SAN TIAGO DANTAS" (UNESP/ UNICAMP/ PUC-SP). São Paulo, SP, 2009.

Carta de São Francisco (1945). Disponível em <http://rio.unic.org/images/documents/Carta%20da%20ONU_Verso%20Internet.pdf>

CÂMARA, Irene P. de L. **Em nome da democracia**. **A OEA e a crise Haitiana – 1991-1994**. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

CARDOSO, Afonso J. S. **O Brasil nas operações de paz das Nações Unidas.** Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, Centro de Estudos Estratégicos, 1998.

CORREA, Paulo G. P. **MINUSTAH e diplomacia solidária: criação de um novo paradigma nas operações de paz?** Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas. São Carlos, SP, 2009

LAMAS, Bárbara G. **MINUSTAH e implicações para as aspirações internacionais do Brasil**. Puc Minas, 29 de junho de 2005.

LEÃO, Décio J. A. **A serviço da paz: a missão da polícia militar do estado de São Paulo no Timor Leste.** ABFI. Disponível em: < http://www.abfiponu.org.br/galeria/decioleao/decioleao.htm>

MATIJASCIC, Vanessa B. **A primeira operação de manutenção de paz das Nações Unidas no Haiti (1995-1996): dos antecedentes ao cumprimento do mandato.** Programa de pós-graduação em relações internacionais "SAN TIAGO DANTAS" (UNESP/ UNICAMP/ PUC-SP). São Paulo, SP, 2008.

Ministério das Relações Exteriores. Ibas: **O Brasil no mundo que vem aí.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

PECEQUILO, Cristina S. **Manual do Candidato- Política Internacional**. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 147 10/25/2012 2:44:55 PM

Observatório Cono Sur de Defensa y Fuerzas Armadas. **Informe Brasil nº 212**. Argentina, 2005. Disponível em:< http://www.cee-chile.org/resumen/brasi/bra201-250/sembra212.htm> Acessado em 14 de outubro de 2011.

O Globo. **Missão brasileira no Haiti já custou R$ 1 bilhão ao governo.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/missao-brasileira-no-haiti-ja-custou-1-bilhao--ao-governo-3647145>. Acessado em 23 de janeiro de 2012.

PEREIRA, Augusto H. R. O Componente Militar das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. In OLIVEIRA, Eliézer Rizzo de (org). **Segurança e Defesa Nacional: da competição à cooperação regiona**l. São Paulo: Fundação Memorial, 2007.

SEITENFUS, Ricardo. **Ingerência ou solidariedade? Dilemas da ordem internacional contemporânea.** São Paulo, 2002.

SEITENFUS, Ricardo**. Elementos para uma diplomacia solidária: a crise haitiana e os desafios da ordem internacional contemporânea.** Disponível em < www.seitenfus.com.br/arquivos/elementos-**diplomacia**(1).pdf>

SILVA, Alexandra de M e. **Idéias e política externa: a atuação brasileira na Liga das Nações e na ONU.** FGV: Rio de Janeiro, 1998.

Uol. **Amorim: Permanência indefinida no Haiti daria 'falsa sensação de conforto'.** Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2012/02/01/amorim-permanencia-indefinida-no-haiti-daria-falsa-sensacao-de-conforto.htm>. Acessado em 02 de fevereiro de 2012.

VERENHITACH. Gabriela D. **A influência da liderança brasileira na Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti.** Universidade de Santa Maria, 2008.
Organização das Nações Unidas. MINUSTAH. Disponível em: <http://www.un.org/es/peacekeeping/missions/minustah/> Acessado em 12 de Outubro de 2011.

VIGEVANI, Tullo e CEPALUNI, Gabriel. **A política externa de Lula da Silva: a autonomia pela diversificação**. Contexto internacional, 29 (2), 2007.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p2.indd 148 10/25/2012 2:44:55 PM

EDIFÍCIOS SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DO CONSUMO DE ÁGUA EM EDIFICAÇÕES, COM APROVEITAMENTO DE ÁGUAS PLUVIAIS E REÚSO DE ÁGUAS CINZA[1]

Tracy Kelly Monteiro da SILVA*
Osvaldo Rodrigues LOPES**

Resumo

A preocupação com a disponibilidade de água fez com que profissionais de diversas áreas buscassem alternativas de qualidade para os métodos e processos do gerenciamento dos recursos hídricos. A construção dos edifícios sustentáveis procura causar o menor impacto ambiental possível, com ações como a economia de energia por meio do aquecimento solar e o aproveitamento das águas provenientes da chuva. Ao mesmo tempo, essas edificações precisam manter o conforto e a funcionalidade e não comprometer a infraestrutura. O objetivo deste estudo é analisar a possibilidade de aproveitamento de águas pluviais e reúso de águas cinza em um prédio onde funcionará uma escola.

Palavras-chave: *Águas Pluviais; Águas Cinza; Aproveitamento; Reúso; Edifícios Sustentáveis.*

SUSTAINABLE BUILDINGS: WATER CONSUMPTION ANALYSIS IN BUILDINGS THAT REUSE RAINWATER AND GREYWATER

Abstract

The concern about the availability of water has led professionals from different fields to seek quality alternative in the methods and processes of water resources. The construction of sustainable buildings tries to decrease environmental impact through saving energy, using solar heating and rainwater. At the same time, these buildings must be comfortable, functional and have a good structure. The purpose of this study is to analyze the possibility of rainwater harvesting and greywater reuse in a building that is going to function as a school.

Keywords: *Rainwater; Greywater; Use; Reuse; Sustainable buildings.*

---

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.

*Graduanda em Engenharia Civil pelo Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: tracy.k.m.s.@gmail.com

**Geólogo e Mestre em Ensino e História de Ciências da Terra (IG/Unicamp). Professor do Centro Universitário Moura Lacerda e orientador da pesquisa. E-mail: geodeko@yahoo.com.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 149 10/25/2012 2:45:02 PM

Introdução

Tendo em vista que a água é um recurso natural limitado e imprescindível à vida, têm sido cada vez mais importantes na atualidade estudos sobre a conservação e preservação dos recursos hídricos. A crescente escassez de água e o número elevado de enchentes, entre diversos motivos, levaram profissionais de diversas áreas a buscar alternativas de qualidade para os métodos e processos do gerenciamento dos recursos hídricos, desde o próprio modo de vida e costumes da população até a construção de edifícios que causem menor impacto ambiental.

O gerenciamento do uso da água e a procura por novas alternativas de abastecimento, como o aproveitamento das águas pluviais, a dessalinização da água do mar, a reposição das águas subterrâneas e o reúso da água proveniente de esgotos domésticos estão inseridos no contexto do desenvolvimento sustentável (AGENDA 21, 1997).

A construção de edifícios sustentáveis tem por objetivo proporcionar conforto às pessoas envolvidas e, ao mesmo tempo, manter sua funcionalidade e a qualidade de vida dos cidadãos, sem comprometer a infraestrutura e causando o mínimo possível de impacto ambiental.

Um edifício sustentável tem como composição diversas ações com objetivo de economia de energia por meio do aquecimento solar, o aproveitamento das águas provenientes da chuva e a reutilização da água proveniente das águas cinza.

A economia de água, entre diversos métodos, pode ser obtida diminuindo a extração de água do ambiente. Uma forma de fazê-lo é aumentar o armazenamento da água proveniente da chuva, que será captada pelas calhas, transportada até o reservatório e utilizada para fins não potáveis, como nas bacias sanitárias, na irrigação e na lavagem de calçadas. O aproveitamento de águas pluviais é uma solução sustentável para o uso racional e responsável da água, contribuindo para a conservação dos recursos hídricos e mais diretamente relacionada com a bacia hidrográfica na qual está inserida. Pelo estudo de Cardoso et al. (2010), foi demonstrado que, em torno de cinco anos, há um retorno do investimento da viabilidade técnica e econômica da reutilização das águas da chuva. O cálculo estimado do uso das águas pluviais para utilização nas bacias sanitárias revelou uma economia de água potável em torno de 40% ao ano.

Podemos também fazer a reutilização das águas cinza, que são provenientes dos lavatórios, chuveiros, tanques e máquinas de lavar, sendo tratadas após a coleta e devolvidas para o consumo, porém com fins não potáveis. De acordo com Santos (2002), antes de realizar uma estação de tratamento, deve-se inicialmente avaliar a qualidade das águas cinza e em seguida começar os estudos para o projeto. Para cada tipo de uso que utilize as águas tratadas, deve-se analisar a melhor forma de instalação dos reservatórios.

Mesmo com os diversos métodos para reduzir a extração de água da natureza, deve-se também promover campanhas de conscientização para que a população entenda a necessidade de preservar o meio ambiente de um modo geral e, principalmente, fazer uso racional e responsável da água que sai pelas nossas torneiras.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 150 10/25/2012 2:45:04 PM

Métodos Sustentáveis

Compreender a dinâmica da circulação de água, tanto no planeta como um todo (Ciclo da água) como localmente, na análise de bacias hidrográficas, é fundamental para o estudo, aproveitamento e gerenciamento dos recursos hídricos. Nesse caso, a Hidrologia *"É a ciência que trata da água na Terra, sua ocorrência, circulação e distribuição, suas propriedades físicas e químicas e sua relação com o meio ambiente, incluindo sua relação com as formas de vida." (U.S. FEDERAL COUNCIL FOR SCIENCE AND TECHNOLOGY, apud CHOW, 1959).*

Devido às diversas mudanças climáticas pelas quais nosso planeta está passando, os profissionais da construção civil se viram na responsabilidade de realizar obras que não prejudiquem o meio ambiente, já que são responsáveis por uma grande parte do impacto socioambiental. Entre as obras que se preocupam com a sustentabilidade estão: Edificações Sustentáveis, Edificações Verdes, Tecnologias Verdes, Aproveitamento de águas pluviais e Reúso de águas cinza.

De acordo com Araújo (2005, p. 01), "construção sustentável é um sistema construtivo que promove alterações conscientes no entorno, de forma a atender às necessidades de edificação, habitação e uso do homem moderno, preservando o meio ambiente e os recursos naturais, garantindo qualidade de vida para as gerações atuais e futuras." Conforme o Comitê Técnico da ISO – *International Organization for Standardization* –, o conceito de edificação sustentável pode ser entendido como:

> *"[...] é aquela que pode manter moderadamente ou melhorar a qualidade de vida e harmonizar-se com o clima, a tradição, a cultura e o ambiente na região, ao mesmo tempo em que conserva a energia e os recursos, recicla materiais e reduz as substâncias perigosas dentro da capacidade dos ecossistemas locais e globais ao longo do ciclo de vida do edifício".* (ISO/TC 59/SC3 N 459, 2003, apud ARAÚJO, 2005, p. 01).

A edificação sustentável deve funcionar como uma segunda pele do usuário, sendo seu ecossistema particular, tendo com isso todo o conforto e bem-estar que o usuário necessita.

De acordo com Abreu (2008), edifícios verdes (FIGURA 1) são prédios que seguem determinados parâmetros e que têm uma preocupação especial com o meio ambiente em que estão inseridos e com a correta utilização dos recursos naturais necessários a seu funcionamento e a correta destinação dos resíduos gerados por essa utilização. Assim, a preocupação com a eficiência e com a qualidade é sempre voltada para o mínimo impacto ambiental possível. Para serem considerados edifícios verdes, devem seguir algumas regras: manter a qualidade do ar, economia de energia e água, utilizar materiais ecologicamente corretos, tratar os resíduos sólidos e fazer um controle da emissão dos poluentes.

De acordo com a terminologia, tecnologia refere-se à aplicação do conhecimento na prática e verde ao meio ambiente. Portanto, tecnologia verde refere-se a

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 151 10/25/2012 2:45:04 PM

inovações de métodos e materiais, com fins práticos, que causem um menor impacto ambiental. Entre elas estão: telhados verdes, calçadas verdes e paredes verdes.

Em muitos países os telhados verdes estão se difundindo. De acordo com Abreu (2009), a ideia de transformar as coberturas dos edifícios em telhados verdes é para criar corredores que facilitem a circulação do ar atmosférico, melhorando a qualidade do microclima e reduzindo o consumo de energia. Outro aspecto importante é que as áreas com vegetação podem reter de 15% a 70% do volume das águas pluviais, que são ocasionadas pelas chuvas. Essas coberturas vegetais também reduzem os efeitos dos raios ultravioletas e têm sua temperatura mais baixa que nos telhados convencionais. Para implantar o telhado verde, é necessário executar as seguintes camadas: laje estrutural, camada de forma, membrana protetora, impermeabilização, geo-têxtil (drenagem), terra vegetal e, finalmente, a vegetação. No Brasil, temos como exemplo o prédio da prefeitura de São Paulo (FIGURA 2).

Outro sistema muito utilizado como tecnologia verde para substituir o cimento são as calçadas verdes. De acordo com Cid (2009), a calçada verde, no lugar do cimento ou outro material impermeabilizante, permite que a água da chuva penetre no solo, alimentando os lençóis freáticos, que são uma importante fonte de água potável para aproveitamento humano. Elas também diminuem os riscos de alagamento, pois absorvem as águas pluviais, contribuem para uma menor variação da temperatura e permitem que as vegetações cresçam com mais saúde, dando um efeito mais belo à paisagem.

Figura 1. Edifício ACROS Fukuoka, na cidade de Fukuoka, Japão.
Fonte: <http://www.casavivaconceito.com.br/blog/wp-content/uploads/predio_agro_urbano.jpg>

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 152 10/25/2012 2:45:04 PM

Figura 2. Prédio da Prefeitura de São Paulo. Exemplo de Telhado Verde.
Fonte:<http://ecobriefing.files.wordpress.com/2009/06/telhado.png>

Consumo de água

Ao iniciar-se um projeto de conservação e uso racional da água, devemos conhecer o consumo de água para atender à demanda, sendo o consumo em função do número de habitantes e da quantidade que cada habitante utilizará. Projetos de captação de água devem levar em consideração a precipitação pluviométrica ou chuva, que é o processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre. A classificação das chuvas pode ser feita usando com base sua intensidade. De acordo com Reichardt (1986), as chuvas podem ser classificadas da seguinte forma:

- Chuvas fracas: até 2,5 mm/h. São constituídas por gotas isoladas e de fácil identificação. Neste grupo temos a garoa – uniforme, com gotículas de diâmetro inferior a 0,5 mm e numerosas.
- Chuvas moderadas: de 2,5 a 7,5 mm/h. São constituídas de gotas isoladas e de difícil observação. Formam poças de água rapidamente.
- Chuvas fortes: maiores de 7,5 mm/h. Não é possível identificar as gotas isoladas; caem em forma de lençóis. Formam poças rapidamente e prejudicam a visualização.

O período de retorno é o tempo médio que um evento de determinada magnitude possa ser igualado ou superado ao menos uma vez. Baseado em dados estatísticos de uma região, sabemos que uma chuva com certa intensidade, como 5 mm/h com tempo de retorno de 5 anos, pode ocorrer uma vez a cada 5 anos. Quando projetamos

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 153 10/25/2012 2:45:04 PM

uma obra, pensamos no risco que possa ocorrer e por isso utilizamos um grau de segurança. Nas obras de captação de águas pluviais utilizamos como grau de segurança o período de retorno da chuva da região, com magnitude já conhecida. Se houver uma chuva com a intensidade que foi utilizada no projeto a obra estará segura.

O consumo pode ser afetado pela cultura que a população do local tem, pelo clima, pelo tamanho e natureza do local e também pela pressão na rede. Quando falamos sobre consumo não podemos deixar de falar sobre as perdas e os desperdícios ocasionados (TABELA 1), gerando, assim, o consumo total de uma rede. As perdas são volumes de águas que são destinados a um uso; no entanto, por algumas deficiências não são utilizados pela rede. As perdas podem ser inevitáveis, por exemplo, por aquecimento solar ou vazamentos. Podem ocorrer por falhas nas redes ou nas ligações por meio de conexões, válvulas e reservatórios, ou ainda por fraudes cometidas por indivíduos, por exemplo, ligação clandestina.

Tabela 1 – Desperdício
Fonte: Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa) / Jornal Hoje

HÁBITOS	CONSUMO COM DESPERDÍCIO	CONSUMO RACIONAL
Ao escovar os dentes 5 minutos	TORNEIRA ABERTA • Até 12 litros – casa • Até 80 litros – apartamento	TORNEIRA FECHADA • Aproximadamente 0,5 litros – casa • Até 80 litros – apartamento
Ao fazer a barba 5 minutos	TORNEIRA ABERTA • Até 12 litros – casa • Até 80 litros – apartamento	TORNEIRA FECHADA • Cerca de 2 litros
Ao dar descarga no vaso	VÁLVULA DESREGULADA • Até 30 litros	VÁLVULA REGULADA POR 6 SEGUNDOS • Até 10 litros
Ao tomar banho	REGISTRO ABERTO – 15 MINUTOS • 45 litros – casa • 144 litros – apartamento	REGISTRO ABERTO – 5 MINUTOS • 15 litros – casa • 48 litros – apartamento
Ao lavar louças 15 minutos	TORNEIRA ABERTA • Até 117 litros – casa • Até 243 litros – apartamento	TORNEIRA FECHADA • Até 46 litros
Ao lavar o carro 30 minutos	MANGUEIRA ABERTA • Até 560 litros	USANDO UM BALDE • 40 litros
Ao limpar o jardim 10 minutos	MANGUEIRA ABERTA • Até 186 litros	USANDO UMA VASSOURA • Nenhum Consumo
Ao lavar a calçada tamanho médio	EXPOSTA AO SOL • Evaporam-se aproximadamente 126 litros/dia	COM COBERTURA • Evaporam-se aproximadamente 12,6 litros/dia

Métodos de economia das águas potáveis

Para fins de conservação da água nos sistemas prediais devemos aplicar algumas práticas, como aparelhos economizadores de água, práticas de manutenção predial e adoção de medição setorizada para edificações coletivas. Também podemos citar o uso de fontes alternativas para abastecimento de água para fins não potáveis, como o reúso de água cinza e o aproveitamento da água de chuva ou pluvial (GIACCHINI, 2010).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 154 10/25/2012 2:45:04 PM

Reutilização das águas cinza

O princípio de reúso é reutilizar a água de qualidade mínima requerida pelos padrões e normas sanitárias. De acordo com Giacchini (2010) as águas cinza são águas servidas, oriundas dos lavatórios, chuveiros, banheiras, máquinas de lavar roupas e tanques. Não é muito comum no Brasil a reutilização de águas oriundas de bacias sanitárias, mictórios, pois estes apresentam em seu conteúdo fezes, urinas e papel higiênico. Também não são utilizadas em âmbito nacional as águas provenientes das pias de cozinha, pois é um local de despejo de restos de alimentos, tendo no efluente uma grande concentração orgânica. Tanto o sistema de captação de águas cinza como o sistema de reúso da água deve ter seu sistema predial separado dos demais sistemas hidráulicos da edificação (JONH & ROCHA, 2003). De acordo com Brega Filho e Mancuso (2003), as principais formas de reúso são:

a. Direto: Uso de esgotos tratados com finalidade industrial, de irrigação e água potável.
b. Indireto: Quando a água utilizada é descartada nas águas superficiais ou subterrâneas, sendo utilizada novamente em forma diluída.
c. Planejado: É quando fazem um planejamento onde a água é descartada longe do efluente a ser utilizado.
d. Não planejado: Não controla sua utilização.
e. Potável: Abastecimento da população.
f. Não potável: Água com qualidade inferior utilizada para fins não potáveis.
g. Potável direto: O esgoto é tratado e injetado no sistema de água potável.
h. Potável indireto: Trata-se o esgoto e o lança em águas superficiais ou subterrâneas para diluir-se e purificar-se naturalmente.

Na área urbana o reúso é associando à captação e ao tratamento realizado dentro da própria edificação. Esse processo de tratamento é parecido com o mesmo de tratamento de esgoto; no entanto, a qualidade dos efluentes é muito superior. O tratamento de esgoto deve seguir a NBR 13969/97 – Tanques sépticos – Unidades de tratamento complementar e disposição final dos efluentes líquidos – Projeto, construção e operação –, da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Para as atividades que não necessitam de água potável, como irrigação, lavagem de pisos externos, veículos e roupas, válvulas de descargas, uso ornamental e uso na construção civil, podemos utilizar o reúso de água cinza, pois não há necessidade que seja potável, e sim que não apresente mau cheiro, que não seja abrasiva, que não manche superfícies; deve ser incolor e não pode propiciar infecções ou contaminações por vírus ou bactérias que possam prejudicar a saúde do indivíduo (JONH & ROCHA, 2003).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 155 10/25/2012 2:45:04 PM

Aproveitamento de águas pluviais

A água proveniente das chuvas normalmente possui boa qualidade; no entanto, pode haver problemas em questão de quantidade. Esse sistema é uma fonte alternativa da rede de abastecimento com fins não potáveis. O reaproveitamento é uma técnica antiga, adotado por diversas civilizações, como os Astecas, Maias e Incas. De acordo com Tomaz (2003, apud GIACCHINI, 2010), um dos registros mais antigos é de 850 a.C., no Oriente Médio, onde o rei Mesha sugere a construção de reservatórios em cada residência.

Atualmente, para dimensionar esse sistema utilizamos a NBR 15.527/2007 – Água de chuva – Aproveitamento de coberturas em áreas urbanas para fins não potáveis - Requisitos -, da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Quando fazemos o dimensionamento do sistema de reaproveitamento de água pluvial temos que saber que tipo de material deve ser adotado para a construção do reservatório que irá armazenar as águas coletadas, pois há diversos materiais que podem prejudicar a qualidade da água. Para fazer o aproveitamento das águas pluviais utilizamos várias técnicas, dentre elas: a coleta da água que precipita nos telhados, sendo necessária a eliminação das águas do início das chuvas, pois estão contaminadas com as impurezas presentes no ar atmosférico, possuir unidades para a sedimentação, tratamento e melhoria da qualidade da água, armazenar a água em reservatórios, possuir redes separadas para abastecer os locais de uso, possuir drenos no reservatório, para eliminar o excesso de águas quando ocorrerem chuvas intensas, e possuir rede para abastecer o reservatório, quando ocorrer uma estiagem intensa (GIACCHINI, 2010).

As vantagens do sistema de aproveitamento de água pluvial são: conveniência, isto é, o suprimento ocorre no ponto de consumo, boa manutenção, baixos custos de operação e manutenção, boa qualidade relativa, principalmente quando captada no telhado, baixo custo ambiental, tecnologias flexíveis, construção simples e medida não estrutural para drenagem urbana. As desvantagens são: alto curso, suprimento limitado, já que depende da quantidade de precipitação e da área do telhado, custo inicial alto, não atrativo para políticas públicas, e qualidade da água vulnerável.

Para projetar o sistema de água pluvial é necessário, inicialmente, que se obtenham os dados pluviométricos da região onde será aplicado.

Estudo de Caso

Para estudo e análise de instalação de um sistema de aproveitamento de águas de chuva e de reúso de águas cinza foi utilizado um prédio privado, onde funcionará uma instituição de ensino.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 156 10/25/2012 2:45:04 PM

Caracterização da Instituição

A instituição de ensino é constituída por dois prédios, um para o ensino médio e outro para o ensino fundamental, uma área para a quadra, piscina, salas para atividades extracurriculares, e uma parte destinada a área verde (Figura 3). A instituição de ensino atenderá a alunos do ensino fundamental e ensino médio, ou seja, em média alunos de 5 anos a 18 anos. Serão ministradas aulas nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Além das aulas para o ensino regular, também haverá aulas de natação, música, culinária, ginástica, judô e ballet.

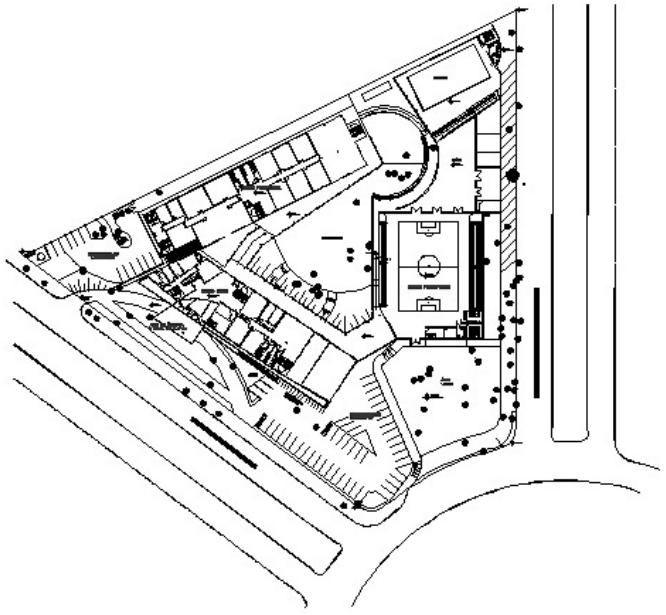


Figura 3: Planta simplificada da área de estudo. Fonte: arquivo do autor.

Caracterização da edificação

A edificação será construída em uma área de 15.559,57m² de terreno, assim dividida:

- Telhado: 6.593,82 m²;
- Área verde: 2.857,76 m²;
- Piscina: 320,04 m²;
- Circulação externa: 2.760,42 m²;
- Estacionamento: 3.347,57 m².

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 157 10/25/2012 2:45:04 PM

Estimativa de número de alunos e funcionários

A escola terá um total de 90 funcionários, sendo:

- Período Diurno: 60 funcionários;
- Período Noturno: 30 funcionários.
- Ela atenderá a 1.350 alunos divididos da seguinte forma:
- Período Matutino: 640 alunos;
- Período Vespertino: 440 alunos;
- Período Noturno: 270 alunos.

Consumo diário de água

Para o cálculo do consumo utilizamos a constante para escola do tipo externato, de 50 litros / pessoa x dia. O cálculo está representado pela Tabela 2.

Tabela 2 – Consumo diário da edificação

Cálculo de consumo diário			
Número de alunos =	1.350		
Número de funcionários =	90		
Escola tipo Externato —	50 litros / pessoa x dia		
Consumo diário (Cd) =	(1350+90) x 50 =	72.000	litros / dia
Cd = 72.000 / 1.000 =	**72,00 m³**		

Consumo diário de água utilizada nas bacias sanitárias

Estimando que em cada descarga são utilizados aproximadamente 10 litros / dia e cada pessoa na escola (alunos e funcionários) utilizará a descarga duas vezes, temos:

Tabela 3 – Consumo diário de água utilizada nas bacias sanitárias

Cálculo de consumo diário utilizado nas bacias sanitárias			
Número de alunos =	1.350		
Número de funcionários =	90		
Vazão =	10 litros / descarga		
nº de acionamentos =	2 vezes		
Consumo diário (Cd) =	(1350+90) x 10 x 2 =	28.800	litros / dia
Cd = 28.000 / 1.000 =	**28,00 m³**		

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 158 10/25/2012 2:45:04 PM

Aproveitamento de águas pluviais

Para o cálculo do volume da cisterna a ser utilizada no sistema utilizou-se o método inglês da NBR 15.527/2007 – Água de chuva – Aproveitamento de coberturas em áreas urbanas para fins não potáveis – Requisitos. Para o cálculo do volume foi necessário obter os dados pluviométricos da região da Ribeirão Preto no período de 1991 a 2011. Esses dados foram coletados no IAC – Instituto Agronômico de Campinas. Para o cálculo, utilizou-se o valor anual médio da precipitação: 122,30 mm.

Cálculo da área coletada

A precipitação captada pelas calhas dos telhados será coletada e encaminhada até a cisterna e, depois, será distribuída para consumo com fins não potáveis. Serão feitos dois sistemas de aproveitamento de águas pluviais: um armazenará as águas provenientes do telhado do ensino médio (sistema 1) e do ensino fundamental e outro armazenará as águas provenientes do telhado do ginásio (sistema 2).

A área utilizada para o sistema 1 será de 2.535,32 m², dividida da seguinte forma:

- Ensino médio: 1.124,65 m²;
- Ensino fundamental: 1.410,67 m².
- A área utilizada para o sistema 2 será de 1.464,33 m².

Sistema de aproveitamento de águas pluviais

Utilizou-se a NBR 15.527/2007 – Água de chuva – Aproveitamento de coberturas em áreas urbanas para fins não potáveis – Requisitos. O cálculo da reservação (volume) da cisterna foi realizado pelo Método Prático Inglês. O Método Prático Inglês utiliza a área do telhado e a altura pluviométrica, sendo estes já calculados (TABELAS 4 e 5).

Tabela 4 – Volume da cisterna – Sistema 1

Cálculo do volume do cisterna, utilizando o Método Inglês (Sistema 1)			
Área de telhado (A) =	2.535,32 m²		
Altura pluviométrica média anual (P) =	122,30 mm		
Método prático inglês			
V = 0,05 x P x A =	0,05 x 122,30 x 2.535,32 =	15.503,48	litros
V = 15.503,48 / 1.000 =	**15,50 m³**		

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 159 10/25/2012 2:45:04 PM

Tabela 5 – Volume da cisterna – Sistema 2

Cálculo do volume do cisterna, utilizando o Método Inglês (Sistema 2)			
Área de telhado (A) =	1.464,33 m²		
Altura pluviométrica média anual (P) =	122,30	mm	
Método prático inglês			
V = 0,05 x P x A =	0,05 x 122,30 x 1.464,33 =	8.954,38	litros
V = 15.503,48 / 1.000 =	**8,95 m³**		

Locação da cisterna

Pelo fato da edificação possuir um desnível acentuado entre os blocos, o ginásio e o local onde será instalada a cisterna para o sistema de aproveitamento de águas pluviais, foi necessário separar os sistemas como mostra o cálculo. O Sistema 1 será instalado próximo a uma rampa que dará acesso ao bloco do ensino fundamental, para a área de esportes, sendo um local de área verde e de fácil acesso para a instalação do sistema. O Sistema 2 será instalado próximo ao ginásio de esportes, e para este sistema a rede de captação fica mais próxima do local de instalação do sistema de aproveitamento de águas pluviais (FIGURA 4).

Componentes do sistema

O sistema de aproveitamento de águas pluviais será composto pelos seguintes equipamentos: calha; condutores de pvc rígido série reforçada; caixa de inspeção; filtro; cisterna (utilizada nas dimensões comerciais); bomba; tubulação para recalque em pvc soldável marrom; tubulação para ladrão (utilizada quando houver mais água captada do que o volume calculado da cisterna); reservatório para armazenamento específico na cobertura. As figuras 5 e 6 ilustram o sistema e seus elementos constituintes.

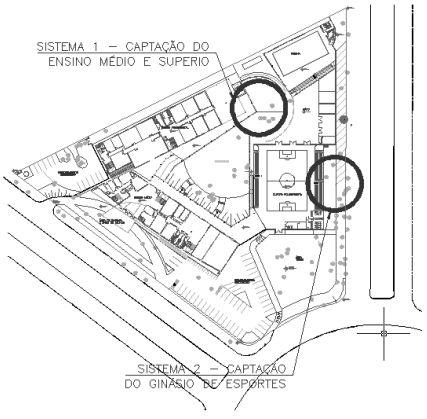


Figura 4 – Locação do Sistema 1 e Sistema 2 de aproveitamento de águas pluviais Fonte: Arquivo do autor.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 160 10/25/2012 2:45:04 PM

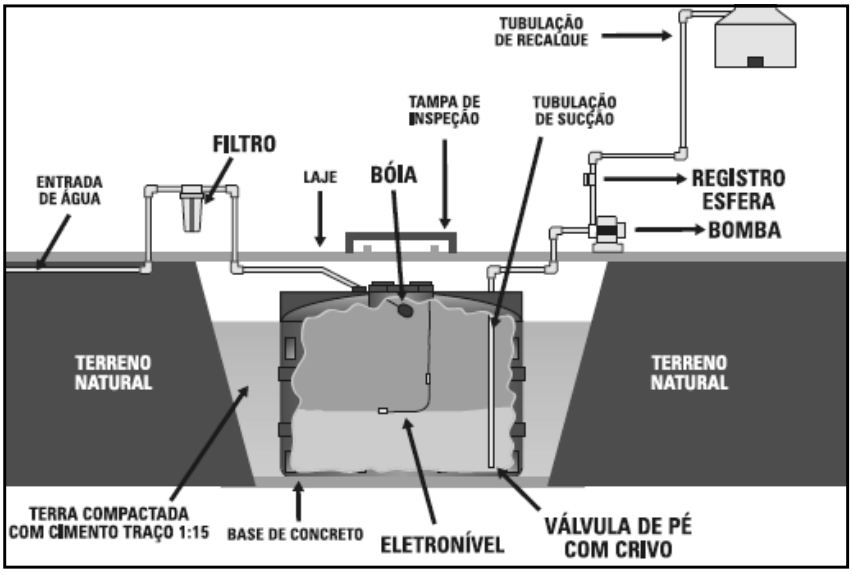


Figura 5: Exemplo de sistema de armazenamento de águas pluviais
Fonte: Guia de Instalação da cisterna Aqualimp.

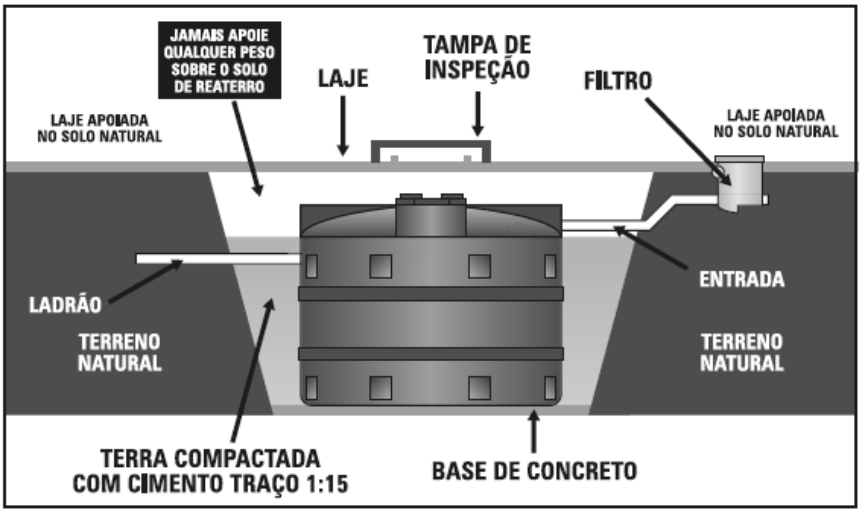


Figura 6: Elementos do sistema de armazenamento de águas pluviais
Fonte: Guia de Instalação da cisterna Aqualimp.

Reúso de águas cinza

Para o cálculo da reservação (volume) para o sistema de reúso de águas cinza foi estimado o consumo de esgoto coletado por dia dos lavatórios e bebedouros. Somente os lavatórios dos blocos do ensino médio e do fundamental serão utilizados para o reaproveitamento, tendo em vista o local onde será instalado o sistema. O

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 161 10/25/2012 2:45:05 PM

sistema atenderá somente às válvulas de descarga, que são as de maior consumo de água dentro da edificação.

Estimativa das águas coletadas nos lavatórios

Para o cálculo da estimativa do volume coletado de água nos lavatórios, considerou-se que serão utilizadas torneiras com acionamento automático e temporizado. Considerando que o consumo médio é de 12 litros/min. e o tempo que permanecerá acionada é de 3 segundos, temos que o consumo médio é de 0,20 litros/seg.. Foi considerado que a pessoa utilizará o lavatório 4 vezes por dia, sendo que a cada vez acionará a torneira 2 vezes, resultando em um consumo diário conforme a Tabela 6.

Tabela 6 – Consumo diário de água utilizada nos lavatórios

Cálculo de consumo diário utilizado nos lavatórios			
Número de alunos =	1.350		
Número de funcionários =	90		
Vazão =	0,20 litros / seg.		
tempo de funcionamento =	3 seg. / acionamento		
nº de acionamentos =	4 x 2 = 8 vezes / dia / pessoa		
Consumo diário (Cd) =	(1350+90) x 0,2 x 3 x 8 =	6.912	litros / dia
Cd = 6.912 / 1.000 =	**6,91 m³**		

Estimativa das águas coletadas nos bebedouros

Para o cálculo da estimativa do volume coletado de água nos bebedouros, considerou-se que 40 % da água utilizada irá para o esgoto. Considerando que o consumo médio é de 3 litros/min. e o tempo que permanecerá acionada é de 40 segundos, temos que o consumo médio é de 0,05 litros/seg.. Foi considerado que a pessoa utilizará o bebedouro 5 vezes por dia, resultando em um consumo diário conforme a Tabela 7.

Tabela 7 – Consumo diário de água utilizada nos bebedouros

Cálculo de consumo diário utilizado nos bebedouros			
Número de alunos =	1.350		
Número de funcionários =	90		
Vazão =	0,05 litros / seg.		
tempo de funcionamento =	40 seg. / acionamento		
nº de acionamentos =	5 vezes / dia / pessoa		
Percentagem armazenada =	40 %		
Consumo diário (Cd) =	(1350+90) x 0,05 x 40 x 5 x 0,40 =	5.760	litros / dia
Cd = 5.760 / 1.000 =	**5,76 m³**		

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 162 10/25/2012 2:45:05 PM

Volume (reservação) do reservatório

A estimativa da reservação (volume) do sistema de reúso de águas cinza levou em consideração a somatória do volume utilizado pelos lavatórios e dos bebedouros e que possua uma reserva para 1,5 dias. Portanto, o volume será de: Volume dos lavatórios + bebedouros = 6,91 + 5,76 = 12,67 m^3.

Dimensionamento do reservatório

O reservatório será retangular, com as dimensões de 4 x 3 x 1,5m, totalizando um volume de 18 m^3 e tendo a lâmina d'água, abaixo da laje, de 0,50 m. Foi considerado que, para a instalação do sistema de reúso de águas cinza, será construído um subsolo abaixo do pátio coberto do bloco do ensino fundamental.

Componentes do sistema

O sistema de reúso de águas cinza será composto pelos seguintes equipamentos: válvula de escoamento; condutores de pvc rígido série normal; caixa de inspeção; tanques de tratamento; reservatório para armazenamento da água antes do tratamento; bomba; produtos para tratamento das águas cinza; ladrão; caixa d'água para armazenamento da água a ser utilizada nas bacias sanitárias.

Materiais e métodos

O trabalho se apóia na determinação das condições qualitativas e quantitativas do consumo das águas potáveis. Determinou-se a redução do gasto de águas potáveis (naturais) com o reaproveitamento das águas pluviais e a reutilização das águas cinza, além do retorno econômico da utilização desses métodos. Foram necessários estudos e levantamentos para comprovação dos consumos provenientes da utilização das águas reaproveitadas e da viabilidade de sua utilização, analisando a economia obtida com a implantação do sistema.

Resultados

Os resultados foram analisados da seguinte forma:

- Economia de água da rede pública utilizando o aproveitamento de águas pluviais nas bacias sanitárias;
- Economia de água da rede pública utilizando o reúso de águas cinza nas bacias sanitárias;
- Economia de água da rede pública utilizando os dois sistemas, deixando prevista uma reserva para utilização das águas pluviais para irrigação.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 163 10/25/2012 2:45:05 PM

Economia de água da rede pública utilizando o aproveitamento de águas pluviais nas bacias sanitárias

O consumo diário gasto na edificação é de 72 m³ de água da rede pública de água potável. O consumo de água gasto nas válvulas de descarga é de 28 m³ de água da rede pública de água potável, ou seja, 38,89 % do consumo diário.

O reaproveitamento de águas pluviais gera um volume de 24,45 m³ de água que será utilizada nas bacias sanitárias, ou seja, uma economia de 33,96 % do consumo diário de água potável.

Economia de água da rede pública utilizando o reúso de águas cinza nas bacias sanitárias

O consumo diário gasto na edificação é de 72 m³ de água da rede pública de água potável. O consumo de água gasto nas válvulas de descarga é de 28 m³ de água da rede pública de água potável, ou seja, 38,89 % do consumo diário. O reúso de águas cinza gera um volume de 12,67 m³ de água que será utilizada nas bacias sanitárias, ou seja, uma economia de 17,60 % do consumo diário de água potável.

Economia de água da rede pública utilizando o reaproveitamento das águas pluviais e o reúso de águas cinza nas bacias sanitárias e na irrigação

O consumo diário gasto na edificação é de 72 m³ de água da rede pública de água potável. O consumo de água gasto nas válvulas de descarga é de 28 m³ de água da rede pública de água potável, ou seja 38,89 % do consumo diário. O reaproveitamento de águas pluviais gera um volume de 24,45 m³ e o reúso de águas cinza gera um volume de 12,67 m³ de água que será utilizada nas bacias sanitárias e parte da reserva de águas pluvias será utilizada na irrigação do jardim, ou seja, uma economia de 51,56 % do consumo diário de água potável.

Considerações Finais

O trabalho em questão atendeu às expectativas esperadas quanto à comprovação que os sistemas geram uma economia significativa de água na edificação considerada.

Apesar de os sistemas não gerarem uma economia de 100 % quando aplicados sozinhos, é possível que, se forem aplicados em obras pequenas, possam gerar uma economia maior. No entanto, quando forem aplicados em conjunto, conseguiriam gerar uma economia de 100 % na utilização das bacias sanitárias e também parte da água poderá ser utilizada para irrigação dos jardins.

Portanto, com a implantação do sistema de aproveitamento e um trabalho de conscientização popular sobre a importância do uso responsável da rede de abaste-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 164 10/25/2012 2:45:05 PM

cimento, também conseguiremos economizar nas contas de água e ao mesmo tempo contribuir para o não esgotamento dos recursos hídricos. É necessário proteger a água, nosso bem natural e precioso.

REFERÊNCIAS

ABREU, Carlos. **O que são edifícios verdes?** 2008. Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/residencia-sustentavel/edificios-verdes/>. Acesso em maio de 2011.

ABREU, Carmosa. **Telhados Verdes**. 2009. Disponível em: <http://obviousmag.org/archives/2009/06/telhados_verdes.html>. Acesso em maio de 2011.

AGENDA 21. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

ARAÚJO, Márcio A. **A moderna construção sustentável**. IDHEA – Instituto para o Desenvolvimento da Habitação Ecológica. 2005. Disponível em < http://www.idhea.com.br/pdf/moderna.pdf> Acesso em junho de 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13969**: Tanques sépticos – Unidades de tratamento complementar e disposição final dos efluentes líquidos – Projeto, construção e operação. Rio de Janeiro, RJ, 1997. 60p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15527**: Água de chuva – Aproveitamento de coberturas em áreas urbanas para fins não potáveis - Requisitos. Rio de Janeiro, RJ, 2007. 12p.

BREGA FILHO, Darcy; MANCUSO, Pedro C. S. **Conceito de Reuso**. In: MANCUSO, Pedro. C. S.; SANTOS, Hilton. F. (Ed.). Reuso de água. Barueri, SP: Malone, 2003. p. 21 – 37.

CARDOSO, Ivan A.; MACHADO, Ana L. M.; GUERRA, Jorge C. C.; IWAMURA, Livia Y. **Estudo de implantação de um sistema para aproveitamento de água de chuva em uma universidade pública do Paraná**. In: Congresso Internacional de Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social. Porto Alegre, 4-8 de maio de 2010.

Anais... Porto Alegre, RS. 2010. CD-ROM. Sem paginação. Disponível em: <http://www.joaobn.com/chis/>. Acesso em maio de 2011.

CID, Anita. **Os benefícios das calçadas verdes**. Revista Aue Paisagismo Digital. 2009. Disponível em: < http://www.auepaisagismo.com/default.aspx?in=576> . Acesso em maio de 2011.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 165 10/25/2012 2:45:05 PM

CHOW, Ven T. 1959. **Handbook of applied hydrology**. New York: McGraw-Hill.

GIACCHINI, Margoline. **Uso e Reuso de Água**. Série de Cadernos Técnicos do CREA. Paraná, PR. 2011. 32p.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. TC 59 (BUILDING CONSTRUCTION)/SUBCOMMITTEE SC3 (FUNCTIONAL/USER REQUIREMENTS AND PERFORMANCE IN BUILDING CONSTRUCTION. *Buildings and constructed assets – Sustainability in Building – General Principles.* ISO AWI 15392 (ISO/TC 59/SC3 N 459). 2003.

JOHN, Vanderley; ROCHA, Janaíde C. **Utilização de resíduos na Construção Civil**. Porto Alegre, RS. 2003. 272p.

REICHARDT, Klaus. **A Água em Sistemas Agrícolas**. São Paulo, SP: Manole. 1986. 188p.

SANTOS, Daniel C. **Os Sistemas Prediais e a Promoção da Sustentabilidade Ambiental**. Ambiente Construído, Porto Alegre, RS, v.2, n.4, p. 7-18, out/dez. 2002. ISSN 1415-8876. Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. 2002. Disponível em <seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/download/3429/1847> Acesso em maio de 2011.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 166 10/25/2012 2:45:05 PM

DISTRIBUIÇÃO DA BROCA-DA-CANA, DIATRAEA SACCHARALIS, E DE SEUS DANOS NO COLMO DA CANA-DE-AÇÚCAR VISANDO À MELHORIA DO MÉTODO DE AMOSTRAGEM[1]

João Gabriel Moreno ANCHESCHI*
Alexandre de Sene PINTO**

Resumo

O estudo teve como objetivo analisar os danos causados pela broca-da-cana, Diatraea saccharalis, nos colmos de plantas de cana-de-açúcar (cana-soca) da variedade RB 85 5536 (4, 6 e 8 meses de desenvolvimento). O ensaio foi conduzido em Sertãozinho, SP, em 2010. Foram avaliados 100 colmos em cada data, quanto ao número de lagartas, de orifícios de saída e entrada e à presença de galerias longitudinais e circulares por internódio. Houve maior concentração de galerias longitudinais nas partes basal e mediana do colmo. No início do desenvolvimento da planta, a broca-da-cana e seus danos se concentram nos internódios medianos e do topo, e, no final, nos internódios basais do colmo. Não houve correlação entre o número médio de orifícios de entrada ou saída na parte externa do colmo e o número médio de lagartas no interior do mesmo, que poderia facilitar a amostragem da praga no campo.

Palavras-chave: *Praga Agrícola; Ecologia; Infestação; Lepidóptera; Insecta.*

DISTRIBUTION OF SUGARCANE BORER, DIATRAEA SACCHARALIS, AND ITS DAMAGE TO THE STALK OF SUGARCANE IN ORDER TO IMPROVE THE SAMPLING METHOD

Abstract

This work aims to study the damage caused by the sugarcane borer, Diatraea saccharalis, on stalks of sugarcane plants (sugarcane ratoon-cycle, with 4, 6 and 8 months of development, of the variety RB 85 5536). The experiment was carried out in Sertãozinho, SP, Brazil, in 2010. One hundred stalks were evaluated in each date, considering the number of larvae, exit and entry holes and the presence of longitudinal and circular galleries per internode. There was a higher concentration of longitudinal galleries on the base and middle of the stalks. At the beginning of the plant development, the sugarcane borer and its damage focus on the middle and top internodes and, in the late period, on the basal internodes of the stalk. There was no

[1]Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.
* Aluno de Graduação em Agronomia, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP. E-mail: bielancheschi@yahoo.com.br.
** Mestrado em Entomologia FCAU-UNESP/Jaboticabal, Doutorado em Entomologia ESALQ-Piracicaba, docente do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, SP e orientador da pesquisa. E-mail: aspinn@uol.com.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 167 10/25/2012 2:45:05 PM

significant correlation between the number of entry or exit holes on the outside of the stalk and the number of larvae within it, which could facilitate the pest sampling in the field.

Keywords: *Crop Pest; Ecology; Infestation; Lepidoptera; Insecta.*

Introdução

A broca-da-cana-de-açúcar, *Diatraea saccharalis* (Fabr.) (Lepidoptera: Crambidae), é a principal praga da cultura canavieira em todo o mundo, causando diminuição na produção em campo e na indústria (MENDONÇA et al., 1996).

Os danos que a broca-da-cana causa na cultura são classificados em diretos e indiretos. Os danos diretos decorrem da alimentação do inseto e caracterizam-se pela perda de peso (pela abertura das galerias do entrenó), morte da gema apical da planta ("coração morto"), encurtamento do entrenó, quebra da cana, enraizamento aéreo e germinação das gemas laterais. Esses danos ocorrem isoladamente ou associados, o que pode agravar os prejuízos (PINTO; GARCIA; OLIVEIRA, 2006).

Os danos indiretos são causados por micro-organismos que invadem o entrenó através do orifício aberto na casca pela lagarta. Esses micro-organismos, predominantemente os fungos *Fusarium moniliforme* Sheldon e *Colletotrichum falcatum* Went, invertem a sacarose armazenada na planta, provocando perdas pelo consumo de energia no metabolismo de inversão e pelo fato de os açúcares resultantes desse desdobramento (glicose e levulose) não se cristalizarem no processo industrial (LOPES et al., 1983). Entretanto, quando a matéria-prima se destina à produção do álcool, o problema não é menos grave, pois os micro-organismos que penetram no entrenó aberto contaminam o caldo e concorrem com as leveduras na fermentação alcoólica. Nessa concorrência há uma redução na eficiência na produção de álcool, gerando prejuízos (BOTELHO; MACEDO, 2002).

Para o controle da broca-da-cana, é essencial conhecer a distribuição espacial da praga no canavial, além do ciclo de vida e seu comportamento, para o desenvolvimento de um plano de amostragem (BOIÇA JR.; LARA; BELLODI, 1997; PINTO; GARCIA; OLIVEIRA, 2006). O monitoramento da broca-da-cana é feito pela quantidade de lagartas e serve para definir o momento exato da realização do controle (BOTELHO, 1992; BOTELHO et al., 1995; CAMPOS-FARINHA; CHAUD NETTO, 2000; BOTELHO; MACEDO, 2002).

Uma estimativa da intensidade de infestação de *Diatraea* spp. em cana-de-açúcar da variedade CB 45 3 foi feita por Silva et al. (1997), que chegaram à conclusão que 20 colmos por hectare é uma quantidade suficiente para amostrar essa praga.

O método de amostragem populacional da broca-da-cana-de-açúcar mais utilizado no Brasil é o de plantas amostradas por área (pontos/ha). Nesse método, são recomendados dois pontos por hectare, onde são despalhadas todas as plantas presentes em cinco metros lineares em duas ruas paralelas, totalizando 10 metros

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 168 10/25/2012 2:45:05 PM

por ponto ou 20 metros por hectare (PINTO; GARCIA; OLIVEIRA, 2006). Todas as plantas são avaliadas e os colmos com orifícios de entrada da broca (colmos brocados) são abertos e observados. Deve-se anotar em fichas o número de lagartas menores e maiores que 1,5 cm, de pupas e de "massas" (grupo de pupas) da vespinha encontradas (PINTO, 2008).

O levantamento da quantidade de lagartas deve ser feito quinzenalmente – ou mensalmente em áreas muito extensas –, quando as plantas apresentarem os primeiros internódios visíveis (plantas com três meses de idade) e até quando não mais for possível entrar no meio do canavial, geralmente com 12 meses de idade (PINTO, 2008).

Esse projeto teve por objetivos estudar os danos causados pela broca-da-cana, *D. saccharalis*, nos diferentes internódios do colmo, e correlacionar os diferentes parâmetros, em diferentes estádios fenológicos, como contribuição para a melhoria do método de amostragem da broca-da-cana.

Material e métodos

O experimento foi conduzido em canavial comercial com uma única variedade de cana-de-açúcar (cana-soca), RB 85 5536, em Sertãozinho, SP. Foi realizada uma amostragem aos 4, 6 e 8 meses de desenvolvimento da planta, nas datas 17/04, 3/06 e 7/08/2010.

No talhão selecionado (com observação prévia de infestação pela praga) foram escolhidos, ao acaso, 10 pontos, onde foram avaliadas 10 plantas consecutivas. Cada planta foi cortada rente ao solo e foi cortado o ponteiro logo acima do primeiro "dewlap" visível (primeira bainha que se soltou do colmo, de cima para baixo). Em seguida, cada colmo foi despalhado e quantificado o número de orifícios em cada nó, orifício de entrada, entrenó, orifício de saída (PINTO; GARCIA; OLIVEIRA, 2006), identificando os mesmos (1 para o primeiro internódio, de baixo para cima, 2 para o logo acima e assim consecutivamente).

O colmo foi aberto longitudinalmente com o auxílio de um facão, e foram quantificados os números de internódios broqueados e de lagartas menores e maiores que 1,5 cm, e em que internódio cada uma delas se localizava. Também foram quantificadas as galerias longitudinais e circulares construídas pelas brocas em cada internódio. Todos os dados foram anotados em ficha desenvolvida para o projeto.

Os internódios com presença de galerias foram considerados broqueados, ou seja, danificados pela broca-da-cana, e com isso calculou-se o índice de intensidade de infestação (I.I.I.%), pela fórmula: I.I.I.% = 100 x (internódios broqueados / internódios totais).

Dos dados obtidos foram calculadas as médias e o erro padrão das médias. Essas médias foram comparadas pelo teste de Duncan, a 5% de significância. As médias de todos os parâmetros avaliados por internódio foram analisadas pela regressão linear ou polinomial, para verificação de correlação entre eles. Todos os cálculos estatísticos foram realizados pelo programa Statistica for Windows (STATSOFT, 1996).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 169 10/25/2012 2:45:05 PM

Resultados e discussão

Foram trabalhados os dados coletados dos colmos de cana-de-açúcar da variedade RB 85 5536, coletados de plantas com 4, 6 e 8 meses de desenvolvimento.

Para cana-de-açúcar com 4 meses de desenvolvimento, foram avaliados 100 colmos e 1.267 internódios. Todos os colmos tinham 10 internódios e 95, 76, 50, 34, 10 e 2% apresentavam 11, 12, 13, 14, 15 e 16 internódios, respectivamente. Portanto, para cana-de-açúcar (cana-soca) de 4 meses, da variedade RB 85 5536, os colmos apresentaram, em média, 12,67 internódios (11 a 16), sendo que 50, 42, 75, 65, 41 e 77% não apresentaram orifícios de entrada, de saída, lagartas pequenas, grandes, galerias longitudinais e circulares, respectivamente. Mesmo assim, esses colmos foram considerados nos cálculos.

Dos 100 colmos avaliados, 21, 37, 2, 3, 40 e 2% apresentaram mais que um internódio com orifícios de entrada e saída, lagartas pequenas e grandes e galerias longitudinais e circulares, respectivamente. O índice de intensidade de infestação médio foi de 11,16%, valor esse considerado alto (BOTELHO; MACEDO, 2002; PINTO; CANO; SANTOS, 2006).

A maior quantidade média de lagartas pequenas ocorreu na parte mediana do colmo, diferindo significativamente da parte basal. O topo apresentou um maior número médio de galerias circulares que a parte basal, não diferindo da parte mediana. Não houve diferenças significativas entre os estratos, quanto ao número médio de orifícios de entrada e de saída, de lagartas grandes e de galerias longitudinais (Figura 1).

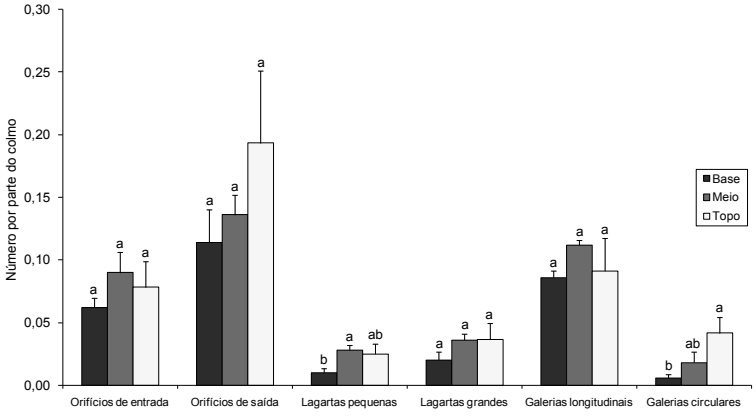


Figura 1

Figura 1. Número médio de orifícios de entrada e saída, de lagartas pequenas (< 1,5 cm) e grandes e de galerias longitudinais e circulares construídas por *Diatraea saccharalis* por estrato do colmo (parte basal, mediana e topo), em cana-de-açúcar de 4 meses. Sertãozinho, SP, 2010. Colunas seguidas pelas mesmas letras (grupo de três) têm médias que não diferem entre si pelo teste de Duncan, ao nível de significância de 5%.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 170 10/25/2012 2:45:05 PM

Para cana-de-açúcar com 6 meses de desenvolvimento, foram avaliados 100 colmos e 1.443 internódios. Todos os colmos tinham 8 internódios e 99, 99, 97, 95, 83, 73, 54, 26, 11, 3 e 3% apresentavam 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 internódios, respectivamente. Os colmos apresentaram, em média, 14,43 internódios (8 a 19), sendo que 54, 50, 92, 85, 50 e 84% não apresentaram orifícios de entrada, de saída, lagartas pequenas, grandes, galerias longitudinais e circulares, respectivamente.

Dos 100 colmos avaliados, 22, 28, 0, 0, 32 e 2% apresentaram mais que um internódio com orifícios de entrada e saída, lagartas pequenas e grandes e galerias longitudinais e circulares, respectivamente. O índice de intensidade de infestação médio foi de 7,75%, valor esse ainda considerado alto, como o anterior.

Não houve diferenças significativas entre os estratos quanto a todos os parâmetros avaliados em cana-de-açúcar de 6 meses de desenvolvimento.

Finalmente, para cana-de-açúcar com 8 meses de desenvolvimento, foram avaliados 100 colmos e 1.587 internódios. Todos os colmos tinham 10 internódios e 99, 98, 95, 87, 71, 54, 40, 24, 14 e 5% apresentavam 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 internódios, respectivamente. Os colmos apresentaram, em média, 15,86 internódios (10 a 20), sendo que 72, 62, 100, 100, 63 e 91% não apresentaram orifícios de entrada, de saída, lagartas pequenas, grandes, galerias longitudinais e circulares, respectivamente.

Dos 100 colmos avaliados, 9, 18, 0, 0, 21 e 2% apresentaram mais que um internódio com orifícios de entrada e saída, lagartas pequenas e grandes e galerias longitudinais e circulares, respectivamente. O índice de intensidade de infestação médio foi de 5,08%, valor esse também considerado alto.

Não houve diferenças significativas entre os estratos quanto a todos os parâmetros avaliados, para cana-de-açúcar de 8 meses de desenvolvimento, apesar da grande diferença numérica entre a base, que apresentou os maiores valores, no topo, na maioria dos parâmetros.

Analisando os dados dos três períodos de desenvolvimento, estabeleceram-se médias para todos os parâmetros, encontrando diferença significativa apenas para galerias longitudinais. Verificou-se que o topo apresentou, de uma forma geral, estatisticamente menos galerias longitudinais que os demais estratos, que não diferiram entre si (Figura 2).

White et al. (2005) verificaram uma predominância de lagartas de *D. saccharalis* na parte mediana dos colmos do capim-marinho, *Spartina alterniflora*, o que não ficou evidente no atual ensaio com cana-de-açúcar, apesar da predominância de lagartas nessa posição e no topo em colmos com 4 meses de desenvolvimento (Figura 1).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 171 10/25/2012 2:45:05 PM

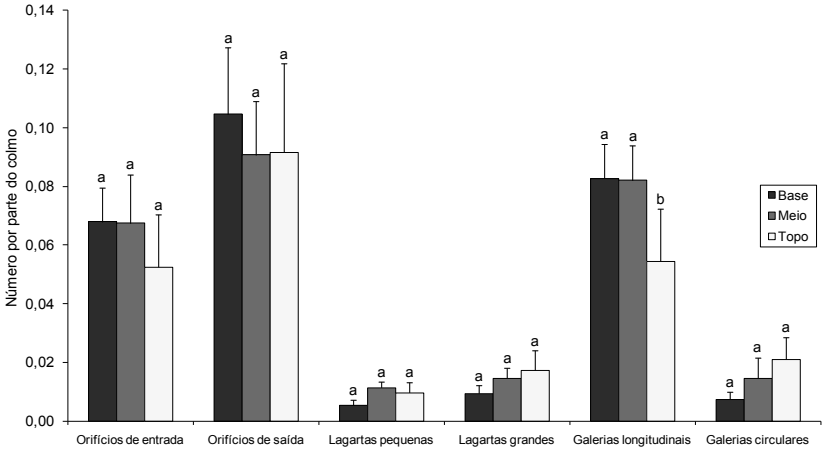


Figura 2

Figura 2. Número médio de orifícios de entrada e saída, de lagartas pequenas (< 1,5 cm) e grandes e de galerias longitudinais e circulares construídas por *Diatraea saccharalis* por estrato do colmo (parte basal, mediana e topo), em cana-de-açúcar (média das 3 avaliações). Sertãozinho, SP, 2010. Colunas seguidas pelas mesmas letras (grupo de três) têm médias que não diferem entre si pelo teste de Duncan, ao nível de significância de 5%.

Aos 4 meses de desenvolvimento, quanto aos orifícios de saída, os internódios 11, 13 e 14 apresentaram os maiores números médios, diferindo significativamente apenas dos internódios 2 e 15 (Figura 4A). Quanto às galerias longitudinais, os internódios 6, 7, 8, 9, 11 e 13 apresentaram os maiores valores, que diferiram apenas do internódio 15 (Figura 7A). Quanto às circulares, os internódios 11, 13 e 14 apresentaram os valores maiores, diferindo estatisticamente dos internódios 1, 2, 8 e 15 (Figura 8A).

Aos 6 meses, houve diferenças significativas entre os internódios da cana-de--açúcar para orifícios de entrada e saída, lagartas grandes e galeria longitudinal. Quanto aos orifícios de entrada, o internódio 12 apresentou o maior valor médio, diferindo significativamente apenas dos internódios 13 e 15 (Figura 3B). Quanto aos orifícios de saída, o internódio 4 apresentou o maior valor, que diferiu apenas dos internódios 1, 9, 14 e 15, que apresentaram os menores valores (Figura 4B). Quanto às lagartas grandes, o internódio 12 mostrou o maior valor, diferindo estatisticamente dos internódios 2, 7, 9, 10, 13 e 15 (Figura 6B). E quanto às galerias longitudinais, a maior média foi observada no internódio 4, que diferiu estatisticamente dos internódios 14 e 15, apenas (Figura 7B).

Após 8 meses de desenvolvimento, não foram encontradas lagartas nos colmos, mas quanto aos demais parâmetros avaliados, houve diferenças significativas entre os internódios. Quanto à presença de orifícios de entrada, o internódio 3 apresentou o maior valor médio, diferindo dos demais, exceto dos internódios 4, 5 e 6 (Figura 3C). Quanto aos orifícios de saída, o internódio 6 apresentou o maior valor, não diferindo apenas dos internódios 2, 3, 4, 5 e 7 (Figura 4C). O mesmo ocorreu com os internódios

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 172 10/25/2012 2:45:05 PM

quanto às galerias longitudinais, sendo que os menores valores foram observados nos internódios 1 e de 9 a 17 (Figura 7C). Quanto às galerias circulares, o internódio 8 apresentou a maior média, não diferindo dos internódios 2, 4 a 7, 13 e 14 (Figura 8C).

Analisando todas as datas de avaliação em conjunto (média), verificaram-se diferenças significativas entre os internódios (Tabela 1). Avaliando a média das três datas de avaliação, verificou-se novamente o internódio 6 apresentando o maior valor médio de orifício de entrada, que diferiu significativamente apenas dos internódios 15 a 17 (Tabela 1 e Figura 3D). Os internódios mais novos, no topo da planta, não foram os preferidos pela broca-da-cana para entrada.

Quanto aos orifícios de saída, o internódio 4 apresentou a maior média, diferindo apenas dos internódios 1 e de 15 a 17 (Tabela 1 e Figura 4D). Novamente, os três internódios finais, no topo da planta, não foram preferidos para a saída da lagarta, assim como o primeiro internódio. A não preferência pelo internódio 1 pode ser explicada pela duração da fase larval, que é superior a 30 dias (MÉLO; PARRA, 1988); nesse período, a lagarta caminha em sentido ascendente por dentro do colmo e acaba por sair em internódios superiores àqueles da entrada (PINTO; BOTELHO; OLIVEIRA, 2009).

Tabela 1. Número médio de orifícios de entrada e saída, de lagartas pequenas (< 1,5 cm) e grandes e de galerias longitudinais e circulares construídas por Diatraea saccharalis por internódio, em cana-de-açúcar (média das 3 avaliações). Sertãozinho, SP, 2010.

Internódio	Orifícios		Lagartas		Galerias	
	Entrada	Saída	Pequena	Grande	Longitude	Circular
1	0,04 abc[1]	0,06 bc	0,01 a	0,01 ab	0,05 cd	0,00 b
2	0,05 abc	0,07 abc	0,00 a	0,00 b	0,07 abcd	0,00 b
3	0,09 a	0,12 ab	0,01 a	0,01 ab	0,09 abcd	0,01 ab
4	0,08 a	0,15 a	0,00 a	0,01 ab	0,11 ab	0,01 ab
5	0,08 a	0,13 ab	0,01 a	0,02 ab	0,10 abc	0,01 ab
6	0,10 a	0,12 ab	0,01 a	0,02 ab	0,11 a	0,01 ab
7	0,07 a	0,07 abc	0,01 a	0,01 ab	0,08 abcd	0,02 a
8	0,05 abc	0,09 ab	0,02 a	0,02 ab	0,08 abcd	0,02 a
9	0,04 abc	0,07 abc	0,01 a	0,02 ab	0,07 abcd	0,00 b
10	0,07 ab	0,10 ab	0,01 a	0,01 ab	0,07 abcd	0,02 a
11	0,07 ab	0,13 ab	0,02 a	0,01 ab	0,08 abcd	0,03 a
12	0,08 a	0,08 abc	0,01 a	0,03 a	0,07 bcd	0,01 ab
13	0,05 abc	0,13 ab	0,01 a	0,02 ab	0,08 abcd	0,03 a
14	0,06 abc	0,12 ab	0,01 a	0,02 ab	0,05 de	0,03 a
15	0,00 c	0,00 c	0,00 a	0,00 b	0,00 e	0,00 b
16	0,01 c	0,01 c	0,00 a	0,00 b	0,01 e	0,00 b
17	0,01 c	0,00 c	0,00 a	0,00 b	0,01 e	0,00 b

[1] Médias seguidas pelas mesmas letras, na coluna, não diferem entre si pelo teste de Duncan, ao nível de significância de 5%

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 173 10/25/2012 2:45:05 PM

Não houve diferença significativa entre os tratamentos quanto ao número médio de lagartas pequenas por internódio (Tabela 1). Entretanto, quanto às lagartas grandes, o internódio 12 apresentou o maior valor, diferindo apenas dos 2 e do 15 ao 17 (Tabela 1 e Figura 6D). Assim como as lagartas pequenas, as grandes foram encontradas bem distribuídas pelos internódios, mas novamente os internódios superiores não apresentaram nenhuma forma biológica.

Ainda quanto à média das três avaliações, houve diferenças estatísticas entre os internódios quanto às galerias longitudinais e circulares. Quanto às longitudinais, o internódio 6 novamente apresentou o maior valor médio, diferindo dos internódios 1, 12 e de 14 a 17 (Tabela 1 e Figura 7D). Quanto às galerias circulares, os internódios 11 e 14 apresentaram os maiores valores e diferiram estatisticamente dos internódios 1, 2, 9 e de 15 a 17 (Tabela 1 e Figura 8D).

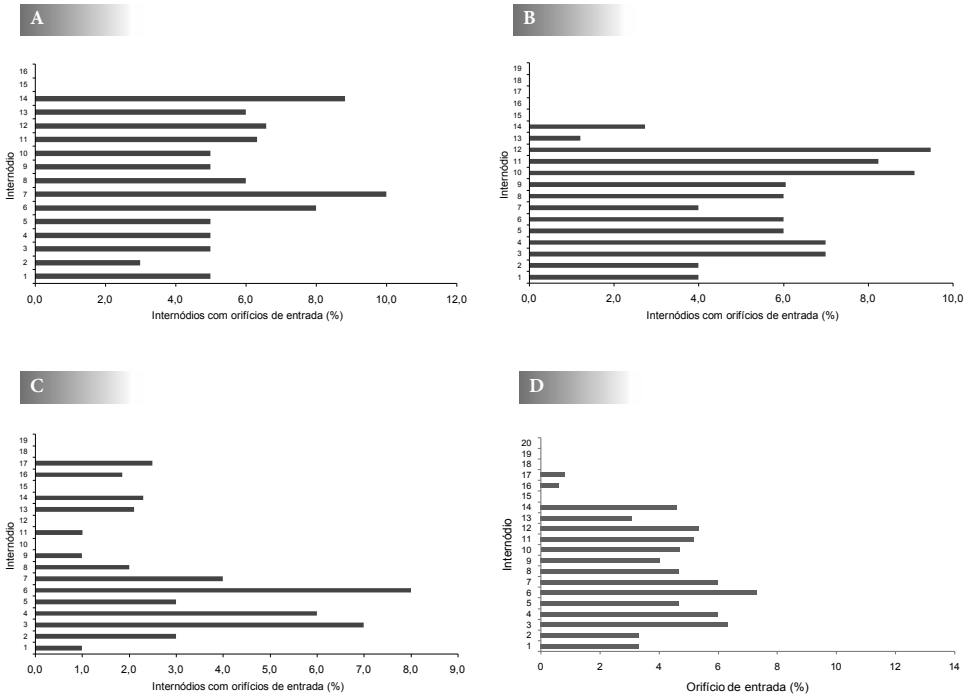


Figura 3. Porcentagem média de internódios com orifícios de entrada de lagartas de *Diatraea saccharalis*, em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 174 10/25/2012 2:45:05 PM

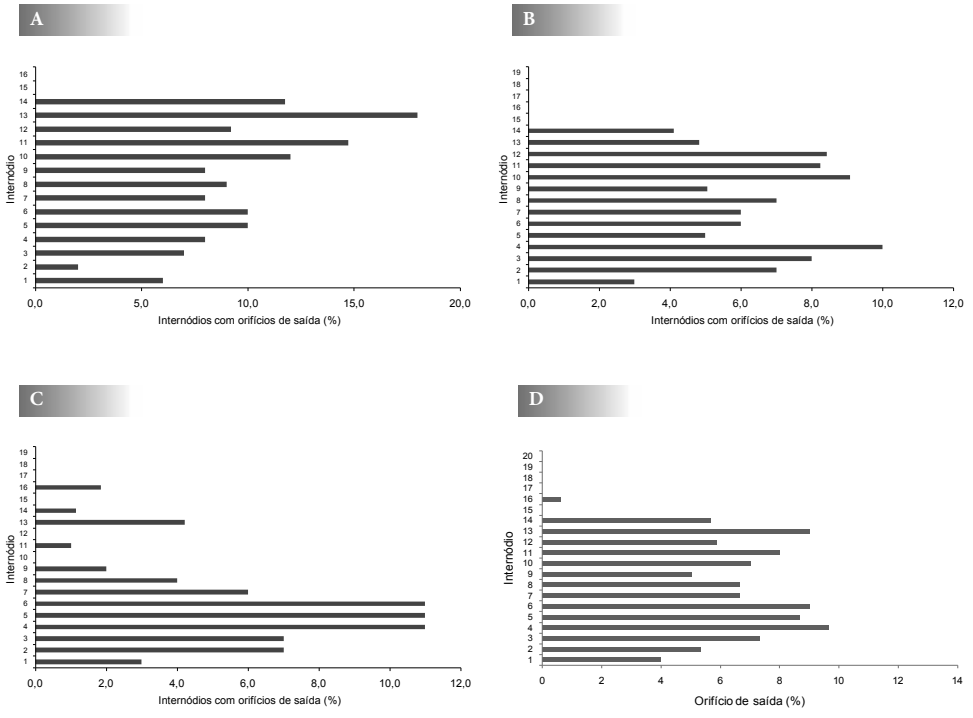


Figura 4. Porcentagem média de internódios com orifícios de saída de lagartas de *Diatraea saccharalis*, em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

Não ficou evidente um internódio, ou grupo, preferido para a entrada ou saída da lagarta, sua permanência no interior e para a construção de galerias. Essa ocorrência parece mais estar relacionada com o período de infestação do que com a escolha da lagarta propriamente dita. Entretanto, os três internódios superiores, abaixo do primeiro "dewlap" visível, não são preferidos para entrada e saída, para a permanência de lagartas pequenas ou grandes e para a construção de galerias longitudinais e circulares, especialmente em cana-de-açúcar mais desenvolvida. Isso pode estar relacionado também à diminuição da infestação da praga em estágios mais avançados da cultura, refletindo na ocorrência de lagartas e de novos orifícios e galerias nos novos internódios.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 175 10/25/2012 2:45:06 PM

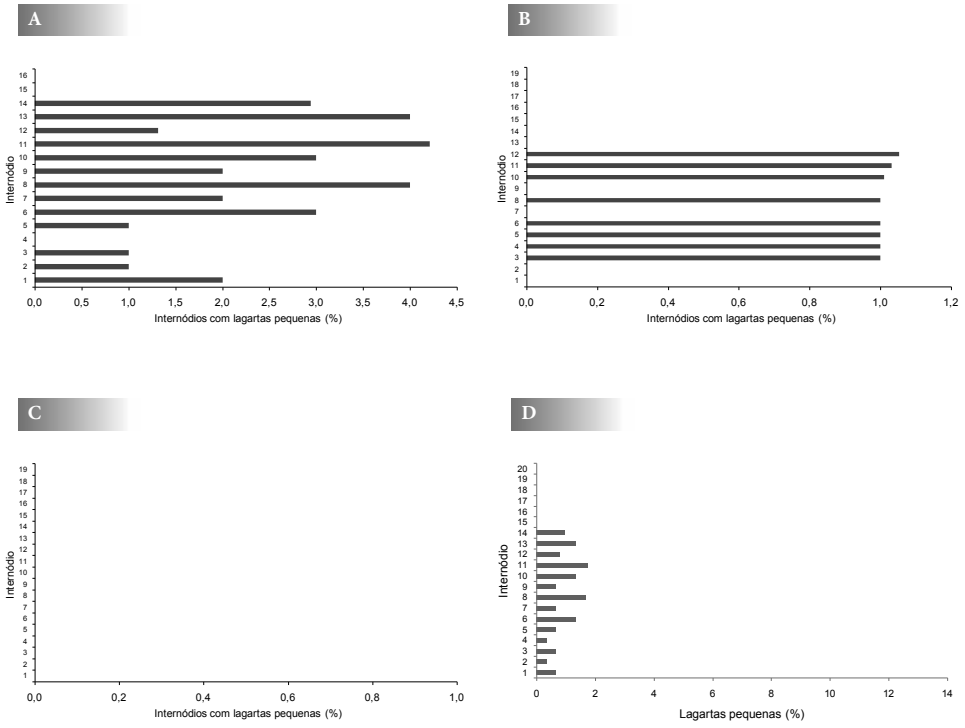
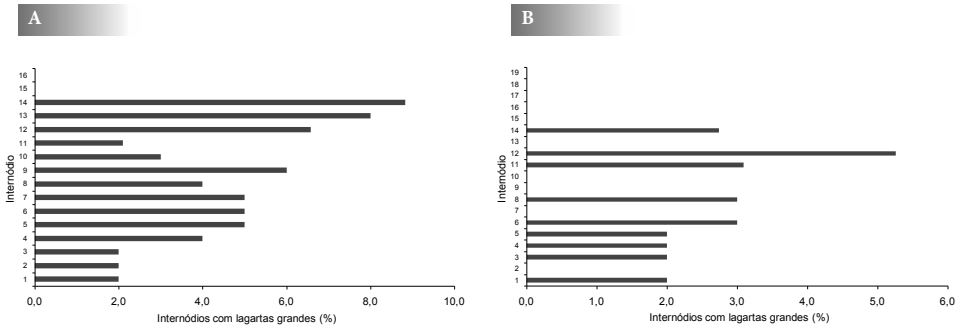


Figura 5. Porcentagem média de internódios com lagartas pequenas (<1,5 cm) de *Diatraea saccharalis*, em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

Os orifícios de entrada se concentraram mais nos internódios superiores no início do desenvolvimento da cana-de-açúcar, passando para a parte mediana e, após 8 meses, já havia uma tendência de maior concentração nos internódios inferiores (Figura 3). O mesmo ocorreu com os orifícios de saída (Figura 4), com as galerias longitudinais (Figura 7) e circulares (Figura 8).



Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 176 10/25/2012 2:45:06 PM

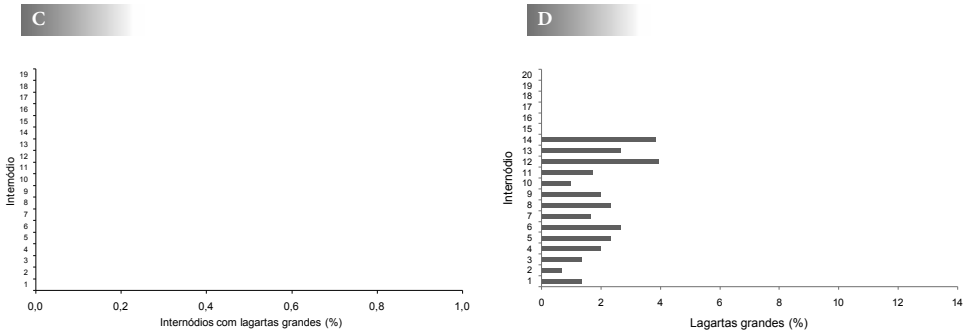


Figura 6. Porcentagem média de internódios com lagartas grandes (>1,5 cm) de *Diatraea saccharalis,* em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

A preferência pela oviposição em diferentes partes da planta ficou clara com os trabalhos de Sosa Jr. (1988; 1990) e Lima Filho e Lima (2003), onde a face adaxial é preferida e a porção mediana da folha, assim como as folhas glabras em relação às pilosas. Mas os autores não estudaram o local de entrada no colmo, não podendo ser comparados tais resultados com os do atual ensaio.

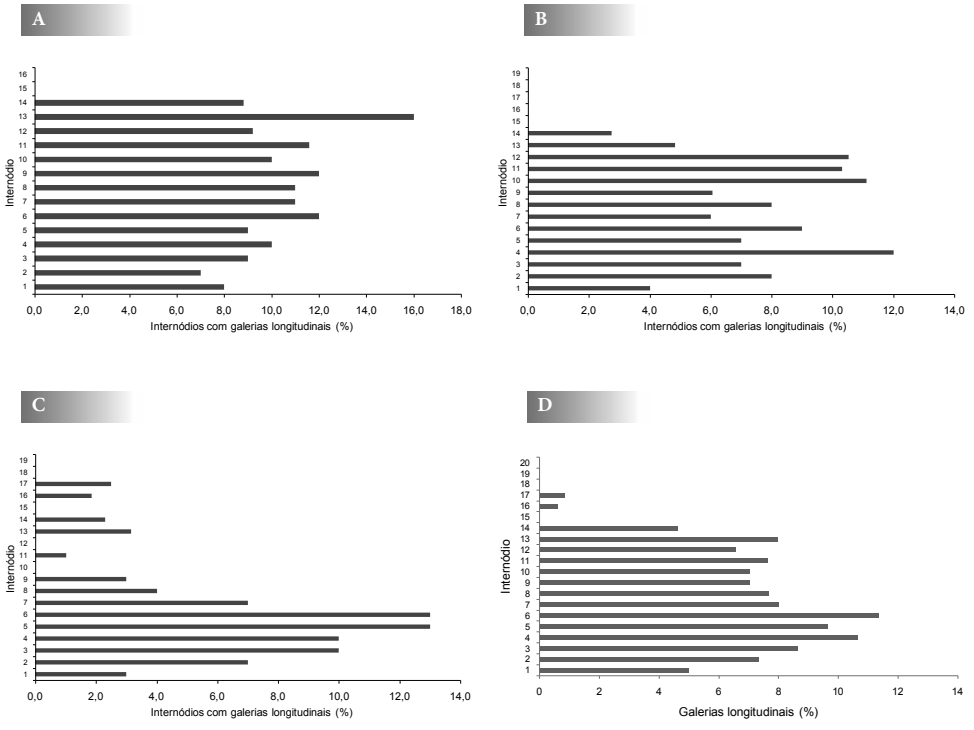


Figura 7. Porcentagem média de internódios com galerias longitudinais construídas por lagartas de *Diatraea saccharalis,* em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 177 10/25/2012 2:45:06 PM

Apesar dos resultados obtidos serem muito importantes para o conhecimento da bioecologia de *D. saccharalis* em cana-de-açúcar, somente a correlação entre os parâmetros avaliados poderia fornecer informações importantes para serem utilizadas no aprimoramento do método de amostragem da praga no campo.

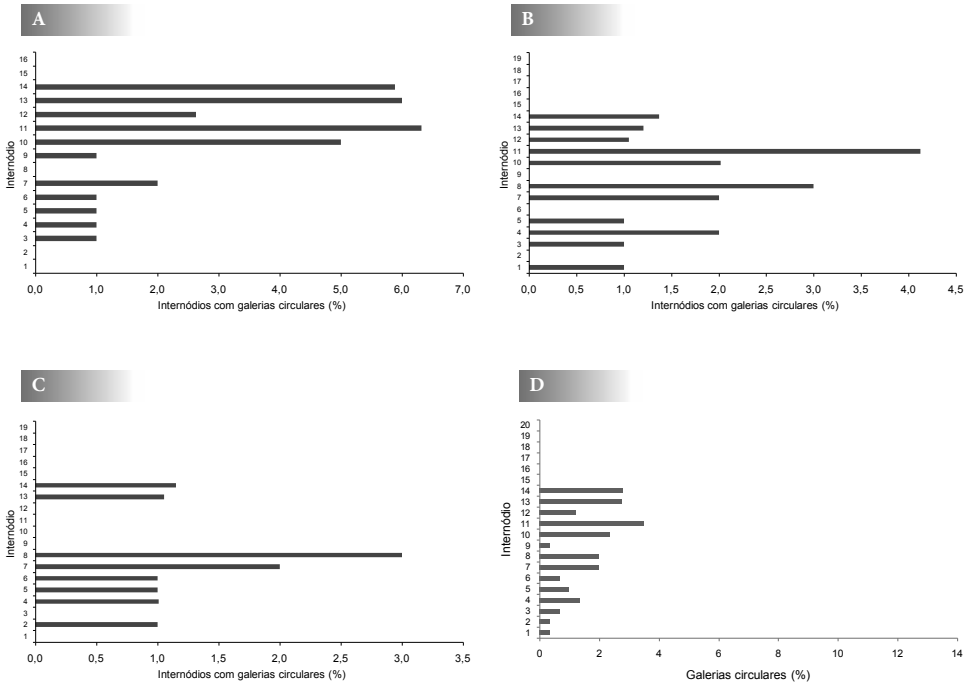


Figura 8. Porcentagem média de internódios com galerias circulares construídas por lagartas de *Diatraea saccharalis*, em cana-de-açúcar com 4 (A), 6 (B) e 8 meses (C) de desenvolvimento e média entre eles (D). Sertãozinho, SP, 2010.

Houve correlação linear e positiva significativa entre orifícios de entrada e galerias longitudinais, orifícios de saída e galerias longitudinais, orifícios de saída e galerias circulares e lagartas grandes e galerias longitudinais nos colmos (Figura 9), para cana-de-açúcar com 4 meses de desenvolvimento. Entre os demais parâmetros, não houve diferenças estatísticas.

Aos 6 meses de desenvolvimento, as mesmas correlações anteriores envolvendo as galerias longitudinais ocorreram, mas também sendo verificadas correlações entre lagartas pequenas e galerias longitudinais e lagartas grandes e pequenas (Figura 10).

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 178 10/25/2012 2:45:07 PM

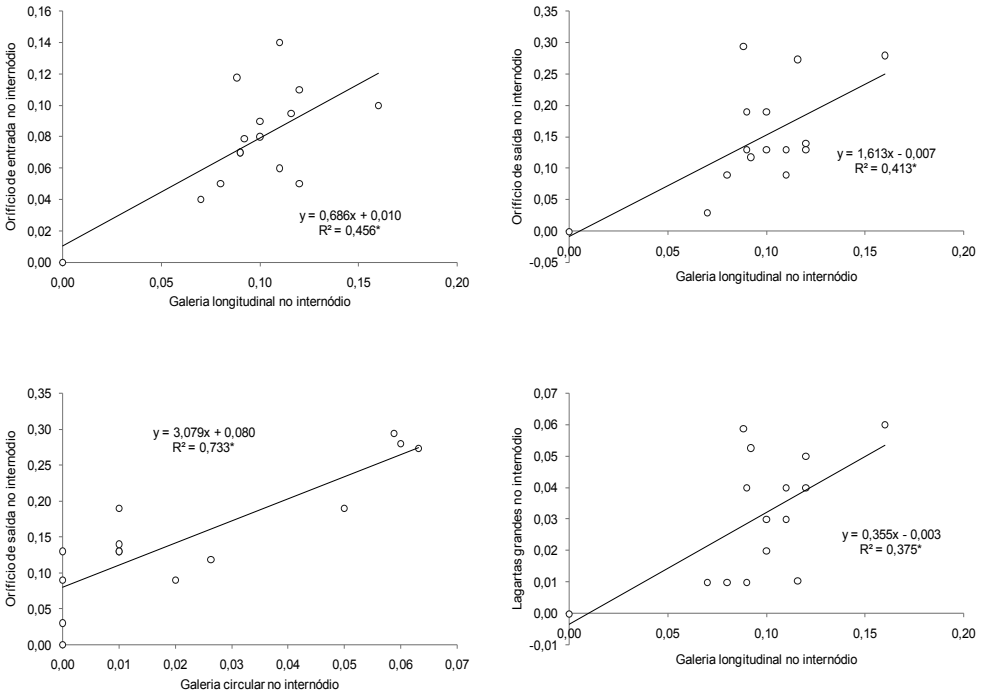
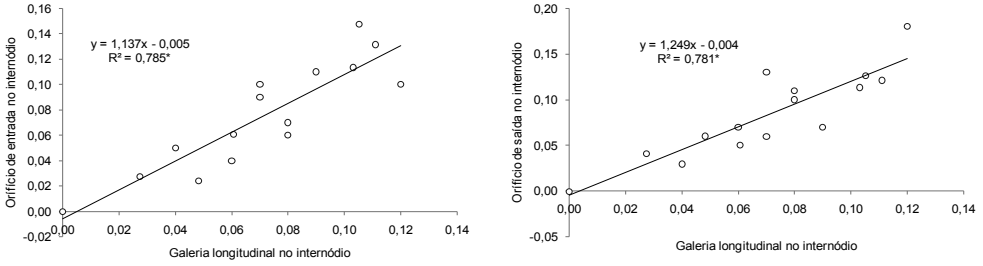


Figura 9. Análise de regressão simples entre alguns parâmetros avaliados para cada internódio infestado por lagartas de *Diatraea saccharalis* em cana-de-açúcar de 4 meses (* = significativo ao nível de 5%). Sertãozinho, SP, 2010.

Após 8 meses, houve correlação positiva e linear significativa entre galerias longitudinais e orifícios de entrada e saída e entre orifícios de entrada e de saída (Figura 11).



Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 179 10/25/2012 2:45:07 PM

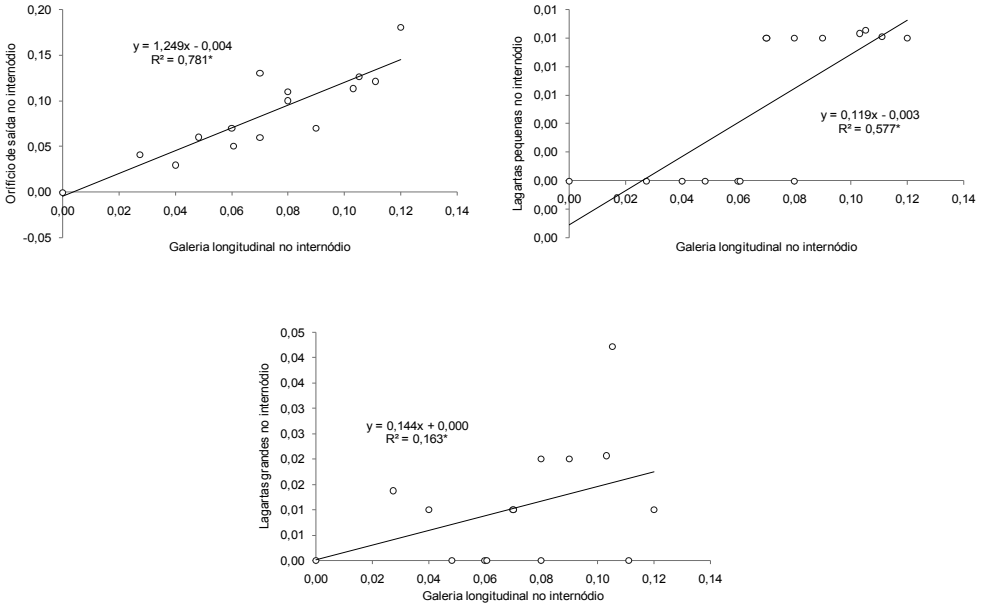


Figura 10. Análise de regressão simples entre alguns parâmetros avaliados para cada internódio infestado por lagartas de *Diatraea saccharalis* em cana-de-açúcar de 6 meses (* = significativo ao nível de 5%). Sertãozinho, SP, 2010.

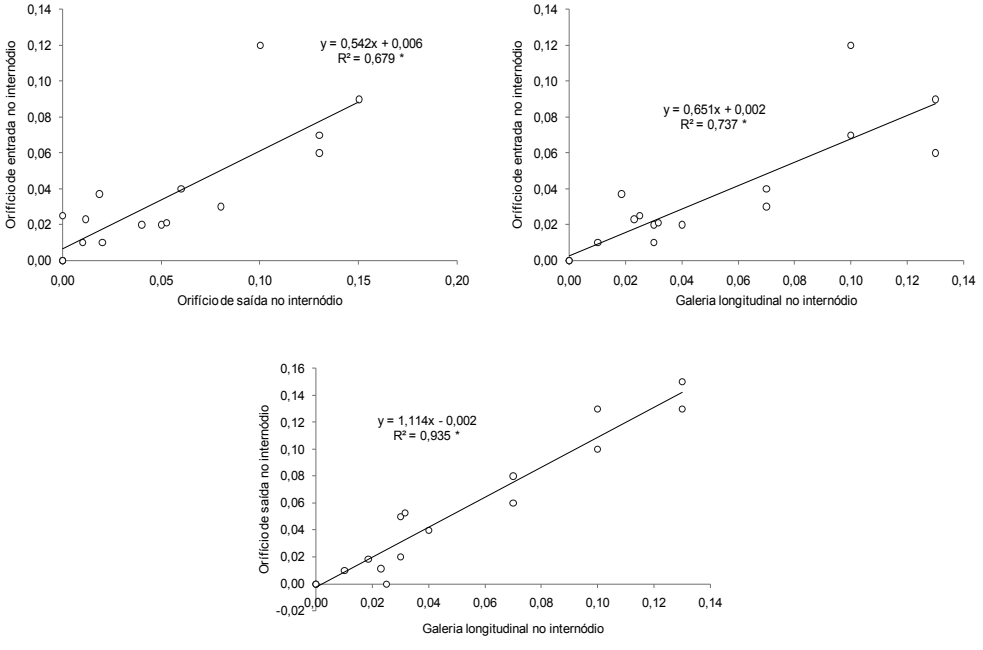


Figura 11. Análise de regressão simples entre alguns parâmetros avaliados para cada internódio infestado por lagartas de Diatraea saccharalis em cana-de-açúcar de 8 meses (* = significativo ao nível de 5%). Sertãozinho, SP, 2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 180 10/25/2012 2:45:07 PM

As correlações que foram significativas no ensaio mostraram que parece ser possível determinar a presença de galerias longitudinais no interior dos colmos apenas pela constatação da presença de orifícios de entrada ou saída na parte externa, em qualquer período de desenvolvimento da cultura.

Analisando os gráficos envolvidos e as fórmulas estabelecidas, verificou-se que há uma relação de 0,7 : 1,0; 1,1 : 1,0; 0,6 : 1,0 entre orifícios de entrada e galeria longitudinal e de 1,6 : 1,0; 1,2 : 1,0; 1,1 : 1,0 entre orifícios de saída e galeria longitudinal, respectivamente para 4, 6 e 8 meses de desenvolvimento da cana-de-açúcar. Ou seja, encontram-se menos orifícios de entrada em relação à quantidade de galerias longitudinais no interior do colmo, e mais orifícios de saída em relação à quantidade de galerias longitudinais observadas dentro.

Isso provavelmente se deve ao fato da maior facilidade de se encontrar os orifícios de saída, que são maiores, e dificilmente passam despercebidos, ocorrendo o contrário com os de entrada, que são pequenos e muitas vezes se fundem uns com os outros.

O anseio inicial desse projeto era constatar uma correlação positiva e linear entre o número de orifícios de entrada e o número de lagartas, pequenas e/ou grandes, no interior dos colmos, com o objetivo de facilitar a amostragem de lagartas na cana-de-açúcar, que seria feita apenas pela contagem do número de orifícios presentes no colmo. Atualmente, a amostragem populacional da broca-da-cana exige que todos os colmos que tenham orifícios (de entrada ou saída) sejam partidos ao meio para a contagem de lagartas no interior (PINTO; GARCIA; OLIVEIRA, 2006), procedimento este que onera em demasia a estratégia adotada.

Entretanto, a correlação significativa entre o número de orifícios de entrada e saída com o número de lagartas no interior dos colmos não ocorreu, apesar de haver uma tendência numérica para isso. Talvez a baixa incidência de lagartas no interior dos colmos tenha prejudicado o experimento. Além disso, como os colmos foram escolhidos ao acaso dentro do canavial, a maioria não apresentava nenhum sinal de ocorrência da praga, diminuindo muito o número de observações.

Para um próximo ensaio, deverão ser escolhidos apenas os colmos que tenham orifícios de entrada ou saída para serem analisados e talvez até deva ser aumentada a amostra retirada em cada data de avaliação, como fez Perassa (2009), que avaliou 200 touceiras por data. Por outro lado, Lima Filho e Lima (2003) também avaliaram 100 colmos por data.

Considerações Finais

Com base nas condições em que o experimento foi conduzido, com cana-de-açúcar (cana-soca) variedade RB85 5536, pode-se concluir que: (I) a broca-da-cana-de-açúcar, *D. saccharalis*, constrói mais galerias longitudinais do que circulares no interior dos colmos da cana-de-açúcar; (II) as galerias longitudinais se concentram nas partes basal e mediana do colmo da cana-de-açúcar; (III) os internódios mais

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 181 10/25/2012 2:45:08 PM

novos, do topo do colmo, são menos infestados pela broca-da-cana; (IV) no início do desenvolvimento da planta, a broca-da-cana e seus danos se concentram nos internódios medianos e do topo, e, no final, nos internódios basais do colmo; (V) há correlação positiva e linear entre o número de galerias longitudinais e de orifícios de entrada e saída e de lagartas, por internódio.

REFERÊNCIAS

BOIÇA JÚNIOR, A.L.; LARA, F.M.; BELLODI, M.P. Influência de variedades de cana-de-açúcar, incorporadas em dieta artificial, no desenvolvimento de *Diatraea saccharalis* (Fabr.) e no seu parasitismo por *Cotesia flavipes* (Cam.). **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, v.26, n.3, p.537-542, 1997.

BOTELHO, P.S.M.; MACEDO, N. *Cotesia flavipes* para o controle de *Diatraea saccharalis*, cap. 25. In: PARRA, J.R.P.; BOTELHO, P.S.M.; CORRÊA-FERREIRA, B.S.; BENTO, J.M.S. (eds.) **Controle biológico no Brasil:** parasitóides e predadores. São Paulo, SP: Manole, 2002. p. 409-425.

BOTELHO, P.S.M. et al. Parasitismo de ovos de *Diatraea saccharalis* (Fabr., 1794) por *Trichogramma galloi* Zucchi, em diferentes variedades de cana-de-açúcar. **Anais da Sociedade Entomológica do Brasil**, v.24, p.141-145, 1995.
BOTELHO, P.S.M. Quinze anos de controle biológico de *Diatraea saccharalis* utilizando parasitóides. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.27, p.255-262, 1992.

CAMPOS-FARINHA, A.E.; CHAUD-NETTO, J. Biologia reprodutiva de *Cotesia flavipes* (Cameron) (Hymenoptera: Braconidae) V. Avaliação do número de posturas, prole e razão sexual do parasitóide em relação ao tamanho do hospedeiro *Diatraea saccharalis* Fabricius (Lepidoptera: Pyralidae). **Arquivos do Instituto Biológico de São Paulo**, v.67, n.2, p.249-252, 2000.

LIMA FILHO, M.; LIMA, J.O.G. de. *Diatraea saccharalis* (Fabr.) em cana-de-açúcar na região norte do Estado do Rio de Janeiro: flutuação populacional e parasitismo de ovos por *Trichogramma* spp. **Revista Universidade Rural, Série Ciências da Vida**, v.22, n.2, p.33-44, 2003.

LOPES, J.J.C. et al. Effects of borer/rot complex in the alcoholic fermentation of sugar cane juice. **Proceeding of International Society of Sugar Cane Technologists**, v.18, p.902-909, 1983.

MÉLO, A.B.P. de; PARRA, J.R.P. Exigências térmicas e estimativa do número de gerações anuais de broca-da-cana-de-açúcar em quatro localidades canavieiras de São Paulo. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.23, n.7, p.691-696, 1988.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 182 10/25/2012 2:45:08 PM

MENDONÇA, A.F.; MORENO, J.A.; RISCO, S.H.; ROCHA, I.C.B. Broca comum da cana-de-açúcar, Cap. 2. In: MENDONÇA, A.F. (Ed.). **Pragas da cana-de-açúcar.** Maceió: Insetos & Cia., 1996. 49-130.

PERASSA, C.D. **Distribuição espacial de *Diatraea saccharalis* (Fabricius, 1794) (Lepidoptera: Crambidae) em cana-de-açúcar.** 2009. 32f. Dissertação (Mestrado em Entomologia e Conservação da Biodiversidade) – UFGD, Dourados, MS.

PINTO, A. de S. Manejo de pragas da cana-de-açúcar In: MARQUES, M.O. et al. **Tecnologias na agroindústria canavieira.** Jaboticabal, SP: FCAV, 2008. p.87-98.

PINTO, A. de S.; BOTELHO, P.S.M.; OLIVEIRA, H.N. de. **Guia ilustrado de pragas e insetos benéficos da cana-de-açúcar.** Piracicaba, SP: CP 2, 2009. 160p.

PINTO, A. de S.; CANO, M.A.V.; SANTOS, E.M. dos. A broca-da-cana, *Diatraea saccharalis*. In: PINTO, A. de S. (org.) **Controle de pragas da cana-de-açúcar.** Sertãozinho, SP: Biocontrol, 2006. p.15-20. (Boletim Técnico Biocontrol, 1)

PINTO, A. de S.; GARCIA, J.F.; OLIVEIRA, H.N. de. Manejo das principais pragas da cana-de-açúcar. In: SEGATO, S.V.; PINTO, A. de S.; JENDIROBA, E.; NÓBREGA, J.C.M. de. (orgs.). **Atualização em produção de cana-de-açúcar.** Piracicaba: CP 2, 2006. p.257-280.

SILVA, J.A.A. da et al. Estimativa da suficiência amostral para avaliar intensidade de infestação da *Diatraea* spp. em cana-de-açúcar. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.32, n.10, p.1003-1007, 1997.

SOSA JR., O. Oviposition preference by the sugarcane borer (Lepidoptera: Pyralidae). **Journal of Economic Entomology**, v.83, n.3, p.866-868, 1990.

SOSA JR., O. Pubescence in sugarcane as a plant resistance character affecting oviposition and mobility by the sugarcane borer (Lepidoptera: Pyralidae). **Journal of Economic Entomology**, v.81, n.2, p.663-667, 1988.

STATSOFT. **Statistica for Windows:** computer program manual. Tulsa, OK: StatSoft Inc., 1996.

WHITE, W.H.; ADAMSKI, D.; FINE, G.; RICHARD, E.P. Stemborers associated with smooth cordgrass, *Spartina alterniflora* (Poaceae), in a nursery habitat. **Florida Entomologist**, v.88, p.390-394, 2005.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 183 10/25/2012 2:45:08 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 184 10/25/2012 2:45:08 PM

ESTUDOS VETERINÁRIOS

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 185 10/25/2012 2:45:08 PM

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 186 10/25/2012 2:45:08 PM

CARACTERÍSTICAS FÍSICO-QUÍMICAS E PRESENÇA DE ADULTERANTES, INIBIDORES E PUS EM LEITE LONGA VIDA[1]

Bianca Inácio Marco ANTONIO*
Naiá Carla Marchi de Rezende LAGO**
Patrícia Gelli Feres de MARCHI***
Viviane de SOUZA****

Resumo

Trinta amostras de seis diferentes marcas de leite UHT integral foram adquiridas em Ribeirão Preto/SP e avaliadas em relação às características físico-químicas e presença de adulterantes, inibidores e pus. Quatro amostras (13,3%) apresentaram teor de gordura inferior ao exigido pela legislação, enquanto duas (6,7%) e uma (3,3%) amostras apresentaram, respectivamente, alterações no valor da acidez e de sólidos totais. Já para a presença de substâncias estranhas no leite, apresentaram-se positivas, respectivamente, uma (3,3%), uma (3,3%) e duas (6,7%) amostras para a presença de formol, nitrato e inibidores. Os resultados sugerem má qualidade de um dos alimentos mais nobres oferecidos à população brasileira; portanto, deveria haver melhor fiscalização desse produto por parte dos órgãos fiscalizadores, já que todas as marcas analisadas apresentaram algum tipo de alteração em, pelo menos, uma de suas amostras.

Palavras-chave: *Leite; Longa Vida; Físico-Químico; Fraudes; Alterações.*

PHYSICOCHEMICAL CHARACTERISTICS AND PRESENCE OF CONTAMINANTS, INHIBITORS AND PUS IN UHT MILK

Abstract

Thirty samples of six brands of whole UHT milk were purchased in Ribeirão Preto/SP and analyzed regarding their physicochemical characteristics and presence of contaminants, inhibitors and pus. Four samples (13.3%) showed less fat than the value demanded in legislation, while two (6.7%) and one (3.3%) showed alteration in the level of acidity and total solids. One (3.3%), one (3.3%) and two (6.7%) samples tested positive for formaldehyde, nitrate and inhibitors, respectively. The results indi-

1Pesquisa realizada no Programa de Incentivo Cultural – PIC do Centro Universitário Moura Lacerda.
* Aluna do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Moura Lacerda.
** Mestrado e Doutorado em Medicina Veterinária na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (UNESP/Jaboticabal). Docente do Centro Universitário Moura Lacerda e orientadora da pesquisa. E-mail:naiarezende@uol.com.br.
*** Doutoranda em Medicina Veterinária na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (UNESP/Jaboticabal). E-mail pgfmarchi@fcv.unesp.br
**** Mestrado e Doutorado em Medicina Veterinária Preventiva. Pesquisadora da Embrapa de Caprinos e Ovinos. E-mail: vivianesouzavet@yahoo.com.br

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 187 10/25/2012 2:45:08 PM

cate bad quality of one of the most essential foods offered to Brazilian people. Thus, milk should be better inspected since all brands showed some alteration in, at least, one of the samples.

Keywords: *Milk; UHT Milk; Physicochemical; Frauds; Alterations.*

Introdução

O leite é considerado o mais completo alimento, possuindo elevado valor biológico na alimentação humana, particularmente nos primeiros estágios de vida, quando se constitui em alimento exclusivo. Porém, seu rico valor nutricional o transforma num excelente substrato para o desenvolvimento de microrganismos. Elevadas cargas microbianas são capazes de degradar importantes constituintes, ou mesmo produzir substâncias capazes de alterar propriedades físico-químicas importantes na manutenção da qualidade do leite (PRATA, 2001).

Por este motivo, o leite deve ser obtido com a máxima higiene e mantido em temperaturas adequadas desde a ordenha até o beneficiamento, visando garantir as características físico-químicas e nutricionais do produto final (GERMANO e GERMANO, 2001).

Uma das formas de beneficiar o leite fluido é por meio do tratamento UHT (Ultra High Temperature), que consiste em aquecer o leite a uma temperatura que varia de 130 a 150ºC, por dois a quatro segundos; o leite é resfriado à temperatura em torno de 32ºC e, a seguir, envasado em embalagens que permitam seu aproveitamento por um período de até 5 meses (BRASIL, 1996).

No entanto, nem sempre a legislação é cumprida e, em alguns casos, para burlar a lei e conseguir maiores lucros, produtores e laticínios alteram propositalmente o leite, por meio de várias operações. Fraudes procuram ocultar ou mascarar más condições do leite, bem como atribuir-lhe requisitos que não possui, o que compromete as características organolépticas e às vezes o valor nutritivo do alimento, interferindo nos interesses dos consumidores (EVANGELISTA, 2000).

Muitas vezes, de maneira inadvertida, o leite impróprio para consumo é misturado a leite de melhor qualidade nas cooperativas e laticínios onde, clandestinamente, são adicionados produtos químicos cujo objetivo é aumentar o tempo de vida útil desse alimento (MARTINS e MARTINS, 1985). Em 2007, surgiram denúncias noticiadas em âmbito nacional sobre fraudes em leite, por adição de hidróxido de sódio e peróxido de hidrogênio (SILVA et al., 2009).

Antibióticos utilizados de maneira indevida, bem como o não cumprimento do período de carência após tratamento com tais drogas, podem não só comprometer a qualidade do leite, mas trazer prejuízos importantes à saúde da população consumidora desse produto (RUELA et al., 2005).

A maioria dos países estabelece, em suas legislações sanitárias, regulamentação para o uso de antimicrobianos na pecuária, definindo os limites máximos de resí-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 188 10/25/2012 2:45:08 PM

duos (LMR) nos alimentos de origem animal. Esses limites são instituídos de acordo com as recomendações do Codex Alimentarius, podendo ser inferiores aos recomendados se houver justificativa para tal decisão. No Brasil, foram estabelecidos pelo Programa de Controle de Resíduos no Leite (PCRL), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 1999), níveis máximos de 100mg/kg para oxitetraciclina, tetraciclina e clortetraciclina em leite, individualmente ou em combinação, conforme limites estabelecidos pelo Codex Alimentarius (RUELA et al., 2005).

A exposição contínua de humanos a nitratos (NO_3^-) e nitritos (NO_2^-) é preocupante sob o ponto de vista toxicológico, devido à possibilidade de formação de compostos N-nitrosos (nitrosaminas), indutores do câncer. No trato gastrintestinal, o nitrato pode ser convertido em nitrito pela ação de bactérias redutoras, e este pode ser transformado em nitrosaminas no estômago. A redução de nitratos a nitritos também pode ocorrer no próprio alimento (SANTOS et al., 2005).

No entanto, nitratos e nitritos podem aparecer como contaminantes naturais do leite, embora em concentrações pouco elevadas (SANTOS et al., 2005). Os nitratos passam do solo para o pasto usado na alimentação bovina e, após a absorção pelos animais, são excretados pelo leite.

A presença de formaldeídos em leite também constitui-se em fraude e põe em risco a saúde do consumidor. De acordo com estudos científicos, formaldeído utilizado em altas doses (6 a 14 ppm) produziu tumores nasais em ratos (COTRAN et al., 2000).

A alteração da acidez está ligada à adição de água, envelhecimento e ao estado de conservação do leite, podendo indicar alta carga microbiana a que promove a hidrólise da lactose, aumentando a quantidade de ácido láctico, diminuindo a vida útil do leite, além de alterar a característica nutricional e diminuir a aceitação do produto (SANTOS, 2004). O leite que não atende à legislação é considerado impróprio para o consumo, conforme preconiza a legislação em vigor.

De acordo com o descrito, o objetivo do presente trabalho foi avaliar as características físico-químicas do leite UHT comercializado na cidade de Ribeirão Preto/SP, por meio de análises físico-químicas (densidade, acidez em graus Dornic, determinação de sólidos totais e desengordurados e determinação da gordura), bem como avaliar a presença de adulterantes (amido, bicarbonato de sódio), inibidores (antibióticos, formol, nitratos, ácido salicílico) e pus.

Material e métodos

Foram colhidas 30 amostras de leite UHT integral de seis marcas diferentes, adquiridas diretamente no comércio de Ribeirão Preto/SP. Após a aquisição, as amostras foram transportadas ao abrigo da luz solar, em sua embalagem original, para o laboratório de Tecnologia de Alimentos do Centro Universitário Barão de Mauá, onde foram imediatamente analisadas. Foram submetidas aos testes, a seguir, para possível detecção de alterações:

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 189 10/25/2012 2:45:08 PM

Análises físico-químicas (BRASIL, 2006)

- Determinação da densidade com o uso do termolactodensímetro e tabela de conversão para a correção da densidade a 15ºC;
- Determinação do teor de gordura pelo método de Gerber;
- Determinação da acidez titulável pelo método Dornic;
- Determinação do extrato seco total (EST) pelo disco de Ackermann, utilizando-se os valores de densidade (ºD) e gordura (%) previamente obtidos;
- Determinação do extrato seco desengordurado (ESD), calculado pela subtração da porcentagem de gordura do extrato seco total.

B) Análises de Adulterantes (BRASIL, 2006)

- Teste do Bicarbonato de sódio;
- Teste do Amido.

C) Análise de Resíduo de Inibidores(PRATA, 2001; BRASIL, 2006)

- Teste do cloreto de trifenil tetrazólio (TTC);
- Teste do formol;
- Teste do ácido salicílico.

D) Pesquisa de pus (BRASIL,2006)

Resultados e discussão

Os valores médios das diferentes determinações físico-químicas inseridos na Tabela 1 revelaram que as 30 amostras de leite UHT, analisadas durante o experimento, apresentaram-se de acordo com o proposto pela Instrução Normativa nº 51 (BRAISL, 2002). BIZARI (2002) encontrou, para amostras de leite UHT, valores médios de 1031,1g/L para densidade, 3,34% para gordura, 15ºD para acidez, 12,03% para EST e 8,69% para ESD. Os valores encontrados são muito semelhantes aos do presente estudo, com exceção da acidez, cujo valor aqui encontrado foi ligeiramente superior.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 190 10/25/2012 2:45:08 PM

Tabela 1. Médias aritméticas das análises físico-químicas das amostras de leite UHT integral, adquiridas no comércio de Ribeirão Preto/SP (2006).

Marcas	No de amostras analisadas	Análises Físico-Químicas				
		Densidade (g/L)*	Gordura (%)	Acidez (ºD)	EST (%)**	ESD (%)***
A	05	1030,28	3,20	16,70	11,66	8,46
B	05	1031,88	3,08	16,60	11,81	8,73
C	05	1031,10	3,20	17,00	11,90	8,68
D	05	1030,96	3,20	16,80	11,93	8,65
E	05	1031,02	3,08	16,10	11,64	8,56
F	05	1031,42	3,10	16,60	11,77	8,73
Média	30	1031,11	3,14	16,63	8,64	8,64

*Densidade Relativa a 15ºC
**Extrato seco total
***Extrato seco desengordurado

No entanto, ao se avaliar cada uma das 30 amostras individualmente (Tabela 2), sete (23,3%) amostras apresentaram valores de gordura, acidez e EST que as tornavam impróprias para consumo direto, por não atenderem à legislação vigente. Por outro lado, Rabelo (2003) analisou 90 amostras de leite UAT e verificou que todas atendiam à legislação quando aos parâmetros físico-químicos aqui avaliados, enquanto Barros et al. (2003) encontraram valores de gordura de acordo com a legislação em todas as 30 amostras de leite UHT avaliadas, mas algumas dessas amostras apresentavam valores de acidez, densidade, EST e ESD em desacordo com o estabelecido pela legislação vigente.

No presente estudo, verifica-se que, de todas as amostras analisadas, nenhuma esteve em desacordo em relação à densidade e ESD (Tabela 2), diferente do que foi encontrado por Bürger (2006), que encontrou 86,6% e 100% das amostras de leite UHT em desacordo com a legislação quando avaliadas para esses parâmetros, respectivamente.

Das 30 amostras analisadas, duas (13,3%), estavam em desacordo com o proposto pela legislação para acidez titulável (14 a 18ºD). Em seu trabalho, Bürguer (2006), ao analisar 150 amostras de leite UHT, verificou que todas as amostras atendiam à legislação para este parâmetro.

Martins (2005), ao determinar as características físico-químicas do leite UHT na região de Ribeirão Preto/SP, detectou variações no teor dos extratos secos total, desengordurado e crioscopia. Ao analisar inicialmente o leite cru, o mesmo apresentava padrões crioscópicos dentro da normalidade, diferentemente do leite pasteurizado, que apresentou crioscopia alterada. Acredita-se que houve adição de água, assim como adição de solutos com objetivo de disfarçar a aguagem, já que os extratos secos, a acidez e a densidade atendiam aos padrões exigidos pela legislação.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 191 10/25/2012 2:45:08 PM

Tabela 2. Número de amostras de leite UHT que se encontram em desacordo com a legislação vigente com relação às características físico-químicas. Ribeirão Preto/SP (2006).

Marcas	No de amostras analisadas	Número (%) de amostras em desacordo com a legislação					Total (%)
		Densidade	Gordura	Acidez	EST *	ESD **	
A	05	0	0	1 (20,0)	0	0	1 (20,0)
B	05	0	1 (20,0)	0	0	0	1 (20,0)
C	05	0	1 (20,0)	1 (20,0)	0	0	2 (40,0)
D	05	0	0	0	0	0	0
E	05	0	1 (20,0)	0	1 (20,0)	0	2 (40,0)
F	05	0	1 (20,0)	0	0	0	1 (20,0)
TOTAL	30	0	4 (13,3)	2 (6,7)	1 (3,3)	0 (0,0)	7 (23,3)

*Extrato seco total
**Extrato seco desengordurado

A Tabela 3 apresenta os números e as porcentagens das amostras positivas para a presença de adulterantes, inibidores e pus nas amostras avaliadas.

Tabela 3. Número e porcentagem de amostras positivas para a presença de adulterantes, inibidores e pus em amostras de leite UHT integral adquiridas no comércio de Ribeirão Preto/SP (2006).

Marcas Nº de amostras analisadas		Número (%) de amostras em desacordo com a legislação							Total (%)
		Formol	$NaHCO_3$	Nitrato	Ácido Salicílico	Amido	Pus	Inibidores (TTC)	
A	05	1 (20,0)	0	0	0	0	1 (20,0)	1 (20,0)	2 (40,0)
B	05	0	0	0	0	0	0	0	0
C	05	0	0	0	0	0	0	0	0
D	05	0	0	1 (20,0)	0	0	1 (20,0)	1 (20,0)	2 (40,0)
E	05	0	0	0	0	0	0	0	0
F	05	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	30	1 (3,3)	0	1 (3,3)	0	0	2 (6,7)	2 (6,7)	4 (23,3)

* Determinação realizada pela prova do TTC (trifenil tetrazólio)

Para a análise de inibidores, verificou-se que, das 30 amostras avaliadas, apenas uma amostra da marca "A" foi positiva para a presença de formol e uma amostra da marca "D" apresentou positividade para a presença de nitrato, sendo que a legis-

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 192 10/25/2012 2:45:08 PM

lação brasileira considera impróprio para o consumo o leite que revele a presença desses conservantes. Segundo Santos et al. (2005), nitratos e nitritos podem aparecer como contaminantes naturais do leite, dependendo da pastagem ingerida pelos animais produtores. Assim, os autores apontam para a necessidade de uma revisão da legislação brasileira, que considera impróprio para o consumo o leite que revele a presença dessas substâncias. Considerando que a maioria das amostras de leite analisadas em seu trabalho apresentam concentrações de nitrato abaixo de 10mg/L, e que este é o limite para a presença de nitratos em água potável, sugere-se que tal limite poderia ser estabelecido como a presença natural de nitrato no leite.

Porém, a presença de formol no leite UHT integral mostra que houve fraude nesse alimento, com intuito de conservá-lo, evitando a ação de microrganismos (MARTINS; MARTINS, 1985). Esta substância pode comprometer as características organolépticas e o valor nutritivo do leite (EVANGELISTA, 2000), bem como trazer riscos à saúde do consumidor desse produto.

Duas amostras foram positivas para a presença de inibidores realizada pela prova do TTC. No entanto, as duas amostras positivas foram as mesmas que tinham presença de formol (Marca A) e nitrato (Marca D). Salienta-se que a prova do TTC é capaz de detectar qualquer inibidor de multiplicação microbiana presente no leite. Assim, não é possível afirmar que há resíduos de antibióticos nas amostras analisadas.

Com relação à presença de bicarbonato, ácido salicílico, amido e pus, todas as amostras analisadas foram negativas.

Ao final de todas as análises realizadas, conclui-se que todas as marcas apresentaram pelo menos uma amostra que não atendia à legislação vigente, seja nos critérios físico-químicos ou na presença de inibidores e conservantes. Acredita-se que a matéria-prima utilizada para elaboração do leite UHT era de qualidade insatisfatória e que seja necessário melhor fiscalização pelos órgãos competentes para que o leite consumido pela população não traga riscos à saúde pública.

REFERÊNCIAS

BARROS, Danielle L. G. et al. **Avaliação da qualidade físico-química e verificação de fraude em leite UHT desnatado comercializado em Brasília** – DF. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE HIGIENISTAS DE ALIMENTOS, 7., 2003, Belo Horizonte, **Anais...** Belo Horizonte, MG, 2003. p.21-22.

BIZARI, Paula A. **Eficiência da contagem microscópica na avaliação da qualidade pregressa da matéria-prima utilizada no processamento de leite UAT*. (*ultra alta temperatura).** 2002. 53f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária – Área de Medicina Veterinária Preventiva) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, SP, 2002.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 193 10/25/2012 2:45:08 PM

BRASIL. Ministério de Estado da Agricultura do Abastecimento e da Reforma Agrária. Portaria n.146, de 7 de março de 1996. **Regulamentos Técnicos de identidade e qualidade de produtos lácteos**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n.48, 11 mar. 1996. p.3977-3986.

BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. **Instrução normativa nº 42, de 22 de dezembro de 1999. Revoga a** normativa n.03, de 22 de janeiro de 1999. **Regulamentos Técnicos - Altera o Plano Nacional de Controle de Resíduos em Produtos de Origem Animal - Leite - PCRL**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. de 1999, p. 213-227.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Instrução Normativa n.51, de 18 de setembro de 2002. **Regulamentos Técnicos de Produção, Identidade, Qualidade, Coleta e Transporte de Leite**. Brasília, DF: 2002. 48p.

BRASIL. Ministério da Agricultura e do Abastecimento. **Instrução normativa nº 68, de 12 de dezembro de 2006. Métodos Oficiais Físico-Químicos, para o Controle de Leite e Produtos Lácteos. Brasília, DF, 14 de dez. de 2006, p.8, seção1.**

BÜRGER, Karina P. **Características Físico-Químicas e Microbiológicas de Leite Integral e Bebida Láctea Processados por UAT (Ultra Alta Temperatura).** 2006. 70f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária – Área de Medicina Veterinária Preventiva) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, SP, 2006.

COTRAN, Robbins et al. **Robbins Patologia Estrutural e Funcional**. 6ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2000. p.373-375

EVANGELISTA, José. **Tecnologia de Alimentos**. 2 ed. São Paulo, SP: Atheneu, 2000. p.577-578.

GERMANO, Pedro; GERMANO, Maria. **Higiene e vigilância sanitária de alimentos**. São Paulo, SP: Varela, 2001. p. 83

MARTINS, Ana M.C.V. **Leite UAT: Estudo das Características Microbiológicas e Físico-Químicas e Investigação Epidemiológica do *Bacillus cereus* ao longo de sua produção e vida comercial.** 2005. 138f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária – Área de Medicina Veterinária Preventiva) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, SP, 2005.

MARTINS, Jorge. L. S.; MARTINS, Ignez.S. **Inibidores bacterianos no leite tipo "B" comercializado no município de São Paulo, SP (Brasil)**. Revista de Saúde Pública, v.19, n.5, 1985. p. 421-430.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 194 10/25/2012 2:45:08 PM

PRATA, Luiz F. **Fundamentos da Ciência do Leit**e. Jaboticabal, SP: Funep, 2001. 287p.

RABELO, Raimundo N. **Avaliação retroativa da qualidade microbiológica da matéria-prima utilizada em leites UAT comerciais.** 2003. 75p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária – Área de Medicina Veterinária Preventiva) – Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista. Jaboticabal, SP, 2003.

RUELA, Iara .C. A. et al. Otimização e validação de métodos para determinação de resíduos de oxitetraciclinas, tetraciclina e clortetraciclina em leite por cromatografia líquida de alta eficiência. **Ciência e Tecnologia de Alimentos,** Campinas, SP, v.25, n.1, p.373-375, 2005.

SANTOS, Joice. S. et al. Nitrato e nitrito em leite produzido em sistemas convencional e orgânico. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, Campinas, SP, v.25, n.2, p.304-309, 2005.

SANTOS, Marcos. V. Aspectos não microbiológicos afetando a qualidade do leite. **In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO LEITE,** 1, 2004, Passo Fundo. *Anais...* Passo Fundo, RS, 2004. (CDRoom)

SILVA, Patricia. H.C. et al; **Avaliação físico-química de diversos tipos de leites pasteurizados comercializados no Distrito Federal e adequação aos regulamentos técnicos. 2009.**
Disponível:http://www.sovergs.com.br/conbravet2008/anais/cd/resumos/R0519-1.pdf. Acesso em:18/01/2010.

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 195 10/25/2012 2:45:08 PM

Este livro foi impresso pela **Suprema Gráfica e Editora Ltda.** - São Carlos-SP | (16) 3368-3329

Primeiros Passos_ano 10_n17_p3.indd 196 10/25/2012 2:45:08 PM